

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Keith Diego Kurashige**

**DESEJOS À MARGEM: FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS  
HOMOSSEXUAIS EM SÃO CARLOS**

**São Carlos**

**2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**Keith Diego Kurashige**

**DESEJOS À MARGEM: FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS  
HOMOSSEXUAIS EM SÃO CARLOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Richard Miskolci.

**São Carlos**

**2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Keith Diego Kurashige, realizada em 04/06/2018:

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro  
UFSCar

Profa. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva  
UNESP

Profa. Dra. Karla Adriana Martins Bessa  
UNICAMP

Profa. Dra. Maria Ines Rauter Mancuso  
UFSCar

Profa. Dra. Priscila Martins Medeiros  
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Larissa Maués Pelúcio Silva, Karla Adriana Martins Bessa e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Richard Miskolci Escudeiro

*Para Felipe Valença*

## AGRADECIMENTOS

“Meu filho, você vai para cidade estudar”, disseram meus pais, quando eu tinha nove anos de idade. No mesmo dia em que recebi a notícia, fiz as malas e parti. Nos primeiros anos em que morei na cidade, com saudades gigantescas da calmaria do mato, olhei todos os dias pela janela com esperança de que meus pais me buscassem. Queria voltar para onde nasci e viver como um peixe em um açude, flertando com a atmosfera só nos tempos de chuva.

As minhas lágrimas amargas de saudades pararam de cair depois de algum tempo ao fazer amigos no pensionato onde morei. Como eram mais velhos, eles sempre cuidavam de mim, mas sem saber da minha solidão. Diferentemente deles, que compartilhavam suas aventuras, eu não podia contar-lhes as minhas. Senti tudo sozinho, inclusive o amor.

Fui para faculdade fazer graduação em Ciências Sociais na UFMS e aprendi que não era necessário sofrer, pois o problema não era eu. O professor Aparecido e a professora Ana me ensinaram a pensar e me acolheram – e dei um suspiro aliviado. Assim, feliz da vida, fiz mais amigos. Ao fechar os olhos, lembro dos sorrisos da Bruna, Natália, Danilo, Raiza, Bruno, Ismael e Gabriel.

Comecei a ficar com medo de viver em um açude como um peixe e cheguei à conclusão de que deveria partir para mais longe. A Olívia, secretária do departamento, a professora Priscila e o professor Daniel me incentivaram, e Francine ofereceu a casa de sua família para me hospedar em São Carlos nos dias de prova da seleção de mestrado.

Optei por ir a São Carlos, pois era onde o professor Richard Miskolci estava. Existe uma história por trás: fui para um congresso em Campinas e assisti a uma mesa por engano. Uma professora membro da mesa estava fumando na saída de emergência do anfiteatro enquanto o professor Richard estava expondo as suas ideias. Achei fantástico e, ao fim da sessão, fui falar com ele.

Em uma conversa rápida, ele me perguntou de onde vim e o que eu pesquisava. Falei sobre alguns dos seus textos que eu tinha lido e, no calor da emoção, – típico de um graduando do quarto semestre que idealiza ingenuamente a pós-graduação – disse, sem pensar, que eu tentaria fazer mestrado na UFSCar. Esse ano? – perguntou ele. Não, daqui a dois anos – respondi com vergonha.

Passados alguns anos desse episódio, tive a primeira reunião de orientação com ele. Embora empolgado, fiquei atordoado com tanta informação. Havia também encontros do grupo de pesquisa, sempre produtivos na companhia de admiráveis pessoas como Fernando, Felipe,

Lara, Juliana e João. Ao cursar as disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, me senti cada vez mais “desconstruído” e confuso. Assim, fiz amigos que coincidentemente estavam igualmente desconcertados e empolgados. Fico feliz de ter conhecido pessoas tão afetuosas como Alessandro, David e Marcos Roberto. Sempre ao pensar com carinho neles, fico cheio de saudades, do mesmo modo quando lembro de Tamires e Larissa, com quem morei junto durante o mestrado.

No dia seguinte à defesa da dissertação me matriculei no doutorado. Diferentemente do mestrado, foi mais solitário. Passei a morar sozinho e não via mais os meus amigos com tanta frequência. Peço perdão, mas foram quatro anos que resolvi viver fazendo o menor barulho possível. Fiz amizades com pessoas quietas, mas com almas incendiárias, como Hugo e Vinícius, com os quais dividi momentos culinários juntos. Nos momentos difíceis, Beatriz e Lucas cuidaram de mim com carinho.

Embora eufóricos, o time de beisebol me trouxe paz e as prazerosas partidas de tênis com Diógenes e de tênis de mesa com João e Eduardo me proporcionaram momentos de alegria. Teve uma época que estive cansado, com energias drenadas pela conflituosa esfera acadêmica. Tentando espairecer, fui quase todas semanas ao SESC, onde conheci Laércio, com quem aprendi que a vida é inevitavelmente dura. Ele, com idade avançada, faleceu recentemente.

Mesmo contente por ter sido financiado pela CAPES, pensei em desistir do doutorado. Apesar de confuso e perdido, terminei o meu texto de qualificação. As professoras Larissa Maués Pelúcio Silva e Priscila Martins Medeiros, que estavam na banca de qualificação, foram tão generosas ao propor recortes e ideias que me senti incentivado e animado. Assim, ao “destravar”, tomei fôlego e escrevi essa tese. Nessa correria de coletar dados, analisar e redigir, tive produtivos diálogos com João Pedro, detentor de um notório conhecimento sobre a história de São Carlos e fui bem recebido na Fundação Pró-Memória de São Carlos, em especial pela Leila Massarão. Quando não tive mais forças de revisar as infinitas versões finais, tive ajuda da Fernanda Sousa, que emprestou seus olhos atentos para ver o que eu já não enxergava mais.

Menciono também a minha gratidão às professoras Karla Adriana Martins Bessa, Larissa Maués Pelúcio Silva, Priscila Martins Medeiros, Maria Inês Rauter Mancuso por terem aceitado participar da banca de defesa da tese para contribuir criticamente com o trabalho.

Por fim, com admiração e respeito, expresso gratidão ao professor Richard Miskolci, que nunca mediu forças para ensinar e esteve presente em toda minha formação na pós-graduação, do mestrado ao doutorado.

## RESUMO

Ao longo do tempo, aconteceram significativas transformações na esfera dos desejos homossexuais. Homens que buscavam criar encontros com outros homens para fins sexuais a partir de modelos disponíveis em seu cotidiano ganharam cada vez mais vocabulários sociais, ao passo que as mídias como rádio, cinema e televisão foram sendo desenvolvidas. Com intensidade, em um intervalo histórico curto, os encontros que respondiam aos modelos locais também puderam se identificar com modelos vindos de outros contextos pelas mídias. A epidemia da AIDS surgiu nesse cenário, tendo servido como um catalisador na esfera da representação e, assim, intensificou a presença das homossexualidades nos discursos, pois sendo a doença considerada inicialmente como doença *gay*, discussões e debates foram levantados. Foi possível, às custas desse trágico contexto, a criação de imagens tanto positivas quanto negativas nas mídias, que passaram, como efeito, a criar formas de identificação e modos alternativos para criar encontros. As mídias digitais surgiram logo em seguida, sendo, no início, um dos muitos refúgios existentes para aqueles que tentavam driblar as restrições sociais. O contato com as mídias tornou-se mais intenso pela acessibilidade, e as representações que nelas circulam passaram a tomar protagonismo no vocabulário social de busca de parceiros amorosos/sexuais, tornando os sujeitos cada vez mais conectados aos modelos idealizados. Essa história tem especificidades contextuais, as quais destrinchei a partir da memória dos sujeitos de pesquisa que ajudaram a reconstituir uma história alternativa sobre a cidade de São Carlos.

**Palavras-chave:** Homossexualidades; Memória; Mídias; São Carlos; Masculinidades; Raça; Desejos homossexuais.

## ABSTRACT

Through time, notable changes took place in the sphere of homosexual desire. Men who sought to have sexual encounter with other men for sexual purposes from the few available models in their daily lives acquired more social vocabulary, while the communication media like radio, cinema and television were developing. At fast pace, in a short historical gap, the meetings that were mirrored by the local models soon were also mirrored by models coming from other contexts by the media. The AIDS epidemic emerged in this scenario, and acting as a catalyst pumped the representation sphere and thus intensified the presence of homosexuality in speeches, since the disease was at first considered a gay disease, discussions and debates were raised. It was possible, due to this tragic context, to create both positive and negative images in the media, which caused the start of new ways of identification and alternative ways to have those meetings. Digital media emerged soon after, and it was at first one of many refuges for those trying to circumvent social barriers. The contact with communication media became more intense through accessibility, and the representations that emerged in it began to take a leading role in the social vocabulary of seeking love / sexual partners, making subjects increasingly connected to the idealized models. This history has contextual specificities which I unraveled from the memory of the research subjects that helped me rebuild an alternate history of the city of São Carlos.

**Keywords:** Homosexuality; Memory; Media; São Carlos, Masculinities, Race, Homosexual desires.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Distribuição dos sujeitos de pesquisa em São Carlos. ....	23
<b>Figura 2</b> – Anúncio do cinema São Carlos e São José. Jornal Correio de São Carlos, terça-feira, 2 de junho de 1942. ....	41
<b>Figura 3</b> – Programação da televisão. Jornal A Folha, terça-feira, 25 de maio de 1976. ....	41
<b>Figura 4</b> – Programação dos cinemas de São Carlos. Jornal A Cidade, sábado, 10 de julho de 1954. ....	42
<b>Figura 5</b> – Programação do Cine Teatro Avenida. Jornal A Cidade, quinta-feira, 12 de agosto de 1954. ....	43
<b>Figura 6</b> – Tabela de preços. Jornal A Cidade, quinta-feira, 29 de julho de 1955. ....	44
<b>Figura 7</b> – Rádio, Cinema e TV. Jornal A Folha, 4 de fevereiro de 1975. ....	46
<b>Figura 8</b> – Reclamações sobre a televisão em São Carlos. Jornal A Folha, terça-feira, 18 de fevereiro de 1975. ....	47
<b>Figura 9</b> – Milhares de pessoas se encontram para festejar. Jornal A Folha, sábado, 8 de fevereiro de 1975. ....	58
<b>Figura 10</b> – A primeira sede da Rádio São Carlos em 1940. ....	65
<b>Figura 11</b> – O primeiro auditório. ....	65
<b>Figura 12</b> – A fábrica de rádio. ....	66
<b>Figura 13</b> – Celebridade em São Carlos. ....	67
<b>Figura 14</b> – Miss Brasil em São Carlos. ....	67
<b>Figura 15</b> – Rapaz considerado galã na época. ....	68
<b>Figura 16</b> – Rapaz considerado galã na época (2). ....	68
<b>Figura 17</b> – O elenco da radionovela e cine rádio. ....	69
<b>Figura 18</b> – Apresentação na rádio. ....	69
<b>Figura 19</b> – Elenco atuando. ....	70
<b>Figura 20</b> – Elenco. ....	70
<b>Figura 21</b> – A plateia. ....	71
<b>Figura 22</b> – A plateia 2. ....	71
<b>Figura 23</b> – Playboy no anúncio de jornal. Jornal A Folha, quinta-feira, 3 de setembro de 1987. ....	87
<b>Figura 24</b> – Propaganda da Gillette. Jornal Correio de São Carlos, domingo, 25 de abril de 1943. ....	90
<b>Figura 25</b> – Propaganda de pijama. Jornal A Cidade, segunda-feira, 16 de agosto de 1954. ....	91

<b>Figura 26</b> – Situação do boia-fria. Jornal A Folha, terça-feira, 26 de agosto de 1975.....	100
<b>Figura 27</b> – Propaganda do elixir para sífilis. Jornal Correio de São Carlos, domingo, 7 de junho de 1942. ....	106
<b>Figura 28</b> – Academia de ginástica. Jornal do Esporte, 20 de outubro de 1988. ....	131
<b>Figura 29</b> – O flagelo do século. Jornal A Folha, domingo, 11 de janeiro de 1987.....	144
<b>Figura 30</b> – Campanha contra AIDS. Jornal A Folha, quinta-feira, 5 de março de 1987. ....	144

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Sujeitos de pesquisa na ordem como aparecem no texto.....	22
<b>Tabela 2</b> – Vinda de imigrantes que saíram da Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo.....	35
<b>Tabela 3</b> – População urbana e rural.....	37

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O contexto de São Carlos .....</b>	<b>30</b>
1.1 – A formação social da cidade .....	30
1.2 - A influência das primeiras mídias .....	38
<b>CAPÍTULO 2 – As mudanças na esfera amorosa .....</b>	<b>50</b>
2.1 - A endogamia como característica dos pares amorosos .....	50
2.2 – As mídias e as transformações .....	59
<b>CAPÍTULO 3 – A construção de encontros sexuais entre homens.....</b>	<b>72</b>
3.1 A concepção moral .....	72
3.2 - A construção do corpo e dos encontros .....	80
3.3 – Embaralhando gêneros.....	93
3.4 - Quem eram os sujeitos marginais? .....	98
3.5 - O clube do Maurício: as simetrias dos afetos .....	101
<b>CAPÍTULO 4 – Os corpos que vem à tona por meio das mídias.....</b>	<b>110</b>
4.1 - O troca-troca .....	110
4.2 - As traduções culturais a partir das mídias .....	115
4.3 - As pornochanchadas, as pornografias e a inauguração do corpo .....	122
<b>CAPÍTULO 5 – A AIDS.....</b>	<b>133</b>
5.1 – A criação da homossexualidade a partir da AIDS .....	133
5.2 - A AIDS em São Carlos.....	138
5.3 - O que mudou depois da AIDS em São Carlos .....	147
<b>CAPÍTULO 6 – A disseminação dos computadores e da internet .....</b>	<b>154</b>
6.1 – Aproximações sobre o contexto do uso da internet para encontros.....	154
6.2 – Dados sobre os computadores e a internet.....	158
6.3 – O cenário são-carlense .....	165
<b>CAPÍTULO 7 – As interações e a coroação da visualidade.....</b>	<b>174</b>
<b>CAPÍTULO 8 – A articulação entre as mídias digitais e o contexto local.....</b>	<b>184</b>
8.1 – Quem são os universitários? .....	184
8.2 – As segmentações nas mídias digitais .....	188
8.3 – As consequências das desigualdades .....	194
8.4 – “Menino bode” ou idealizações .....	196
<b>CAPÍTULO 9 – A articulação do contexto local com as mídias .....</b>	<b>200</b>

9.1- Sujeitos que dão medo.....	200
9.2 – A liberdade de algemas.....	203
9.3 – E mais idealizações.....	208
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>213</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>218</b>

## INTRODUÇÃO

Existe uma história sobre a cidade de São Carlos que eu gostaria de contar. Não é só sobre as famílias que acordavam cedo e colocavam as suas melhores roupas para ir à igreja rezar aos domingos. Também não é apenas uma história sobre a escravidão ou o posterior uso da mão-de-obra de imigrantes na cafeicultura até o momento em que ela deixou de ser uma atividade rentável por causa da crise de 1929 que, apesar da decadência da produção, alavancou a industrialização e a conseqüente urbanização a partir da riqueza gerada até então, o que inicialmente suprimiu as demandas materiais para a cafeicultura.

Essas histórias são importantes, é claro, e começo por elas para mostrar o contexto. São passíveis de serem conhecidas já que existem registros históricos e belas análises feitas, além de continuarem despertando interesse de pesquisadores<sup>1</sup>. Porém, o que quero contar é um pouco diferente. Levo em consideração o passado conhecido até o momento e mais: trago alguns segredos. Uns flertes aqui, desejos ali e gozos espalhados por aí. É um pouco da história dos desejos em São Carlos. Sendo mais preciso, apresento os resultados da investigação sobre a história da homossexualidade a partir da relação dos desejos homossexuais e as mídias.

Trata-se de uma pesquisa feita a partir da limitação local de dados registrados sobre a dinâmica dos desejos homossexuais, mas que leva em consideração os rastros deixados pelas bibliografias que exploram outros assuntos ou contextos. Artigo, portanto, meios alternativos como entrevistas, crônicas, fotografias, etc., para compreender o passado de São Carlos, pois a versão “oficial” da história deixou as relações homossexuais nas sombras. O meu objetivo é analisar a articulação entre o contexto local, as mídias e as homossexualidades ao longo do tempo e compreender como as transformações do modo de experienciar<sup>2</sup> os desejos aconteceram até a atualidade. O alcance da digressão histórica sobre as homossexualidades está em grande medida condicionada ao que consegui reavivar a partir da memória dos sujeitos que viveram as dinâmicas sociais do passado. Buscarei reconstituir essa história por meio das

---

<sup>1</sup> Existem brilhantes pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre a imigração de estrangeiros no oeste paulista, focadas, principalmente, na época da República Velha, quando houve um crescimento quantitativo das imigrações, na sua maioria de italianos. Me refiro a produções feitas pelo grupo de pesquisa História Social das Migrações e do Trabalho, coordenado pelo Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi, docente do PPGS – UFSCar.

<sup>2</sup> Quando falo experienciar ao invés de experimentar, estou levando em consideração que é através do discurso que os sujeitos são posicionados a apresentar suas experiências (SCOTT, 1998). Nesse sentido, não há um sujeito que experimenta. Pelo contrário, ele está vinculado às experiências.

memórias dos sujeitos que entrevistei em minha pesquisa e, por isso, esse recorte do passado está marcado por sujeitos que têm até 58 anos de idade<sup>3</sup>.

Como os dados que se perdem por deterioração física dos materiais de registro, a memória dos sujeitos tem esquecimentos, ou são até mesmo inventadas a partir de alguns fragmentos de lembrança. Não se pode cobrar que tenham memórias inabaláveis, como se na cabeça deles houvesse uma espécie de arquivos catalogados. Se até mesmo nós temos dificuldade de lembrar o que almoçamos no dia anterior, seria ainda mais cansativo tentar descrever o aroma e os sabores do prato. Nesse sentido, os sujeitos de pesquisa não têm o dever de lembrar com maestria tudo o que aconteceu. É impossível. O que o pesquisador, no caso eu, faz com as narrativas imprecisas desses sujeitos é, portanto, um desafio sociológico.

Pela definição do sociólogo francês Maurice Halbwachs, há uma diferença entre a memória coletiva e a história. Em síntese, a história é um quadro de mudanças. Ela “reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, o que lhe permite ligá-los uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. [...] Ela nos apresenta uma imagem única e total” (HALBWACHS, 2000, p. 59), examinada de fora e que abrange uma longa duração.

A história registrada sobre as homossexualidades e as mídias em São Carlos é quase<sup>4</sup> nula. Se partirmos da noção de Halbwachs (2000) de que a história começa quando as tradições acabam e são enquadradas cientificamente – positivamente –, veremos que não houve tradição nenhuma e não houve qualquer enquadramento sobre o tema. As imagens totais que temos é uma São Carlos da cafeicultura, imigração e industrialização.

A opção viável para trazer à tona esse conhecimento seria explorá-lo a partir da memória. Ela nada tem de artificial. De caráter contínuo, ela tem a duração média da vida humana ou até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta, retendo do passado somente aquilo que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (HALBWACHS, 2000). A memória tem, assim, um caráter coletivo, já que nem mesmo a memória individual está isolada e fechada. Para evocar o seu próprio passado, é necessário fazer apelo às lembranças do outro, ou seja, os pontos de referência estão fora dele, fixados pela sociedade. Cada memória individual é, portanto, “um ponto de vista sobre a memória coletiva”,

---

<sup>3</sup> Estou me referindo aos sujeitos que se envolvem com outros do mesmo sexo. Para compreender outras faces do contexto social, tais como a estrutura da cidade, vivências dos amores – na esfera heterossexual –, e mídias, entrevistei interlocutores (homens e mulheres) com 54, 79 e 85 anos de idade que se autodeclaravam heterossexuais.

<sup>4</sup> Encontrei duas bibliografias que mostram de modo breve a homossexualidade no contexto são-carlense: Green (2000) e Trevisan (2017). Explorarei essas duas obras no terceiro capítulo.

que “muda conforme o lugar que ali ocupa” e “este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Ibid., p. 34).

Buscar por meio da memória é, desse modo, uma opção viável para explorarmos o passado não registrado pela história. A memória dos sujeitos traria elementos importantes para uma melhor compreensão dos fatos ocorridos e entender os indivíduos do presente. Entretanto, os sujeitos não lembram de tudo, como já foi afirmado aqui. Para evitar a prolixidade da minha parte, vejamos um trecho do artigo escrito pelo cientista social Fábio Daniel Rios, em que faz uma excelente leitura sobre Halbwachs:

A memória pode ser entendida como uma re-construção do passado realizada com o auxílio de dados do presente. Isso ocorre através de um processo de seleção, pois é impossível registrar tudo o que ocorreu num dado momento, não só no plano individual, mas também no plano coletivo. Assim, as visões construídas sobre o passado revelam mais sobre o momento presente do que sobre o passado que se pretende restituir. Nossas visões sobre o passado são incompletas, parciais e cambiáveis. Elas podem variar conforme a posição que ocupamos num determinado grupo e conforme mudam as relações desse grupo com outros meios. A participação dos indivíduos em variados grupos faz com que suas memórias se formem de modo fragmentário, como um mosaico. A memória é, portanto, um tipo de relação que se estabelece entre o presente e o passado. (RIOS, 2013, p. 6)

As definições de Halbwachs são belas. Parto delas, mas não as considero totalmente. Seria muito cômodo separar a história e a memória como se fossem esferas estanques. O sociólogo respondeu com maestria a problemática da memória; contudo, seria interessante progredirmos a discussão para pensarmos juntos com as reflexões contemporâneas sobre o tema. Como já mostrou a historiadora Márcia Mansor D’Aléssio (1993), Halbwachs escrevia em um contexto conturbado, marcado pelas Guerras Mundiais, quando a memória se tornou importante em um cenário de ruptura irreversível do passado com o presente.

É possível compreender um pouco os meus sujeitos de pesquisa a partir das ferramentas conceituais oferecidas pelo Halbwachs, mas algo é estranho. A divisão entre história e memória coletiva não me pareceu uma alternativa sensata para compreender sujeitos que foram marginalizados. O primeiro ponto é que a história não metropolitana não contou a história deles. O segundo é que existem elementos para análise objetiva da memória dos meus interlocutores de pesquisa que, de bom grado, se esforçaram, a partir do presente, para rememorar o passado. No entanto, é nebuloso afirmar que eles compartilhavam sentimentos de pertencimento sobre ser homossexual, pois sequer havia referências para esse tipo de identificação em comum. Pensar a partir de Halbwachs é possível, mas não muito produtivo quando se trata de pessoas

que tiveram as possibilidades de experienciar os desejos por outros do mesmo sexo cerceados pela normatividade heterossexual.

Os meus sujeitos de pesquisa tinham os seus desejos por outros do mesmo sexo submetidos aos olhares da normalidade. A heterossexualidade era regra a ser perpetuada e, por isso, ao buscarem viver o cotidiano, foram, muitas vezes, silenciados por meio da coação ou da coerção. Entretanto, eles também driblavam as regras, encontrando formas de satisfazer os desejos, ou seja, apesar de estarem relegados à invisibilidade e privados de muitos modos de vida, isso não significa que eles não encontravam meios criativos de viver evitando constrangimentos.

Os sujeitos da pesquisa eram forçados à introspecção profunda a partir do sentimento da necessidade de se ajustar às normas sociais ou encontrar formas diferentes de experienciar os desejos. Não é possível, por isso, trabalhar a memória sem envolver a subjetividade, enquanto para Halbwachs (2000) a memória necessita de fatores externos para existir. Veridiana Domingos Cordeiro (2015) aponta, em sua dissertação de mestrado em sociologia, a postura externalista do autor, que buscou dessubjetivizar o fenômeno da memória. Acredito na coerência da leitura que faz Cordeiro e pontuo a necessidade da minha pesquisa em buscar compreender o social levando em consideração elementos subjetivos.

Pierre Nora (1993), já em um período posterior ao de Halbwachs, via no contexto da aceleração da globalização o esfacelamento da tradição e o fim do que o pensador chamou de homem-memória. As formas tradicionais de passar a memória coletiva de geração em geração foram se extinguindo em função da aceleração das dinâmicas sociais e das mudanças nas formas de relações, dando lugar a instituições de arquivamento como bibliotecas e museus. A prática de arquivamento mudou, assim, a forma da memória tradicional. Para ele, “a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se” (NORA, 1993, p. 15). Nesse sentido, pensarmos a “história da história”, “a necessidade da memória é uma necessidade histórica” (Ibid., p. 14).

Nesses locais de arquivamento, chamados por Nora de “lugares de memória”, encontram-se memórias selecionadas pela história. Vemos que, diferentemente de Halbwachs, para quem a história começa quando a memória acaba, Pierre Nora faz uma aproximação entre essas duas esferas, ao pensar como as duas estão articuladas, abrindo, desse modo, caminhos para pesquisas que buscaram dar atenção a memórias que eram perdidas.

A história continua não englobando as memórias das homossexualidades no Brasil. O ato icônico que ocorreu em 2017 é o cancelamento antecipado, por causa de retaliações de

movimentos conservadores, da exposição *Queermuseu*<sup>5</sup> – *Cartografias da diferença na arte brasileira*, promovida pelo banco Santander. Nesse episódio, apesar de haver interesse de tornar história as memórias das expressões dos desejos fora da norma heterossexual, nem com um grande esforço a história consegue englobar essas memórias em um lugar de memória, de que fala Nora.

Para o sociólogo Michael Pollak (1992), a memória é seletiva, sendo assim, nem tudo fica gravado ou registrado. Ela é, antes, um fenômeno construído, um verdadeiro trabalho de organização, um elemento constituinte do sentimento de identidade. O que existe, nesse sentido, é um trabalho de enquadramento das memórias – plurais e não cronológicas –, que proporcionam sentimento de unidade, continuidade e coerência. Não há, assim, memórias falsas ou verdadeiras, uma vez que elas são modos de objetivar o que é subjetivo.

Segundo Pollak (1989), as memórias estão em disputa e, nesse processo, as memórias subterrâneas acabam ficando fora da criação de uma memória oficial feita para organizar a vida social. No entanto, as lembranças traumatizantes sobre o passado que ficaram em longo silêncio, longe de serem esquecidas, são “a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Ibid., p. 5). Para relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa, de acordo com o sociólogo, encontrar uma escuta, pois muitas vezes elas ficam guardadas em estruturas informais de comunicação. Por isso, instrumentos de história oral que partem das memórias individuais fazem aparecer “os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais” (Ibid., p. 12)

Nessa perspectiva, essa tese encontra-se no movimento de dar voz às memórias por meio da história oral, a partir da qual faço análises sociológicas. O meu argumento é de que há uma dificuldade de encontrar dados históricos em razão da barreira igualmente histórica de reconhecer a memória dos dissidentes às normas sociais. Não busco, entretanto, o enquadramento histórico; busco abrir as possibilidades de análises das relações sociais e das múltiplas diferenças<sup>6</sup> em negociação a partir das memórias que até o momento não foram devidamente escutadas em São Carlos.

---

<sup>5</sup> Essa exposição artística, que mostrava a história/diversidade da sexualidade, aconteceu na cidade de Porto Alegre. As polêmicas ganharam forças por meio dos discursos de ódio criados pelos grupos conservadores – entre eles o Movimento Brasil Livre (MBL) - e circularam nas mídias. Para estes, a exposição fazia apologia à pedofilia, à homossexualidade, à zoofilia, etc.

<sup>6</sup> Como sugere Woodward (2008), as diferenças são marcadas por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais. A marcação da diferença e as formas de exclusão social criam, por sua vez, identidades. É a partir das diferenças que se estabelecem sistemas classificatórios, dando “ordem” à vida social.

O historiador francês Philippe Joutard, em seu artigo “Desafios à história oral do século XXI”, mostra que é preciso saber respeitar três fidelidades quanto à inspiração original da história oral: “ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades “indescritíveis”, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono” (JOUTARD, 2000, p. 33).

A história oral surgiu mais precisamente junto com as novas concepções historiográficas dos anos 1960-1970,

principalmente ligada à “história dos de baixo”, à volta do acontecimento e a valorização do indivíduo. Enfim, ligava-se à nova linha de estudos culturais que se afastava dos estudos puramente estruturais e quantitativos, levando em conta novos objetos, metodologias e fontes. (FIORUCCI, 2010, p. 7)

Em outros contextos sociais há uma vasta gama de pesquisas que descrevem e fazem análises sociais a partir de etnografias de pessoas que tiveram as suas vozes excluídas. Grandes centros metropolitanos como a cidade de São Paulo tiveram belas análises acadêmicas em que se escutou os sujeitos, como no caso do estudo da prostituição viril em São Paulo, feito por Néstor Perlongher (2008) na segunda metade da década de 1980. Já em São Carlos, uma cidade média do interior paulista, não havia nem sequer o curso de Ciências Sociais nessa época e talvez não tenha despertado interesse dos pesquisadores que estavam centrados nas dinâmicas dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, essa tese oferece elementos para uma melhor compreensão do interior, que ainda foi pouco explorado quanto às homossexualidades. Com exceção de duas obras que fazem breves menções, não houve registros precedentes sobre as dinâmicas das homossexualidades nas décadas passadas. Essa pesquisa, contudo, alia fontes alternativas como recortes de jornal, crônicas, bibliografias sobre a cidade ou análises sobre outros contextos com a história oral, a partir da qual pude escutar, registrar e analisar a fala dos sujeitos entrevistados.

O historiador Alistair Thomson (2000, p. 52) mostra que, no início dos anos de 1960, havia muitos preconceitos sobre a história oral, como a ideia de que a memória seria distorcida pela deterioração física, velhice, nostalgia e preconceitos pessoais dos entrevistados, além da influência das versões retrospectivas e coletivas do passado. Somente nos últimos 25 anos de produção de história oral houve o reconhecimento da memória como um recurso ao invés de um problema para a interpretação e reconstrução histórica. Ela é

um poderoso instrumento para a descoberta, exploração e avaliação da natureza do processo de memória histórica - como as pessoas compreendem seu passado, como vinculam a experiência individual e seu contexto social,

como o passado torna-se parte do presente, e como os indivíduos o utilizam para interpretar suas vidas e o mundo à sua volta. (PASSERINI apud THOMSON, 2000, p. 53)

Não há, como indica Thomson, uma maneira certa de entrevistar. Para ele, “a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos” (THOMSON, 2000, p. 48). Busquei, em razão disso, estar atento às situações interacionais com cada um dos meus sujeitos de pesquisa. A minha amostragem é diversa, em questões de geração, raça e renda. Ela conta com 16 sujeitos que tem de 18 a 85 anos de idade e, para entrevistar cada um dos sujeitos – desde trabalhadores de indústrias até professores universitários –, me ajustei a suas demandas, proporcionando o maior conforto possível para que os incômodos típicos de um pesquisador que trata os sujeitos com frieza não interferissem na tarefa da rememoração.

Como tenho por objetivo nesta pesquisa o entendimento das homossexualidades e as mídias a partir de São Carlos, as entrevistas foram conduzidas para esse fim. Considerando que o alcance que consegui do passado ficou limitado às experiências vividas pelos sujeitos, selecionei interlocutores mais velhos. Para entender as dinâmicas mais atuais das homossexualidades, entrevistei também sujeitos mais novos por estarem mais afeitos ao uso das mídias digitais<sup>7</sup>.

A segunda forma pela qual colhi dados foi a partir de materiais históricos. Fui para a Fundação Pró-Memória de São Carlos diversas vezes para colher dados históricos, já que apenas falar que houve transformações sociais a partir da disseminação das mídias não prova absolutamente nada. Busquei grande parte das informações nos jornais das décadas passadas. Visto que seria impossível folhear todos os jornais por motivo de tempo e pela delicadeza exigida para o manuseio dos documentos, colhi algumas amostras de cada década procurando anúncios sobre as mídias como cinema e televisão.

Antecipo em dizer que os materiais históricos não estavam dispostos em prateleiras e organizados em blocos temporais uniformes no arquivo. Os jornais estão separados por meses, a cada três anos ou semestralmente. Algumas vezes percebi haver lapsos temporais em razão da inexistência de alguns materiais no arquivo. Além disso, foi necessário fazer requerimentos, aguardar, dialogar com os responsáveis pelo arquivo – que, diga-se de passagem, se esforçaram e foram muito solícitos - e só assim “garimpar” a partir do que ali havia.

---

<sup>7</sup> Compreendo as mídias digitais como qualquer tecnologia que possibilidade compartilhar dados na forma de dígitos combinada com a interligação de processadores em rede (MARTINO, 2015, p. 12).

Com o intuito de ver as publicidades sobre as masculinidades, ditadura e as mídias, o meu trabalho foi o de procurar dados contando com a sorte de encontrar algo que acrescentasse à pesquisa. Visualizei o jornal *Correio de São Carlos*, dos anos de 1942 a 1944; *A Cidade dos anos*, de 1955, 1956 e 1960; *A Folha dos anos*, de 1968, 1975 e 1976. Para entender um pouco melhor o contexto da AIDS em São Carlos, folheei todos os jornais *A Folha*, datados de 1986 a 1988. Foquei apenas nesses anos (1986-1988) por suspeitar, a partir da fala dos sujeitos, que o pânico sobre a AIDS tenha se instaurado localmente nesse período.

Os jornais são variados, pois alguns saíam de circulação, não existiam ou simplesmente não estão presentes no arquivo da Fundação Pró-Memória. Apesar de parecer caótico e sem critério ao usar os materiais de procedência diversificada e temporalidades distintas, resolvi mesmo assim usar os dados que colhi. A coerência das amostragens ficou condicionada ao limite imposto pelas dificuldades que encontrei.

Apresentarei cada um dos meus sujeitos de pesquisa de modo detalhado em cada capítulo, na medida em que as discussões forem progredindo e, nesse sentido, não haverá nessa tese um capítulo dedicado à metodologia. De modo mais fluido, mostrarei como foram feitas as aproximações com cada um dos sujeitos e as interações.

Ao todo entrevistei 16 sujeitos, e como compromisso ético, inventei para aqueles que se envolvem – amorosamente ou sexualmente – com outros do mesmo sexo um nome fictício. Também omiti alguns dados e fiz alterações necessárias para que não pudessem ser identificados, evitando o máximo possíveis embaraços. Muitos deles mantêm uma imagem heterossexual no cotidiano para evitar constrangimentos e retaliações sociais, e dar-lhes motivos de mais preocupações seria imprudente.

Além da variedade geracional, aspectos socioeconômicos como raça, local de moradia e renda foram cuidadosamente pensadas para a criação de uma amostragem abrangente da cidade. A maioria mora em locais considerados pobres e perigosos, e outros, com escolaridade e renda mais elevadas, vivem em moradias confortáveis. A tabela 1 organiza @s entrevistadx<sup>s</sup> na ordem como aparecem ao longo da tese e concede uma visão geral sobre elxs. Cabe lembrar que os espaços não preenchidos na tabela são propositais para evitar a exposição desnecessária d@s interlocutorxs. Já a figura 1, abaixo da tabela, mostra a distribuição espacial dos sujeitos na cidade. Não especifico o bairro onde mora cada um para igualmente evitar situações

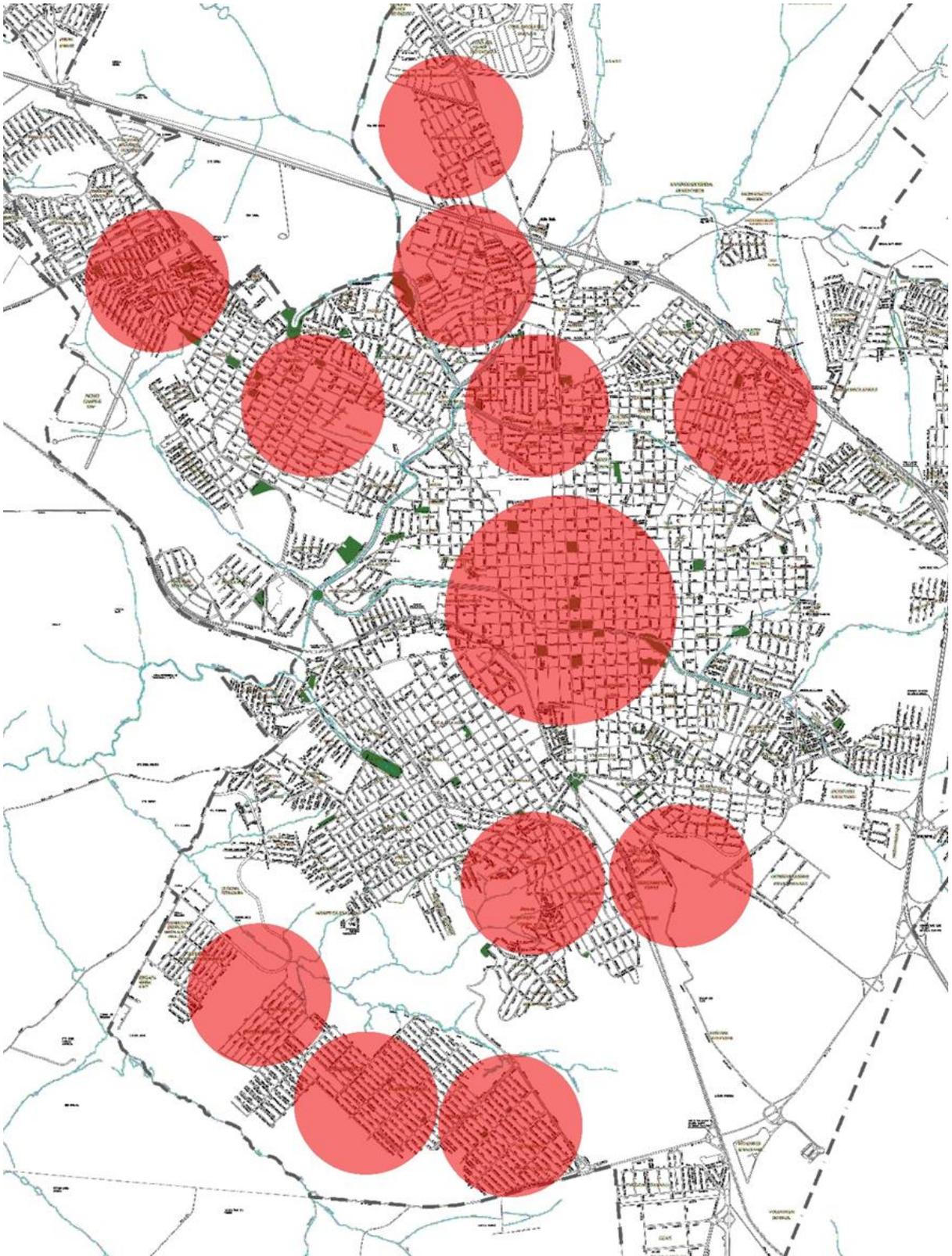
---

<sup>8</sup> Existe limitação binária (masculino/feminino) na língua portuguesa. As diferenças de gênero e sexualidade vão além dessa estrutura e, portanto, utilizo “@” e “x” de modo embaralhado ao longo do texto.

embaraçosas que possam lhes prejudicar. O propósito dessa imagem é apenas o de conceder um panorama ao leitor. Vejamos:

NOME	IDADE	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO	ESCOLARIDADE	AUTODECLARAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	ENVOLVIMENTO AMOROSO/SEXUAL COM PESSOAS DO MESMO SEXO
<b>Gilberto</b>	52	Sem ocupação	Ensino médio	Branco	Sim
<b>Gerônimo</b>	85	Aposentado	Sem escolaridade	Branco	Não
<b>Fátima</b>	54	Sem ocupação	Ensino médio	Branco	Não
<b>Lilian</b>	79	Advogada e empresária	Ensino superior	Branco	Não
<b>Maria</b>	50	Autônoma	-	Branco	Sim
<b>Maurício</b>	58	-	Ensino superior	Branco	Sim
<b>Márcio</b>	49	Sem ocupação	Ensino fundamental	Branco	Sim
<b>Elton</b>	48	Operário (indústria)	Ensino fundamental	Negro	Sim
<b>Elisson</b>	35	-	-	Branco	Sim
<b>Gabriel</b>	23	Atendente de telemarketing	Ensino médio	Moreno/Negro	Sim
<b>Milton</b>	22	Operário (indústria)	Ensino médio	Branco	Sim
<b>Alberto</b>	28	Operário (indústria)	Ensino médio	Mulato/Moreno	Sim
<b>Sálvio</b>	24	Estudante (pós-graduação)	Ensino superior	Asiático/Japonês	Sim
<b>Walter</b>	23	Estudante (pós-graduação)	Ensino superior	Pardo/Negro	Sim
<b>Paulo</b>	52	Operário (indústria)	Ensino fundamental	Branco	Sim
<b>Wilson</b>	58	-	Ensino superior	Branco	Sim

**Tabela 1** – Sujeitos de pesquisa na ordem como aparecem no texto.



**Figura 1** – Distribuição dos sujeitos de pesquisa em São Carlos.

**Fonte:** Criada a partir do mapa disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/images/stories/pdf/Ruas%20e%20bairros%20Area%20Urban%20a%201-12500.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2018.

Quatro entrevistas não tiveram registros de áudio<sup>9</sup> no ato da realização por requisição dos sujeitos. Uma outra foi realizada aliando o uso de aplicativo de mensagens instantâneas com encontros pessoais durante quatro anos. As demais entrevistas foram registradas em áudio e tiveram, em média, uma duração de uma hora e vinte e quatro minutos de duração. Ao todo, somando os diários de campo e a entrevista por escrito com os áudios transcritos, tive mais de 500 páginas de registro. Como a falta de tempo demandava uma rápida transcrição, terceirizei o serviço para uma profissional. Contudo, como um trabalho que usa as memórias como meio de investigação, revisei todas as transcrições, acrescentando dados do diário de campo.

Nem tudo é utilizável e algumas entrevistas não tiveram condições de serem analisadas na tese<sup>10</sup>. Algumas indagações que me vieram à cabeça no momento da análise me aborreceram por ter esquecido de perguntar várias coisas aos interlocutores. Acredito que somente nesses momentos que percebemos o quanto é difícil entrevistar. Embora tivesse elaborado e memorizado um roteiro para que nada sobre o tema passasse em branco, muitas coisas deixaram de ser questionadas. Consegui voltar a conversar por meio do aplicativo de mensagens instantâneas pelo celular com alguns deles. Com exceção de três sujeitos, todos com os quais tive o interesse de re-entrevistar não foram receptivos e responderam apenas uma ou outra pergunta a fim de sanar algumas dúvidas que eu tinha sobre as suas memórias.

Os sujeitos de pesquisa mais velhos não foram fáceis de encontrar. Constatei, por meio das entrevistas, que muitos acabaram se casando com mulheres, mantendo uma vida presumidamente heterossexual, se mudaram da cidade ou morreram – muitos deles vítimas da AIDS. A própria dificuldade de encontrá-los para entrevistar já é um dado de campo. Manter uma imagem heterossexual, ter se refugiado em outras cidades para viver longe do controle familiar ou ter morrido vítima da AIDS dá indícios não só de um passado com imponente modelo familista e heterossexual, como também oferece pistas de que os relacionamentos entre homens aconteciam mesmo assim – muitas vezes em segredo –, com dinâmicas específicas da época. Não inventei esse argumento dedutivamente. Só me fez sentido pensar nisso diante da dificuldade de encontrar interlocutores mais velhos após analisar os dados/relatos dos acontecimentos.

---

<sup>9</sup> Três dessas entrevistas foram realizadas com sujeitos que autodeclararam ser heterossexuais: um homem casado de 85 anos de idade; uma mulher casada de 54 e outra, viúva, de 80 anos de idade. Essas entrevistas foram de cunho exploratório – mas não menos importante – para entender melhor as questões como a estrutura da cidade, as noções sobre a heterossexualidade e o impacto das mídias. Apresentarei cada um dos sujeitos de modo detalhado na medida em que as discussões forem avançando.

<sup>10</sup> Refiro-me às entrevistas com Wilson (58 anos) e Maria (50 anos). Embora os materiais não tenham sido utilizados, serviram para que eu pudesse entender melhor outros sujeitos de pesquisa.

O meu plano da tese é começar pelo passado e ir avançando até a atualidade na medida em que as análises forem sendo feitas. Para facilitar a compreensão e deixar a leitura mais fluida, sem viagens temporais confusas, a tese está organizada por temas e blocos temporais e não especificamente por sujeitos de pesquisa – o que seria interessante se eu tivesse trabalhando com história de vida. Optei por explorar os contextos cronologicamente ao invés de esgotar cada sujeito de uma só vez, o que não traria vantagens nem força argumentativa ao fragmentar os assuntos. Isso é diferente da história de vida, que é mais agradável e fluida quando analisamos sujeito por sujeito.

Por meio da memória dos sujeitos de pesquisa, busco reconstituir como homens que se relacionavam com outros homens negociavam os seus desejos e criavam dinâmicas sociais específicas de acordo com o seu contexto, influenciado pelas mídias, pela família e pela condição socioeconômica em geral. Tomando emprestado o termo usado pelo filósofo Vladimir Safatle (2016), explorarei como a dinâmica do circuito dos afetos foi historicamente estabelecida. Muito mais do que explicar o social por meio das deduções sistêmicas, em que os sujeitos pensam que respondem passivamente às normas sociais, busco ver as dinâmicas como sempre incompletas e constituídas por meio dos afetos, que são subjetivos e nem sempre declaráveis.

Em um plano filosófico, Safatle sugere que precisamos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. Para ele,

enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. [...] Há uma adesão social construída através de afecções. [...] Se não é a adesão tácita a sistemas de normas que produz coesão social, então devemos nos voltar aos circuitos dos afetos que desempenham concretamente esse papel [...] desvelando também como normatividades sociais fundamentam-se em fantasias. (SAFATLE, 2016, p. 15-16)

As experiências sociais não estão na ordem apenas daquilo que é visível, regrado e concretizado. Elas respondem também às questões que não podem ser vistas e nem sequer são completas e acabadas. As próprias regras são carregadas de afetos, muitas vezes fantasiosos, ou seja, designam o papel imaginário que constrói nossas experiências. Devo explicar melhor: se os sujeitos respondessem sempre o que é demandado normativamente, o que teríamos hoje seria uma sociedade completamente coesa, no sentido oferecido pelo sociólogo Émile Durkheim (2011).

Nesse sentido, as pesquisas sociológicas vieram apontando ao longo de sua trajetória as impossibilidades de pensar uma sociedade dinâmica e conflitiva por um prisma de análise em que as causas e os efeitos eram sistematicamente coerentes. Quando foi notado pelas pesquisas que os efeitos não respondem unicamente às ordens sociais, as teorias sociais tiveram que ser reavaliadas.

Vejo que a tendência de pensar nessas questões e as respostas acerca da sociedade mudaram a partir da disseminação da proposta pós-estruturalista – impulsionada especialmente pelo filósofo Michel Foucault – na segunda metade do século XX, quando um novo modelo analítico de poder foi oferecido para pensarmos a sociedade. Em função das transformações sociais, em que os modelos sólidos passaram a ser quebrados pelo acirramento da globalização e pelo surgimento de propostas teóricas e de vivências daqueles que eram marginalizados por causa de suas diferenças como de raça, gênero e sexualidade, olhar uma sociedade a partir de um prisma teórico baseado epistemologicamente na ideia de uma sociedade conformada aos imperativos sociais parou de fazer sentido.

Apenas expreso que pensar no poder como algo mais pulverizado do que verticalizado e levar em consideração os componentes subjetivos nas dinâmicas sociais é o caminho que acredito ser produtivo para pensar o objeto da minha pesquisa.

Em minha tese conduzo o/a leitor/a para um passeio pela cidade, um passeio que, no primeiro capítulo, mostra a partir do passado o contexto social forjado historicamente. São Carlos é vista como “conservadora” pela maioria dos sujeitos da minha pesquisa, que moram desde longa data na cidade, o que é uma sensação histórica e situacional. É histórica porque essa cidade, marcada pela religião católica, pela escravidão e pela imigração, criou uma atmosfera de cerceamento das múltiplas possibilidades de vida. É situacional, e até mesmo mais forte entre homossexuais, pois estar enlaçado a vínculos de amizade e familiares também cria uma sensação de estar sendo submetido ao conservadorismo quando o desejo do sujeito é estar sem essas algemas.

O histórico da cidade foi feito para que eu possa conduzir x leitorx pela atmosfera do passado – de modo geral, traço algumas conexões entre a história da cidade e a criação de algumas desigualdades e diferenças sociais e as homossexualidades – para que, em seguida, o enfoque seja as dinâmicas dos afetos. Faço, nesse processo, uma análise das dinâmicas dos relacionamentos heterossexuais usando registros históricos e dos relacionamentos entre homens a partir da década de 1980 por meio da memória dos meus interlocutores de pesquisa.

Os relatos nos ajudam a conhecer melhor o contexto da época em que esses sujeitos negociaram desejos, (co)respondendo o contexto social e reinventando diversas formas de

viver. Os relacionamentos eram construídos e eram muito distintos de como vemos hoje. Por exemplo, não existia para um dos meus interlocutores de pesquisa um “gay ativo”, pois um gay, via de regra, era penetrado pelo pênis do outro, considerado heterossexual. Até o modo de agir<sup>11</sup> e se vestir correspondia a esse imaginário social colocado em prática nos encontros sexuais. Segundo um dos sujeitos de pesquisa, somente hoje em dia um “gay pode namorar outro gay”.

Apesar dessas mudanças serem perceptíveis a olho nu ao comparar o presente com o passado, algumas diferenças continuam intactas. É o caso da desigualdade racial nos relacionamentos amorosos, pois, já na década de 1980, negros eram preteridos, e hoje ainda são, como mostra a maioria dos meus interlocutores de pesquisa em seus critérios de busca nas negociações ao usarem as mídias digitais.

No primeiro capítulo mostro como se deu a formação social da cidade de São Carlos e evidencio como as mídias – cinema, rádio e televisão – estavam articuladas ao contexto social e entremeadas no cotidiano dos sujeitos. Visto isso, mostro no segundo capítulo como foram possíveis as transformações amorosas na esfera da heterossexualidade.

Não havia modelos de referência para que os sujeitos que buscavam criar encontros com outros homens habitassem a vida fora dos vocabulários – heterossexuais – existentes. No entanto, os desejos não foram fadados à inexistência. A articulação da moral vigente com as representações nas mídias nos tempos da ditadura possibilitou que os sujeitos criassem encontros sexuais entre pessoas do mesmo sexo usando esses próprios vocabulários heterossexuais. Nesse sentido, mostro no terceiro capítulo como os sujeitos usavam o repertório social disponível para se enquadrar ao esperado socialmente – vivendo presumidamente de modo heterossexual – ou experienciar a homossexualidade embaralhando as normas.

No quarto capítulo apresento um panorama em que as mídias passaram a afetar cada vez mais o cotidiano dos sujeitos, seja por meio dos filmes ou das novelas. Apesar de serem *mainstream*, essas produções trouxeram elementos por meio da visualidade e, portanto, novas formas de identificação<sup>12</sup>, tornando também o corpo cada vez mais central.

No quinto capítulo trago as lembranças dos sujeitos sobre o fim da década de 1980, quando o terror da AIDS se instaurou. Os sujeitos relatam que as referências sobre as homossexualidades passaram a ser diretas e negativas. Era vendo artistas famosos infectados, as propagandas de prevenção e também pessoas próximas adoecerem que o imaginário social

---

<sup>11</sup> Os sujeitos não ficam limitados. Como mostra Piscitelli (2008, p. 268), os mecanismos que parecem “prender” oferecem, ao mesmo tempo, recursos que possibilitam a ação.

<sup>12</sup> Para Hall (1997), a identificação permite o posicionamento no interior das definições que discursos culturais exteriores fornecem, ou que nos subjetivamos dentro deles.

sofreu um golpe preconceituoso, fixando a ideia de que seria uma doença gay. Até o momento não havia muitas referências de homossexualidades nas mídias, mas estas passaram a se tornar mais visíveis a partir da epidemia.

Patologizados e amedrontados, as dinâmicas de relacionamento mudaram. Os entornos da Catedral, por exemplo, que, segundo o relato de um de meus interlocutores, viviam cheios de pessoas que celebravam os desejos em liberdade na calada da noite, foram higienizados, e a moralidade voltou a ocupar as escadarias antes cheias de gozo. Os desejos não se calam, é claro, e ao observar como as dinâmicas passaram a ser estabelecidas, percebi que o pânico sexual apagou a “pegação” dali, mas as pessoas não deixaram de criar encontros, passando a fazê-los de outros modos mais higienizados, ocupando outros espaços.

Nesse contexto, mostro no sexto capítulo que a disseminação dos computadores e da internet começou a acontecer e os sujeitos passaram a usar os bate-papos para criar encontros sexuais. Isso não quer dizer, no entanto, que outros modos de interação tivessem acabado, pois o bate-papo foi apenas um dos meios pelos quais sujeitos tiveram oportunidade de negociar os desejos com mais discrição. Os aspectos dessa negociação são, por sua vez, evidenciados no sétimo capítulo, no qual trago elementos sobre a disseminação de telefones inteligentes. Diferentemente do caráter textual do bate-papo, que era acessado por meio de computadores fixos, os telefones inteligentes, ao acoplar tecnologias como câmera, tornaram as trocas de imagens mais fáceis e eficientes e, conseqüentemente, o corpo passa a ser mais visto do que descrito.

Observei, no entanto, que muitas plataformas e aplicativos começaram a ser usados de modo não neutro, respondendo às desigualdades sociais, seja de acesso ou de negociações. Os aspectos da segmentação consequente da desigualdade no acesso são apresentados no oitavo capítulo e, a partir dele, mostro, no nono capítulo, os critérios de seleção nas buscas de parceiros e como estes respondem a idealizações midiáticas e ao contexto local.

Nas considerações finais, apresento como exemplo um sujeito de pesquisa que passou a usar as mídias digitais recentemente. O modo como ele experiencia os desejos mostra que a história se materializa em práticas. Ele não é o resumo da tese, afinal, tem a sua própria trajetória de vida apesar das marcas sociais que o conduzem. Para mostrar os fragmentos da história à margem todos os sujeitos de pesquisa foram importantes para mostrar a multifacetada dinâmica dos desejos. Nas considerações finais faço um balanço sobre como o modo de expressar os desejos se transformaram até a atualidade.

Esse retrato sobre as homossexualidades a partir do contexto pré-AIDS até os dias atuais, analisando as transformações no contexto social fora de grandes centros metropolitanos,

nos ajudará a compreender melhor a dinâmica das sexualidades e a articulação das diferenças no Brasil. Espero também que as memórias subterrâneas auxiliem a retratar a história “não oficial” da cidade de São Carlos.

## CAPÍTULO 1 – O contexto de São Carlos

### 1.1 – A formação social da cidade

“Aqui na igreja; na esquina da igreja, ali da Catedral, onde você estava, a gente ficava sentado ali à noite [...] sentado na porta da igreja; do ladinho da igreja”, respondeu Gilberto na entrevista, quando perguntei onde ficava localizado o local de paquera entre homens que ele e seus conhecidos costumavam frequentar. Ele é um interlocutor de pesquisa que apresentarei mais adiante.

De início, aquilo me causou estranhamento, no bom sentido. O fato de as paqueras terem acontecido no perímetro da famosa Catedral – o marco zero da cidade<sup>13</sup> e atual ponto turístico por causa da sua bela arquitetura e iluminação – me fez pensar como é interessante que, sob uma estrutura religiosa que marca historicamente a origem da cidade, aconteciam ricas dinâmicas sociais ignoradas pela historiografia sobre o local.

A partir da Catedral darei o pontapé inicial da pesquisa, mas para que x leitor(x) compreenda o meu estranhamento, devo contar primeiro um pouco da história da cidade. Será breve, pois o meu interesse é discutir os acontecimentos ao alcance da memória dos sujeitos de pesquisa, articulando com dados históricos alternativos.

Moro em São Carlos desde 2012, quando vim de Mato Grosso do Sul fazer pós-graduação. Ao olhar pela janela do ônibus quando vim pela primeira vez, avistei um belo e imponente cemitério logo na entrada da cidade. Jazigos e mausoléus grandiosos com símbolos católicos talvez mostrem a história de grandes nomes da elite da cidade e, ao mesmo tempo, ofuscam outras histórias não contadas, deduzi.

De fato, a cidade não foi criada de modo harmônico. Em 1857, sob cadáveres dos nativos indígenas e a expulsão da maioria dos sobreviventes para os sertões, com a assimilação<sup>14</sup> de

---

<sup>13</sup> Há controvérsias sobre o marco zero da cidade. Elegi a Catedral como marco zero seguindo as referências encontradas nos sites locais de comunicação e na própria página da Catedral, além da obra *Café e Indústria*, escrita pelo sociólogo Oswaldo Mário Serra Truzzi (2007), a partir da qual podemos notar, nas entrelinhas, sem menção a outra marcação sobre o início da cidade, que o povoado foi se expandindo em torno da Capela, transformada em Catedral posteriormente. Já a arquiteta e urbanista Renata Priore Lima, no livro *Limites da legislação e o (des)controle da expansão urbana* (2008), mostra que a povoação começou em torno do Córrego Gregório. Controvérsias à parte, levando em consideração os interesses em jogo ao tomar a Catedral e não um córrego em estado de degradação como o marco zero da cidade, podemos dizer que, arqueologicamente, a cidade começou a se urbanizar em torno do Córrego Gregório e, posteriormente, foi inventado que a Catedral é o ponto a partir de onde a cidade começou a ser povoada.

<sup>14</sup> Utilizo o termo assimilação de modo ressignificado, proposto por Truzzi (2012, p. 536) em seu artigo “Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito”. O autor mostra que é possível

seus descendentes caboclos como empregados nas propriedades rurais e diante de um contexto em que pessoas escravizadas eram exploradas nas fazendas de cana-de-açúcar e café, a cidade de São Carlos do Pinhal foi fundada (TRUZZI, 2007).

Desde o início da construção da capela de São Carlos em 1856, nome escolhido pela família Botelho que tinha tradicionalmente o Carlos como nome predominante, deu-se origem à povoação e, posteriormente, com a inauguração da estrada de ferro, em 1884, “a nascente vila auferiu a reputação de um incessante desenvolvimento no cenário regional” (Ibid., p. 35).

Como podemos ver, a cidade tem um pouco do nome do santo católico São Carlos Borromeu. Já o Pinhal, sobrenome acoplado ao nome da cidade, se explica em função de uma das Sesmarias – lotes de terras distribuídas pela coroa portuguesa aos beneficiários escolhidos a dedo a fim de “cultivar” os territórios inexplorados – que se chamava Sesmaria do Pinhal e era posse da família Botelho. Um deles, Antonio Carlos de Arruda Botelho chegou a receber um título de conde e ficou conhecido como Conde do Pinhal. O nome da cidade – São Carlos do Pinhal, mais conhecida como São Carlos apenas – revela dois fatos importantes sobre a fundação: a influência católica e a origem das terras ligada à aristocracia escravocrata. A Catedral coadunou, nesse sentido, os projetos de construir uma cidade pretensamente religiosa sob os mandos da elite local.

Como apontado na introdução, a maioria dos meus interlocutores de pesquisa considera a cidade conservadora. Muitos deles, que nasceram em São Carlos, tem essa sensação por causa do controle da família, das amizades e da religião em uma cidade que “não tem o que fazer”, dado o seu tamanho e as poucas opções de lazer. Tomo como exemplo a fala do sujeito de pesquisa que apresentarei mais adiante de modo mais detalhado. Gilberto tem 52 anos de idade e criou encontros sexuais com outros homens desde a sua adolescência em São Carlos. Vejamos uma parte do seu relato sobre a sua sensação:

São Carlos, eu não sei... É uma cidade muito moralista. Tem gente que vira para mim até hoje e fala: “São Carlos é uma cidade super aberta, eu vou morar em São Carlos”. Por quê? São Carlos é uma cidade meio moralista até hoje! Então, você quer até fazer alguma coisa, mas a cidade não te permite; a

---

usar esse conceito, que foi utilizado de forma etnocêntrica, se considerarmos que os “processos de assimilação podem ocorrer não apenas via mudanças em um grupo que o tornam mais próximo de outro, mas também via mudanças nos dois (ou mais) grupos, que minimizam suas diferenças entre si. Em resumo, a assimilação advém muitas vezes de processos de convergência entre grupos. Ao contrário de uma concepção estreita de assimilação, na qual um grupo adota os traços culturais de outro, em um processo convergente o impacto de culturas étnicas minoritárias sobre o *mainstream* pode ocorrer pela ampliação do que é considerado comportamento normativo pelo *mainstream*, portanto elementos de culturas minoritárias podem ser incorporados à cultura central para criar uma cultura composta. Tal processo refaz o repertório de atitudes, valores, gostos e preferências, preconceitos, elementos de cultura popular, mitos etc, que passam a ser incrementalmente incorporados e refazem o *mainstream*”.

população não permite você se arriscar. Entendeu? Não adianta querer ser e querer mudar a mente das pessoas. Então, isso dificultou muito a vida da gente aqui. E eu saía montada de dia pra rua. Nossa senhora! Uma vez eu fui no mercadão montada, fazer um trabalho meio-dia que o povo até hoje não entendeu se eu era um palhaço; se eu era um palhaço do circo de solei.

Não é possível determinar se a cidade é conservadora, ou é apenas uma sensação daqueles que se sentem sufocados pelas amarras sociais em uma cidade média do interior paulista. Por exemplo, os meus interlocutores de pesquisa universitários, vindos de outras cidades e que moram sozinhos ou em repúblicas, a consideram libertadora. A sensação é, portanto, situacional se pensamos sobre as homossexualidades; porém, não podemos deixar de considerar que existem outras moralidades articuladas a esta, que exercem influências sobre o contexto.

O que é aceito ou não em uma sociedade depende de como essas noções foram construídas. Para o sociólogo Steven Hitlin (2015), os seres humanos estão envolvidos em teias de significados pelas quais são moldados, conforme versões de certo e de bem. Os sujeitos são morais, não porque são altruístas, mas por viverem em um espaço social e assumirem posições sobre questões importantes naquela sociedade e grupo (Ibid.).

Para o autor, a moral cobre tanto os sentidos tácitos ou explícitos de forças coesivas pró-sociais subjacentes à sociedade. Não se trata de um sistema puro ou totalizante. Essas forças variam em cada contexto, e as pessoas

via de regra, ancoram seu senso de si nessas posições morais, padrões que oferecem um fundamento a partir do qual dar sentido ao mundo através de lentes morais. Uma sociologia da moral abrange a formação dessas crenças, sua relativa imutabilidade ou as circunstâncias em que elas mudam, sua influência sobre a ação e sua reconstrução retrospectiva frente a respostas invalidadoras ou pressões sociais. (HITLIN, 2015, p. 32)

Portanto, quando falo de moralidade construída em São Carlos, me refiro à resposta dos sujeitos às forças sociais, a partir das quais assumem lentes para dar sentido ao mundo. O que julgam ser certo ou errado varia de acordo com o contexto, que deve ser destrinchado para ver os empreendimentos tácitos ou explícitos e compreender o sentido das ações dos sujeitos.

Podemos ir captando aos poucos a atmosfera da cidade. Pela minha vivência nela constatei alguns fatos interessantes. O meu vizinho, são-carlense que tem mais de 85 anos de idade, me contou várias vezes – e para todo mundo que passa pela rua e interage com ele – que seu pai trabalhava para famílias “importantes” na fazenda e, posteriormente, após conhecer a sua atual esposa, conseguiu emprego em uma fábrica na cidade por meio de favores. Também já escutei meu amigo nascido e criado em São Carlos dizer que a sua mãe, faxineira, trabalha

na casa de “família de nome” há décadas, o que dá pistas de que a cidade é marcada pelo controle elitista – e industrial, com raízes na aristocracia em sua fundação – da renda. O meu vizinho, aposentado, descendente de italianos<sup>15</sup> e heterossexual, e o meu amigo, gay, “negro” e funcionário de uma empresa de serviços, são católicos e ambos frequentam a igreja quase todas as semanas. Eles parecem, nesse sentido, compartilhar uma moralidade criada localmente e influenciada por estruturas maiores. Para entender isso, é necessário fazer uma breve digressão histórica, pois é imprescindível voltar ao passado e entender como a cidade foi constituída. As influências da escravidão, imigração e industrialização são importantes nesse sentido.

Estudos mostram que os italianos foram recebidos, de bom grado, na cidade de São Carlos como mão-de-obra mais qualificada e aptos a prover ofícios especializados, ao passo que os descendentes de pessoas escravizadas não tiveram a oportunidade de serem reconhecidos socialmente<sup>16</sup>.

Já existiam normas promulgadas em direção à abolição, como a Lei do Ventre Livre em 1871, e a Lei dos Sexagenários em 1885, e “ambas as leis surgiram como fruto de rebeliões cada vez mais constantes e pelo crescimento geral da campanha abolicionista” (TRUZZI, 2007, p. 56). No entanto, os fazendeiros resistiram frente à articulação abolicionista e às rebeliões até os últimos momentos da sanção da Lei Áurea em 1888, quando tiveram que finalmente libertar os escravizados. Ainda sobre o contexto são-carlense, Truzzi (2007, p. 60) afirma que,

---

<sup>15</sup> Ele não se lembra de qual região da Itália seus ascendentes vieram. Truzzi (2007) afirma que os italianos menos favorecidos que vieram ao Brasil eram provenientes do sul, dando-se a entender que os imigrantes vindos de outras regiões da Itália tinham mais qualificações profissionais e tornaram-se consequentemente bem-sucedidos no comércio ou na indústria. No entanto, Mazutti (2009) afirma que a imigração dos italianos setentrional aconteceu primeiro, o que me leva a concluir que serviram como mão de obra nas fazendas de café - pois essa era a principal atividade econômica da época. Isso complexiza a visão sistêmica de que, aqueles que tinham mais conhecimentos técnicos por terem vindo de regiões setentrionais trabalharam na cidade tornando-se bem-sucedidos, e imigrantes com menos instrução por terem vindo de regiões mais pobres da Itália tenham ocupado funções que não exigiam conhecimentos prévios e técnicas – como em fazendas. Além disso, é preciso ter em mente que toda a Itália atravessava um momento de pobreza no fim do século XIX e começo do XX, e como afirma Alvim *apud* Mazutti (2009), o movimento migratório ocorreu devido às condições expulsoras da Itália, e não por caprichos dos personagens envolvidos. As diferenças de hábitos e língua entre um italiano do Vêneto e outro de Nápoles por exemplo eram significativas (ALVIM, 2006, p. 239). Isso fez com que as associações italianas em São Carlos tenham sido criadas em torno da identificação regional de origem, a saber a Meridionali Uniti Vittorio Emanuele III, que congregava preferencialmente os italianos menos favorecidos geralmente provenientes do sul, e a outra, a Dante Alighieri, que reunia os italianos mais bem sucedidos no comércio ou na indústria (TRUZZI, 2007, p. 89).

<sup>16</sup> Em 1907, alguns ofícios exigiam que os sujeitos fossem alfabetizados e “cruzando-se a capacidade de leitura com a variável cor e nacionalidade, observa-se que apenas um quinto dos brasileiros sabia ler, sendo quem entre esses o contingente mais prejudicado era o de pretos e mulatos, em que 10% o faziam. Entre os estrangeiros, os espanhóis exibiam as tachas menores (um quarto do grupo), italianos e portugueses registravam cerca de 30%, seguidos por turcos, diversos e alemães, esses últimos contando com 60% do grupo com capacidade de leitura” (TRUZZI; BASSANEZI, 2009, p. 210)

Ironicamente, a libertação teria a virtude de reforçar a ordem social, uma vez que fosse ela concedida e não conquistada. A abolição como dádiva sepultava o cativo ao mesmo tempo em que deixava inalterada a hierarquia na sociedade. Ideologicamente, os poderosos transformaram-se em únicos sujeitos da história e da abolição.

Nesse contexto da abolição, a imigração já tinha começado no Brasil. Especificamente em São Carlos, a primeira leva de imigrantes aconteceu em 1876 pela iniciativa do Conde do Pinhal (Ibid.). Podemos ver na tabela seguinte os dados a partir da década de 1880, quando a imigração se tornou mais expressiva:

**Imigrantes que chegaram em São Carlos entre 1884 e 1929**

ANOS	GRUPOS ETNICOS							Posição em rel. ao estado
	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Austríacos	Nacionais	Outros	Total	
1884	-	-	-	-	-	-	304	3°
1886	458	76	17	2	-	-	553	3°
1887	-	-	-	-	-	-	926	4°
1894	-	-	-	-	-	-	3.788	1°
1895	-	-	-	-	-	-	4.444	2°
1898	-	-	-	-	-	-	1.342	4°
1900	-	-	-	-	-	-	869	4°
1901	2.822	114	459	119	-	18	3.532	4°
1902	1.381	82	-	15	1	8	1.487	3°
1903	257	18	32	1	-	-	308	5°
1904	242	12	55	13	1	-	323	14°
1905	345	128	651	7	5	58	1.194	7°
1906	307	77	478	17	10	2	891	12°
1907	358	21	233	24	16	-	679	9°
1908	339	217	254	5	23	6	844	8°
1909	283	139	451	34	30	20	957	8°
1910	175	82	314	3	26	2	602	16°
1911	406	120	222	152	265	8	1.173	10°
1912	326	266	627	17	32	57	1.325	12°
1913	442	456	1037	25	115	110	2.185	7°
1914	214	424	710	2	87	64	1.503	3°
1915	125	176	157	-	144	58	660	7°
1916	94	131	198	2	41	24	490	12°
1917	115	46	120	-	86	30	397	30°
1918	27	23	49	-	64	120	283	24°
1919	30	33	60	-	29	17	169	34°
1920	33	59	284	-	315	91	782	12°
1921	888	67	71	-	81	99	406	25°
1922	-	-	-	-	-	-	175	-
1923	-	-	-	-	-	-	449	-
1924	-	-	-	-	-	-	430	-
1925	-	-	-	-	-	-	725	-
1926	-	-	-	-	-	-	520	-
1927	-	-	-	-	-	-	423	-
1928	-	-	-	-	-	-	784	-
1929	-	-	-	-	-	-	1.072	-

**Tabela 2**– Vinda de imigrantes que saíram da Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo.  
**Fonte:** Truzzi (2007).

O trabalho assalariado, nessa época, estava sendo implantado na região de São Carlos. Para Truzzi (Ibid., p. 69), dez anos após a abolição, mais de 80% dos trabalhadores rurais eram imigrantes, a maioria italianos. Para o sociólogo, o sistema de grandes lavouras passou a funcionar por meio do uso da mão-de-obra assalariada. A abolição não significou, entretanto, esfacelamento desse sistema nem sequer foram criadas pequenas propriedades. Para os negros restaram poucas perspectivas de mobilidade social. Os que ficaram nas fazendas recebiam salários menores, ao passo que os sujeitos que vieram para a cidade aglutinaram-se na periferia, formando um bairro de negros, hoje conhecido como Vila Isabel. Muito dos ex-escravizados foram marcados pela discriminação e marginalização e “passaram a experimentar, agora como pessoas, o desprezo de todas as classes da estrutura social paulista” (Ibid., p. 63).

Desde a fazenda, nas várias colônias havia habitações construídas pelos imigrantes europeus de forma diferente para se distinguirem como livres da escravidão. Truzzi (Ibid.) fala ainda que esses imigrantes, a maioria colonos, eram vistos como dotados de maior capacidade para o trabalho.

A produção do café, continua o autor, exigiu o desenvolvimento de segmentos industriais, produzindo artigos nos latifúndios de café até pelo menos 1935, quando a atividade cafeeira se tornou insustentável em razão da crise de 1929. Houve uma baixa na população, mas, ao mesmo tempo, houve iniciativas de pequenos negócios em 1930 que floresceram na década seguinte. Havia indústrias que supriam o mercado de consumo e, pouco a pouco, novos empreendimentos passaram a compor a economia da cidade. Destacaram-se os bem-sucedidos imigrantes e descendentes que não eram colonos inicialmente, mas advindos da classe média com técnicas e instruções. Já as pequenas atividades comerciais e industriais tiveram também o impacto de imigrantes europeus, que transplantaram com eles determinadas técnicas e atividades, mostrando-se como mão-de-obra qualificada e como pequenos empreendedores e consumidores. Assim, a maioria das pessoas que se instalou na cidade trabalhou como funcionário de indústrias.

A população urbana superou a rural em 1940, conforme mostra a figura abaixo. Isso parece ter ocorrido, segundo Truzzi (Ibid.), com a segregação espacial da população em péssimas condições de habitação:

Ainda que a diferenciação de status entre zonas urbanas tenha estado presente desde o início da cidade (os palacetes mais elegantes, por exemplo, situaram-se tradicionalmente em torno de duas quadras ocupadas pela Igreja Matriz e pelo jardim público, local de moradia de maior prestígio para os fazendeiros), parece datar dessa época um recrudescimento no processo de segregação

espacial, quando certas regiões da cidade passaram a abrigar populações em péssimas condições de habitação. De quando em quando, essa queixa aparecia repetida nas manchetes do jornal local: “O nosso caboclo, pequeno sitiante, desprotegido e pobre, achacado pela malária e pela poliverminose, num êxodo constante par as cidades, torna-se, forçado pelas circunstâncias, uma vítima do cortiço imundo, de um trabalho superior às suas forças combalidas, nas fabricas e oficinas”. (Ibid., p. 124)

É a partir da crise do café e da incipiente, mas cada vez mais promissora atividade industrial que foram colocados em movimento os discursos bairristas querendo valorizar a cidade para inseri-la no cenário Estadual, tendo, assim, adesão de classes médias locais que herdaram o município.

	<b>1935</b>	<b>1940</b>	<b>1950</b>
<b>População rural</b>	30.829	22.863	15.028
<b>População urbana</b>	20.791	25.746	32.703
<b>População total</b>	51.620	48.609	47.731

**Tabela 3** – População urbana e rural.

**Fonte:** Truzzi (2007).

Em minhas consultas ao arquivo da Fundação Pró-Memória, vi que existiam jornais em italiano e muitas associações entre os imigrantes em torno de sua profissão ou do seu pertencimento a uma nacionalidade italiana – algumas delas flertavam com o fascismo. Ser são-carlense é, por um lado, uma invenção criada por meio de narrativas, do empoderamento econômico e político de certos grupos que criaram modos de se sentirem parte da história local que estava sendo construída. Por outro lado, foram deixados de lado aqueles que, como vimos, foram marginalizados. O local de manifestações religiosas e culturais feitas pelos sujeitos escravizados era, segundo Truzzi (Ibid., p. 64), conhecida pela população branca como “cinzeiro”, por exemplo.

É fácil constatar os nomes “importantes” que a cidade teve no cenário político e econômico ao ver placas das ruas da cidade. Um exemplo é a Avenida Comendador Alfredo Maffei, conhecido como a pessoa que trouxe a primeira indústria à cidade no século XIX. Seus descendentes exercem até hoje influência política e econômica em São Carlos. Somado a esse perfil – da velha elite industrial - apresentado, acredito que são reconhecidos como de “nome” as famílias dos novos empresários ou ligados de modo personalista ao cenário político local.

As narrativas dos sujeitos com quem interagi revelam que existiam famílias de nome, e pudemos compreender melhor o sentido de suas falas a partir da contextualização de uma cidade

forjada a partir da dominação da elite no cenário econômico e político e das desigualdades sociais hierarquizadas e ressonantes até hoje. Por isso, ela reproduz muito do que foi feito no passado, mas com ressignificações. O meu vizinho, filho de colonos, veio para a cidade no contexto da crescente industrialização e de expansão urbana e demonstra gratidão aos favores recebido pela elite local. O meu amigo, nascido em São Carlos, assim como seus pais, demonstra orgulho de sua mãe trabalhar para uma família de nome. Ambos respiram a atmosfera da cidade criada de vento em popa pela elite. Esta é uma face do retrato da desigualdade de São Carlos.

Apesar das desigualdades, não devemos esquecer que a cidade teve a sua formação social privilegiada. Foi a primeira cidade a ser iluminada pelo uso da energia elétrica no Brasil e, em 1914, já tinha bonde elétrico. Estando no estado de São Paulo, sendo o caminho da estrada de ferro, foi uma cidade que teve condições de crescimento industrial, geração de renda e, consequentemente, uma privilegiada condição socioeconômica.

## **1.2 - A influência das primeiras mídias**

Os meus sujeitos de pesquisa viveram o período de popularização da televisão, o que possibilitou ao espectador ser afetado não mais apenas como ouvinte de rádio, leitores de jornais ou plateia de cinema. São, portanto, de um período cuja influência televisiva ainda era tímida, mas passou a fazer cada vez mais parte do cotidiano<sup>17</sup>. Não estou, entretanto, desmerecendo as outras mídias em favor da televisão. Todas foram importantes e impulsionaram mudanças, mas é incoerente articular dados históricos tão antigos com a memória dos meus sujeitos – que nem tinham nascidos – nem sequer com os materiais bibliográficos sobre as homossexualidades em São Carlos, que são extremamente poucos. Posso pontuar algumas mudanças na esfera afetiva a partir da rádio e dos cinemas; porém, o alcance da pesquisa, o recorte, estão condicionados à memória dos sujeitos, que dará mais consistência na argumentação e reflexão dessa tese.

Considero, nesse sentido, a televisão como um marco ao invés de jornais, rádios ou revistas, pois houve uma grande mudança nas formas e na intensidade como as informações passaram a circular, influenciando o modo como os sujeitos percebiam o mundo. Pouco a

---

<sup>17</sup> Conforme constatei em minhas análises dos jornais da década de 1940 ao 1980, 1950 foi o ano em que a transmissão televisiva foi inaugurada no Brasil, mas somente na década de 1970 ela ganhou cores e foi popularizada, quando houve a criação de estruturas – cabos, torres, antenas e satélites – e instalação de grandes fábricas – em especial na Zona Franca de Manaus –, o que possibilitou o aumento da produção e a redução dos preços.

pouco, a televisão passou a convergir muitos meios de comunicação até então presentes na época.

Podemos perceber por meio da seguinte crônica a sua recepção na cidade de São Carlos:

A chegada da TV  
(*O Diário*, 4 de novembro de 1981)

Não sei quando o rádio chegou a São Carlos; a data certamente se perdeu na noite dos tempos. Mas o que tenho ouvido ao longo da vida é que, quando isto aconteceu, poucas famílias possuíam aparelhos de rádio. E eram aparelhos de grande porte, alguns em forma de cúpula de igreja, enormes e desengonçados, dos quais ainda existem alguns por aí.

O cinema, por sua vez, era uma diversão incipiente, com suas fitas mudas em preto e branco, exibidas em telas que precisavam ser molhadas para não pegar fogo...

Hão de ter sido curiosas e fascinantes as coisas do começo do século; era o tempo dos inventos maravilhosos, do aparecimento da luz elétrica, do automóvel, do avião, do rádio, este último reunindo as famílias para escutar música e notícia. Como eram poucas as famílias que possuíam aparelhos de rádio, conforme já disse lá em cima, apareciam os “rádiovizinhos” para participarem da novidade, coisa que se repetiu quando a televisão chegou à cidade. No tempo da guerra, não sei por quê, muitos rádios foram recolhidos pela polícia; também nunca compreendi por que os donos desses aparelhos tinham que pagar, anualmente, uma taxa nos Correios e Telégrafos, isto, depois da guerra. Sim, havia a taxa do rádio, como existem hoje tantas taxas e tributos que temos que recolher, em prazo certo e improrrogável, enquanto nos movimentarmos sobre a terra...

Mas vamos a fatos mais recentes, para quando São Carlos passou a receber as primeiras imagens da Televisão Tupi, então a mais poderosa (e pioneira) televisão no Brasil. Muitas pessoas, como costuma acontecer em situações semelhantes, não acreditavam na qualidade das imagens e dos sons transmitidos para o interior; outras, mas decididas, não hesitaram em comprar os primeiros televisores, arrastando vizinhos e curiosos para engrossar a assistência doméstica: eram os chamados televizinhos.

A televisão veio a São Carlos no ano 1962, no mesmo ano em que os bondes elétricos das CPE eram retirados de circulação, fechando com chave de ouro uma época tranquila e romântica da cidade outrora. Hoje, pode-se dizer que não existe casa, seja ela rica, pobre ou remediada, que não tenha uma televisão a cores para entreter e informar o povo.

Bom, a verdade é que cheguei até aqui trazido no bojo de uma boa lembrança, sem querer com isso fazer história com tais fatos, embora verídicos, como podem os mais velhos testemunhar. Cheguei até aqui talvez mais para gravar uma data que já tem dezenove anos: 1962, ano em que demos adeus aos bondes e, simultaneamente, nos regozizamos com a TV, na realidade, um dos mais assombrosos inventos já vistos.

(KEBBE, 2007, p. 47-48)

O que importa aqui é justificar o meu recorte temporal e a seleção dos sujeitos de pesquisa, que viveram em um contexto em que acompanharam o crescimento vertiginoso do uso da televisão. São sujeitos que foram cada vez mais influenciados pelas mídias e que passaram a fazer parte de novas dinâmicas sociais impactadas pela intensificação da circulação

de informações. Consequentemente, como mostrarei durante esse capítulo, o modo como os encontros eram feitos passou também por mudanças. Fazendo um breve paralelo crítico e singularizado, na medida em que nos Estados Unidos havia afinidade entre o romantismo, o cinema e a propaganda na primeira metade do século XX, o que revela a convergência entre o romance e os negócios (ILLOUZ, 1997), em São Carlos os sujeitos frequentavam cinemas e assistiam à televisão, tendo essas duas esferas como uma das principais fontes para compreender os relacionamentos amorosos e a sua sexualidade – não do mesmo modo que o contexto norte-americano, é claro, mas com particularidades que dão sentido único para o contexto são-carlense.

Encontrei referências sobre os cinemas nos jornais entre os anos de 1942 e 1944 que analisei na Fundação Pró-Memória de São Carlos. Havia anúncios do cinema São Carlos e São José nos jornais, publicizando poucos filmes e desenhos animados estrangeiros – muitos da Disney –, a maioria de procedência norte-americana. Também eram exibidos notícias, filmes de curta-metragem nacionais de caráter obrigatório e longa metragens pelo menos uma vez ao ano. Vejamos:

Os anos 40, para o cinema nacional, de fato iniciaram-se dois dias antes do final de 1939, quando Getúlio Vargas assina o decreto nº 1.949 – certamente o mais importante para o cinema do país até então –, que estabelecia a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais de longa-metragem, pois os curta-metragens já tinham sido contemplados pelo decreto do “complemento nacional”. Cada sala de cinema teria de programar pelo menos uma longa nacional a ser exibido por ano. (FERREIRA, 2003, p. 89)

Não há nos arquivos da Fundação Pró-Memória de São Carlos menções sobre filmes nacionais de longa-metragem exibidos na cidade nessa época. Pode ser que tenham sido exibidos e não conste rastro deles nos jornais, cujo acervo disponível é incompleto. Caso realmente não tenham sido exibidos, então é patente a dependência local do imaginário do cinema estrangeiro, sobretudo norte-americano. No caso de homossexuais, estudos em outros contextos indicam que o cinema era um espaço de socialização e de busca de referências para compreender a si mesmo e aos seus desejos. Na ausência de referências explícitas à homossexualidade ou a personagens homossexuais havia a possibilidade de se identificar com as heroínas, o que James N. Green (2000) reconheceu nos contextos paulistano e carioca em seu livro *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*.

<b>HORARIOS</b> S. Carlos, 19,30 e 21,15 hr. S. JOSÉ, 20,15 horas		<h1>São Carlos e São José</h1> <p>EMPRESA TEATRAL PALLISTA</p>		<b>PREÇOS de hoje:</b> S. Carlos, 15500 e 16000 S. JOSÉ 19000 e 20000	
<b>HOJE</b> Sessões Populares 1-Complemento Nacional 2-A 20th Century Fox apresenta: <h2>Segredo da Noiva</h2> com Lloyd Nolan 3-Continuação do seriado A Volta do Resgate Verde com Warren Hull		<b>AMANHÃ</b> Sessões Chiques 1-Complemento Nacional 2-Notícias do Dia - Jornal da METRO 3-O Apagador de Incendios - Desenho colorido de Walter Disney 4-A Nova Universal apresenta: ROBERT PRESTON e LORETA YOUNG na super produção de Frank Lloyd <h1>«Paixão e Vingança»</h1>		<b>AMANHÃ</b> Sexta-feira Sessões Populares 1-Complemento Nacional 2-A RKO Radio Pictures apresenta: <h2>Casamento de Ocasão</h2> com Kent Taylor 3-Continuação do seriado SACRIFICIO GLORIOSO com Johnny Mac Brown	

**Figura 2** – Anúncio do cinema São Carlos e São José. Jornal *Correio de São Carlos*, terça-feira, 2 de junho de 1942.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

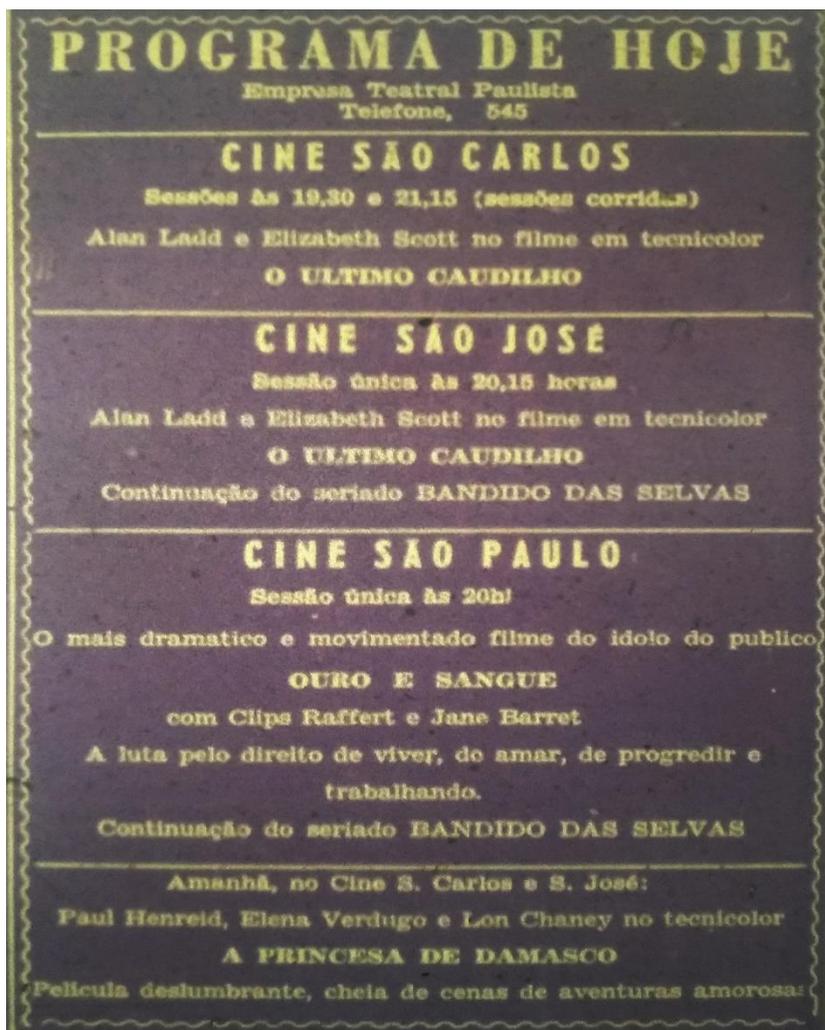
Porém, o interessante do conteúdo dessas publicidades de cinema é que lembra o que a televisão tomaria como programação décadas mais tarde. Noticiários, desenhos animados e filmes estrangeiros e novelas eram, como veremos mais adiante, a programação televisiva da década de 1970.

Programação T.V.	
CANAL 13	
BANDEIRANTES	
11.00 Padrão — ajuste para seu televisor,	12.00 — Cor — Globo Cor Especial.
11.15 — Curso de Madureza.	12.58 — Cor — Globo interior.
12.00 — Jornal do Meio Dia.	13.00 — Cor — Hoje.
12.40 — Transa Esportiva.	13.30 — Cor — Senhora.
13.00 — Revista Feminina.	13.58 — Cor — Globinho.
14.30 — Xênia e Você.	14.00 — Sessão da Tarde. O Malabarista.
16.00 — Seriado «O Piloto Misterioso».	16.00 — Cor — Sessão Aventura: Flipper.
16.20 — Caravana.	16.58 — Cor — Globinho.
17.00 — Têlo Molina.	17.00 — Cor — Show das Crianças: Waldo Kitty.
19.00 — The Big Valley.	17.30 — Cor — Faixa Nôbre: O Planeta dos Macacos.
20.20 — Economia.	18.00 — Cor — Vejo a Lua no Céu.
20.30 — Titulares da Notícia	18.45 — Cor — Tom & Jerry.
20.50 — Coluna 13.	19.00 — Anjo Mau.
21.00 — Cannon.	19.50 — Cor — Jornal Nacional.
22.00 — San Francisco Urgente.	20.15 — Cor — Pecado Capital.
Filme:	21.00 — Cor — Globo Repórter.
23.00 — A Vida Intima de Sherlock Holmes;	21.55 — Cor — Jornalismo Eletrônico.
REDE GLOBO	
10.15 — Cor — Padrão a Cores.	22.00 — Cor — Saramandá
10.30 — Vila Sésamo.	22.30 — Cor — Arquivo Confidencial. Filme: Apenas por Acidente.
10.58 — Cor — Globinho.	23.30 — Cor — Amanhã.
11.00 — Cor — TV Educativa.	24.00 — Cor — Coruja Colorida. Filme: O Renegado do Forte Petticoat.
11.30 — Cor — Mundo Animal.	
11.58 — Cor — Globinho.	

**Figura 3** – Programação da televisão. Jornal *A Folha*, terça-feira, 25 de maio de 1976.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Na década de 1950, já é possível notar que, em São Carlos, houve um aumento significativo de cinemas. Encontrei ao todo quatro<sup>18</sup> cinemas que funcionavam simultaneamente: o Cine São Carlos, o Cine São José, o Cine São Paulo e o Cine Teatro Avenida. Eles passaram a ocupar cada vez mais espaço no jornal, o que mostra a proposta de publicidade feita pela gestão bem-sucedida desses negócios. Coincidentemente, com o começo da disseminação da televisão, os cinemas locais passaram a intensificar as publicidades, como podemos ver na imagem seguinte:



**Figura 4** – Programação dos cinemas de São Carlos. Jornal *A Cidade*, sábado, 10 de julho de 1954.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

<sup>18</sup> Não incluí o Cine Teatro do SESI. Este fazia anúncios nos jornais, mas reproduzia alguns filmes esporadicamente.



**Figura 5** – Programação do Cine Teatro Avenida. Jornal *A Cidade*, quinta-feira, 12 de agosto de 1954.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

É notório que, na década de 1950, os cinemas passaram a ser anunciados com mais frequência nos jornais. É complicado, no entanto, compreender quanto custava as entradas na época. Apesar de ser possível fazer conversões com valores corrigidos<sup>19</sup>, não é possível entender muito bem como era o poder aquisitivo de cada pessoa. Por isso, não me arrisco a fazer ponderações baseadas em complexas estatísticas. Além desse limite, os valores convertidos e corrigidos até a atualidade são discrepantes, dependendo do índice utilizado, em função de metodologias diferentes.

O artigo intitulado “A exibição cinematográfica em São Carlos”, redigido pela Vivian Malusá (2005), oferece algumas pistas para entendermos um pouco sobre o acesso ao cinema. Segundo o artigo, alguns cinemas como o São José, o Cine Jóia e o Paratodos tinham um público de pessoas com menor poder aquisitivo, como estudantes e operários. Não encontrei referências sobre o Cine Jóia e Paratodos nos jornais que consultei, localizados em bairros afastados do centro da cidade.

Malusá (2005) expõe que existiram vários cinemas na cidade e alguns deles funcionavam em pequenas instalações. Apesar de eu não ter encontrado nenhum anúncio nos jornais que folheei, pode ser que, em consonância com o que a autora aponta, os anúncios seriam pagos e, portanto, os cinemas que não tinham renda suficiente não conseguiam fazer publicidade na imprensa. Seria necessário, desse modo, fazer um resgate histórico apropriado para compreender melhor como o cinema funcionava desde o começo do século XX.

<sup>19</sup> Em 1954 se pagava de cinco a dez cruzeiros na entrada dos cinemas. Se corrigirmos esse valor até a atualidade, dez cruzeiros seria o mesmo que 1,79 reais segundo o IPC – SP (FIPE) - Índice de Preços ao Consumidor, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Já segundo IGP – DI (FGV) - Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna - esses dez cruzeiros corrigido equivaleriam a 7,12 reais atualmente. A calculadora está disponível no site do Banco Central: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPublico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice#>>. Acesso em 30 abr. 2018.

Encontrei no jornal *A Cidade*, de 1955, a coluna de sugestão de preços dos cinemas. Foram avaliados apenas quatro cinemas, o que revela que as demais salas que existiam na cidade nem sequer eram consideradas. Vejamos:

As quantias estipuladas no estudo acima devem ser acrescentadas 10% de imposto de estatística e 15% de imposto municipal, o que é discriminado no quadro abaixo:

Categoria	Preços líquidos	10% imp. estatística	15% imp. municipal	Total
A (Avenida)	Cr\$ 4,80	Cr\$ 0,48	Cr\$ 0,72	Cr\$ 6,00 (6,00)
B	Cr\$ 3,84	Cr\$ 0,38	Cr\$ 0,57	Cr\$ 4,79 (4,80)
C	Cr\$ 3,08	Cr\$ 0,30	Cr\$ 0,45	Cr\$ 3,83 (3,80)
D	Cr\$ 2,40	Cr\$ 0,24	Cr\$ 0,36	Cr\$ 3,00 (3,00)

Quanto ao Cine Avenida, cumpre notar que o «Pulmann» é uma característica especial, o que autoriza a seus proprietários a determinação de um preço também especial. Neste ponto chegamos aonde queríamos. Comparemos os preços legais com os cobrados pela Empresa Teatral Paulista:

Cinemas	Preço legal	Preço cobrado
Avenida	Cr\$ 6,00	Cr\$ 6,00
S. Carlos	Cr\$ 6,00	Cr\$ 10,00 ( 66,66% a mais)
S. Paulo	Cr\$ 3,00	Cr\$ 7,00 (133,33% a mais)
S. José	Cr\$ 3,00	Cr\$ 6,00 (100% a mais)

Aí está a verdade sobre o assunto. Que os interessados na questão tirem suas próprias conclusões; nós, que fizemos o estudo, já tínhamos a nossa e a expuzemos em público. Temos certeza que a COMAP tomará as providências que o caso requer. A ela compete coibir abusos dessa natureza. A nossa opinião é de que, Cr\$ 6,00, é a quantia mais razoável para os cinemas de Categoria A. Quanto aos demais cobrariam os preços de acordo com a sua Categoria (D), e então teríamos:

Categoria	Preços líquidos	10% imp. estatística	15% imp. municipal	Total
A	6,40	0,64	0,96	8,00
B	6,10-20%	0,61	0,91	8,00 Cr\$ 6,40
C	5,12-20%	0,51	0,76	6,39 Cr\$ 5,10
D	4,10	0,41	0,61	5,12 Cr\$ 4,10
	3,28	0,32	0,48	4,08 Cr\$ 4,10

Concluindo:

Cine	Entrada	1/2 ent. e est
Cine Avenida	Cr\$ 6,00	Cr\$ 4,00
Cine S. Carlos	Cr\$ 6,00	Cr\$ 4,00
Cine S. Paulo	Cr\$ 4,10	Cr\$ 2,10
S. José	Cr\$ 4,10	Cr\$ 2,10

Essa é a nossa sugestão. Aceita ou não, pela Comissão, o essencial é que faça valer a sua autoridade. Plenos poderes para isso não lhe faltam.

ENIO MARIANO

**Figura 6** – Tabela de preços. Jornal *A Cidade*, quinta-feira, 29 de julho de 1955. Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Segundo essa sugestão de preço publicada pelo jornal, os cinemas eram classificados de A a D, sendo a A mais sofisticado e decrescendo de nível até o D. Em São Carlos havia dois cinemas classificados com a nota A – a Avenida e São Carlos – e duas D – São Paulo e São José. O preço praticado era de cinco a dez cruzeiros e a sugestão é que passasse a ser cobrado 4,10 pela categoria D e 8,00 pela A. Esses dados comprovam que havia cinemas que acolhiam público com baixo poder aquisitivo; sendo, provável, portanto, que muitas pessoas tenham tido possibilidades de acesso.

Até o momento foi possível entender que os cinemas já existiam e havia opções acessíveis para a população de baixa renda. Não entrarei no mérito de discutir se, apesar de ser acessível, os sujeitos tinham afinidade com esse espaço, pois é arriscado fazer esse tipo de afirmação. É infundado fazer deduções como grupo “x” é analfabeto, por isso não frequentava cinema, ou que a renda é diretamente proporcional à quantidade de acesso aos cinemas. É necessário um estudo localizado à parte.

Constatarei a partir dos jornais de São Carlos que, na década de 1960, os anúncios de cinema passaram a ficar mais escassos, ao passo que anúncios sobre a televisão se tornaram frequentes. Há, por exemplo, uma matéria parabenizando alguns são-carlenses que apareceram na televisão, assim como propagandas de venda de aparelhos e anúncios de que a transmissões a cores poderiam ser requeridas pelas emissoras a partir de 1972.

Se, na década de 1960, começou-se a anunciar a tecnologia televisiva, na década seguinte se intensificam as matérias sobre as programações e os conteúdos. A década de 1970 parece ter sido a década de transição dos cinemas para a televisão, em que esta se tornou mais importante. Os cinemas, no entanto, não sumiram, apesar de terem sofrido um desmonte significativo a partir da década de 1980 – é errada a visão de que uma tecnologia substitui a outra. Os cinemas continuaram sendo anunciados, mas com menos frequência e em espaços menores nos jornais. As propagandas das salas de cinema ficaram mais tímidas, ao passo que começaram a crescer colunas de astrologia (horóscopo), comentários sobre a vida dos atores e resumo de filmes em uma matéria chamada “Rádio, cinema e TV”, além de espaço especial para programação do que seria transmitido naquele dia na televisão. Notei também que, diferentemente das décadas passadas, passa-se a falar mais sobre a produção nacional, o que mostra o aumento da produção de conteúdo no Brasil. Contudo, as referências sobre os modelos internacionais não deixaram de estar presentes, como podemos ver na imagem seguinte, que mostra o “homem mais bonito do mundo”.

## Rádio, Cinema e TV



Bibi Vogel com Darlene Glória o estrelato de O Homem Celebre.

### MARILIA PERA CURTINDO UM FILHO

Marília Pera não tem mais tempo para pensar em TV: agora é a vez do bebê. Televisão só de vez em quando e, teatro, fica só para depois que ele nascer. "Depois de grávida só participei de três programas, a base de cachê, porque tão logo terminaram as gravações de Supermanuela pedi rescisão de contrato com a Globo. Não estava mais aguentando trabalhar.

Precisava parar para dar uma pensada na carreira, quando pintou a gravidez. Também não pretendo ir para outra emissora. Enquanto puder, vou trabalhando por cachê, fazendo trabalhos leves. O processo de gravações estava muito cansativo para mim". A respeito de futuros trabalhos em teatro, Marília ainda não vai pensar: "Gracino Júnior me procurou outro dia para me convidar a dirigir um espetáculo que ele pretende fazer. Trata-se do monólogo Corpo a Corpo. Tive que pedir alguns dias para pensar porque nunca dirigi. Será uma experiência nova, que estou inclinada a aceitar.

Porá isso, recebi uma proposta para trabalhar na peça "Pano de Boca, de Fauzi Arap, com nove personagens. Eu faria uma delas. Estou lendo, é uma peça interessante porque fala da gente e coisas do teatro. Mas isso é só para depois do parto". Com seis meses e meio de gravidez, Marília Pera, está passando muito bem. "Esta gravidez está sendo excelente, sem problema nenhum. Na primeira, apesar de ter passado bem durante todo o período de gestação, tive de trabalhar até 15 dias antes de Ricardo Cesar nascer. Hoje, felizmente estou mais tranqüila não tive enjôos, não engordei e meu peso só aumentou por causa da barriga.

Não sei porque, mas as pessoas dizem que toda gestante fica nervosa. Comigo aconteceu justamente o contrário. Estou tranqüilíssima. Acho que as pessoas só ficam nervosas quando a cuca já está meio confusa". Assim como Marília toda a família está curtindo a chegada do bebê: "Acho às vezes muita graça porque Joaquina, a filha de Nelson Mota, passa todos os fins de semana aqui com a gente e toda hora fica querendo sentir se o bebê está mexendo.

Depois, brinca com meu filho Ricardo César, de 13 anos, dizendo que este bebê é só irmão dela. Essas alegrias todas tem transformado minha gravidez na coisa mais maravilhosa que existe".

### CELSE: SUCESSO COM MUITO AMOR

"Como toda pessoa vinda do interior para a grande capital, passei grandes dificuldades em São Paulo. Trabalhei em lojas de discos, passei fome, tentei cantar em boates, mas nunca desisti da luta por uma chance nas paradas de sucesso. Finalmente minha oportunidade chegou". E hoje, em relação a 1968, quando veio de Minas Gerais, Celso Ricciardi não tem do que se queixar. Aos 23 anos, depois do sucesso dos dois compactos Te Amo Eternamente (que vendeu mais de 300 mil cópias) e Por

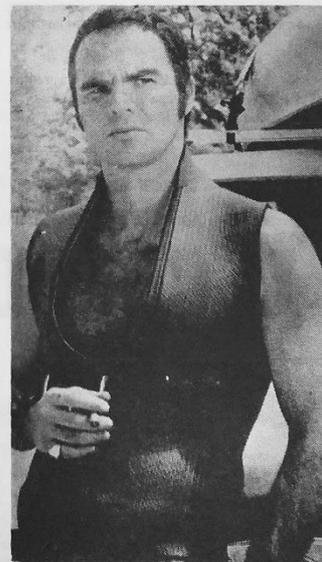
que Te Amo? (mais de 200 mil), ele se considera "um cantor feliz" e está lançando mais um compacto, pela Phonogram, desta vez um duplo. Olha-me Nos Olhos, puxa o disco, que tem ainda Romance de Amor, Solitário e Só Nós Dois. "Acreditamos muito nesse compacto — diz Celso — e, se tudo correr bem, algumas das quatro faixas poderão ser incluídas no LP que vou gravar em fevereiro". Mas, antes de começar as gravações, ele vai fazer várias excursões, começando pelo Sul e depois esticando até o Norte-Nordeste.

### PELÉ VAI GRAVAR COM CLARA NUNES

Pelé deu para sambista. E Clara Nunes poderá patrocinar esta nova fase na carreira do Rei... Semana passada os dois se encontraram após o show Brasileiro, Profissão Esperança e Pelé mostrou à cantora dos sambas, Liberdade e Sou Museu de Três Corações, que poderão ser incluídos no seu próximo LP. A idéia foi recebida por Clara Nunes com grande otimismo: "Eu acho muito importante o trabalho de Pelé, apesar de ser em caráter espontâneo. Já existia em mim uma grande admiração de minha parte em relação a ele e isso só veio aumentá-la". Pelé não está menos entusiasmado: "Olha, eu não faço música profissionalmente. Todas elas surgiram de brincadeira com os amigos ou nas concentrações. Agora, nesse encontro com Clara Nunes, nasceu a possibilidade dela gravar alguma destas minhas músicas, fato que poderá me trazer muita alegria, dada a minha admiração pela sambista". Pelé foi apresentado a Clara Nunes e Paulo Gracindo no final do espetáculo que os dois estão apresentando no Canecão e, durante o encontro, o Rei confessou: "Pensava que fosse morrer sem o conhecer. A minha admiração por você vem desde a sua participação na novela O Bem Amado". Pelé era igualmente fã de Clara Nunes, mesmo sem conhecê-la.

### DUAS NOTINHAS

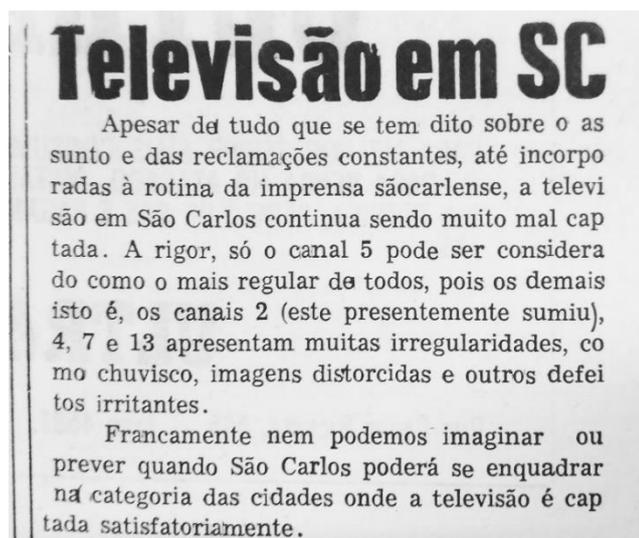
Benito di Paula deixando de lado a humildade que o caracterizou durante muito tempo e tornando-se vedete. Agora, o cantor — de muito sucesso — está pretendendo cobrar por seus shows em todo o Brasil um cachê superior ao pedido, por exemplo, por espetáculos de Roberto Carlos (um show de RC é vendido por 45 mil cruzeiros aproximadamente). Não é nada disso, Seu Benito. Devagar se chega lá. Você tem méritos e não vai ser coló



Burt Reynolds, considerado um dos homens mais bonitos do mundo.

Figura 7 – Rádio, Cinema e TV. Jornal A Folha, 4 de fevereiro de 1975. Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos.

As propagandas de televisores a cores passaram a ser anunciadas, assim como queixas sobre a péssima qualidade das transmissões também apareceram. Ademais, se antes a preocupação era majoritariamente ligada aos aparelhos e às tecnologias para transmissão, os olhares começam a ser dirigidos aos conteúdos. Ao folhear os jornais, senti que, na década de 1970, a televisão se tornou mais familiar às pessoas.



**Figura 8** – Reclamações sobre a televisão em São Carlos. Jornal *A Folha*, terça-feira, 18 de fevereiro de 1975.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Cada vez mais disseminada, a televisão passa a se tornar cada vez mais importante ao lado das já consolidadas salas de cinema e das rádios em funcionamento. Sobre as rádios da cidade, não existem muitos dados, já que, pelo que parece, não fazia parte da preocupação dos jornais anunciar notícias sobre elas. Uma pesquisa à parte poderia expor melhor as suas características desde a década de 1940, quando a pioneira Rádio São Carlos foi inaugurada. Destaca-se também, no período posterior, a Rádio Progresso, que passou a funcionar na segunda metade da década de 1950. Existem registros de fotografias nos arquivos da Fundação Pró-Memória de São Carlos de locutores e do espaço físico da Rádio Progresso, mas eles não dão pistas sobre as programações nem sequer o impacto dessa mídia. Para suprir essa falta de dados, realizei entrevistas com duas mulheres. Uma delas, ouvinte na década de 1970, e outra, proprietária da primeira rádio de São Carlos. Apresentarei mais dados sobre as rádios ao mostrar a transformação na esfera afetiva no capítulo seguinte.

As linhas telefônicas, por sua vez, foram expandidas na década de 1970. A Telecomunicações de São Paulo S.A. (TELESP) comemorou em 1975 a instalação da milionésima linha, propondo dobrar a quantidade em apenas três anos. Fica nítido que, em

pouco tempo, as linhas telefônicas se expandiram quando vemos as publicidades dos comércios em jornais na década de 1980, com números telefônicos para contato, que apareciam apenas de modo tímido na década de 1970.

É interessante notar, nesse sentido, que várias tecnologias foram sendo desenvolvidas e articuladas umas às outras. A disseminação da televisão e do telefone cresceu vertiginosamente na década de 1970. Esse terreno preparou a vinda da informática na década seguinte.

A aposta na informática começou a acontecer em meados da década de 1970, quando passaram a ser veiculados em jornais os benefícios que essas tecnologias poderiam trazer. Não é de se estranhar que essa nova tecnologia foi bem recebida, já que, em 1971, o departamento de Ciências da Computação e Estatística já funcionava na Universidade de São Paulo, no campus de São Carlos. Não tardou para que, em 1975, seguindo os passos da USP, a Universidade Federal de São Carlos – criada em 1970 – realizasse o primeiro vestibular para o curso de Ciências da Computação.

Essa aposta foi coroada na década de 1980, quando se expandiu a publicidade dos computadores e seus equipamentos e as possibilidades de expandir os negócios a partir do uso desses novos aparelhos. As matérias dos jornais de 1987 que consultei mostram como as universidades exerceram papel importante no desenvolvimento econômico da cidade. As chamativas manchetes como “Universidade desenvolve alta tecnologia em informática” ou “Alta tecnologia criou 28 empresas na cidade” evidenciam o reconhecimento do impacto da computação vindo a partir das duas grandes universidades públicas de São Carlos.

Não irei traçar, porém, a genealogia das tecnologias, pois este não é o meu foco. Busquei até o momento compreender a partir dos dados locais como se deu o acolhimento e o sentido dado a elas em São Carlos. A principal questão é evidenciar o que isso tudo tem a ver com a esfera amorosa.

Como mencionei anteriormente a partir de Illouz (1997), houve mudanças nas dinâmicas amorosas. A invenção do carro, que desloca o local de namoro tutelado pelos pais da moça, e os cinemas, que se configuram como um local de consumo que afeta os sujeitos por meio dos filmes, passam a fazer parte do roteiro exigido para o “cortejo” moderno. Além disso, para Illouz (2013), a secularização, que desvencilhou os sujeitos das amarras tradicionais, a expansão das indústrias de cosméticos, que ajudou a colocar o corpo em primeiro plano e a psicologização dos sujeitos a partir da responsabilização de si, com a autoajuda calhando muito bem no contexto do acirramento das novas formas de produção capitalista, foram grandes influenciadoras para que os relacionamentos heterossexuais passassem a ser construídos de outro modo.

Illouz (1997) está, no entanto, falando sobre o contexto norte-americano. Em São Carlos tudo isso aconteceu de maneira diferente. Além disso, meu foco são as homossexualidades e, ao longo da tese, poderemos ver as dinâmicas particulares em temporalidades diferentes. Por ora, neste capítulo elucidarei apenas as mudanças nas formas como as paqueras eram feitas na cidade e as sutis mudanças que aconteceram a partir da década de 1960.

No meu entendimento, diferentemente do contexto norte-americano, cujas mudanças nas formas de se relacionar aconteceram já na primeira metade do século XX, em São Carlos isso aconteceu de modo distinto a partir da segunda metade do século. Como expus, São Carlos é uma cidade que teve ressonâncias religiosas e elitistas arrastadas rigidamente ao longo do tempo. Ela é marcada pelas desigualdades raciais e de renda balizadas pela produção de café e, com o passar do tempo, elas se refletiram no ambiente urbano, marginalizando – social e espacialmente – sujeitos que enfrentavam dificuldades por causa dessas desigualdades.

Muita coisa mudou a partir do desenvolvimento industrial e comercial da cidade. As dinâmicas sociais certamente mudaram por causa disso, mas não foram suficientes para reinvenções radicais, até mesmo na esfera amorosa. A secularização tardou a acontecer, apesar das máquinas terem tomado o protagonismo na segunda metade do século XX.<sup>20</sup> Penso que uma das mudanças na esfera amorosa aconteceu em São Carlos a partir dos momentos de contato entre as pessoas, tendo também as mídias como grandes referências, com determinados espaços de sociabilidade fornecendo ferramentas para o borramento das fronteiras criadas historicamente.

Insisto em dizer que São Carlos tem uma história peculiar e, entre as pessoas com diferentes condições, existiam abismos que impossibilitavam contatos. Os relacionamentos amorosos heterossexuais eram construídos majoritariamente de modo endogâmico. Dentro desses relacionamentos estabelecidos entre pessoas com similaridades sociais – de renda e raça –, retraço algumas mudanças. Para compreendermos, farei no próximo capítulo uma breve recapitulação dos dados existentes sobre a endogamia. Veremos, também, como no contexto de penetração das mídias e do crescimento de modos de sociabilidades menos fechadas a partir da segunda metade do século XX, as pessoas com perfis socioeconômicos variados passaram a estar mais em contato uma com as outras, borrando, assim, um pouco das fronteiras que impediam até mesmo relacionamentos amorosos heterossexuais.

---

<sup>20</sup> Contraditoriamente a esse novo “espírito” do progresso que estava prestes a surgir, em 1949, para receber a motoniveladora comprada pela cidade, foi realizada uma cerimônia de bênçãos (TRUZZI, 2007).

## CAPÍTULO 2 – As mudanças na esfera amorosa

### 2.1 - A endogamia como característica dos pares amorosos

As buscas amorosas e as suas concretizações não se dão de modo neutro ou aleatório. Algumas explicações sistêmicas – principalmente feitas pelos demógrafos –, como as que veremos mais abaixo, mostram que os pares amorosos são formados por interesse, ao passo que outras resumem a formação dos casais à esfera do desejo como algo individual e à questão de gosto pessoal. Embora eu apresente a seguir alguns pontos de vista, atento ao leitor que as buscas e as concretizações amorosas ocorrem de modo mais complexo, cujos interesses não são puramente racionais nem os desejos puramente impulsivos. Isso quer dizer que o elemento subjetivo faz parte do racional e o desejo é uma construção social.

A constatação de que os relacionamentos se dão de modo endogâmico, ou seja, entre pessoas do mesmo grupo social, não é recente. Por meio de dados quantitativos apresento como a socialmente tão quista “harmonia”, “homogeneidade”, “equilíbrio” e o “feliz” encontro racial modernizante foi algo que não aconteceu.<sup>21</sup>

Em seu livro de 1955, intitulado *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social*, Thales de Azevedo revela que, no contexto baiano, homens negros se casavam mais com mulheres brancas. Em suas palavras:

É muito elevado na Bahia o número de casamentos entre pessoas que diferem quanto á intensidade de sua pigmentação e quanto á frequência de outros traços étnicos. Em 222 pares observados há poucos anos, 34 por cento eram da mesma cor, em 43 por cento o homem era mais escuro que a mulher em 22 por cento esta era mais escura (AZEVEDO, 1955, p. 79)

Segundo Azevedo, esses casamentos eram “muito desejados porque conferem prestígio ao cônjuge mais escuro” (Ibid., p. 82) e servia como uma forma de “melhorar a raça” (Ibid., p. 85). Já os brancos “justificam a sua oposição ao casamento com pretos, além das ideologias relativas a inferioridade mental e moral do negro, com a repulsa “instintiva” por certas características orgânicas dos africanos e seus descendentes mais próximos” (Ibid., p. 89).

---

<sup>21</sup> Laura Moutinho (2004), ao analisar a questão da raça em relacionamentos afetivos-sexuais, fez uma consistente recapitulação sobre a miscigenação. Ela mostra visões de pensadores como Nina Rodrigues, que se posicionava contra o contato entre as raças; do ensejo à “boa mistura”, de Oliveira Vianna; a melancolia de Paulo Prado; e as mestiçagens “positivas” de Gilberto Freyre. No entanto, apenas levo em consideração a vultuosa bibliografia sobre o tema, mas não faço essas recapitulações teóricas. De modo mais enfático, mostro por meio de dados quantitativos a existência de assimetrias e não da mistura ou mestiçagem.

Ao cabo desta reflexão Azevedo afirma que

os inter-casamentos são realmente o ponto crítico das relações raciais na cidade. Nesse terreno o comportamento se caracteriza por mais distanciamento e intolerância dos brancos, mesmo do que são apenas “socialmente brancos”, para com os de cor, o que exige um máximo de esforço para a acomodação recíproca dos dois grupos e para o ajustamento das personalidades aos padrões em vigor. (Ibid., p. 90)

Por meio dos dados demográficos e censitários do período de 1960 a 1980, a pesquisadora Elza Berquó (1988) desvela, em seu texto intitulado “Demografia da desigualdade – algumas considerações sobre os negros no Brasil”, informações preciosas para compreendermos como as conjugalidades heterossexuais estariam estruturadas. No quesito nupcialidade, a demógrafa mostra que os “pretos se casam mais tarde que os brancos ou pardos” (BERQUÓ, 1988, p. 77) e a razão de sexos, “em 1980, para brancos foi igual a 96,3 para homens para 100 mulheres, sendo de 101,6 para pretos e de 101,9 para pardos. Além disso, para pretos, a superioridade masculina se dava até os 30 anos de idade”. A partir desse ponto de vista, continua Berquó, “é de se estranhar que justamente as mulheres pretas que contam com um excedente de homens pretos, exatamente na faixa etária mais favorável às uniões, acabem por ter menores chances de encontrar parceiros para se casar”.

Em sua análise – que considero nesse ponto um pouco sistêmica por não ser do seu interesse as questões subjetivas das buscas amorosas – a autora levanta a hipótese de que “o excedente de mulheres brancas na população, deve leva-las a competir, com sucesso, com as pardas e pretas, no mercado matrimonial” (Ibid., p. 79). É também significativa a diferença “entre a proporção de homens brancos casados com mulheres mais escuras (pardas ou pretas), igual a 11,9%, e a de mulheres brancas casadas com homens mais escuros, 15,3%”. Já a “proporção de homens pretos casados com mulheres mais claras (brancas ou pardas), igual a 41,4%, quando contrastada com os 33% de mulheres pretas casadas com homens mais claros. Para homens pardos “é superior a proporção dos casados com mulheres brancas, 23%, quando cotejada com a de mulheres pardas casadas com brancos, isto é, 18%. Há por outro lado, mais pardas casadas com pretos, 4,9%, do que pardos unidos a pretas, 3,2%” (Ibid., p. 79). Novamente, Berquó sugere que

estes achados estão a indicar que o processo de miscigenação pelo qual vem passando a população brasileira está apoiado numa certa assimetria por sexo, onde a tendência ao clareamento se dá mais por força dos homens buscarem mulheres mais claras. (Ibid., p. 79).

Nelson do Valle Silva publicou um excelente texto no mesmo ano que Berquó, analisando os dados do censo de 1980 e levando em consideração a questão da cor em sua análise. No entanto, em um texto mais recente, escrito junto com Carlos Antonio Costa Ribeiro, os autores levaram em consideração dessa vez um recorte temporal maior – 1960 a 2000 – sobre as tendências da seletividade marital. Utilizando as amostras dos censos populacionais de 1960, 1980 e 2000, os autores evidenciam que os casamentos interraciais vêm aumentando. Em 1960 1 em cada 10 de todos os casamentos era entre pessoas de grupos de cor diferentes, em 1980 1 a cada 5 e, em 2000, 1 a cada 3. Apontam ainda que “o Brasil se transformou radicalmente em termos de estrutura social. Deixou de ser um país predominantemente rural para se tornar uma nação altamente industrializada, expandiu o acesso à educação em todos os níveis, modernizou-se de maneira rápida e definitiva” (RIBEIRO e SILVA, 2009, p. 8). Outras mudanças, como a diminuição das barreiras educacionais aos casamentos – casamentos entre pessoas com níveis educacionais distintos – e o crescimento do acesso ao sistema educacional – que diminuiu a desigualdade educacional entre brancos e não brancos –, teriam colaborado, segundo os autores, para o aumento das relações interraciais (Ibid.).

Vimos até o momento alguns dados que mostram que as desigualdades na esfera amorosa datam de muito tempo. É possível arriscar dizer que, em muitos contextos sociais do Brasil, a raça foi um dos fatores que influenciaram as formas como os pares amorosos eram formados.

Apesar do esforço feito pelos pesquisadores, há uma crítica feita pela antropóloga Ana Cláudia Lemos Pacheco que nos força a ir um pouco adiante:

Apesar da grande contribuição que os estudos demográficos vêm dando a esta problemática acerca das relações matrimonial-afetivas dos grupos raciais, consideramos que um estudo dessa natureza focaliza muito mais os fatores de ordem populacional em detrimento dos fatores sócio-culturais, embora estes últimos não sejam desprezados na análise demográfica.  
(PACHECO, 2006, p. 156)

São Carlos tinha, em 2017, 246.088 habitantes, segundo os dados do IBGE<sup>22</sup>. Já os divulgados em 2014<sup>23</sup> mostram que, do total de sua população em 2010, 72,34% eram brancos, 5,28% negros, 21,56% pardos, 0,74% amarelos e 0,09% indígenas. A configuração sociodemográfica atual pode, nesse sentido, nos ajudar a entender o uso das mídias digitais no

<sup>22</sup>Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>>. Acesso em 30 abr. 2018.

<sup>23</sup>Disponível:<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354890&search=sao-paulo%7Csao-carlos>>. Acesso em 30 abr. 2018.

município, mas tomar os números como naturais omite algumas desigualdades sociais constituídas historicamente, como de renda e raça.

Karl Monsma (2010) afirma, em seu artigo “Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no Oeste Paulista” que, em 1886, no município de São Carlos, 55% da população era constituída de negros, pardos e caboclos, e a população branca era somente 45%. Entre os 5.950 negros e pardos, 2.987 eram pessoas escravizadas. Em 1907, a proporção de brancos brasileiros aumentou para 48,1%, dos imigrantes italianos para 25,3%, e apenas 12,5% da população era formada por pretos e pardos.

O que teria acontecido entre 1886 e 1907 para que o número de brancos ultrapassasse o número de negros e pardos? Não entrarei em detalhes, mas é possível apontar alguns fatores que fizeram inverter proporcionalmente o número de negros e pardos em relação aos brancos. A baixa expectativa de vida dos negros durante<sup>24</sup> e “depois”<sup>25</sup> da escravidão foi um dos fatores. O “depois” está entre aspas, pois não houve “nenhuma política de incorporação dos libertos ao mercado de trabalho, antes uma política pró-imigração europeia, na constituição de um regime republicano autoritário que via no povo sempre um empecilho a ser embranquecido, higienizado e civilizado” (MISKOLCI, 2012, p. 24). Além da precária incorporação do negro ao mercado de trabalho e da falta de acesso à propriedade, houve a tão “desejada” imigração, tateante em 1880, mas massificada em 1897 e 1902, com a vinda de imigrantes italianos (NÓBREGA e DAFLON, 2009, p. 14). Nesse contexto, a escravidão legitimou a inferioridade,

que de social tornava-se natural, e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro (SCHWARCZ, 2012, p. 37).

A história do vencedor conta que a cidade de São Carlos é o que é hoje graças à imigração italiana, narrativa da qual os cidadãos são-carlenses se orgulham. Isso é facilmente constatado desde os discursos feitos pelo prefeito, os textos sobre a história da cidade, até os museus que destacam a “bem-sucedida” atividade cafeeira. Os conflitos sempre existiram, mas sempre foram ignorados propositalmente pela história contada pelos vencedores.

---

<sup>24</sup> Richard Miskolci (2012) revela que, em 1872, a expectativa de vida no Brasil era de 27 anos, mas de apenas 18 para os escravos.

<sup>25</sup> Lilia Moritz Schwarcz (2012) aponta em seu estudo que, mesmo após a abolição institucional, com a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1887) e a Lei Áurea (1888), a liberdade não significou igualdade.

A configuração sociodemográfica da cidade mostra como os sujeitos estão distribuídos na sociedade. Vejamos uma crônica que retrata a sua naturalização:

Ana Baiana  
(*A Tribuna*, 1º de maio de 1987)

Vendo-me escrever para os jornais, coisa que eu fazia com maior regularidade e gosto, tendo à mesa papéis, recortes e o dicionário, a antiga empregada nossa – uma preta forte, baiana de seios fartos – descansou o cotovelo na vassoura e falou assim:

- Vocês, jornalistas, são mesmo engraçados. Falam de gente importante, de tantos e tais figurões, mas não dizem uma palavra sobre a empregada doméstica.

Explicou:

- Eu fui apanhadeira de laranja e sofri o que o diabo esqueceu na terra. No inverno, tinha as mãos e os braços lacerados de tanto roçar nos galhos. Era um laranjal que não acabava mais. Ia tudo pra indústria de sucos. Tempo de chuva, então, era aquela desgraça ficar horas na beira da estrada, esperando o caminhão para levar a gente. E não tinha remédio, a gente trabalhava de baixo do maior toró, a roupa colada no corpo. Quanto mais colhia, mais ganhava, só que não era lá essas coisas, não. Hoje, não faço mais essa vida, pelo amor de Deus! Mas de nós, gente da lavoura, pobre, sofrida, mal paga, vocês não escrevem nada...

Seria inútil explicar a esta baiana que foram raríssimos os figurões que entraram em minha crônica. De resto, nem figurões foram. Não que eu tenha algum preconceito contra os figurões, mas eles vivem tão confortados e tão fornidos de incensadores, que pode perfeitamente dispensar a minha morfina colaboração. Para que a desejariam?

E acho também que seria inútil explicar a esta vigorosa nordestina, que um dia deixou a vida rural para ser empregada doméstica, que nós, homens do interior, “cabeças de bagre” como diria o saudoso Chico Ribeiro, e “botinas amarelas” como diziam (ou dizem) alguns paulistanos, sempre somos um pouco da lavoura, pois nascemos praticamente à beira do campo. O nosso contato com o pessoal da lavoura, Ana Maria, remonta à época distante, quando o Brasil era um país essencialmente agrícola. A freguesia da loja do meu pai e de outras lojas, Ana Maria, era basicamente constituída de gente rude e pacata, que labutou séculos no cabo da enxada e, aos sábados, vinha para a cidade em busca de sapatões, brim, guarda-chuva, chapéus, tecidos, armarinhos, cordas, querosene, remédios, anzóis, cordas de violão, fogos de artifício e uma infinidade de coisas. Eles vinham, com suas botas rangedeiras cobertas pela poeira, e eram simples, amáveis, autênticos, e desconfio mesmo que até felizes com a sua condição. Eram os nossos irmãos do campo que, com as suas mãos duras e sulcadas cheirando à terra, ajudaram a formar este colosso chamado Brasil.

Lembro-me dessa gente como se fosse hoje. Pechinchavam longamente em qualquer compra, eram muitas vezes logrados e, quando compravam “para pagar no fim do mês”, nunca falhavam. No dia aprazado lá estavam, inapelavelmente, dinheiro na mão, cumprindo a promessa.

Como se vê, Ana Maria cabra-da-pesto, embora nascidos na cidade, nós jamais deixamos de ser um pouco da lavoura, cada um plantando a flor à sua maneira: vocês plantam a flor verdadeira que um dia madrugará em cores e aromas para ornamentar a vida, o amor e a morte. E nós, Ana Maria, só

fazemos plantar estas mal recortadas flores de papel, que não enfeitam uma coisa nem outra.

Não sei do seu paradeiro, Ana baiana. Sei que arranjou um homem e foi viver com ele. Está feliz ou infeliz? Mas aonde quer que estiveres, seja na favela ou na roça, saiba que hoje, inexplicavelmente, me lembrei de ti com certa doçura e certa saudade, Ana baiana.

(KEBBE, 2007, p. 187-188)

Percebemos aqui que o jornalista – presumo que seja descendente de imigrantes brancos europeus<sup>26</sup> – se justifica ao dizer que seus antepassados se esforçaram tanto quanto as pessoas escravizadas que foram assalariadas posteriormente. De fato, é inegável que tenham trabalhado em situações precárias com baixa remuneração, assim como as pessoas escravizadas libertas e os seus descendentes. No entanto, o jornalista ignora o fato de que as oportunidades de trabalho tanto nas lavouras como na cidade em processo de urbanização eram bem diferentes. Karl Monsma (2010) afirma que, em 1907, apenas 3 “pretos” eram proprietários rurais. Incluindo todos os tipos de propriedade – inclusive a urbana – apenas 13,5% entre os “pretos” eram proprietários, 16% entre os pardos e 35,6% entre os brancos brasileiros. Nesse período 14,7% dos “pretos” com 15 anos ou mais eram alfabetizados, 30,5% dos pardos e 61,7% dos brancos. O ponto de partida já era desigual, e o desenrolar da história mostrou que a falta de oportunidades foi nociva para o desenvolvimento humanizado no país.

O jornalista da crônica certamente teve oportunidades diferentes da Ana Baiana e considera que “cada um planta a flor à sua maneira”. Para ele, o trabalho de seus ascendentes “ajudaram a formar esse colosso chamado Brasil” e se pergunta sobre o paradeiro da Ana Baiana, se é a favela ou a roça. Ao contestar o questionamento de por que ele não escreve sobre “gente da lavoura, pobre, sofrida, mal paga”, ele equipara a estes o sofrimento inicial de seus antepassados e afirma que, com esforço, fizeram parte da bem quista construção nacional imaginada.

Podemos pensar o Brasil como uma comunidade imaginada. Anderson (2008) defende que uma nação é uma “comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (Ibid., p. 32). Ela é imaginada na medida em que os membros “da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (Ibid., p. 32); é limitada “porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações” (Ibid., p. 32). Além disso, imagina-se a nação como

---

<sup>26</sup> Esclareço que Kebbe apenas organizou em seu livro as crônicas publicadas em jornais. “Kebbe” é um sobrenome oriundo da Síria ou do Líbano.

soberana “porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico de ordem divina” (Ibid., p. 34). Por fim, a nação é imaginada como uma comunidade, pois apesar das desigualdades e explorações, ela é sempre concebida como uma profunda camaradagem horizontal (Ibid.).

São Carlos é, nesse sentido, uma comunidade imaginada. A ideia de que temos uma língua e um território, ignorando um contexto em que os conflitos gritam, é um exemplo de como criamos um contexto imaginado. Como vimos, existiu um grande sentimento de pertencimento durante o desenvolvimento industrial em São Carlos, valorizando o que era genuinamente são-carlense para a aposta do progresso, pondo os marginalizados embaixo do tapete.

Podemos ir um pouco além. A história do Brasil não é algo dado, como se “as histórias nascessem prontas, a partir de um ato exclusivo de vontade ou do assim chamado destino”, como aponta Schwarcz (2012, p. 26). A autora afirma ainda que

se nos finais do XIX e inícios do XX, o ambiente nacional encontrava-se carregado de teorias pessimistas com relação à miscigenação – que por vezes previam falência da nação, por vezes o (necessário) branqueamento -, foi nos anos 1930 que o mestiço transformou-se definitivamente em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol. Redenção verbal que não se concretiza no cotidiano: a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser, como veremos, discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até no lazer. (Ibid., p. 28)

As invenções sobre raça ainda persistem como uma representação poderosa e mitigam a heterogeneidade, os conflitos e a hierarquização social, levando ao esquecimento das diferenças sociais como a raça, que é

uma categoria classificatória que deve ser compreendida como uma construção local, histórica e cultural, que tanto pertence à ordem das representações sociais – assim como o são fantasias, mitos e ideologias – como exerce influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente poderosas. (Ibid., p. 34).

A raça é, pois, “uma construção histórica e social, matéria-prima para o discurso das nacionalidades” (Ibid., p. 33) e concebê-la como uma categoria articulada ao gênero, sexo, idade e classe, implica “um esforço de desnaturalizá-las e contextualizá-las, recusando correlações rígidas e fixas entre características físicas, de um lado, e atributos morais e intelectuais, de outro” (Ibid., p. 34).

Não é de se estranhar que percebo em minha pesquisa que a maioria dos sujeitos com quem interagi deseja se relacionar com pessoas brancas, com nível de escolaridade elevada e residente em local valorizado econômica e socialmente na cidade. A articulação entre negritude, falta de instrução e local de moradia desvalorizado é algo que eles buscam evitar. Ninguém busca viver de amor genuíno, já que este não existe, mas, antes, todos estão inseridos em relações de poder. Não podemos dizer que os sujeitos são interesseiros, pois muitas vezes nem percebem o que buscam. É, antes, o efeito de todas as desigualdades constituídas socialmente, e, no caso de São Carlos, a endogamia é uma característica presente desde muito tempo.

Oswaldo Truzzi (2012) mostra que em São Carlos os casamentos eram endogâmicos, ocorrendo entre pessoas da mesma origem nacional e seus descendentes nascidos no Brasil. O autor não tabulou, no entanto, dados de casamento entre negros por falta de registros em igrejas ou cartórios, o que revela que estes não tinham acesso à formalização dos relacionamentos.

Aos poucos a endogamia dentro de grupos específicos – como italianos e alemães e seus descendentes – foi sendo dissolvida na medida em que as identificações de pertencimento passaram a vincular de modo menos rígido os sujeitos imersos em um contexto de transformação. Os horizontes para criar relacionamentos se expandiram e pouco a pouco a imaginação sobre o que seria uma comunidade são-carlense foi mudando. Os jornais publicados em italiano foram desaparecendo durante a segunda metade do século XX. Constatei também por meio dos jornais que as associações criadas pretensamente para reunir os italianos e seus descendentes foram abrindo as suas portas<sup>27</sup> para eventos voltados à comunidade em geral, na medida em que a necessidade de modernização se tornava mais latente na cidade, criando, conseqüentemente, associações em torno das profissões e não mais do sentimento de pertencimento tradicional local.

---

<sup>27</sup> O enfraquecimento das associações étnicas em São Carlos aconteceu também em razão do contexto da Segunda Guerra Mundial, principalmente daquelas que flertavam com o fascismo.

# 15 mil vão aos salões de baile da cidade



Aproximadamente 15 mil pessoas vão aos salões de bailes da cidade nestes quatro dias de carnaval, que tem início hoje, com base numa pesquisa feita pela reportagem de A FOLHA nesta semana, em contato com os diretores dos clubes.

No Instituto Cultural Italo-Brasileiro — ICIB — estão sendo esperadas pela diretoria aproximadamente 2 mil e quinhentas pessoas, enquanto que na Associação Beneficente dos Alfalates de São Carlos — ABASC — e no São Carlos Clube 3 mil cada. Haverá ainda bailes carnavalescos no Grêmio Recreativo Flor de Maio e ainda o carnaval popular do Ginásio "João Marigo Sobrinho", esperando-se a participação de aproximadamente quatro mil pessoas.

### DECORAÇÃO

Quanto à decoração os motivos quase são os mesmos. Abordando na maioria das vezes, como nos anos anteriores, palhaços e pierrots, com muitas cores. Na ABASC as pinturas foram efetuadas nas próprias paredes do salão e foram terminadas todas elas na última quinta-feira. No São Carlos Clube usaram mais papel laminado e luzes, que foram instaladas dentro de bonecos de isopor. Já no ICIB o tema foi o mesmo dos anos anteriores embora, juntamente com a orquestra, tenham sido gastos aproximadamente 30 mil cruzeiros, enquanto que na ABASC foram gastos 45 mil cruzeiros, como informou o diretor social Antonio Alberto Ivo de Medeiros, sendo que no São Carlos a verba gasta foi de apenas 12 mil.

De todo o modo os clubes já estão preparados para receber os foliões às 23 horas, numa série de bailes que terminam somente na terça-feira, para que tudo volte ao normal na quarta, às 12 horas, quando o comércio e a indústria voltam ao ritmo diário, dando por iniciada a quaresma.

**Figura 9** – Milhares de pessoas se encontram para festejar. Jornal *A Folha*, sábado, 8 de fevereiro de 1975.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Os eventos que passaram a acontecer com frequência nesses clubes significaram muito para o contato entre os sujeitos. Ressalto que os meus sujeitos de pesquisa que eram casados com mulheres ou eram de baixa renda se recordam de festividades como essa, que aconteciam em São Carlos, o que indica que era acessível e, possivelmente, ponto de encontro de pessoas que buscavam paquerar, abalando a endogamia. Embora quem tinha afinidade em frequentar o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro eram descendentes de italianos, é possível afirmar que houve interação entre pessoas com variadas condições socioeconômicas.

## 2.2 – As mídias e as transformações

Existe uma versão mais “branca”<sup>28</sup> sobre as mudanças na esfera amorosa. É o caso do impacto do cinema, que passou a fazer parte do roteiro daqueles que frequentavam as praças ao redor da Catedral para paquerar. Essa região foi onde a cidade foi fundada, e era considerada um local nobre, onde, como vimos, moravam pessoas com prestígio social, e, portanto, com condições financeiras favoráveis.

Vejamos essas dinâmicas a partir das crônicas publicadas em jornais. Destaquei os pontos que considero importante para compreender as mudanças na esfera amorosa:

As salas de cinema

(*A Folha*, 23 de agosto de 1982)

Vejo cartazes de cinema mas nenhum filme me atrai. Isto certamente acontece com uma boa parte da população, ou seja, as pessoas ficam olhando os cartazes mas não se sentem atraídas por nenhum filme.

Nos últimos tempos, conforme o noticiário da imprensa, numerosas casas exibidoras, inclusive no interior, resolveram encerrar as suas atividades, tendo em vista os prejuízos que vinham sofrendo. De onde se conclui que o cinema, infelizmente, não é mais o mesmo, o que se atribui à grande concorrência exercida pela televisão, à mudança dos hábitos da população, à baixa qualidade das fitas apresentadas e a vários outros fatores.

Realmente, a fase áurea do cinema já se remeteu ao arquivo, embora não se possa afirmar que o cinema acabou. Os dramas, as comédias e os westerns, aos quais o público acorria, permanecem na memória das pessoas mais velhas, **que costumavam se espelhar nos galãs e atrizes com os quais se identificavam, chegando a imitar os trajés e os cabelos de seus ídolos.**

Nossos coevos podiam, naqueles tempos deliciosos, programar o seu lazer, já que se multiplicavam as produções cinematográficas, com Hollywood funcionando a todo vapor, qual imensa usina de sonhos. **Desse modo, principalmente nos fins de semana, após o footing, a pedida era pegar a sessão das oito, com as plateias constituídas pelo que de mais representativo havia na sociedade.** As salas trescalavam a perfume, os homens não podiam entrar sem terno e gravata, as mulheres trajadas com elegância e requinte e, nas telas, os filmes de que jamais esqueceremos...

**Assim era a vida nos anos 1950**, anos bons do tempo do Cine São Carlos, hoje lembrado com nostalgia, ocasião em que foi inaugurado solenemente o Cine Avenida, com o filme *O Barco das Ilusões*.

Outra casa de vida longa foi o Cine Teatro São José, hoje transformado em loja de móveis. Como eram concorridas as suas sessões! Que rumorejantes e gloriosas vespéras apresentava, com seriados de aventuras e

---

<sup>28</sup> Quando falo “branca”, não estou me referindo apenas à cor da pele. Miskolci (2012, p. 51) mostra que a branquitude era um “ideal presente em vários discursos, dos políticos aos médicos e literários, os quais encontravam nela um denominador comum do desejo da nação, valor fundamental que guiava as demandas elitistas de branqueamento de nosso povo”. Nesse sentido, “ser branco e pobre era um oxímoro, por isso as classes populares eram vistas como ignorantes, imorais e até ‘selvagens’” (Ibid., p. 51). O importante da reflexão suscitada por Miskolci é consideração da branquitude como um conjunto de atributos sociais e morais. Ela não pode ser naturalizada como uma característica de uma pessoa que tem a cor da pele branca, pois a pobreza, por exemplo, pode até mesmo “enegrecer” os sujeitos.

vendedores de guloseimas espalhados à sua volta, e meninos trocando revistas de quadrinhos, numa grande algaravia!

Depois vieram as chanchadas, as pornochanchadas e outros filmes ruins, que não podem mesmo atrair senão uma minoria de frequentadores. De maneira que, estabelecendo-se um paralelo entre o que foi e o que é o cinema hoje em dia, pode-se dizer que aquilo foi realmente a Belle Époque – e a gente nem sequer desconfiava disso!

De qualquer maneira, é lamentável que as cidades do interior, já tão carentes de lazer e cultura, continuem a perder aquilo que elas têm de mais tradicional no campo do entretenimento – as salas de cinema.

(KEBBE, 2007, p. 48-49, grifos meus)

A praça, ontem e hoje

(*A Tribuna*, 1º de setembro de 1991)

Pessoas do meu tempo sentem saudades do “centro velho”, ou seja, da Praça Coronel Salles de **30 anos atrás**: era mais bonita, com suas árvores, sua pérgola, **o Cine São Carlos, o footing dos sábados e domingos, os passeios depois da missa das 10 horas, da Catedral.**

Será que os hábitos mudaram muito ou é a saudade que fala mais alto?

O footing, por exemplo, não se manifesta mais na sua forma original, com as moças passeando em fila, de braços dados, na expectativa de uma paquera conveniente dos rapazes plantados ao longo do desfile. **Hoje, a juventude se reúne em frente e nas imediações do Empório, bar de linhas nostálgicas, onde a cerveja e o bate-papo se combinam. E a jovem guarda fica por ali perambulando, como quem não quer nada, procurando flertar, testar o seu prestígio, brilhar um pouco. Seria, assim, uma espécie de footing à meia-luz...**

Ainda existem salas de snooker no centro. Não tão amplas como a Caverna de Ouro e outras, também antigas – mas ainda existem, como existem salas de jogos eletrônicos, coisa inimaginável no tempo da praça velha.

Para as extintas sorveterias do Romanelli e do Maneco, contrapõe-se quatro outras nessa região onde o chique desfilava em vestidos finos e ternos de linho, substituído pelo uniforme de jeans e tênis, devidamente assinados por quem nunca vimos mais gordo. E há cafés e chopes, como sempre houve, permeados de conversas e experts em tudo que é matéria, desde técnicos de futebol, capazes de escalar um time invencível, até os capacitados em nomear o melhor ministério do governo.

Se o centro perdeu a sua camisaria mais famosa daquelas décadas – a Camisaria Ventura – cujo dono há muito aposentou a tesoura e às vezes fica sentado na cadeira de calçada tomando a fresca – em compensação ali está, eterna, como vitrinas faiscantes, a velha Casa Maricondi, de relógios e pratarias.

De maneira que, o centro atual, não perdeu muito as suas características, estando mais ou menos nos conformes do antigo, palco de festas cívicas e populares, que nos lembra a presença das mais importantes personalidades desta República, como Plínio Salgado, Getúlio, Ademar, Borghi, Eduardo Gomes, Marechal Lott, Juscelino, Jânio, Emílio Carlos, Padre Godinho e outros oradores de nomeada, que nos predicam pelo dom da palavra, engalanando a nossa consciência cívica. Mas, hoje, parece que estamos pobres, nem oradores temos, e se os temos, não nos convencem mais...

Como se vê, algo mudou, naturalmente, na praça municipal. Mas nem tudo. As coisas fundamentais ainda existem, como os cafés, choperias, casas de jogos, pontos de paquera, sorveterias, etc. Tudo com cara nova.

(Ibid., p. 59-60, grifos meus)

A partir dessas duas crônicas enviadas para os jornais pelos leitores é possível constatar que os cinemas passaram a fazer parte do cotidiano daqueles que faziam *footings*. O *footing* pode ser entendido como uma caminhada informal ou um passeio. Entretanto, nesse caso, trata-se de paqueras feitas pelos rapazes e moças bem-vestidos que, além de caminharem na praça com esse intuito, tinham o cinema como parte do itinerário.

A primeira crônica mostra que as plateias do cinema localizado no centro eram constituídas por pessoas representativas que havia na sociedade e não se podia entrar se não com trajes elegantes. Desse modo, os *footings* e os cinemas da região central não eram acessíveis a todos. Essa dinâmica é o retrato da elite e da classe média profissional são-carlense. Quem circulava nesses locais, seja na praça ou no cinema, eram aqueles que tinham condições econômicas e não aqueles que foram marginalizados.

Como o autor da crônica nos conduz a entender, os sujeitos foram afetados pelos modelos vistos no cinema, levando-os a imitar os cortes de cabelo e modos de se vestir dos ídolos. Essa constatação traz elementos para compreendermos que as mídias e o cinema no caso ocasionaram mudanças nas formas como os sujeitos se inspiravam para construir a si mesmos e os relacionamentos.

Podemos ver também por meio da segunda crônica que o circuito Igreja-Praça-Cinema mudou. Segundo o autor, a jovem guarda passou a frequentar bares e “fica por ali perambulando, como quem não quer nada, procurando flertar, testar o seu prestígio, brilhar um pouco. Seria, assim, uma espécie de *footing* à meia-luz”.

Esse trecho evidencia um ponto extremamente importante. O *footing* era o modo como os relacionamentos passaram a ser estabelecidos, valorizando a individualidade do sujeito. Digo isso baseado na conversa que tive com o Gerônimo – um sujeito heterossexual, descendente de colonos, de 85 anos de idade, de um estrato social que teve contato tardio e tênue com mídias –, com quem interagi diversas vezes. Ao rememorar o passado, contando como conheceu a sua esposa, ele falou que, na década de 1940, ainda existiam casamentos arranjados. Ele e sua atual esposa moravam na zona rural quando se conheceram em um baile. Trocaram cartinhas enviadas por meio de conhecidos e, com muito orgulho, relatou-me, olhando para a esposa que estava sentado ao seu lado, que casaram por amor, mas tiveram que passar pela avaliação por parte das famílias da procedência um do outro para verificar se eram dignos.

Essa informação revela que os sujeitos estavam condicionados ao controle familiar, sem muita possibilidade de escolher quem bem entender. A cidade em meados do século XX era novidade, tendo, nesse contexto, a população urbana superado a rural. As possibilidades de

conhecer as pessoas se expandiram, e os locais públicos, como praças, se tornaram pontos de paquera. Por isso, vestiam-se da melhor maneira possível para ir à igreja, fazer os *footings* e frequentar os cinemas.

Isso significa muito quando pensamos nas possibilidades de poder conhecer pessoas e paquerar desconhecidos. Os elegantes trajes possibilitavam se exibir como pessoas bem alocadas socialmente e potencialmente boas para se relacionar. Já, quando na segunda crônica, o autor constatou que, diferentemente dos *footings* que aconteciam, a juventude “fica por ali perambulando, como quem não quer nada, procurando flertar, testar o seu prestígio, brilhar um pouco”, nota-se o protagonismo que os sujeitos passavam a ter em suas vidas, podendo paquerar a partir da sua individualidade, sem tantos enlaces tradicionais. Assim, cada vez mais os sujeitos puderam selecionar os parceiros.

Entrevistei Fátima, de 54 anos de idade e mãe de um locutor da cidade, para complementar as informações sobre as transformações afetivas, tendo como referência uma outra mídia: a rádio. Ela confirma que existiam os *footings* feitos durante o dia após a missa; no entanto, ela morava em um bairro afastado do centro, onde os sujeitos tinham menos poder aquisitivo. Desse modo, eles não costumavam ir ao cinema.

Pelo que ela relata, os sujeitos pareciam estar mais afeitos a se inspirar em modelos mais populares como Tônico e Tinoco, Lio e Leo, Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Como demonstração de interesse, muitas vezes, bilhetes eram entregues por terceiros, ou na rádio da igreja, onde os *footings* estavam sendo feitos, e era anunciado que fulano vestido com determinadas roupas achou a fulana com roupas de características específicas bonita.

Os homens tinham todos cabelos compridos e calça boca de sino, imitando os cantores populares da época, e quem não tinha essa vestimenta sequer era notado. Foi no *footing* desse contexto que Fátima conheceu seu esposo – que tinha cabelos longos –, pois, como não iam para o cinema, se conformavam em trocar cartinhas uma vez por semana ou conversar sentados na calçada.

Ela, que sempre imaginou os atores por meio das radionovelas, se decepcionou com o que viu pela televisão. Mesmo assim, reconhece que a moda, antes trazida por pessoas que tinham ao menos condições de comprar revistas para saber como os cantores se vestiam, passou a ser mais popularizada pela televisão. Apesar do aparelho ter sido caro inicialmente, lembra que aconteceu o mesmo que o rádio, que era escutado na casa de quem tinha.

Trago outro exemplo a partir de Lilian<sup>29</sup>, filha de Gisto Rossi, fundador da pioneira rádio de São Carlos. Ela conta que Gisto, sendo autodidata, formou-se engenheiro eletrônico pela Universidade Instituto Rádio Rey, de Buenos Aires, fazendo o curso por correspondência e passando a fabricar equipamentos eletrônicos. Com os aparelhos de fabricação própria, começou a instalar a rádio. Mesmo com o impedimento da Portaria 269, de 1936, que não permitia a existência de emissoras no raio de 200 quilômetros uma da outra<sup>30</sup>, ele conseguiu concessão em 1940.

A rádio tinha um pequeno auditório, de onde se podia assistir aos locutores falando ou atores interpretando em radionovelas, passando a ser o principal meio de entretenimento e veículo de informações. Com menos de uma década de funcionamento, as instalações da emissora foram ampliadas, com a construção de um auditório de 1000 lugares numerados, inaugurado com a presença de Carlos Galhardo.

No primeiro momento estranhei o fato da rádio ter tido auditório, mas tornou-se menos estranho quando Lilian foi me explicando que não existiam tantas alternativas de lazer na época. Sendo assim, as pessoas se deslocavam até as rádios para assistir às pessoas falarem ou ver uma apresentação de dança, pois o som era transmitido ao vivo.

A meu ver, parecia uma espécie de casa de espetáculos que transmitia os sons por meio das rádios. Lilian me mostrou várias fotos dos narradores da radionovela e do cine rádio. Com brilhantina no cabelo, eram considerados galãs na época, e as pessoas iam até a rádio para conhecê-los, apesar de que ser artista era o mesmo que ser uma pessoa, em suas palavras, vagabunda ou que não prestava. X leitorx poderá conferir as descrições da estrutura da rádio e a aparência das pessoas consideradas bonitas nas fotografias cedidas pela Lilian, as quais organizei e coloquei ao fim deste capítulo.

Lilian se recorda que um dos temas da radionovela escrita por sua mãe, Sylvia Yvonne, uma grande romancista, escritora, jornalista e professora, tendo ganhado prêmios pela sua produção, tinha mulheres protagonistas, mas por ser “muito para frente”, emissoras em São Paulo – onde a Sylvia circulava/trabalhava – se negaram a reproduzir. Ela conta também que, muitas vezes, músicas eram pedidas por sujeitos que tinham flertando nos *footings*. Esse

---

<sup>29</sup> Os nomes “Fátima” e “Lilian” são verdadeiros. Não há possibilidades de causar embaraços a elas - que se consideram heterossexuais. Fátima é casada a mais de 30 anos e Lilian é viúva. No caso de Lilian, que tem 79 anos de idade, a ocultação do nome verdadeiro seria uma tarefa muito difícil pois ela é uma personalidade influente na cidade e uma das únicas pessoas que poderiam revelar informações sobre o passado da rádio em São Carlos.

<sup>30</sup> A existência de uma rádio em Araraquara, a menos de 50 quilômetros de São Carlos, foi um empecilho para a instalação da emissora.

programa, chamado “felicitações”, permitia que as pessoas enviassem mensagens e músicas para seus pretendentes.

Assim como Fátima, Lilian relata com maestria como era a dinâmica do *footing*: homens parados e as moças andando e, como não havia telefone, para demonstrar o amor o pretendente ficava a semana toda andando de bicicleta em frente da casa mulher pretendida, enquanto ela observava o gesto romântico pela janela. Para Lilian, no passado as coisas eram mais românticas, uma vez que até o casamento não se podia sequer andar na mesma calçada que o seu pretendente. Naquele tempo, diz ela, as pessoas escutavam as vozes e imaginavam, a ponto que seu irmão viu a sua irmã sendo trazida pela cegonha. Em suas palavras: “Se imaginava como as pessoas eram, como se apaixonavam. E se decepcionaram quando viam que não era parecido com o que esperavam”.

Fátima e Lilian trazem elementos para pensarmos como as mídias, em especial as visuais, criaram transformações nos modos como o amor era compreendido. Aquela velha imaginação romântica, a partir da qual permitia-se os *footings*, sucumbiu às visualidades.

Até o momento mostrei que os relacionamentos heterossexuais eram feitos entre pessoas com similaridades sociais e indiquei algumas mudanças nessas dinâmicas a partir do esfacelamento da tradição, que aproximaram pessoas que, historicamente, foram alocadas em posições desiguais. Expus também os circuitos elitizados – cada vez mais ligados aos locais de consumo – que gradativamente proporcionou o protagonismo aos sujeitos na escolha dos parceiros. A partir de Fátima e Lilian, temos elementos para compreender os contextos mais populares, assim como a imaginação romântica foi sendo dissolvida.

Essa tarefa longa e cansativa é de extrema importância para entendermos as relações homoeróticas. Homens que se relacionam com outros homens não são alienígenas que vivem em uma sociedade apartada daqueles que pretensamente vivem a heterossexualidade. A partir do capítulo seguinte, darei enfoque às homossexualidades, sem deixar de articular todo o contexto apresentado até o momento.



**Figura 10**– A primeira sede da Rádio São Carlos em 1940.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 11** – O primeiro auditório.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



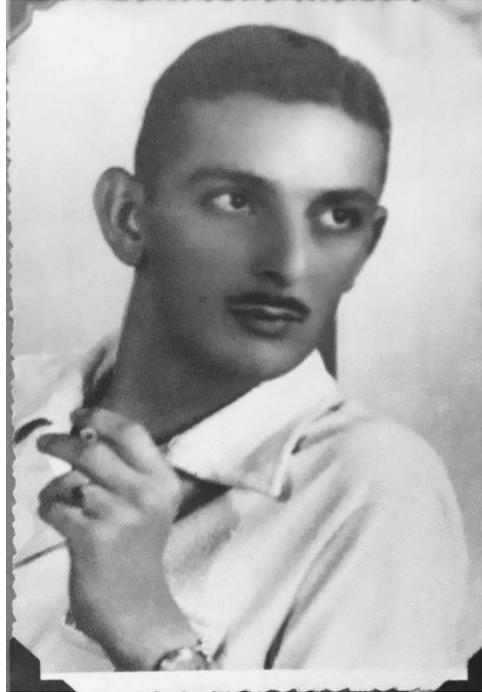
**Figura 12**– A fábrica de rádio.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 13** – Celebridade em São Carlos.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 14** – Miss Brasil em São Carlos.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 15**– Rapaz considerado galã na época.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 16** – Rapaz considerado galã na época (2).  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 17** – O elenco da radionovela e cine rádio.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 18** – Apresentação na rádio.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 19** – Elenco atuando.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 20** – Elenco.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 21** – A plateia.  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.



**Figura 22** – A plateia (2).  
**Fonte:** Acervo privado de Lilian.

## **CAPÍTULO 3 – A construção de encontros sexuais entre homens**

### **3.1 A concepção moral**

Volto agora para a Catedral da cidade. Ela está localizada na região central, um pouco acima – por se tratar de uma cidade de muitos relevos – da parte comercial, que está edificada em volta, e também literalmente acima do Córrego Gregório, de águas sujas e odor típico de esgoto. O centro comercial fica no sopé da colina, muito íngreme, e alaga constantemente quando chove muito forte. Já a Catedral não é arrastada pela enxurrada e é um pouco menos afetada pelo movimento das pessoas fazendo compras duas quadras mais para baixo. Na frente dela, tem uma linda praça chamada Praça Paulino Botelho. Por ter sido o jardim da casa do Conde do Pinhal, ela é bem arborizada e a luz solar quase não passa pelas folhas. É até um pouco escura durante o dia.

Maria é a mulher de 50 anos de idade que me foi indicada para dar o pontapé inicial da “bola-de-neve”. Ela se relaciona com outras do mesmo sexo e conhece um pouco da dinâmica das homossexualidades masculinas. Apesar de se considerar inapta para dar informações por ter se relacionado amorosamente de modo fixo durante longa data e ter tido apenas breves convivências com homens que criavam encontros com outros do mesmo sexo, Maria concedeu uma entrevista. A nossa interação durou duas horas; no entanto, as informações que obtive tocaram apenas indiretamente a questão da homossexualidade. Durante a entrevista, ela levantou questões a mim, curiosa em saber como teriam vividos homens que se encontravam com outros homens. Nesse sentido, ter me encontrado com Maria foi produtivo, pois pude incorporar algumas de suas inquietações, por meio das quais busquei desvendar as vivências homossexuais a partir de outros interlocutores.

Ao pedir a ela indicações de contato de algum homem que tivesse tido experiências em criar encontros com outros do mesmo sexo no passado, Gilberto, de 52 anos de idade, foi sugerido. Por ele ser uma pessoa bastante conhecida na cidade e com grande conhecimento sobre as vivências das homossexualidades em São Carlos, ela achou melhor eu procurá-lo. Fomos até um bar perto da casa dela e pegamos o número do telefone de Gilberto com o dono do estabelecimento.

No mesmo instante, enviei uma mensagem pelo aplicativo chamado WhatsApp e, com prontidão, Gilberto me respondeu e se disponibilizou em dar uma entrevista. Marcamos para o dia seguinte. Fiquei curioso para saber quem seria essa pessoa, já que a foto exibida no perfil de seu contato era uma foto azulada que trazia a imagem de duas bocas se beijando com uma

mensagem de amor e carinho. Embora apreensivo para conhecer alguém sem ver a foto, me senti seguro por ter entrado em contato com ele por indicação.

Gilberto achou melhor eu ir para casa dele, onde poderia conversar comigo em um ambiente confortável e longe de olhares e barulhos da cidade. Talvez tenha sido uma boa opção, já que passamos mais de duas horas conversando e seria cansativo passar a tarde em um banco de uma praça qualquer. Entretanto, ele não me passou o endereço de sua residência. Acredito que não o fez por motivos de segurança, já que ele não me conhecia e achou melhor verificar quem eu era pessoalmente antes de permitir que eu entrasse em sua casa. Marcamos de nos encontrar em frente da Catedral, em uma praça.

“Me espera do lado da fonte. Estou de preto, com uma camiseta da Coca Cola”, disse ele quando eu já estava a caminho da praça. Fiquei esperando por 15 minutos ao lado dessa fonte, contemplando a Catedral do outro lado da rua. Com a demora dele, revisei o roteiro de entrevista que eu tinha elaborado e que serviria como um guia para o direcionamento da conversa. No geral, eram perguntas sobre o acesso às mídias, a vivência dos encontros sexuais, o impacto da epidemia da AIDS e o uso das mídias digitais.

Depois da espera, um homem com camiseta de cor preta com estampa da marca de refrigerante Coca Cola, boné azul e desfiado na aba, óculos escuro e short jeans bem justo, também com detalhes desfiados, surgiu. Gilberto logo me identificou e me cumprimentou com um aperto de mão e, em seguida, fomos andando para a casa dele, que é perto de onde estávamos. Vendo pela frente da casa, parecia uma residência comum, mas passando pelo corredor lateral via-se que ela era imensa. Foi herdada por ele e uma parente com quem mora junto até hoje. Pensam em vender a casa e comprar um apartamento para cada um, mas julgam ser mais confortável estar na companhia um do outro.

Gilberto é solteiro e trabalha apenas uma semana por ano – em dezembro – como maquiador de companhias de dança. Trabalhou durante longa data como cabelereiro, ofício que aprendeu na cidade de São Paulo quando morou por lá durante três anos, além de ter trabalhado como cuidador de idosos. Considera-se são-carlense, apesar de não ter nascido na cidade e ter se ausentado durante três anos.

Gilberto nasceu em São Paulo e se mudou para São Carlos quando tinha 12 anos de idade. Em São Carlos, teve as suas primeiras experiências sexuais com outros homens em sua adolescência. Durante a noite, encontrava seus amigos no ponto de encontro, a Catedral, com quem ficava na esquina sentado a noite toda, esperando homens passarem na rua para flertarem e criarem encontros sexuais, muitas vezes ali mesmo, nos becos escuros da igreja.

Segundo Gilberto, que aprendeu a criar encontros com outros homens daquele modo e passou a entender a si mesmo a partir daquele contexto, a Catedral – que evoca um lugar muito menos marginal do que um parque ou uma rua escura – foi durante mais de uma década o principal ponto de encontro para sexo casual da cidade. No entanto, houve um período – dos 18 aos 21 anos de idade –, em que ele se ausentou de São Carlos por ter sido expulso de casa pelo seu pai, que não aceitou o seu modo de viver. Diante da exposição, já que ficava na rua procurando homens, acreditou ser necessário contar à sua família, mas, em suas palavras, “contei e me estrepei” e, por isso, foi morar em São Paulo, voltando apenas quando seu pai adoeceu e a sua mãe passou a precisar de cuidados de saúde.

Ao retornar para São Carlos, continuou a seguir o ofício de cabelereiro. De noite a Catedral ainda era o ponto de encontro para se reunir com amigos e criar encontros sexuais com homens. Que irônico, pensei. Logo a Catedral, o símbolo da moralidade da cidade, foi “profanada” durante mais de 10 anos. Descobri que, em nenhum outro lugar da cidade, nunca se juntou tantos fluídos sexuais a partir de desejos entre homens. Muitos deles eram casados que viviam de modo presumidamente heterossexual e encontravam nos entornos da Catedral sexo com outros homens e, muitas vezes ali mesmo, se deliciavam com os desejos considerados ainda mais intoleráveis naquela época.

Comecei esse capítulo propositalmente descrevendo a Catedral, o marco zero da cidade. Quis expor como ela, construída pela demanda da elite local, representou e concatenou em seu entorno a construção de uma cidade que expandiu, juntamente com o espaço urbano, a religiosidade, apregoando uma moralidade que influenciou as pessoas a enxergarem com estranhamento as sexualidades não procriativas. As homossexualidades eram vistas como pecados, inseridas na esfera do “mau caratismo” e, especialmente com o impacto da ciência sobre as sexualidades, passaram a também serem vistas como doenças, passíveis, portanto, de serem curadas, diferentemente de hoje, o que mostra como essas noções foram sendo transformadas historicamente.

Com o intuito de explorar melhor as décadas passadas, apresento um trecho da conversa que tive com o Gerônimo – meu vizinho que já citei acima –, que vive em São Carlos há 85 anos. Interaço com ele quase todas as semanas, já que ele fica sentado em um banco de concreto em frente de sua casa olhando a rua na maior parte do dia. Naquele momento eu queria compreender melhor como os bairros de São Carlos foram sendo formados por meio de loteamentos providos pelo governo ou pela iniciativa privada. Porém, durante a conversa, o assunto sexualidade apareceu quando passou em nossa frente um jovem rapaz com um topete

enorme, caminhando delicadamente. Desconcertado, Gerônimo interrompeu o assunto que estávamos tratando e disse:

Não sei se nasce assim ou se é sem vergonhice. Quando eu era jovem, não tinha disso não. A maioria morava no rural ainda, e no máximo faziam assim: encostavam a égua em um barranco... e essa era a diversão. A gente casava tudo virgem de mulher. Mas depois que mudei para a cidade, ainda não tinha esse negócio de ser viado não. Só esses últimos anos que começou a aparecer um monte. Não sei se nasce assim, não. O que você acha?

Podemos perceber que, indiretamente, ele associa a homossexualidade a algo fora da esfera do humano, comparável ou até pior do que a bestialidade. Parodiando e descontextualizando um trecho da música “Geni e o Zepelin”, composta por Chico Buarque, tudo indica que o Gerônimo e seus conhecidos “preferiam amar com os bichos” e não percebiam a existência de pessoas fora da norma. É mais lúcido pensar, entretanto, que aqueles que se encontravam com pessoas do mesmo sexo o faziam em segredo e agiam com cautela ou discrição. Nesse ponto do texto me faltam dados históricos sobre a discriminação e a violência contra as pessoas fora da norma heterossexual, mas se a invisibilidade é algo que predominava, é provável que existia uma grande coerção, pois o preço da normalidade é o silenciamento das diferenças sociais.

Em sua fala, fazer sexo com animais como a égua era algo comum e até mais concebível e menos reprovável do que desviar da norma heterossexual. Há uma ideia biologizante da sexualidade, ou um julgamento de caráter presente no questionamento de Gerônimo: “Não sei se nasce assim ou se é sem vergonhice”.

Usualmente, compreende-se que o homem é o homem/pênis e a mulher é a mulher/vagina. Essa visão biologizante é bastante comum, como podemos perceber na fala do Gerônimo, que estranha a não coerência entre o sexo e o gênero do sujeito. Teoricamente, muito se tem avançado sobre esse ponto de vista que essencializa os sujeitos a partir de seus corpos biológicos. Vale lembrar que existiram promissoras reflexões sobre o assunto, como da norte-americana Gayle Rubin (s/d), que buscou dar um passo adiante às noções estritamente biologizantes. Ela pensa o sistema sexo/gênero como “uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, s/d). A cultura, nesse ponto de vista, cria valores sobre o sexo.

Posteriormente, a filósofa Judith Butler desenvolve mais problematizações. Para ela, não existe nada de natural nem no sexo, nem no gênero. A diferença aqui é que ambas as categorias – o sexo e o gênero – são construídas como destinos, ou seja, espera-se que todos se

comportem de acordo com a coerência binária homem/mulher. Para que a heterossexualidade “permaneça intacta como forma social distinta, ela exige uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível” (BUTLER, 2010, p. 116).

Gerônimo acredita, nesse sentido, que deva existir uma coerência entre o sexo e o gênero, em que a normalidade é uma construção que exige ao menos uma compreensão do que se diferencia dela. Nessa lógica, tudo o que não faz parte do que é considerado normal é alheio, estranho e até mesmo reprovável. Ele, que enxerga as relações sexuais com animais como aceitáveis, tem dúvidas que pendem entre a noção biologizante e o julgamento moral sobre o caráter. O mecanismo descrito pela Butler faz sentido quando o sujeito fala sobre a invisibilidade dos desviantes no passado. Se não eram notados é bem provável que os sujeitos tenham vivido de modo presumidamente heterossexual ou mantido os desejos na esfera do segredo, driblando as restrições. O fato de Gerônimo visualizar mais pessoas desviantes da norma na atualidade revela que o contexto social mudou, sendo possível circular em espaços antes restritos às heterossexualidades. Esses indícios farão mais sentido ao decorrer do texto. Por ora, esses apontamentos já bastam para mostrar que o contexto não era muito favorável para os encontros entre homens.

Baseado em poucos dados históricos existentes, é possível notar que pelo menos na década de 1930 o ambiente era familista e intolerante quanto às sexualidades vistas como “pederastas”. Essa breve parte histórica é abordada por James N. Green no livro *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, que resgata a narrativa sobre Zazá que foi, outrora, registrada nos arquivos pelos estudantes de criminologia da época. Vejamos:

As memórias de sua primeira paixão persistem mesmo quando Zazá volta à sua terra natal, São Carlos, e não pode ter relações sexuais pois está rodeada por sua família. De volta à cidade grande, com sua pureza e inocência perdidas, Zazá, a heroína decaída, assume agora um novo destino, o da vampe, da mulher fatal e prostituta das ruas (GREEN, 2000, p. 140)

Esse relato sobre São Carlos evidencia um contexto nebuloso, indicando que quem tinha condições migrava, naquela época, para a capital, além de revelar como a homossexualidade masculina era vivida na marginalidade, envolvendo certa “inversão” performática que adotava características femininas.

As homossexualidades que, hoje em dia, seriam associadas às travestis eram as mais visíveis, por isso mesmo as mais perseguidas, gerando os registros policiais e médicos que

Green encontrou nos arquivos. Gilberto passou a experienciar desejos por pessoas do mesmo sexo em um período bem posterior, mas tudo indica que se visibilizava de modo “invertido”, ou seja, buscava ao máximo se aproximar da feminilidade no modo de agir e de se vestir. Era como ele compreendia ser “gay” naqueles tempos.

Podemos fazer outras aproximações com o contexto social. Existem trechos do livro *Pai, Pai*, escrito por João Silvério Trevisan, que mostram algumas faces da cidade de São Carlos nas décadas de 1950 e 1960. A partir de sua memória, o autor desabafa sobre a relação conturbada que teve com o seu pai e expõe com sinceridade os seus sentimentos marcados por essa relação.

Trevisan, antes de completar dez anos, partiu para o seminário em São Carlos, onde passou sete anos de sua vida, entre idas e vindas periódicas para a sua casa em Ribeirão Bonito. Um misto de saudades e repulsa invade seus sentimentos de esperança de acolhimento por parte da figura paterna, que nunca se fez presente a não ser pelo temperamento amargo e insensível. Era 1954 quando Trevisan chegou em São Carlos, com roupas bordadas com o número 50 pela sua mãe, como determinou o seminário desde o ato da matrícula. Ele achou que, ao escapar de casa desse modo, encontraria um lugar onde pudesse estar distante da péssima relação com o pai:

Uma vez no seminário, descobri tarde demais que eu caíra numa armadilha igualmente cheia de adversidade, ao meu ver preso em novo contexto de opressão. Querendo escapar do ambiente massacrante da minha casa, deparei-me com um cotidiano controlado por regras severas. A vida de interno me parecia tão hostil que, de melhor aluno da classe no grupo escolar, tirei nota cinco no final do primeiro ano do ciclo ginasial, beirando a expulsão por falta de condições intelectuais para a carreira sacerdotal. Naquele seminário, estávamos longe de uma reclusão desordenada. Ao contrário, um dos problemas advinha do excesso de ordem e controle. Os superiores exerciam uma autoridade, agora em nome de Deus, que nem meu pai ousaria. (TREVISAN, 2017, p. 70)

Com o apoio de sua mãe, Trevisan – que acreditava que a religião era um meio de acolhimento – se aventurou no seminário, e lá a autoridade que era exercida em nome de Deus criou nele a sensação de excesso de ordem e controle que nem seu pai ousaria. A ascese extramundana (WEBER, 2000) levava, por meio das regras intramuros, à subjetivação das práticas ideais de disciplinamento e autocontrole dos desejos mundanos, tornando aqueles que se submetiam ao seminário exímios agentes que propagariam, após a formação, as palavras divinas. Trevisan afirma que, socialmente, frequentar o seminário não era visto como algo reprovável, apesar da renúncia à sexualidade reprodutiva. Quem frequentava tinha até mesmo reconhecimento social e buscava formação em centros consagrados de ensino religioso.

A Igreja Católica esteve presente em São Carlos desde a sua fundação. Poucas décadas se passaram até que, em 1908, a Diocese de São Carlos do Pinhal foi criada, desmembrada da Diocese de São Paulo. Para Rossi (2014, p. 85), “sede do bispado desde 1908, São Carlos sempre teve várias paróquias pertencendo a sua diocese, dispostos em um total de quarenta e cinco cidades em 1927”. Hoje, continua o sociólogo, são 29 municípios, que englobam mais de uma centena de paróquias. Segundo as informações do próprio site da Diocese de São Carlos, o seminário menor passou a funcionar na década de 1930 e teve suas instalações expandidas no fim desse período até o início do seguinte. Somente na década de 1950 o seminário se tornou independente do Ginásio Diocesano, espaço usado de modo improvisado enquanto construíam espaços adequados. Terminando o seminário menor, os garotos eram enviados aos seminários maiores em outras cidades, pelo menos até 1968, quando foi criado o curso de Filosofia em São Carlos, que funcionou inicialmente nas instalações do seminário menor.

Trevisan esteve no seminário menor quando este recebia garotos do primeiro ou segundo grau de ensino. A partir de sua memória conta que São Carlos “passou ao posto de mais avançado seminário católico da América Latina, recebendo visitantes de todas as partes” (TREVISAN, 2017, p. 100) em razão da nova pedagogia utilizada, de cunho mais progressista. Na sua percepção, depois de sua partida, “o seminário de São Carlos sofreu um desmonte ordenado pelo próprio bispo diocesano. Os padres progressistas foram pontualmente substituídos por interventores do espectro político oposto, e tudo voltou ao que era antes do tal *aggiornamento*” (Ibid., p. 133).

Em uma linda passagem do livro, Trevisan narra os doces e tormentosos momentos no processo de confrontação da moralidade cristã com os seus desejos que começavam a pulsar:

Meus hormônios me apresentaram candidamente aos primeiros amores – iluminados e dulcíssimos. A moral cristã se encarregou de, impiedosamente, torná-los proibidos. O ímpeto entre os dois movimentos opostos, do meu corpo e do meu espírito, transformou esses intensos amores em fator de permanente tormento. Não apenas pela culpa do pecado contra o sexto mandamento (a “pérola das virtudes”), mas também pelo desconhecimento absoluto da natureza daquele terremoto que transformou minha alma num campo de batalha entre o Deus cristão e o diabo do Amor. Impunha-se sempre, e sempre sem explicação, a pergunta: O que há de errado comigo, para acontecer o que está acontecendo? Em meio a cuidados e sustos, meu segredo era partilhado com alguns poucos colegas que descobri pertencerem à mesma estirpe de amantes clandestinos – como portadores de doença contagiosa em quarentena. O que me restava de mais seguro era o diálogo secreto comigo mesmo. Ainda que isso oferecesse um consolo insuficiente, durante boa parte da adolescência no seminário passei a escrever compulsivamente um diário, no qual extravasava uma angústia imensurável sobre a delícia e o terror da clandestinidade amorosa. (Ibid., p. 84)

A “batalha entre o Deus cristão e o diabo do Amor” era o dilema enfrentado por ele. A forçada clandestinidade na qual foi colocado revela um horizonte cinzento de possibilidades de existência. Se não era sob a moral cristã, ele não encontrava meios para solucionar essa angústia.

Eu disse que o horizonte era cinzento, pois não havia muitas alternativas para nomear esse desejo que o consumia cada vez mais. Embora a sua educação tenha sido moldada pelo ensino progressista, que ensinava ciência considerada moderna para a época – como biologia e filosofia, críticas à própria religião –, o repertório de conhecimento que ele tinha se limitava às noções de pecado, salvação, modelos familiares bem quistos por Deus, condenáveis prazeres da carne, restringidos a partir de poucos modelos de relacionamento que tinha, como de um homem que desejava uma mulher. Vejamos:

Quando meu amado terminou o seminário menor e foi transferido para São Paulo, pensei que eu fosse morrer. Durante as férias, consegui o endereço de sua casa e, para mitigar tanta ausência, ousei lhe mandar uma carta, declarando meu amor. Como nem eu entendia direito o que se passava, lembrei da minha dificuldade em lhe explorar que se tratava de algo que “só uma mulher sente por um homem”. [...] Quando nos reencontramos, comentou que eu não me preocupasse, pois não havia nada de estranho nesse tipo de sentimento, que seria superado com o final da adolescência, como me assegurou. (Ibid., p. 89-90)

Esse sentimento, que foi nomeado como “só uma mulher sente por um homem”, era algo que seria superado com o fim da adolescência, quando passaria a estabelecer coerência entre o sexo e o gênero. Penso que, com os limitados modelos existentes, Trevisan não conseguiu dar outro significado ao seu desejo se não por meio de elementos sociais já existentes. Os desejos estariam, nesse caso, mediados pelo crivo da heterossexualidade.

É muito importante salientar que Trevisan não esteve preso em um cativado, pois circulava em sua cidade natal e nas ruas de São Carlos esporadicamente. No entanto, é provável que tenha encontrado modelos que conformavam com a normalidade construída socialmente. Os horizontes passaram a se expandir para ele quando passou a ter acesso a mídias produzidas em outros contextos:

A revelação que o filme me proporcionou constituiu um dos grandes momentos de encantamento da minha adolescência. Estávamos no começo de um mês de julho muito frio, às vésperas de viajar de férias para casa. O seminário já vazio, fizemos uma vaquinha para alugar uma cópia em 16 mm, numa distribuidora de filmes de São Carlos. (Ibid., p. 109)

O Seminário que ele frequentou em São Carlos durante sete anos era um dos mais promissores da época e, ao contrário do que o senso comum pensa, não era retrógrado e isolado. Os seminaristas, dirigentes e professores dessa instituição religiosa já assistiam a filmes alugados em locadoras de São Carlos, tendo até mesmo mais privilégios de acesso se comparado com a população são-carlense.

Apesar de ser retratada a ambientação controladora do seminário, apoiada de bom grado pela parcela da população que – como uma parte da obra de Trevisan mostra - apadrinhava ou amadrinhava financeiramente os seminaristas, esse livro mostra que as mídias teriam, assim como para Trevisan, ampliado o modo como os sujeitos passaram a compreender o mundo. Esse argumento é corroborado pelas análises seguintes a partir dos meus sujeitos de pesquisa.

Até o momento, vimos o contexto social marcado pelas noções religiosas, biologizantes e heterossexistas, em que os sujeitos, usando os elementos sociais existentes, buscavam dar sentido à sua existência. Creio que o que foi mostrado até aqui é capaz de criar um panorama da repressão sexual durante uma boa parte do século XX. Os depoimentos dos sujeitos, o relato de Zazá apresentado por Green e o romance de cunho autobiográfico de Trevisan também trazem pistas para ver como a homossexualidade era vista como pecado e algo marginal em São Carlos.

### **3.2 - A construção do corpo e dos encontros**

Disse anteriormente que o Gilberto e seus amigos criavam encontros sexuais, mas era impensável criar relações duradouras na época. Estou falando da década de 1980<sup>31</sup> – quando ele já se encontrava com outros homens – até o momento em que a AIDS passou a assombrar o imaginário social, mudando significativamente as formas dos encontros a partir de 1987 em São Carlos.

Para muitos sujeitos<sup>32</sup> era inviável se relacionar amorosamente com outros homens nesse período. Veremos a seguir os detalhes dos motivos. Mostrarei dois modos de criar encontros: a primeira a partir do Gilberto e a outra a partir do Maurício – interlocutor que será devidamente apresentado posteriormente.

---

<sup>31</sup> No período anterior à década de 1960, os meus interlocutores de pesquisa ainda não se encontravam com outros homens. Embora muitos deles tenham nascido nessa época, eles eram apenas bebês e crianças.

<sup>32</sup> Não estou falando de todos os sujeitos de São Carlos. Pode ser que existia pessoas dispostas a se relacionar amorosamente, no entanto, não encontrei no meu campo de pesquisa.

Gilberto já criava encontros sexuais em São Carlos antes de se mudar para São Paulo em 1983. Ele também experienciou relações na metrópole e, quando retornou a São Carlos, em 1986, continuou a frequentar os arredores da Catedral para buscar parceiros.

Na época, um dos fatores que inviabilizava as relações duradouras eram as restrições morais vigentes e as violências que existiam na época, como relata Gilberto, ao ser questionado sobre esse tema:

**Entrevistado:** Sempre teve, né? Naquela época tinha até mais; a gente chamava de curra. “Ai, corre, que é curra”. Vinha quinze homens; dez homens, tudo atrás da gente, para bater; mas você corria. Subia em cima da árvore; pulava muro.

**Entrevistador:** Mas isso era frequente?

**Entrevistado:** Era frequente... Mas, eu nunca levei uma curra. Já corri, mas eu nunca apanhei. [...] Hoje eu sinto falta até disso. Você sai na rua; você não leva uma curra. Hoje em dia, nem curra tem mais. Nem isso tem mais.

Experienciar desejos nas ruas envolvia riscos como ser descoberto por conhecidos e pela família, assim como levar “curras”. Esse ambiente se tornava ainda mais sombrio quando a polícia repreendia esses desejos que afloravam em São Carlos:

A polícia passava, você dava “tchau”; então, a maioria dos policiais me conhecia. Eu ficava meio que batidinha, escondidinha no cantinho do potinho. Então... Nunca tive algum problema. Então, os policiais passavam: “ah, não é filho de tal pessoa?”; “magina, meu querido!” Então... mesmo o cara... parou, me revistou, pegou minha bolsa, minha identidade, levou lá; deu meu nome. Delegado: “que que é essa putaria aí?”; o guarda: “que que aconteceu com essa [Gilberto] que tá aí? Você que é a [Gilberto]?”; “oh, o cara lá te conhece, tá liberada”; “obrigada”.<sup>33</sup>

Gilberto foi repreendido pela polícia, mas via aquilo com desdém, já que, em função dos contatos que tinha<sup>34</sup>, encontrava meios de driblar essas situações. Além disso, ele vê que na época era mais tranquilo, pois as suas vivências não envolviam o uso de entorpecentes, como deu a entender em vários trechos da entrevista.

Fui para a Delegacia Seccional de São Carlos buscando indícios sobre a atuação policial nas décadas de 1970 e 1980, especificamente dados sobre Atentado Violento ao Pudor, Ato Obsceno e Vadiagem. Esses dados possibilitariam entender sobre a situação de pessoas como Gilberto, que criavam encontros sexuais nas ruas. Conversei com três funcionários que ali exerciam a sua profissão e, depois de repetir três vezes o que eu buscava, não obtive nenhuma informação além de que aqueles dados não estariam disponíveis lá. Me foi recomendado entrar

<sup>33</sup> Suprimi o nome verdadeiro de Gilberto em colchetes.

<sup>34</sup> Ele relata que o seu pai tinha sido militar antes de se mudar para São Carlos.

em contato com a Secretaria de Segurança Pública para que, assim, me orientassem de modo mais preciso. Constatei que o e-mail que enviei foi encaminhado diversas vezes até finalmente me responderem, dizendo ser necessário procurar a Delegacia Seccional. Fui novamente para a delegacia e expliquei várias vezes o que eu procurava. Por fim, o delegado autorizou a consulta do arquivo que desde o começo estava lá.

Caminhei junto com a responsável até o arquivo e, depois de passar literalmente pelo corredor onde nasciam vegetais, me deparei com uma porta que estava fechada com fios, já que não havia trancas. Ao abrir, vi uma montanha de papéis que tinha quase a minha altura. Junto aos papéis tinham peças de viatura, máquinas de escritório quebradas, terra e musgos. Vi que a chuva entrava frequentemente pelo buraco onde no passado existia um ar condicionado.

Como não havia condições nenhuma de encontrar o que eu queria, a não ser que eu vasculhasse aquilo tudo com enxada, luvas e máscara durante alguns anos, desisti de procurar. Fui para o cartório da delegacia e, com a ajuda da mesma profissional que me levou até o arquivo, abrimos várias pastas e folheamos os boletins de ocorrência. O boletim de ocorrência mais antigo era de 1989. Tratava-se de registros feitos nos plantões – de madrugada, fins de semana e feriados entre 1989 e 1990. Encontrei apenas três registros de Atos Obscenos que não tinham detalhes sobre o ocorrido a não ser o nome do praticante e da vítima, ambos do sexo masculino. Tinham mais registros de Atos Obscenos, mas constava que foram encaminhados para a Delegacia da Mulher, logo, não diziam respeito às homossexualidades masculinas. Esses três registros não têm detalhes nem elementos para mostrar nada além da sua própria existência.

A profissional que me auxiliou trabalhou na polícia da cidade de São Paulo e, posteriormente, veio para São Carlos, onde está há mais de vinte e cinco anos. O único dado relevante que consegui foi a partir da sua fala, quando me contou que as travestis, em São Paulo, eram levadas para delegacia, levavam chá de cadeira e depois eram liberadas, uma vez que não dava para fazer nada na medida em que estar na rua não é crime. Em São Carlos, poderia ter acontecido o mesmo, segundo ela.

Pensativo, fui embora não tendo conseguido dados suficientes para compreender melhor o que se passou na década de 1970 e 1980 em São Carlos em relação a homossexuais abordados pela polícia. Já sobre a Lei da Vadiagem, me foi recomendado procurar o Fórum da cidade, já que casos de vadiagem se tornavam processos e eram realizadas audiências para que a pessoa buscasse emprego e se reapresentasse mostrando o cumprimento das determinações do juiz. Com a informação de que os arquivos são incinerados ou transferidos para outra cidade, não fui buscar esses dados para evitar frustrações, já que, como me orientaram na delegacia, o que foi

encaminhado pela Delegacia ao Fórum nas décadas passadas eram indiciamentos de pessoas que não estavam trabalhando.

Apesar da frustração de não ter encontrado nada, foi produtivo constatar que em São Carlos o critério para abordar os sujeitos não era baseado na Lei da Vadiagem e os três registros de Atos Obscenos encontrados revelam a existência da vítima, o que leva a supor que não eram flagrantes feitos pelos policiais, mas Boletins de Ocorrência requeridos pela parte lesada. Portanto, não seria uma prática constante o encaminhamento de pessoas para a delegacia por causa da sexualidade desviante.

O sujeito de pesquisa Gilberto não se recorda ao certo quando foi abordado pela polícia. De todo modo, a situação relatada está inserida no período do fim da ditadura militar. Se, por um lado, ele diz não ter sido diretamente afetado pela repressão policial; por outro, não podemos generalizar essa sensação, pois a ditadura afetou São Carlos, assim como muitos outros contextos brasileiros.

A ditadura militar recrudescer entre os anos de 1964 e 1979, durante a vigência do Ato Institucional número 5 (AI-5), sob o comando de Artur da Costa e Silva, visando à eliminação da oposição do governo vigente, suspendendo garantias constitucionais e instituindo a tortura. Ao examinar os documentos da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) – que representava a família brasileira e defendia a moral e bons costumes – desse período, o historiador Anderson da Silva Soares (2016, p. 16) constatou que havia uma “preocupação que não era restrita às questões meramente políticas, como a preocupação com a “subversão”, mas também com as questões morais, que passam, obrigatoriamente, pela preocupação em controlar e enquadrar os corpos”.

Para o autor, o Decreto-Lei 1.077, de 26 de janeiro de 1970, intensifica, por exemplo, a vigilância com o estabelecimento da censura prévia das produções culturais e artísticas. Nesse período, marcado pelo fim da luta armada por meio da repressão, de banimentos do país, de assassinatos e etc. –, muito da atenção dos órgãos de repressão se voltou para as ditas minorias que, naquele momento, estavam construindo tentativas de organização e articulação. Em suas palavras:

A associação dos corpos desviantes à “subversão” preocupava os militares e a significativa parcela conservadora da sociedade civil. Essa mesma associação com a “subversão” política era algo bastante comum e uma preocupação paranoica, em que sempre havia a expressão “comunista” para apontar aqueles que eram considerados como imorais. Mesmo que tal expressão não se relacionasse à mobilização política de esquerda ou que fizesse parte de algum grupo de contestação do regime. [...] Houve uma fusão entre a preocupação com o “avanço comunista” e o combate ao ateísmo, á[sic.]

pornografia e á[sic.] homossexualidade. Um conjunto que formava o cenário político e cultural daquele contexto, visto que existiam aqueles que davam respaldo ao regime e aqueles que praticavam a vigilância, a censura e repressão. (SOARES, 2016, p. 102)

Esse projeto conservador de nação não estava desconectado da cultura nacional. Os militares não eram alienígenas, mas antes membros da sociedade respaldados pela parcela conservadora da população que apoiava a proteção familiar e seus valores éticos. Soares mostra, ainda, que, na década de 1970, houve um grande impacto por parte da produção de novelas pela Rede Globo, emissora de televisão, mas que passavam pela censura prévia. A preocupação era tamanha que, em 1971, foram lançadas normas reguladoras de programas e horários para televisão para defender a moral e os bons costumes. Em 1972, o apogeu da repressão política e moral, muitos homossexuais foram banidos dos programas. Já nos fins da década de 1970 a DCDP direcionou a atenção, principalmente, para a televisão, que exercia cada vez mais influência.

O historiador aponta que os documentos de censura revelavam uma preocupação obsessiva com a participação de homossexuais nos famosos programas de auditórios da televisão brasileira. Nesses documentos e nas cartas dos cidadãos enviados ao governo, o uso de palavras como “imoral”, “inadequado”, “patológico” e “pederasta” eram muito utilizados como estereótipos sobre os corpos desviantes da norma.

Houve mobilizações, é claro, mas foram tímidas em relação ao que se passava em outros países, já que o contexto da ditadura não era fértil para as informações circularem e possibilitarem debates. Discussões acaloradas feitas pela população em torno da pílula anticoncepcional e do divórcio aconteceram; porém, grupos considerados minoritários se articulavam ainda timidamente. Esse período foi de atraso nos debates e conquistas de direitos se pensarmos no compasso dos outros países que estavam fervilhando com a Revolução Cultural, caracterizada pelo anti-autoritarismo e pela miríade de outros modos de reivindicar novas formas de existência.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> A entrevista concedida pelo James Green a *Carta Capital* resume bem esse descompasso. Em suas palavras: “Os anos de 1967 e 1968 foram muito importantes mundialmente porque foi um momento de questionamento de papéis de gênero, sexualidade, identidade. Surgem novas propostas identitárias, movimentos sociais de gays tanto na Europa, quanto nos EUA e América Latina. Aqui no Brasil também surgem, nesse período, novas maneiras de entender o corpo, a sexualidade e o gênero. E depois de um ano muito intenso de mobilizações contra a ditadura veio o AI-5, em 1968, que abafou totalmente qualquer possibilidade de formação de novos movimentos sociais. Meu argumento é que se não houvesse o AI-5 e essa repressão da ditadura, se houvesse um estado como o JK, um governo Jânio Quadros ou João Goulart, certamente teria surgido, em 1968, 1969, o mesmo tipo de organizações que existiam na Argentina ou em Nova York, organizações LGBT, feministas, que iriam forjar movimentos de questionamento do conservadorismo da sociedade brasileira. A ditadura prejudicou muito, afetou

Em São Carlos, houve reboliços na época da ditadura. A não ser por meio de poucas bibliografias existentes sobre o assunto ou que mostrem timidamente o contexto, não há outros dados que revelam as diversas facetas do regime militar. Fui para a Fundação Pró-Memória da cidade e pesquisei nos jornais do arquivo indícios de conflitos. Também acessei o portal eletrônico da referida instituição para ver as fotos, mas constatei que exibiam o ponto de vista de quem estava ligado politicamente à elite local.

Há, no entanto, um livro de José Roberto Andrade Paiano (2002), que relata ter existido movimentos sindicais em São Carlos. Em 1962, a articulação de luta contra condições precárias e mal remuneradas de trabalho criou Sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Carlos e, desde então, com o apoio da Igreja e, posteriormente, de estudantes – como podemos ver também em Hayashi e Vicino (2007) – o movimento pelos direitos trabalhistas ganhou forças.

Desde então, as passeatas e protestos aconteciam esporadicamente, até que, em 1968, quando a ditadura militar já era realidade, aconteceu o maior enfrentamento entre os grupos organizados e o Estado. Operários do frigorífico entraram em greve e houve confrontos. Assim, quando estudantes cogitaram fazer uma passeata de apoio, da noite para o dia, 5 mil soldados apareceram fortemente armados ocupando uma cidade com 50 mil habitantes, sendo que havia apenas 500 estudantes.

Gilberto nasceu em 1965 e, aos 12 anos de idade, já morava em São Carlos. Ainda era o período da vigência do AI-5 que, por meio das censuras, ações punitivas e educacionais – como a Educação moral e Cívica –, fez a ditadura permear na sociedade, apresentando modelos

---

muito e atrasou cinco, seis, sete anos, as possibilidades de surgimento de movimentos. Com as manifestações estudantis em 1977 cria-se uma nova noção de “é possível sair na rua, contestar, questionar o poder do estado”. É quando surge o jornal “Lampião” e logo depois o grupo que vai tomar o nome Somos, em São Paulo, em 78, e um primeiro momento de um diálogo e consolidação internos, um processo de aglutinação de pessoas e depois, a partir de 79, uma visibilidade pública. Esse momento é muito rico e coincide, quando, em 1978, o movimento operário sai de dez anos de proibição de greves e vai organizar as greves de 78, 79. E justamente em 1980, quando há, de um lado a greve geral do ABC enfrentando a política econômica e a Lei de Segurança Nacional, e, do outro lado, uma tentativa de juntar os nove grupos que já haviam surgido no país a partir da fundação do grupo Somos em Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Guarulhos. E no nosso congresso decide-se o apoio à greve geral e surge a proposta de ir ao Primeiro de Maio justamente durante a greve. É quando há um debate muito intenso. No movimento gay, há um setor que não queria tentar diálogo com o movimento sindical, porque achava que seria uma experiência infeliz. E o outro, mesmo sem saber quais seriam os resultados, resolveu ir participar e levantar conceitos novos totalmente revolucionários para os anos 80: contra a discriminação do trabalhador homossexual, colocando a possibilidade de um dia o sindicato defender o membro homossexual. Aquilo era impensável naquela época.

A entrevista completa está disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-ai-5-atrasou-por-anos-o-movimento-gay-no-brasil-5222.html>>. Acesso em 30 abr. 2018.

coerentes com a proposta de se criar modos de viver condizentes com os anseios sociais conservadores.

Fruto dessa atmosfera, ele experienciou essa moralidade imposta pelo regime militar e apoiada pela população conservadora. Não é de se estranhar o seu desinteresse em relação à televisão e o uso de poucas referências para compreender a si e as suas relações:

**Entrevistado:** É que daquela época pra cá, a gente tinha pouca televisão... televisão e rádio... A gente não tinha muita empolgação em assistir... Não passava nada que acrescentasse pra gente, que a gente gostava de ver. Então... a gente não se dava muito acesso a isso

**Entrevistador:** Mas o que você fazia para ter acesso à informação?

**Entrevistado:** Rua...ahn... você encontrava nas... praças, nas esquinas e formava grupos; saía, não tinha acesso à televisão; não tinha nada... A gente tinha uma imagem muito retrógrada na época...do que era ser gay... Naquela época é... na nossa cabeça gay era uma pessoa afeminada, para poder atrair o... homem e... somente passivo. Só tinha relação com homem hétero... A gente não tinha aquela fantasia... gay com gay. Era só gay e hétero. Então, a gente não via outro tipo de maneira e a gente nem se tocava nossos órgãos para provocar eles ou pensar que a gente... Era uma coisa totalmente... meia louca da época, mas, era desse jeito.

Esse trecho revela o escasso acesso à televisão entre as pessoas do seu círculo social, as sociabilidades construídas por meio de encontros pessoais e o a sua compreensão sobre o que era ser “gay”. Gilberto, no entanto, era de uma família que tinha uma “renda suficiente” e “não passava necessidade”, de acordo com as suas palavras. Ele tinha acesso à televisão, algo que ainda era muito restrito no início da década de 1970 em São Carlos. Embora não tenha encontrado modelos de homossexualidade nela, encontrou modelos heterossexuais e, inspirado nessas representações, entendeu a si mesmo e criou encontros.

Como vimos, a história da televisão apresenta a existência de fortes censuras que até invisibilizaram homossexuais dos programas. Os modelos de pessoas e encontros sexuais reproduzidos condiziam com os bons costumes em razão das censuras prévias, ou com a escrachada e negativa maneira como eram mostrados os homossexuais. Existia, portanto, uma escassez de modelos alternativos de heterossexualidade e de comportamentos familistas.

Mais uma vez: a ditadura militar, as mídias e os civis não estavam comunicáveis. Muito pelo contrário, essas três esferas estavam articuladas e inventaram juntas uma ficção que criou uma realidade social. Gilberto viveu nessa atmosfera, afastado de novos modelos de vida que já estavam sendo reivindicados pela luta contra o autoritarismo; porém, não muito possíveis de serem visualizados por causa da censura.

No contexto da ditadura em São Carlos foi instituído o Código de Postura no ano de 1974. Essa lei orgânica que, na atualidade, está tacitamente revogada pela perda de seu vigor e

a sua incapacidade de continuar existindo como norma, foi naquela época uma ferramenta importante para o controle social. Segundo as Disposições Gerais do Código, ela contém “as medidas de polícia administrativa a cargo do Município em matéria de higiene, ordem pública e funcionamento dos estabelecimentos comerciais e industriais, estatuidando as necessárias relações entre o poder público local e os munícipes”.

No Título II – Da Polícia de Costumes, Segurança e Ordem Pública, Capítulo I – Da moralidade e do sossego público, Artigo 61, institui-se que “é expressamente proibido às casas de comércio ou aos ambulantes, a exposição ou venda de gravuras, livros, revistas ou jornais pornográficos ou obscenos”. Isso evidencia que, possivelmente, além das poucas referências que havia sobre as homossexualidades, o acesso a materiais pornográficos era difícil. Apesar da proibição não revogada, constatei que na primeira metade da década de 1980 começaram a aparecer propagandas como da Playboy.



**Figura 23** – Playboy no anúncio de jornal. Jornal *A Folha*, quinta-feira, 3 de setembro de 1987. **Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Como vimos, a atmosfera para os encontros não exalava liberdade para os desejos como os de Gilberto se expressarem com tranquilidade. Sob pressão familiar, constantes perseguições de grupos que vinham dar uma “curra” e abordagens policiais, ele encontrava meios de encontrar parceiros nos arredores da Catedral.

Os preconceitos e a violência expressam a deturpada compreensão sobre as sexualidades. Melhor dizendo, nesse contexto dos “bons costumes”, as pessoas compreendiam muito bem a partir da ótica naturalizada dos corpos, em que os sujeitos não estão fora da cultura e não são inteiramente livres para escolher qual caminho seguir. Isso não quer dizer, no entanto, que os sujeitos estão totalmente dominados. O que existe são coerências naturalizadas e construídas socialmente a partir de mecanismos complexos que vinculam os sujeitos, criando formas de correspondências aos gêneros estabelecidos até mesmo de modo violento para colocar as dissidências nos eixos da heterossexualidade. Esse mecanismo complexo é relatado pela filósofa Judith Butler:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo que "a natureza sexuada" ou ainda "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura [...] Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. (BUTLER, 2010, p. 25)

Observamos que, no contexto vivido pelo Gilberto, havia uma matriz heterossexual que vinculava os sujeitos a partir de uma naturalidade construída em torno dos comportamentos de gênero. Essas expectativas sociais abarcaram os sujeitos rumo a empreitadas morais para que eles sejam o que é pré-determinado. No caso do sujeito de pesquisa em questão, ser heterossexual, cumprindo as expectativas familiares e sociais, era uma demanda latente.

Como mostra Butler, não há um sujeito prévio que se submete ou não às determinações sociais naturalizadas. Para ela, “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (Ibid., p. 48). Nesse sentido, o

gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. Consequentemente, o gênero se mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (Ibid., p. 48)

Não existe um ser, mas um fazer. Assim, a performatividade envolve atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo, produzindo aparência de substância e naturalidade. Em síntese, sujeitos são efeitos e não consequências de atos.

As reflexões de Butler estão colocadas em um plano de debate que articula diversos campos do conhecimento, como a filosofia e a psicanálise. É arriscado fazer uma aplicação direta dos conceitos oferecidos para uma análise sociológica localizada. O gênero é uma construção e, portanto, devemos partir da premissa de que em cada contexto ela é posta em ação de modo diferente.

Não havendo nada de natural, a matriz heterossexual existe como uma grande construção que cria ficções de gênero em grande parte do mundo. No entanto, há peculiaridades nos desdobramentos contextuais que devemos levar em consideração. Ser homem ou mulher tem sentidos diferentes, considerando as especificidades de cada contexto. Gilberto é, por exemplo, um efeito local das ficções de gênero forjadas pelas várias formas demandadas socialmente. Não basta, porém, só dizer isso. Devo mostrar um pouco quais ficções eram essas que pairavam na atmosfera da época em que ele negociava seus desejos.

Embora sejam considerações sobre o contexto da cidade de São Paulo em um período que antecede a década de 1980, Maria Izilda S. de Matos oferece pistas para compreender um pouco as masculinidades nos fins do século XIX até meados do XX. Para ela,

a circularidade entre os discursos médicos e a propaganda, articulados às ações do Estado, Igreja, medicina, escola e mídia, constituíram num reforço mútuo através do qual se apregoaram padrões constitutivos da masculinidade hegemônica. Neste processo o tornar-se homem foi resultado de um complexo processo de naturalização, que regulou as ações e dinâmicas do corpo, constituíram projetos bio-políticos, justificando hierarquias e diferenças. Em oposição aos alcoólatras, velhos e doentes, valorizava-se o corpo masculino jovem, saudável, forte, robusto, ágil, atlético, resistente, ereto e viril, com características de distinção e elegância. Apreciava-se nos homens a capacidade de ação, praticidade e objetividade; os comportamentos moderado, racional, distinto, controlado (nas suas emoções e paixões); também deveriam ser disciplinados, metódicos e trabalhadores. Através do trabalho, concretizava-se o potencial masculino para ser provedor e bom chefe de família (pai e marido). Reforçava-se a virilidade com a identificação com a heterossexualidade, sexualidade com potência e frequência. Assentada no “casamento higienizado”, a sexualidade devia ser contida, possibilitando filhos sadios e futuros cidadãos do país, na busca do progresso eugênico. (MATOS, 2011, p. 142-143)

Essas considerações não são sobre São Carlos, mas são dignas de nota por oferecerem pistas sobre as construções de masculinidades a partir de publicidades e discursos médicos que

construíram modelos ideais. Inicialmente, é nebuloso afirmar que, em São Carlos, a masculinidade era concebida desse modo, mas ao ver as fontes – como revistas e jornais – utilizadas por Mattos é possível notar que algumas tinham impacto nacional e ao circular, as informações podem ter alcançado São Carlos. As marcas como Gillette, por exemplo, eram veiculadas em jornais locais e apresentavam modelos de masculinidades, como podemos ver na imagem a seguir:



**Figura 24** – Propaganda da Gillette. Jornal *Correio de São Carlos*, domingo, 25 de abril de 1943.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

De acordo com a informação que obtive na Fundação Pró-Memória de São Carlos, havia jornais publicados desde o fim do século XIX na cidade, alguns deles voltados para os imigrantes italianos em língua italiana e que publicavam propagandas da época. Os jornais, cinemas, revistas e rádios eram, nesse contexto, um dos principais meios de comunicação existentes até a disseminação da televisão, que aconteceu a partir da segunda metade do século XX no Brasil.

Para apresentar um panorama mais nítido sobre o período anterior ao vivido pelo Gilberto, podemos selecionar alguns exemplos de como as masculinidades circulavam a partir

das visualidades, ou seja, a partir das mídias que mostraram por meio de imagens um pouco das concepções da época sobre as masculinidades:



**Figura 25** – Propaganda de pijama. Jornal *A Cidade*, segunda-feira, 16 de agosto de 1954. Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Também existem problemas de falta de dados sobre o que se veiculou pela televisão. Como a rádio, muito do que era transmitido não era registrado para que o público tivesse acesso posterior ao conteúdo já transmitido. É possível encontrar propagandas resgatadas pelos usuários nos sites como Youtube, que permite a publicação de vídeos.

Encontrei entre algumas propagandas comerciais da década de 1960 que assisti por meio desse site. Uma que chamou atenção é um comercial da Trim, “produto para o cabelo do homem”. No início do vídeo aparece o tubo expelindo um pouco da pasta. A narração acontece com a imagem de um homem cujo rosto não aparece, passando a mão no cabelo: “Ele não empasta o cabelo, seu perfume é discreto, não dá brilho excessivo, ele mantém o cabelo mutuamente assentado. É exatamente o que os homens esperam de um produto para o cabelo.

Se você é homem e tem cabelo, parabéns”. Tacitamente, o modelo masculino é veiculado em torno do que seria ideal e aceitável para um homem: ser discreto, sem excessos, ter cabelos arrumados, etc. É possível fazer várias interpretações, mas prosseguirei adiante para aproximar isso com o contexto que pretendo analisar.

Não assisti todas as publicidades até a década de 1970, pois o meu foco não é este e os conteúdos não são amplamente acessíveis. Um dos desafios metodológicos dessa pesquisa é o de criar coerência entre o que se passava nas mídias no âmbito nacional e a sua recepção em São Carlos. Não é possível saber se essa propaganda da Trim foi vista na cidade, mas de modo geral é possível afirmar que as informações circulavam, como as propagandas da Gillete na década de 1940 nos jornais locais.

Os registros feitos pelas mídias não impressas são de difícil acesso. Só faço afirmações mais sólidas a partir das memórias arquivadas no já mencionado lugar de memória, como conceituou Pierre Nora (1993) sobre a tendência social de criar mais recentemente a memória arquivística, consequência do fenômeno da massificação, democratização, mundialização e mediatização. A memória que era espontânea, subjetiva e imediata, se tornou indireta,

que começou com a escrita termina na alta fidelidade e na fita magnética. Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive por meio delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável. (Ibid., p. 14)

Para Nora, vivemos em um tempo de produtivismo arquivístico e “o que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar” (Ibid., p. 14). Para ele,

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. (Ibid., p. 15)

Faz sentido pensar a partir de Nora, mas com ressalvas, pois não foram feitos muitos registros de conteúdos de rádio<sup>36</sup> e televisão. Nora dá uma noção de uma democratização da produção e conseqüente acesso a esses dados; porém, não é o que parece acontecer. O que foi

---

<sup>36</sup> Em São Carlos as gravações em gigantescos rolos de fita aconteceram apenas na época da censura, segundo o relato da interlocutora Lilian.

transmitido por essas mídias nem sempre foi registrado e o pouco que foi é escasso e, conseqüentemente, de difícil acesso.

A reflexão de Nora diz respeito a países centrais da década de 1990, enquanto no contexto brasileiro ela só passa a fazer sentido a partir da disseminação da internet, quando o emaranhado das informações passou a ser registrado. O resgate vem sendo feito pelos sujeitos arquivistas que, em tom de nostalgia, compartilham na internet alguns conteúdos da mídia do passado como registros históricos.

O que estou tentando fazer é desenhar o retrato das décadas passadas e conto com a multifacetada situação em que se encontram os dados. Por falta de registros, não foi possível ter acesso aos conteúdos veiculados pela televisão e o acesso ao que era veiculado pela imprensa local. Isso torna a memória dos sujeitos, chaves para compreender as mídias. Em suma, não há muitos registros, mas existem memórias e elementos arquivados nos lugares de memória de domínio público, como sites que mostram retalhos dos conteúdos veiculados pelas mídias e o Arquivo Público de São Carlos.

As tecnologias importam, é claro, para possibilitar os registros. Há duas décadas não existiam computadores com capacidade de armazenamento que suportasse tantos dados. Somado a isso, a memória é uma construção e, portanto, responde ao que é socialmente eleito digno de registro. Fiz até o momento uma reconstrução do passado a partir de poucos conteúdos de mídias, o que ajuda a entender, por exemplo, um pouco as referências de masculinidades e as relações de gênero que existiam. Não estou afirmando que exista uma correlação direta entre as masculinidades criadas na década de 40 a 70 e o Gilberto ou qualquer outro sujeito de pesquisa. De modo breve, mostrei como as masculinidades eram e trouxe alguns fragmentos para entender melhor a história do contexto social em que viveram os meus interlocutores.

A análise ganha intensidade a partir da reconstituição do passado a partir da memória dos sujeitos de pesquisa. Como argumentei, muitos materiais não foram registrados, dificultando o entendimento nítido do passado. Buscar esses elementos a partir da memória dos sujeitos é, portanto, uma alternativa metodológica.

### **3.3 – Embaralhando gêneros**

As masculinidades não podem ser compreendidas apenas nos termos dela mesma. Ela é uma criação das relações de gênero e, portanto, responde ao binarismo/oposição homem/mulher, instituído pela matriz heterossexual. Mas e Gilberto, que se considera “gay”?

A minha demora para mostrar o que são a relação de gênero e as masculinidades<sup>37</sup> tecidas em São Carlos serve para descortinar o contexto social que vinculou os sujeitos. Gilberto não viveu fora da sociedade, isolado em uma ilha. Como todo sujeito, ele compartilha significados a partir da linguagem. Para Stuart Hall (2016), na linguagem fazemos uso de símbolos para significar ou representar. A representação pela linguagem é essencial aos processos pelos quais significados são produzidos, ou seja, é por meio dela que compreendemos e compartilhamos visões de mundo.

Gilberto, nesse sentido, usava códigos sociais compartilhados para se vestir de menina e criava encontros sexuais com outros homens. Vejamos:

Aí eu... como na época a gente vestida de mulher, né? Para ir para rua, tinha que estar feminina, então, montada tem que estar quase. Porque, naquela época, que nem... Não tinha, como nós falávamos... “aqueles gays machudos”. Sabe? Eu acho lindo gay másculo, hoje. Na época não existia. Mas, na época não tinha “gay” mocinho, ele era gay, era bichérrima. Não existe tipo de gay; depois isso foi, nos movimentos, ai... Nisso a gente foi ver que tinha várias; vários modelos, vários tipos, várias classes; mas na época não tinha.

O exemplo de Gilberto revela que as correspondências ao social são falhas, ou seja, os sujeitos não são determinados. O sujeito nos faz lembrar, no entanto, elementos da relação de gênero quando diz que tinha que estar feminina. A sua performatividade revela aspectos ao seu alcance na época, como os modelos solidificados pelo binarismo homem/mulher. Em uma reflexão sóbria, Butler mostra que

a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. (BUTLER, 2010, p. 39)

---

<sup>37</sup> Compreendo as masculinidades como práticas realizadas na ação social – portanto, relacionais –, diferenciando-se de acordo com as relações de gênero em um contexto particular (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Fica mais evidente que o uso do corpo por parte de Gilberto foi realizado em termos da matriz de inteligibilidade que existia. Para ele, ser “gay” significava se aproximar da feminilidade, uma vez que havia poucos modelos alternativos para habitar a existência.

O meu objetivo não é pensar “por que Gilberto é gay?”, mas entender os mecanismos sociais que o criaram. Como vimos, não há natureza impulsiva, mas uma construção que impulsiona os sujeitos a determinados modos de participação. Podemos pensar ainda a partir da leitura feita pela Sara Salih do pensamento de Judith Butler para entendermos melhor o sentido de Gilberto ao se feminilizar como as mulheres são socialmente levadas a fazer.

Levando em consideração que o sujeito é o efeito do discurso e não a sua causa, o gênero

é performativamente constituído, do mesmo modo que a escolha de roupas de alguém é delimitada, talvez até predeterminada, pela sociedade, pela economia, pelo contexto no qual esse alguém está situado. [...] a nossa escolha de gênero, tal como a nossa escolha do tipo de subversão, é restrita – o que pode significar que não estamos, de maneira alguma “escolhendo” ou “subvertendo” nosso gênero. (SALIH, 2012, p. 73 e 91)

Acostumado a só fazer sexo e ir embora, Gilberto não tinha expectativas em se relacionar de modo duradouro com outros homens, afinal, ele era “gay”, e “gays” estariam lá só para servir sexualmente os “heterossexuais”. “Gays”, para ele, eram afeminados e passivos, enquanto os heterossexuais eram ativos. No imaginário de Gilberto e seus amigos, igualmente “gays”, aqueles não estariam disponíveis para manter relacionamentos duradouros com estes, pois eram heterossexuais e, portanto, encontrariam uma mulher e se casariam.

Saliento que estou usando o termo “gay” ao invés de “bicha”. Ao re-entrevistar o Gilberto, ele afirma que se usava qualquer outra palavra como bicha, viado, mulher, estranho e etc., mas não o termo “gay”. Ele usou essa palavra, uma vez que é uma interpretação dele a partir do presente, em que esse termo é usado para dar inteligibilidade e representar uma pessoa que deseja outros homens.

Embora importantes pesquisadores como Peter Fry e Edward MacRae (1986) tenham feitos registros sobre as dinâmicas das homossexualidades no século passado usando “bicha” por ser um termo utilizado naquela época, eu continuo usando a palavra “gay” levando em consideração que o Gilberto está tentando se fazer entender, dando inteligibilidade sobre o seu passado a partir do vocabulário do presente. Além disso, considero inconveniente usar a palavra “bicha” sem ter elementos a partir dos quais eu possa definir qual era o termo ênico mais utilizado localmente.

Fry e MacRae (1986) revelam que os primeiros grupos do movimento homossexual resolveram rejeitar o termo “gay”, propondo uma nova “bicha”, militante e consciente. Os pesquisadores utilizaram essa palavra sem mostrar se este era o termo êmico ou se apenas adotaram o discurso do movimento de militância que o propôs. Fry (1982, p. 108), em outra publicação, mesmo apontando que existem problemas de categorização, dizendo que “não há nada mais eficiente na produção de “condições sociais” do que a crença na sua existência”, utilizou o termo “bicha” sem dizer se se trata de um termo êmico ou se foi adotado dos movimentos de militância.

Apesar de ter se apaixonado por um heterossexual, Giberto estava ciente de que “nunca um gay ia ter um hetero como marido. Nunca um hetero ia se apaixonar por um gay. Eu sempre fui ciente disso. [...] Na época, também, um gay nunca se relacionava com outro gay”. Era inviável também “gays” se relacionarem com outros “gays”, pois os dois seriam passivos, ou seja, preferiam ser penetrados e, portanto, para serem satisfeitos, precisariam de heterossexuais que os penetrassem. Voltando ao Fry e McRae (1983), podemos ver que essa dinâmica se assemelha ao que eles registraram na década de 1980. Para eles:

Neste Brasil que estamos chamando de “popular”, como entre os guaiáqui, o menino é chamado de “bicha” não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é “efeminado” (desempenha o papel feminino) e porque se mantiver uma relação homossexual desempenhará um papel “femininamente passivo”. O rapaz que desempenha o papel masculino e que poderia ser o parceiro sexual da bicha (portanto mantendo uma relação homossexual), é chamado de “homem” ou de “machão” [...] nesse esquema, então, as relações sexuais esperadas também são todas “heterossexuais” em termos de papéis sexuais”. (Ibid., p. 43 e 45)

Os autores afirmam que existia uma superioridade social do “ativo” e gradações de “bicha” até travesti. Eles reconhecem que, na prática, a teoria é outra, ou seja, pode acontecer de a bicha ser ativa e o ativo passar-se publicamente por macho. Enfim, eles percebem que as dinâmicas eram ricas, apesar dos encontros estarem marcados fortemente pelo par “bicha” (passivo efeminado) e “bofe” (ativo e másculo).

Apesar da generalização, ao dizerem que estavam falando de um Brasil popular, é necessário pontuar que o foco deles eram os centros metropolitanos, como Rio de Janeiro e São Paulo. Existem diferenças sutis quando pensamos em São Carlos da década de 1980, onde os modelos de encontros sexuais eram ainda mais restritos. As ressonâncias das noções biologizantes, as quais imputam comportamentos em coerência com o sexo, marcaram fortemente essa época, quando o sentido de ser “gay” correspondia a agir como mulher.

No caso de Gilberto e seus amigos, eles se comportavam como “menininha” para expor a preferência de serem penetrados, se vestindo e agindo como meninas para que homens “heterossexuais” – portanto, ativos – viessem a se encontrar sexualmente com eles:

**Entrevistado:** A gente sempre achava que eles eram héteros... sempre achei; mas nunca que me envolvi com um gay; era sempre hétero. Nunca tinha um relacionamento gay.

**Entrevistador:** Mas de onde vocês aprenderam isso?

**Entrevistado:** Ah, então... A gente aprendeu um com o outro... porque, na cabeça da gente, era desse jeito, entendeu? Naquela época era assim: tipo anos 70, 60... até 80 mais ou menos era desse jeito. Principalmente interior! Que a cabeça do gay do interior não é que nem a cabeça do gay da capital. Então, na cabeça do gay interiorano, ser gay era assim. Você tinha que ser minado... somente passivo e só tinha aquela coisa com héteros, porque na época, os héteros procuravam muito os gays; principalmente os gays mais afeminados. Eles gostavam, eles procuravam muito; eles gostavam de ter relações com os gays. Naquela relação, assim tipo... só passivo. Cabou, cabou... uma trepadinha; não tinha envolvimento; você não se apaixonava, porque não dava tempo... você não conhecia muito o cara agora. Depois vai saber quando que ia ver ele de novo...

Não fazia parte do imaginário de Gilberto a possibilidade de ter um relacionamento duradouro com outro homem. Para ele, não fazia sentido nenhum um “gay” namorar outro “gay” em função da incompatibilidade, já que ambos seriam afeminados e passivos. Tampouco um homem ativo estaria no horizonte da concretização dos relacionamentos, uma vez que este, por sua vez, era considerado heterossexual e se apaixonaria por uma mulher.

Podemos ver um pouco dessa expectativa de ser tratado como mulher e a sua frustração quando soube que um parceiro com quem se relacionava era gay também:

Só que eu era passiva; e eu achava que ele era hétero, mas ele era gay também, entendeu? Eu vi que... ele me beijava, mas achava, que ele achava, que ele queria me tratar como mulher; que eu sou a mulher da história, então rola o beijo, rola... Depois que eu fiquei sabendo que ele era gay também.

Esse outro “gay” com quem Gilberto se encontrou sexualmente tinha vindo da cidade de São Paulo. É importante notar que, para Gilberto, era ininteligível se relacionar com outro “gay”, ao passo que para o sujeito referido por ele isso era inteligível. Essa situação indica que em São Carlos os vocabulários para a compreensão das sexualidades eram escassos e que nos grandes centros metropolitanos tinham sido criadas, a partir das possibilidades existentes, outras formas de encontro/relacionamento feitas provavelmente em um circuito grande de paquera.

Vimos até o momento que Gilberto foi influenciado pelo seu contexto social. A televisão – que tinha passado pela censura – passou, contudo, a influenciar cada vez mais a visão de

mundo, oferecendo perspectivas novas para compreensão de si e dos encontros com outros homens:

Mas, eu só fui com o tempo, com a modernização; com televisão, com meios mais atuais. Não sei. Me envolver com outro gay, eu já tinha 35 anos. Entendeu? Tipo, o primeiro relacionamento gay, eu tinha 35 anos; ele tinha 17. Então, eu não sabia o que eu ia fazer com um gay, sexualmente falando. Entendeu? Hoje, hoje eu sei; mas naquela época nem podia se tocar.

Foi somente a partir das vivências que foram se transformando, juntamente com novos modelos sendo vistos por meio das mídias, que ele vislumbrou novas formas de se relacionar. A seguir, veremos o contexto social que azeitava os critérios de seleção de parceiros.

### 3.4 - Quem eram os sujeitos marginais?

Esse modelo de encontros sexuais se manteve firme até o recrudescimento da epidemia da AIDS, que higienizou socialmente as ruas. Concomitantemente, novas imagens sobre o que é ser “gay” passaram a circular com mais intensidade com a popularização da televisão e, posteriormente, com o uso das mídias digitais. Não quero dizer que todos sumiram das ruas, mas o modo pelo qual os encontros eram realizados mudou.

Os critérios para encontros sexuais não eram apenas ser “heterossexual” ativo e “gay” passivo. Se hoje os critérios de seleção parecem mais radicais com o uso das mídias digitais, esses critérios já existiam ao seu próprio modo na época de Gilberto, embora não fossem iguais aos que vemos hoje em dia. Vejamos a fala do interlocutor:

Olha... Eu sempre fui um pouco exigente... fresquinha nessa parte... Eu escolhia; porque, me dava o direito, porque... eu era nova, tava carne nova, bonitinha; eu sempre saía com quem eu queria; às vezes o cara me queria e eu não queria. Às vezes tinha até briga. Mas, eu não queria, então não ia. É assim: eu tenho que querer. Aí, a maioria das vezes eu saía com quem eu escolhia; com quem eu achava bonitinho, com quem eu fico, tipo assim. Entendeu?

Embora eles tenham se envolvido como não se tivessem critério nenhum, como se eles se encontrassem com qualquer um porque “era o que tinha”, não devemos esquecer que a própria distinção de ser “heterossexual/gay” já era um critério. Além disso, o critério racial parece ter sido algo relevante:

**Entrevistado:** Para você ter uma ideia, eu era um dos poucos gays que tinha na cidade branco; pele branca de olho claro, cabelo claro e chamava muito a atenção; a maioria dos gays aqui eram negros.

**Entrevistador:** Por quê?

**Entrevistado:** Não sei por quê a maioria era tudo negros e então eu causei muito a hora que eu cheguei em São Carlos. E sempre morei aqui. O nosso encontro era ali na igreja, na Catedral. Então, para mim era mais perto. Então, eu causei muito impacto quando eu surti no meio dos meninos. “Ai, quem é?” “o que que essa bicha quer?”... Eu fui meio que rejeitado na época. Então, aqui... com os homens eles se interessavam muito mais, pelo gay afeminado; eu causava muito mais impacto que elas que já estavam aqui e, eu estava acabando de chegar; então era muito procurado pelos homens na época. Muito, muito... tinha briga. E os próprios gays brigavam por causa de envolvimento; “era meu cara, não sei o quê”. Então, tinha muito rolinho assim; mas depois que eu passei para amizade com a maioria e fui adotado por um como “filha”, eu peguei uma certa proteção dessa pessoa; aí fiz amizade com todas as outras e virou tudo “vucu-vucu”, virou festa.

Por trás dessa afirmação está o fato de que possivelmente os “brancos”, provavelmente de classe média e alta, buscavam ainda mais discrição. Como já mostrado, os mais pobres, de pele mais escura, eram, muitas vezes, marginalizados historicamente, e só tiveram esse espaço público de paquera, parecendo predominar negros na busca homossexual. Os circuitos públicos de “pegação” eram mais populares e, portanto, também menos brancos. É possível afirmar ainda que ser branco é valorizado em razão do fato de as pessoas acharem atraentes pessoas socialmente vistas como bem-sucedidas economicamente. A pele carrega simbolicamente as marcas históricas. A São Carlos imaginada no período da industrialização e o sentimento bairrista em prol do progresso colocaram os sujeitos marginalizados debaixo do tapete.

Em São Carlos, que é uma cidade marcada pela escravidão e, posteriormente, pela imigração – especialmente italiana –, ser branco representava ser de uma família desvencilhada da pobreza, da imagem da escravidão e da negritude. Houve, no entanto, a imigração nordestina, que se intensificou na década de 1980. Segundo dados do Pró-Memória<sup>38</sup>, elaborados a partir dos dados do IBGE, na década de 1970, 515 migrantes vieram do Nordeste, ao passo que na década seguinte esse número aumentou para 3614. Os migrantes nordestinos eram vistos como um problema. Muitos deles se instalaram nos bairros periféricos e trabalhavam como boia-fria, como mostra de modo breve o estudo sobre a gestão do crime e da violência em São Carlos, feito por Silva (2014). Os meus sujeitos de pesquisa também vão ao encontro dessa visão. Um deles, filho de migrantes vindo do Paraná, relatou que a maioria da população do seu bairro é de migrantes nordestinos e paranaenses. Há poucos estudos sobre a migração nordestina, além de poucos depoimentos e dados estatísticos. Seria uma tarefa para uma tese à parte.

---

<sup>38</sup> Agradeço a Leila Massarão, pesquisadora dessa instituição, que se esforçou em sistematizar esses dados para disponibilizar para esta pesquisa.

**A FOLHA**

Diretores Paulo A. C. Silva e Cecília A. C. Silva

São Carlos (SP), Terça-Feira, 26 de Agosto de 1975 — Ano XIII — Número 4.179 — Red. e Ofic.: Rua Conde do Pinhal, 2443 — Tel. 5219

# Situação do «boia-fria» causa preocupação

São Carlos que em outras épocas foi município essencialmente agrícola, sofreu, nos últimos anos, uma certa regressão em seu desenvolvimento rural, face, contudo, superada, sendo atualmente considerada uma das principais fornecedores de mão de obra do Estado, com realce para a cana e outras culturas. Mas apesar desse êxito, a população ruralizada no campo diminuiu consideravelmente e a situação estatística oficial divul-

gada a cerca de 1970, não souou 13 mil pessoas radicadas no meio rural, cifra que presentemente ainda deve ser menor, em que pese a notoriedade a que nos referimos. Não obstante, quantidade elevada de pessoas, homens, mulheres e crianças, todas as manhas lotam inúmeros caminhões e se deslocam para as propriedades agrícolas do município, ao regressarem ao entardecer: são os chamados

boia-fria, pois que o boia-fria não possui registro em carteira, não tem assistência médica, e que, no caso de doença, é atendido nos Santos Casas como indigente.

A questão da precariedade da saúde está relacionada com o problema de moradia, onde os alugueiros representam cerca de um quinto a um quinto dos salários, não representando poupança de espécie alguma e sendo uma despesa mensal "pesada e sem futuro". A proposta feita ao governo é a construção de conjuntos residenciais populares, de baixo custo, para serem entregues aos boia-frias, evitando, assim, o pagamento de alugueiros abusivos sendo esta uma primeira iniciativa para melhorar o nível de vida desses trabalhadores.

O Sindicato de São Carlos ainda propõe que se "estude a sindicalização em massa dessa mão-de-obra, dando garantia, na forma

Sindicato Rural de Puro e de São Carlos que, por seus Presidentes, os incansáveis defensores das causas laboristas, Sr. Salvador Mendes e José Fernando Porto, atenderam o problema dos "boia-frias" face as últimas gestões que afetaram nossa agropecuária, relacionados em situação de quase penúria, sem trabalho e carencia de condições mínimas de subsistência, em decorrência da devastação das lavouras.

Assim, acompanhando a linha de raciocínio desses eminentes líderes rurais, somos de parecer que, a par de se aventar a hipótese da sindicalização daqueles poucos trabalhadores, surge levantar dados sobre a situação da classe, quanto ao aspecto de moradia, de vez que os componentes dessa desamparada parcela de laboradores do setor ru-

ral não podem continuar vivendo da forma atual, em favores e subsídios sem quaisquer condições de higiene e conforto, a que vem se tornando um índice da sua capacidade produtiva, pois outra coisa não poderia se dar, face ao infimo padrão de vida daqueles momentos.

Passando o Estado de mãos compostas, tanto para o levantamento do quadro demográfico como para o encaminhamento de soluções tendentes a minimizar o problema, sendo para resolvê-lo de vez, necessário será que se assumo os setores responsáveis no sentido de se ver revivida tão antiga questão, momento relativo à moradia daquele trabalhador rural que vive nas precárias condições ora apontadas.

Este posto.

Informamos ao Senhor Chefe do Poder Executivo, nos termos regimentais, os dignos decretos relativos a pensões, anuidades dos órgãos competentes, efetivando o levantamento da situação dos chamados "boia-frias", momento no que se refere à moradia, visando a apoio dos setores governamentais competentes tendente a fim proporcionar um padrão de vida, entretanto com sua contribuição ao desenvolvimento nacional, pela construção de casas populares, próximas às suas zonas de atuação contínuo e agido em reivindicação feita por Sindicatos Rurais ao Senhor Secretário de Trabalho, onde equívocos e fogueiras tomam do campo poderiam contar com as exigências mínimas de conforto e higiene, a que todo trabalhador tem inquestionável direito".



### Festival de Teatro

Durante toda a semana, de hoje até no próximo sábado, no Teatro Municipal "Dr. Perdigão" Teatro Amador do Estado do XIII Festival de Teatro com o patrocínio do Governo do Estado — Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia — Conselho Estadual de Cultura e Câmara de Artes, a Amador do Estado de São Paulo — COTAESP —, da colaboração da Prefeitura Municipal e promoção da Federação de Teatro Amador do Centro do Estado — FETAC.

### Nacionais e Internacionais

**Figura 26** – Situação do boia-fria. Jornal *A Folha*, terça-feira, 26 de agosto de 1975.  
**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Gilberto fala que era o único branco entre os seus colegas que vinham dos bairros periféricos da cidade. Tudo indica que, além dos descendentes de pessoas que foram escravizadas nas lavouras de café em São Carlos, muitos deles eram filhos ou até mesmo migrantes nordestinos, estes, por sua vez, racializados.<sup>39</sup>

O recorte de jornal *A Folha*, de 1975, que expus anteriormente, revela que os boia-frias que residiam na cidade careciam de infraestrutura básica de moradia e de assistência médica. Tudo indica que os migrantes que vieram para São Carlos tiveram que ocupar árduos trabalhos rurais e viviam em precárias condições. Como revela o jornal, eles lotavam caminhões que os levavam para trabalhos braçais durante uma temporada e traziam de volta para as suas casas de lona, localizadas no perímetro urbano marginal de São Carlos.

É interessante que esses espaços frequentados pelo Gilberto e seus colegas eram, há algumas décadas, o epicentro da circulação da elite local para passeios, paqueras e lazer. O circuito dos afetos heterossexuais passou a se desvencilhar dos espaços públicos quando os *footings* pararam de fazer sentido e as amarras tradicionais passaram a se esfacelar. As ruas não eram mais o local de pessoas dignas; estas estariam socializando, consumindo bens – como

<sup>39</sup> Uso o conceito de racialização, pois, como podemos ver em Silvério (2013, p. 34), a raça é uma construção e não existe fora da representação. Em vez disso, “elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político. O conceito de racialização refere-se aos casos em que as relações sociais entre as pessoas foram estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas”.

mostrei a partir das crônicas “As salas de cinema” e “A praça ontem e hoje” no segundo capítulo –, enquanto sobriariam os espaços públicos para aqueles que não podiam aproveitar novas dinâmicas amorosas.

Não encontrei sujeitos “heterossexuais” que buscavam criar encontros sexuais com pessoas como o Gilberto. Pode ser que, na geração dele, a maioria se casasse e entrasse para a vida heterossexual e poucos podiam, queriam e/ou tinham condições de permanecer solteiros, esboçando uma vida que hoje compreendemos como gay. Este é o caso dos meus outros interlocutores de pesquisa, – que apresentarei mais adiante –, de baixa renda e que não saíam com gays daquele tempo, mas tiveram filhos e, depois de se divorciarem ou se tornarem viúvos, acabaram “virando” gays.

Para compreender a outra face dos encontros entre homens a partir do ponto de vista da elite, me encontrei com o Maurício. Exploro no próximo tópico uma outra versão das interações, que não eram estabelecidas na Catedral tampouco em locais onde alguém pudesse ser identificado como quem busca parceiros do mesmo sexo.

### **3.5 - O clube do Maurício: as simetrias dos afetos**

Eu estava em uma festa no GIG, conhecido como um bar alternativo, localizado no centro da cidade. Fica em uma rua íngreme e geralmente funciona da quarta a domingo no período noturno. As atrações vão desde Sarau, Karaokê, Funk, Pop – geralmente de “divas” como Lady Gaga, Katy Perry e Beyoncé – e músicas Retrô, atraindo, por isso, um público alternativo. Por alternativo, estou dizendo que são pessoas que têm afinidades com pessoas e bens culturais não *mainstream*. Dependendo da atração, pessoas que se encontram/relacionam amorosamente com outras do mesmo sexo são a maioria do público.

Não estava interessado em pesquisar naquele momento. Afinal, eu estava lá com amigos a fim de descontraír, apesar de não ter o costume de sair muito. Descendo a rampa que vai até os fundos do bar, chegamos em um ambiente sem cadeiras nem mesas, nem no espaço a céu aberto reservado para fumantes nem na parte de dentro do salão. O espaço estava demasiadamente quente quando fui – já que não tinha ar condicionado – e suando com alegria as pessoas dançavam “rebolando até o chão”.

A maioria do público era de universitários que festejavam com jovialidade. Vontade não me faltava de estar pulando, mas com o passar do tempo, o corpo passa a ficar mais acostumado com o repouso e a tranquilidade do que com frequentar lugares muito agitados. Passado uma

hora depois que cheguei, com dor nas costas, saí daquele ambiente intenso e subi a rampa à procura de alguma cadeira para sentar.

“Dor nas costas também?”, perguntei para o Maurício, um homem de cabelos brancos que estava sozinho. Com um sorriso, ele me explicou que gosta de ver o movimento, tomar uma cerveja e conversar. A primeira questão que me veio à cabeça foi: que estranho, uma pessoa que aparentemente tem o dobro da idade de qualquer um que estava no estabelecimento naquele dia ter vindo sozinho, em um local “alternativo”, para beber uma cerveja e conversar. Já que eu não podia mais dançar e me restava apenas ficar sentado, achei que seria uma boa oportunidade conversar com Maurício e convencê-lo a colaborar com a minha pesquisa.

Ele se considera “juntado” com uma mulher. Moram juntos, mas ele se gaba em dizer que cada um tem o seu espaço para fazer o que bem quiser, inclusive sair e voltar para casa de acordo com a vontade própria. E lá estava ele, de pé, encostado na mesa alta com um copo de cerveja na mão, observando timidamente as pessoas que ali circulavam.

Fui direto ao ponto e perguntei se ele se relacionava com outros homens. Novamente, após um sorriso, ele deu uma resposta confusa, como se não quisesse declarar que sim, mas também não negou: “Gosto de conversar. Não importa se é homem ou mulher, uma boa companhia para tomar uma cerveja é sempre bem-vinda”, disse ele. Como pesquisador, o meu papel não é o de determinar o que um sujeito é. A partir daquele momento, tive a certeza que eu deveria entender o sentido do que ele disse para mim.

Naquela noite não disse para ele que eu tinha interesse de tê-lo como um sujeito de pesquisa. Cansado, pedi o seu contato e fui embora para minha casa. Recusei a carona que ele ofereceu para evitar envolvimento com intenção de qualquer forma de contato amoroso ou sexual. Sinceramente, a minha intuição dizia que talvez ele quisesse se envolver sexualmente comigo. Eu não o conhecia direito; achei melhor, portanto, me distanciar naquele momento.

Esperei duas semanas. Julguei que ele já teria esquecido de mim. Assim, enviei mensagens para ele para tentar empreender uma conversa, dessa vez expondo os meus interesses de pesquisa. Achei que ele não estaria nem um pouco interessado porque as respostas dele vinham após intervalo de algumas horas. Não é muito comum no meu círculo social que as pessoas respondam as mensagens pelo aplicativo Whatsapp de modo tão demorado. Geralmente sempre estão conectadas e respondem em alguns instantes.

Lembrei-me que, quando pedi o contato no dia que o encontrei no bar, o celular do Maurício estava desligado. Como não lembrava do seu próprio número, teve que ligá-lo para que assim visualizasse e me passasse o seu contato. Talvez ele não use o seu celular frequentemente e realmente seja afeito a conversar pessoalmente, pensei. Eu estava certo.

Depois de longas esperas, ele disse para que eu ir na casa dele conversar. Passou-me no mesmo instante o seu endereço e, ao invés, de simplesmente mandar a localização pelo Whatsapp, que mostra onde a pessoa está no mapa, descreveu longamente as ruas, locais de curva, conversão, distâncias e pontos de referências.

Fiquei receoso, já que tinha conversado pouco com ele no bar e ele mal respondia as minhas mensagens. Entretanto, não podia perder a oportunidade, pois o método da “bola de neve” não tinha funcionado e eu estava com uma dificuldade imensa de conseguir contatos de pessoas que nasceram antes da década de 1970. Peguei o meu roteiro de entrevistas, imprimi mapas da cidade para ele, caso quisesse apontar os locais onde circulava, recarreguei o meu celular para fazer o registro de áudio e parti rumo a sua casa.

Segui as suas instruções e facilmente entrei em um bairro onde as casas não se pareciam nem um pouco com o que eu estava acostumado a ver na cidade. O bairro é considerado “nobre” e as casas eram imensas. Algumas delas eram sobrados com grandes portões, como a casa do Maurício. Ao chegar, havia uma mulher – depois soube que era a sua empregada – lavando a garagem, e logo foi chamar o Maurício, que apareceu para abrir o portão. Ele estava de cardigã vermelha, calça social bege e sapatos. Mais alto do que eu (tenho 1,77 metros), com sobrepeso e a cor da pele branca como os seus cabelos, Maurício me convidou para entrar e falou para não sermos “atrapalhados”, segundo ele, pela empregada. Ele achou apropriado que conversássemos na sua sala de cinema.

Essa sala de cinema tinha dois sofás grandes aveludados da cor bege, carpete da mesma cor, televisão imensa que só vemos nas lojas de eletrodomésticos, mas nunca temos dinheiro para comprar, sistema de som e acústica apropriado para assistir a filmes, coleção de discos, CDs, DVDs e aviões em miniatura, estes últimos expostos de modo cuidadoso sobre a estante de madeira.

Ficamos sentados frente a frente, e ele deu uma espiada para ver se a sua empregada estava por perto. Após verificar, disse que teria pouco tempo para conversar comigo já que trabalhava. Às pressas, tirei os papéis da minha pasta e comecei a seguir o meu roteiro de perguntas – importante para que depois eu pudesse comparar as falas dos meus sujeitos de pesquisa, vendo pontos em comum e as diferenças.

Maurício<sup>40</sup> teve apoio da família para estudar, obter um curso universitário em outro estado e realizar especialização. Nasceu em São Carlos em 1959, e, atualmente, tem 58 anos de

---

<sup>40</sup> Suprimi as informações sobre o Maurício, tais como o curso de formação, os seus negócios exercidos e a atividade profissional atual. Embora empobreça a descrição, foi necessária para preservar o anonimato do interlocutor.

idade, usa uma aliança de compromisso – tendo uma mulher como seu par amoroso – e tem estabilidade financeira.

Diferentemente de Gilberto, que não tinha afeição pelas mídias, quando o comparamos com o Maurício, percebemos um recorte de classe. Maurício, de uma família abastada, teve acesso às mídias desde pequeno na década de 1960, sendo parte de uma das primeiras famílias a ter televisão em São Carlos, segundo o seu relato. Ao assistir, os amigos da família, igualmente abastados, iam à sua residência para compartilhar o momento. Antes mesmo de ter, em 1972, uma televisão a cores, ele se recorda que tinha um cinematógrafo 16mm – máquina que projeta imagens como no cinema – em sua casa. Ele tinha mais de 300 filmes e reunia amigos do círculo social da sua família para assistirem juntos.

O recorte de classe é evidente. O pai de Gilberto trabalhava como pintor de construção civil e, junto com os seus parentes, que moravam juntos, sustentava a casa. A televisão foi adquirida na década de 1970, e Gilberto assistia pouco, pois estava, segundo ele, habituado a se divertir com seus amigos na rua. Maurício, desde pequeno, teve acesso às mídias e, como rememora, se deliciava com o entretenimento.

Maurício nunca se envolveu amorosa e sexualmente com outros homens até os seus 30 anos de idade. Passou mais de uma década em outro Estado fazendo faculdade e especialização e em uma cidade grande do interior paulista trabalhando. Quando regressou a São Carlos aos 30 anos de idade, tornou-se um proeminente empresário.

Por mais que o Maurício tenha sido afetado pelos fluxos de informação e de entretenimento desde pequeno, seguiu à risca o modelo de se comportar de modo estritamente heterossexual. A vivência com a sua família e amigos, além das próprias mídias, mostrava modelos heterossexuais de vida:

Diferente para nós, ainda que a gente era formado em família, fui criado numa família tradicional né? Classe média, católica, e com todos esses, meus primos todos e olha que eu tenho um monte de primo, nenhum assumidamente gay, não se falava nisso. Muito pelo contrário. Tinha uma aversão muito grande, né?

Apesar de Maurício ter afirmado que não se via “gays” em sua época, mas, contraditoriamente, ter dito que havia aversão, ele revela em seu argumento que já tinha visto “gays” em algum lugar para não gostar, ou ao menos tenha tido contato indireto. As sexualidades dissidentes deveriam permanecer na ordem do silêncio. Vejamos:

**Entrevistador:** Qual a imagem que você tinha de ser gay?

**Entrevistado:** Ah, na época era bastante repressivo, né? Era, até a gente tinha, era uma coisa bastante distante da gente, né? Mas essa descoberta veio mais na adolescência mesmo, né?

**Entrevistador:** Era sempre uma visão bem negativa?

**Entrevistado** – Não, não tanto negativa, porque a gente... Mas eu não tinha, sei lá, talvez coragem, a coisa também na época, a situação não era tão liberal e existia claro uma repressão, né? Falar em gay na década de 70 principalmente, 80, 90, ainda era né, bastante repressivo, né? E tinha né, na escola era um tabu isso aí né. Eu por exemplo estudei [em uma] escola tradicional aqui em São Carlos. Ali, para você ter uma ideia, dos nossos colegas, eu nunca ouvi falar de um dos colegas assim assumidamente gay na época. Hoje você vê relacionamento, menino dá a mão para menino, enfim, era muito diferente, era completamente diferente. Na minha época eu não me lembro de nenhum colega meu, e olha que era 8 salas de ensino médio que a gente tinha no Instituto, eu não me lembro de nenhum assim se manifestar decididamente, falando assim “eu sou gay, assumo”, depois que eu fui fazer faculdade que eu descobri um amigo né, que depois eu encontrei com ele no café do centro, mas já fazendo faculdade, aí sim que eu descobri que ele era gay assumido, mas na época ele estudava comigo, não se manifestava de forma alguma.

**Entrevistador:** Nas mídias, não aparecia nada sobre...?

**Entrevistado:** Não, era muito repressivo porque a grande parte da minha juventude foi a ditadura militar né e para você ter uma ideia, revistinha de sacanagem era coisa muito difícil né. Mesmo hétero, malemá a gente tinha os que a gente chama de Catecismo do Carlos Zéfiro né? Que a gente encontrava, mas isso quem tinha geralmente era pais de amigos que tinha em casa aí o colega roubava do pai para trazer em casa, mas era completamente...

**Entrevistador:** E na cidade, você via algo diferente?

**Entrevistado:** Não, não via. Porque São Carlos sempre foi uma cidade muito conservadora, né?

**Entrevistador:** Nem perto da Catedral...

**Entrevistado:** Não, aí nós começamos depois como jovem, a gente começou a ver os primeiros travestis e faz um ponto aqui na Avenida São Carlos.

**Entrevistador:** Isso já na década de 80...

**Entrevistado:** De 80, já quase beirando 90, né?

Quando o Maurício passou a se envolver com outros homens ele tinha 30 anos de idade. Diferentemente do Gilberto, ele não procurava parceiros nas ruas tampouco se expunha em locais onde pudesse ser identificado como gay. O seu contato se dava de modo diferente: era a partir de conhecidos, como pessoas com quem mantinha contato profissional a partir de seus negócios, colegas e amigos de amigos. Em sua percepção atual, as ruas são perigosas e as pegações, inclusive marcadas a partir da internet, são iminentemente arriscadas. Acostumado com o circuito social da elite, a aproximação da pobreza talvez lhe causasse a sensação de perigo.

Até então, ele mantinha uma imagem presumidamente heterossexual. Com medo de pegar doenças venéreas, evitou criar encontros sexuais durante a sua época de faculdade. Tinha alergia a penicilina, que era o principal remédio para o tratamento das doenças sexualmente transmissíveis e, por recomendação de seu pai, evitou contatos sexuais.

O pânico da Sífilis já existia desde a década de 1940, como podemos ver na imagem a seguir, e foi desaparecendo na medida em que surgiram tratamentos eficazes nessa mesma década, como a penicilina, que começou a ser produzida em grande escala no mundo. Até então eram consumidos elixires que nada tinham de eficiente para o tratamento. No imaginário de Maurício, o fantasma da sífilis passado de pai para filho foi significativo para que não tivesse concretizado muitos encontros sexuais, especialmente fora dos moldes heterossexuais tradicionais.



**Figura 27** – Propaganda do elixir para sífilis. Jornal *Correio de São Carlos*, domingo, 7 de junho de 1942.

**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Maurício passou a morar sozinho quando retornou para São Carlos, e os seus encontros eram, segundo ele, “aleatórios”. Eram desejos que estavam dispostos para serem satisfeitos na medida em que surgissem possibilidades. Mantendo uma imagem heterossexual, até chegou a se aproximar de espaços de sociabilidade “GLS” – gays e lésbicas –, termo usado por ele.

Por exemplo, aqui em São Carlos o primeiro bar GLS era o chamado Bar da Rogéria né? Que hoje ela é dona do Multi Espaço hoje. Mas ela era localizada ali na rua 7 que foi realmente o primeiro bar que a gente falava assim “Ah, é bar de sapatão e de viado”, que eles falavam né. Mas eu ia muito lá. Conheci, conheço a Rogéria há muito tempo, gostava. Conheci muito gay lá dentro, gente legal por sinal, sem essa de sabe... Para conhecer, como amizade mesmo né. Enfim, foi o primeiro contato.

Esse trecho de sua fala vai ao encontro do meu argumento levantado de que as novas formas de conhecer pessoas passaram a acontecer consumindo em lugares como bares. Maurício, no entanto, aos poucos, parou de frequentar lugares que eram considerados “GLS”. Como constatei e anotei em meu diário de campo, ele começou a dar mais atenção ao seu círculo social heterossexual, mas não deixando de ir sozinho, portanto, “escondido”, a estabelecimentos alternativos como GIG.

A maioria das pessoas próximas não sabe que Maurício se envolve com outros homens; apenas presumem que ele é heterossexual. Somente com homens que, assim como ele, se envolviam com outros do mesmo sexo escondidos, por igualmente estar nessa condição, Maurício podia compartilhar segredos.

É entre esses outros homens, que desejavam se envolver com outros do mesmo sexo e também eram comprometidos com a ordem heterossexual, que Maurício podia compartilhar as conversas e os segredos:

Eu sempre fui no contato mesmo, conhecimento, encontrava uma pessoa. Às vezes a gente se engraçava, se dava bem, enfim, nunca... inclusive eu tenho alguns, não digo vários, amigos que também são reservados nisso, são fechados. As únicas pessoas com quem eles conversam sobre sexualidade é comigo, né? Têm essa liberdade, eles não falam para ninguém, inclusive têm filhos, tem filhos adultos, mas ele é gay, ele fala “Maurício, hoje eu saí com o cara, fui transar com ele”, mas ele tem esposa, tá lá, os filhos, filhos super de uma família super dez, mas ele foi descobrir a sexualidade dele depois de adulto também, começou a gostar. Porque era repressivo, né? Ele era um professor universitário, hoje já não é mais, tá aposentado, mas é um cara super gente boa. Eu tinha um outro amigo que faleceu recentemente né, também com família, era gay, mas também assim, não assumido, né? Ele era reservado, mas ele se abria muito comigo e enfim...

Sempre tímido, porém observador, Maurício frequentava principalmente os bares como um meio que possibilitaria conhecer outros homens. Parece que a imagem dele, em pé no GIG, sempre se repetiu. O relato dele sobre o modo como ele flertava evidencia como ele costuma fazer até os dias de hoje para conhecer pessoas novas: “Ah, assim no olhar, às vezes as coisas por exemplo, comigo, eu ia num barzinho, a pessoa olhava, dava uma risadinha, chegava “Ah, posso conversar com você? Achei você legal”.

Criar encontros amorosos/sexuais com discrição, mantendo uma imagem heterossexual em seu cotidiano, parece ser o modo como o Maurício vivencia relações com outros homens. Não muito afeito a usar as mídias digitais, ele prefere contatos pessoais em locais como bares. Ele passou a usar a internet aos 36 anos de idade, no mesmo ano em que ela foi disponibilizada

comercialmente nos EUA e, no fim do ano, começou no Brasil, em 1996. Ele foi, portanto, um privilegiado que teve acesso a essa tecnologia logo de cara.

À moda antiga, prefere encontros pessoais, “olho no olho”, como sempre fez. Segundo ele, ainda há os riscos de violência, iminentes para ele, que já teve um amigo que foi espancado depois de ter se encontrado com uma pessoa que conheceu pela internet.

Maurício, que mantém um relacionamento com uma mulher, obtém um reconhecimento social de seus amigos, que veem a liberdade dele como algo admirável. Embora pareça até uma união estável de “fachada”, os seus amigos consideram a liberdade para sair aos bares desacompanhado na hora que quiser como algo louvável e invejável, como se o modelo de relacionamento heterossexual tenha dado certo por deixar a sua companheira no ambiente caseiro, e ele, como um bom homem, circular como quer nos bares que frequenta.

Assim, Maurício ganha reconhecimento social dos seus amigos, que conferem a ele a heterossexualidade necessária para que ele possa circular com liberdade, até mesmo para se encontrar sexualmente com outros homens, mantendo a discrição. O reconhecimento social não é, nesse sentido, algo metafísico, pois exerce uma influência real no cotidiano. Maurício realiza semestralmente a “Festa do Maurício”, onde só pode entrar homens, sem as suas esposas. Ele já ocupou cargos de chefia em instituição pública e criou laços sociais de amizade com pessoas com muitas posses financeiras, preservando uma imagem de heterossexual. Como ele mesmo reconhece:

90% dos meus amigos são heterossexuais e alguns chega, não vou falar que são homofóbicos, mas você percebe no tipo de brincadeira, né? Que inclusive é aquele tipo de gente que se souber, perde até a amizade. Você tá entendendo? Não vai ser a mesma coisa. Então 90% dos meus amigos eles são hetero, né? Eles não são... E tenho vários amigos, mas todos amigos que tenho, alguns não, tenho amigos que são homo também, mas que são reservados, não são declarados. Tenho vários amigos declarados, que assume, sou, acabou, fim de papo.

Apesar de Maurício ter declarado que não tinha uma imagem midiática de “gay”, seria frágil acreditar em sua fala, já que o contato com as mídias oferece ao menos elementos de identificação do modelo heterossexual, e vimos, a partir de Gilberto, que estes criaram e inspiraram formas de encontros sexuais entre homens. Hoje, ambos não são muito afeitos a usar as mídias digitais para buscar parceiros. É geracional resistir a esse novo modelo de se envolver, uma vez que consideram os encontros face a face melhores. Apesar disso, é inegável que as mídias digitais influenciam de modo indireto a vida deles, pois consideram que as pessoas se tornaram “mais seletivas”. Esse ponto explorarei mais adiante, ao mostrar como os meus interlocutores mais jovens negociam os seus desejos usando as mídias digitais. Esses dois

sujeitos de pesquisa que apresentei até o momento trouxeram elementos para discutir como, além das determinações sociais que imputam modelos de viver ou criam espaços para subversão, as mídias influenciam subjetivamente os sujeitos.

No próximo capítulo veremos como as mídias se entrelaçam com o cotidiano dos sujeitos direta ou indiretamente, seja por meio de filmes ou de pornografias que criam transformações reais na esfera social.

## CAPÍTULO 4 – Os corpos que vem à tona por meio das mídias

### 4.1 - O troca-troca

Deslizando os perfis para cima, eu estava usando o aplicativo de busca de parceiros chamado Hornet. É um aplicativo criado em 2011, que hoje tem, segundo a própria empresa, cerca de 25 milhões de usuários em todo o mundo. É um dos aplicativos de busca de parceiros para relações homoeróticas mais usados em São Carlos, oferecendo tanto uma versão paga – que possibilita o uso de ferramentas como filtros para aparecer o perfil desejado –, como uma versão gratuita – que é a que eu uso. Não seria vantajoso para mim usar a versão paga para filtrar um tipo de perfil desejado, já que em São Carlos dificilmente encontramos, segundo as minhas contas, mais de 130 usuários com perfis expostos para serem visualizados e passíveis de entrar em contato. Deslizando os perfis – a maioria com fotos do rosto, outros apenas do peito, virilha (com cueca) e figuras de paisagens ou imagens aleatórias – para encontrar algum sujeito que tivesse nascido na década de 1960, encontrei o Márcio, que mostrava ter 35 anos de idade.<sup>41</sup> Por falta de opção, pois estava difícil encontrar algum interlocutor de pesquisa que tivesse mais idade, entrei em contato com ele a fim de conversar.

Eu sempre usei um perfil sem foto nenhum para evitar que os demais sujeitos que usam o aplicativo me enviassem mensagens desnecessárias a fim de empreender algum tipo de contato comigo. Geralmente, no espaço destinado para descrever o perfil, os sujeitos deixam claro que só vão conversar se puderem visualizar as fotos. “Sem foto, sem papo” é uma declaração muito comum que podemos encontrar nos perfis.

Como eu não tinha fotos no perfil nem descrição alguma e vi que o Márcio não me respondia, resolvi enviar uma foto. No mesmo instante, ele me respondeu perguntando o que eu estava procurando, qual seria a minha posição sexual, se moro sozinho, onde moro e como faríamos para transar. O problema de entrar em contato por meio do aplicativo é que a maioria está procurando relacionamentos duradouros ou encontros fortuitos, ou seja, namoros ou até mesmo relações sexuais sem compromisso.

Pensei que eu tinha começado de um jeito errado. Correndo o risco de me tornar desinteressante para o Márcio, expus que eu não estava à procura de relações sexuais nem estava com o interesse de criar laços de qualquer espécie. Tentei ser razoável, dizendo que o meu

---

<sup>41</sup> Ele tinha 49 anos de idade e não 35 como havia dito. Isso indica muita coisa, como o fato de ele viver em um contexto social que valoriza a juventude. Declarar ter 35 anos de idade o aproximaria, então, dessa juventude tão desejada socialmente.

interesse era conhecer alguém para uma boa conversa. Foi fácil convencer Márcio para nos encontrarmos. Expliquei sobre a minha pesquisa e disse que, se ele me concedesse uma entrevista, eu ficaria muito feliz. De prontidão, ele aceitou, embora um pouco desconfiado, mas depois até se ofereceu em vir em minha casa me buscar de ônibus.

Ao invés de irmos para algum lugar como eu tinha sugerido, ele queria vir para minha casa de qualquer modo. Declinei, é claro, pois desconfiei que ele não estava interessado em dar uma entrevista, mas – como confirmei posteriormente durante a nossa conversa em um café no centro da cidade – em se relacionar sexualmente comigo. No dia seguinte à entrevista, ele me enviou uma mensagem: “Pena que não gostou de mim”, junto com uma foto dele de cueca, onde se evidenciava o pênis dele ereto.

Como eu achei que não seria legal ele vir me buscar de ônibus como ele queria ou fazê-lo ir até o café onde combinamos, gastando dinheiro com a passagem, resolvi buscá-lo. Assim, eu já conheceria o seu bairro e a casa onde ele mora. Perto do Campus II da Universidade de São Paulo, entre o bairro Jardim Santa Angelina e o Jardim São Carlos 5, encontrei o Márcio, que estava vestido como na foto que havia me enviado para que eu pudesse identificá-lo. Ele estava de camiseta branca com gola, bem justa ao seu corpo, tênis bege, calça jeans com detalhes desfiados, cabelo curto arrepiado com gel e perfume em excesso.

Ele mora em um bairro que tem casas com rebocos inacabados, com tijolos a mostra, com a sua mãe já idosa e doente, e a filha, já maior de idade. É uma edícula nos fundos da casa de um parente, onde os três moram juntos e dormem todos no mesmo quarto. Atualmente, ele está desempregado e ocupa a maior parte da semana levando a sua mãe, já aposentada, para um tratamento de saúde.

Márcio entrou no meu carro e se mostrou uma pessoa tímida, de poucas palavras. No entanto, na medida em que estávamos nos aproximando do café e perguntei sobre a sua profissão, ele começou a deixar o recato de lado e passou a falar animadamente sobre quando trabalhou como porteiro no prédio onde tínhamos acabado de estacionar. Andamos uma quadra e entramos em um café, que tinha poucos clientes naquele momento. Sentamos em um lugar perto da entrada, com uma certa distância da cozinha, que eventualmente fazia barulhos ensurdecedores com o liquidificador. Expliquei novamente sobre a pesquisa e, sem delongas, comecei a fazer perguntas seguindo o roteiro de entrevista que eu já tinha memorizado. Diferentemente das duas primeiras entrevistas, que realizei com Gilberto e com Maurício, eu já tinha conseguido memorizar as questões e achei melhor não deixar os papéis sobre a mesa, deixando, assim, o ambiente menos formal, possibilitando dar mais conforto ao entrevistado.

Expliquei para o Márcio, assim como fiz com todos os sujeitos de pesquisa, os meus interesses e as questões éticas envolvidas, como não revelar dados que pudessem identificá-lo, evitando, desse modo, possíveis danos futuros – nem os seus amigos nem a sua família sabem que ele prefere criar encontros sexuais com outros homens, por isso, o faz mantendo segredo.

Ele contou que já tinha feito “troca-troca” quando jovem, mas afirma que passou a se encontrar com outros homens somente após a sua esposa falecer, há 18 anos. Como já mostrei anteriormente, saliento que, naquela época, não existiam vocabulários que pudessem caracterizar os encontros como relacionamentos. Eles eram fortuitos a fim de saciar as vontades, já que não havia para eles modelos de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Era inconcebível, a partir de modelos heterossexuais que demandavam um homem e uma mulher, criar relacionamentos amorosos entre homens. O “troca-troca” faz parte desse contexto. Em suas palavras:

Então, era uns troca-troca bobinho, sabe? Não tinha esse negócio de penetração que tem hoje. Hoje é coisa séria mesmo, né? Antes não, era só umas esfregadas assim, sabe? Por isso que, né, muita gente não sabe ao certo discernir o que é uma coisa da outra, né? Vou falar pra você, eu fui pra esse lado aí depois que minha mulher faleceu, sabe? Eu não tinha esse lado, mas aí ela faleceu e eu falei assim “ah, quer saber? Vou tentar experimentar outro lado”. Eu sou ativo, então eu falei assim: “vou tentar experimentar esse outro lado” que pra mim o prazer vai ser acho que igual porque não tem diferença nenhuma, né? Você vai ali colocar o pênis numa vagina, se você for colocar num ânus, pra mim é a mesma coisa. Não tem diferença nenhuma, a única coisa é que vagina é mais dilatada. Você vai colocar com mais facilidade, não tem aquele problema de ficar lubrificando com óleo, essas coisas, né?

Pelo que indica a sua fala, os “troca-troca” não envolviam penetração. O que causa estranhamento é que, ao tentar saber quando isso acontecia, ele disse que não havia se relacionado com outro homem. Isso teria acontecido somente após a morte de sua esposa. Esse estranhamento evidencia uma incoerência da minha pergunta. Questionei quando ele tinha se “relacionado”. Vejamos:

**Entrevistador:** Você se relacionou quando você tinha 20 e pouco anos?

**Entrevistado:** Não, com homem não.

**Entrevistador:** Só depois que você...

**Entrevistado:** Só depois que minha mulher faleceu. Faz 18, 19 anos que ela faleceu, minha mulher né. Quando eu casei com ela tinha 27, acho que depois dos 30, a gente ficou junto uns 4 anos e depois ela faleceu né, aí depois que eu vim conhecer esse lado de ficar com outro rapaz, né. Mas não foram muitas vezes não.

Esse trecho revela que os “troca-troca” não eram considerados relacionamentos. Os relacionamentos entre homens em São Carlos só passaram a ser imaginados e concretizados

mais recentemente. Como já vimos a partir do Gilberto, as “pegações” que ele e seus colegas faziam na Catedral também não eram possíveis serem classificadas como relacionamentos. O que Gilberto e Márcio tiveram em comum foi o escasso vocabulário para sentir aqueles encontros fortuitos de modo diferente:

Ó, eu tinha 10 anos, eu tinha um amiguinho de escola que era bem mulherzinha assim, sabe? Mas eu não sabia o que que era isso, ele falava assim bem mole já, sabe? Falava bem mole, assim... Então ele fazia gesto, ele tinha o cabelinho bem curtinho assim, sabe? E loiro, jogado de lado. Aí eu acho que ele até queria fazer alguma coisa comigo, mas eu ficava meio cismado, eu falava: “Sai, Maurício daqui” [risos de Márcio], ele chamava Maurício. Deve chamar até hoje, se estiver vivo né? “Ai, Mauricio, que é isso?”, fazia assim como quem não gostava. Você tá ficando louco, vou ficar com medo disso. Devia ter aproveitado, naquela época, acho que perdi tempo com as oportunidades, né? Lógico que tem que se cuidar e saber com quem tá fazendo as coisas, mas naquela época não tinha nada de doença né, muitos anos. Eu tinha um outro também que não saía de casa, era um outro já né, e às vezes a gente fazia aquele negócio que te falei, troca-troca, era só esfrega-esfrega sabe? E não saía disso, agora não tem mais isso não, né? Eu acho que não tem mais, né?

A primeira coisa que imaginei a partir desse trecho da fala de Márcio é que esse menino de cabelo loiro curto jogado de lado poderia ter sido o Gilberto, que já morava em São Carlos. A única coisa que Gilberto não tem hoje é cabelo, mas ele me contou que, quando era jovem, tinha essas características, somando os olhos azuis. Hipoteticamente, teria sido possível que Márcio e Gilberto tivessem encontrado um ao outro para fins sexuais; no entanto, em função das restrições sociais e da falta de vocabulários, um relacionamento duradouro entre eles seria impensável.

Cada um deles tomou caminhos diferentes. Na medida em que Gilberto se vestia de menina, correspondendo ao vocabulário existente, Márcio se protegeu com um casamento diante da escassez de recursos financeiros, censurando o desejo de encontrar outros rapazes. No caso de Márcio, trata-se de um mecanismo de sobrevivência. Isso ficou mais evidente quando ele relatou em entrevista o quanto gostava de sua esposa e que ambos conseguiram unir forças para trabalhar e criar uma família. Tiveram uma filha e puderam morar juntos. Tudo se desfez quando a esposa faleceu e, em face à carência de recursos financeiros, tiveram que se mudar para uma edícula no fundo da casa de um parente, onde a sua mãe morava. Hoje, no mesmo quarto, dormem todos juntos e se sustentam com a aposentadoria de sua mãe, já doente.

O amor e o interesse entre Márcio e sua esposa se mesclavam. Viver com quem aprendeu a amar, unindo recursos financeiros, já que ambos trabalhavam, proporcionou, sob uma aliança nos moldes da heterossexualidade, condições de sobreviver. Nesse prisma, é totalmente

compreensível Márcio não ter optado por ficar solteiro, pois se a escolha tivesse sido essa, viveria as amarguras de uma vida precária, sem condições financeiras. O casamento foi necessário e coerente ao que era esperado socialmente:

É, porque eu fiquei com ela 4 anos, eu casei com 27. Quanto vai dá? Depois, ela faleceu. Eu fiquei muito doente, com depressão né, entrei, nossa fiquei muito mal mesmo, fiquei um bom tempo sem sair.

Além de sua esposa ter falecido, Márcio ficou sem possibilidades de continuar vivendo nos moldes da heterossexualidade, com uma aliança para unir forças financeiras diante da pobreza. Ele começou a trabalhar com onze anos de idade e afirmou não ter tido oportunidade de estudar, completando apenas o Ginásio. Em função disso, não tem expectativas de se aposentar tão cedo, pois não teve registros de trabalho:

Também não parava quase em serviço nenhum depois. Cabeça fraca pra ficar firme num serviço só. Depois fechava, a gente queria ir pra outra, sabe? Não era que nem hoje. Hoje também tá tão difícil né, é isso. Mas se Deus quiser ainda vou achar minha tampa ou se não achar também eu vou curtindo minha vida até quando Deus quiser, porque pra sempre a gente não vai viver, então a gente tem que aproveitar os momentos pra se divertir um pouco, sair um pouco, curtir um pouco esse lado aí.

Subentende-se que a tampa que ele procura é para criar alianças em face das dificuldades financeiras. Enquanto isso não acontece, Márcio pretende ir “curtindo” “um pouco esse lado aí”, ou seja, criar encontros sexuais com outros homens.

O controle familiar parece ser encabeçado por sua mãe, que está em posse da origem da renda familiar por meio da aposentadoria. Ademais, Márcio mostra estar em consonância com a religiosidade dela:

Ela não sabe. Minha mãe é Testemunha de Jeová né e eu tenho bastante convicção de que essa é a verdadeira religião pelo que eles falam, que eles pregam, o que a Bíblia prega, eu tenho esse conceito que é verdadeiro, porque cada uma acha que é a sua né, mas eu não tenho religião. Precisei batizar na católica para casar né, só que eu nunca gostei da religião católica, eu tenho medo de entrar nas igrejas. Verdade, tem uma igreja nessa rua aqui, são Sebastião acho que é, eu tenho medo de entrar naquela igreja, tem uma imagem lá dentro de Jesus assim, tudo cheio de sangue, como se fosse sangue, você fica sei lá, arrepiado de ver aquilo e eu vejo uma coisa triste nas imagens, eu não vejo alegria.

Famosas pelas tentativas de evangelização de porta em porta ou nas ruas, comumente as Testemunhas de Jeová se posicionam contra a transfusão de sangue e pregam a moralidade

sexual<sup>42</sup>. No entanto, é importante não perder de vista que os sujeitos não são coerentes. Ao mesmo tempo em que acredita piamente que esta seja a religião certa, também flerta com possibilidades de encontrar rapazes para encontros sexuais. Vejamos:

Queria que minha mulher tivesse viva, queria tá com ela e meus filhos né, mas a vida é assim, a gente tem perdas e ganhos, eu queria que futuramente eu pudesse me relacionar com alguém que realmente, que eu pudesse gostar né, não interessa assim se for homem ou mulher, que eu possa gostar, que possa me respeitar e que eu também né, mas eu não sei se vou ter coragem um dia de assumir esse lado também né, querendo ou não é um lado que a gente tem que ter coragem né, mas assim vamos supor que se tudo acontecer pra esse caminho e eu perder um pouco esse receio, esse medo, eu posso normalmente aceitar ficar com outra pessoa, o importante é o respeito, amizade né. Se for para falar que é machão que só fica com mulher, também é mentira viu, eu acho que não existe isso, não. Eu acho que são os piores né.

O falecimento de sua esposa concedeu a oportunidade para que Márcio tentasse reorganizar a sua vida, pois o que morreu junto com ela foi o casamento, a aliança financeira e a possibilidade de modelar e solidificar sua vida com respeitabilidade social. Se ele tinha desejo pela sua esposa ou se sempre gostou de homens não é a minha discussão aqui. Além de ser ingênuo, enquadrar os desejos a partir do *voyeur* do pesquisador não é produtivo.

Ao longo do tempo, o “troca-troca”, já adormecido, despertou com uma nova face para Márcio. Ele passou a querer se envolver com quem realmente gosta, seja homem ou mulher, desejando ser respeitado e vislumbrando possibilidade de ser algo diferente do clássico “machão”. No próximo capítulo discuto quais foram as mudanças externas que levaram Márcio repensar as suas convicções.

#### **4.2 - As traduções culturais a partir das mídias**

Como vimos, em São Carlos, os modos pelos quais os desejos eram engrenados responderam ao contexto social afetado pelas mídias. Os jornais, por exemplo, reforçaram e criaram modelos de moralidade e de masculinidades. Vimos, por meio de anúncios como da Gillette – que mostraram o ideal de respeitabilidade social ligado à barba feita –, do elixir para Sífilis – que expunha que era pecado casar doente, indicando a pureza do casamento e os riscos vindo de fora dele –, que esses elementos ofereceram modelos de modos de agir.

---

<sup>42</sup> Como pude notar em um importante site para os Testemunhas de Jeová, a educação da família sob preceitos cristãos são uma das preocupações mais fundamentais. Disponível em: <<https://www.jw.org>>. Acesso em 24 mar. 2018.

Já as rádios fizeram circular informações e criaram ídolos e galãs imaginários. As moças e os rapazes, por exemplo, imaginavam os personagens pelas vozes a partir do vocabulário social que tinham, iam para os estúdios – e se frustravam na maioria das vezes ao verem que os locutores não eram como esperado –, ou conferiam – quem tinha condições – nas revistas como os atores das radionovelas e cantores eram, imitando os seus modos de se vestir e de modelar o cabelo. No entanto, as referências incorporadas pelos sujeitos eram esmagadoramente heterossexuais. A partir dos modelos divulgados pelas mídias, eles obtiveram vocabulários para construir a si mesmos a partir das idealizações que aprendiam vendo ídolos e galãs.

É evidente, nesse sentido, a importância das mídias para a criação de novos modelos sociais. A televisão foi adquirida pelas pessoas mais afortunadas na década de 1960 em São Carlos e, em 1970, pelas classes populares. A visibilidade impulsionou as mudanças por meio da aliança das informações com as imagens. Os sujeitos não deixaram de imaginar como seriam os modelos, mas passaram a fazê-lo de modo diferente, com mais coerência com o que era visto.

Embora inicialmente não tenha sido tão acessível, a televisão fez circular com eficiência modelos sociais. O modo de namorar e amar heterossexualmente, de se vestir e cortar o cabelo, foi sendo exibido com intensidade a partir de filmes e novelas, que já eram transmitidos por outros meios, como o cinema e o rádio. Ainda que os cinemas tenham sido importantes, estes afetaram diretamente apenas as pessoas que tinham acesso. Azeitadas pelas outras mídias, o que realmente acentuou as mudanças na esfera afetiva em São Carlos foi a televisão.

Márcio se lembra muito bem desse período, mas pouco se recorda dos modelos sociais que circulavam em outros meios que não fosse a televisão. Apesar de não lembrar de muitos nomes de novelas, ele se recorda com maestria de sensações e nomes de galãs da época, o que revela a importância da visibilidade para a criação de sua identidade. Não é possível, no entanto, considerar que as outras mídias como rádio e cinema estavam alheias a ele. Pelo contrário, como vimos no primeiro e no segundo capítulo, essas mídias foram importantes para construir representações. O Márcio não percebe que as toma como naturalizadas; contudo, elas forjaram o contexto onde ele vive, afetando-o inevitavelmente.

A interpretação de Márcio é feita a partir do presente e, portanto, devemos levar em consideração que o que ele lembra ou deixa de contar propositalmente revela os elementos que para ele foram importantes na constituição de sua própria identidade. Costuma-se dizer que, sob as cicatrizes, existem grandes histórias. No caso de Márcio, que é efeito das forças sociais, ele carrega em si essas marcas – que podem ser deslocadas ou desinteressadas, dependendo do contexto –, em seu corpo ou em sua subjetividade.

A televisão com imagem preta e branca foi adquirida pela sua família a muito custo em 1978<sup>43</sup>. Ela não era muito acessível, mas a novidade trouxe para Márcio – que não tinha dinheiro para ir ao cinema – novas visões de mundo. A televisão apresentou vários modelos de masculinidades, por exemplo, que Márcio não se esquece. Nunca viajou para fora do estado de São Paulo e, por isso, via com afinco a televisão, com especial atenção às novelas e aos filmes, que ofereciam conhecimento sobre outros contextos.

Se até a década de 1970 o que prevalecia era o *footing* em São Carlos, outros modelos de relacionamento e relações de gênero passaram a ser oferecidos por meio das mídias. Entremado cada vez mais dentro dos lares, a televisão proporcionou, como vimos a partir de Fátima, uma grande mudança a partir da visibilidade, que acirrou as mudanças na esfera afetiva.

Márcio apresenta elementos para entendermos essa mudança. Como já abordado aqui, os desejos amorosos/sexuais entre homens compartilhavam vocabulários da heterossexualidade, o que torna necessário explorar como a imaginação romântica se transformou a partir do impacto das mídias. Trata-se de uma forma de tradução cultural, descrita por Homi Bhabha (2010, p. 314) como algo que “dessacraliza as pressuposições transparentes da supremacia cultural e, nesse próprio ato, exige uma especificidade contextual, uma diferenciação histórica *no interior* das posições minoritárias”.

O sujeito de pesquisa em questão usou o vocabulário social marcadamente heterossexual para empreender um relacionamento com sua falecida esposa e, posteriormente, para se envolver com outros homens. O que houve, nesse caso, foi a tradução do que lhe era oferecido, ou seja, ele contextualizou os elementos que estavam ao seu alcance. Não foram simples traduções com resultados mesclados, mas um processo de criação a partir do embaralhamento dos vocabulários disponíveis.

Os sujeitos de pesquisa, no geral, traduziram ao momento e ao contexto em que viviam os aspectos culturais oferecidos por meio das mídias. No entanto, as mídias não são entidades mágicas que trazem do exterior elementos que devam ser ambientados às realidades sociais dos sujeitos. Elas próprias são meios que permitem fazer circular informações em textos, sons ou imagens canalizadas pelas indústrias culturais, estas, por sua vez, respondendo ao contexto em que estão inseridas. O que aconteceu em São Carlos foram traduções culturais de outras traduções culturais.

---

<sup>43</sup> Famílias com mais condições financeiras, como de Maurício, já assistiam à televisão desde a primeira metade da década de 1960 e, no início da década de 1970, viam as imagens a cores.

Contudo, como vimos a partir de Butler, os sujeitos são efeitos que não estão fadados a destinos específicos, apesar de não serem inteiramente livres para fazer o que quiserem. Bhabha sistematiza o argumento:

O problema não é de cunho ontológico, em que as diferenças são efeitos de alguma identidade totalizante, transcendente, a ser encontrada no passado ou no futuro. A hibridações enfatizam os elementos incomensuráveis – os pedaços teimosos – como a base das identidades culturais. O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciais: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero ou raça. Tais atribuições de diferenças sociais – onde a diferença não é nem o Um nem o Outro, mas *algo além, intervalar* – encontram sua agência em uma forma de “futuro” em que o passado não é originário, em que o presente não é simplesmente transitório. Trata-se, se me permitem levar adiante o argumento, de um futuro intersticial, que emerge no *entre-meio* entre as exigências do passado e as necessidades do presente. (BHABHA, 2010, p. 301)

Márcio é um sujeito-efeito dos entre-meios. Se, atualmente, ele quer encontrar algum outro homem e criar um relacionamento e, ao mesmo tempo, pondera se teria coragem para isso, devemos questionar o que aconteceu para que ele pudesse pensar desse modo.

As telenovelas e os filmes que passavam na televisão eram as programações prediletas de Márcio. Ele se lembra de galãs de novelas como Carlos Zara, Reginaldo Farias, Mário Gomes, Tarcísio Meira, Francisco Cuoco, Daniel Filho e Lima Duarte. Todos eles atuaram em telenovelas a partir da segunda metade do século XX – uns já faleceram e outros continuam atuando como atores. Ao ver suas fotografias, qualitativamente percebi que todos eles se pareciam de alguma forma. Foi possível notar que esses atores reproduziam os modelos específicos de masculinidade vigentes na década de 1970. Fazendo um balanço geral, esses galãs eleitos pelo Márcio tinham a cor da pele branca e a maioria tinha olhos claros, cabelos compridos ou penteados para trás com algum tipo de creme.

No mesmo instante em que fiquei vendo as fotos desses atores na década de 1970 e 1980, me lembrei do Márcio que, de alguma forma, se parece com eles. Branco, olhos claros, cabelos penteados para trás e com correntes de cor dourada no pescoço, ele parecia um galã aposentado vivendo em São Carlos. Ele não parou no tempo, é claro, e continuou experienciando novos contextos com novos modelos criados posteriormente ao período de consagração desses galãs que exalavam masculinidades. É possível que alguma parte acolhida subjetivamente naquela época ainda se faça presente na sua corporalidade atual.

Ele não tem mais cabelos que cubram a nuca por causa da sua calvície, mas se considera bonito, valoriza seus olhos claros e, com entusiasmo, contou que foi chamado de “deus grego” por uma pretendente após o falecimento de sua esposa. Por meio do senso comum poderíamos pensar: ele tem uma autoestima elevada e pode ser que seja até mesmo narcisista. Diferentemente disso, ele se acha bonito porque encontrou elementos durante a sua vida que o permitiu considerar as suas características como atraentes, ou seja, trata-se da identificação para compreensão de si mesmo. Se considerar bonito ou feio é social e responde, nesse sentido, às forças sociais que alocam os sujeitos na economia erótica.

Não só os galãs afetavam o modo como Márcio se construiu – objetiva e subjetivamente. Podemos ver a partir do que o assombrava para entender um pouco melhor a esfera do desejo. Ele traduzia no seu contexto local não apenas o que era criado nacionalmente, mas também as produções internacionais. Vejamos:

**Entrevistado** - Então, a gente ficava vendo as novelas, depois a gente via os filmes também de terror que tinha da época, né? Era mais filme que tinha do Drácula. Nossa, o ator até morreu já, o ator que fazia, não sei se você chegou a conhecer o ator Christopher Lee

**Entrevistador** - Não.

**Entrevistado** - Ele trabalhou no Senhor dos Anéis, você assistiu O Senhor dos Anéis já?

**Entrevistador** - Já, já....

**Entrevistado** - Ele era um bruxo velhinho do cabelo branco

**Entrevistador** - Ah!

**Entrevistado** - Aquele bruxo ruim lá, era ele

**Entrevistador** - Saruman?

**Entrevistado** - Isso, ele mesmo aí era o Drácula na época que a gente assistiu. Nossa, era bonitão, mas o olho dele ficava muito vermelho, cheio de veinhas, acho que era truque também da época né...

**Entrevistador** - Ah sim, sim...

**Entrevistado** - Mas a gente morria de medo, sabe? Era uma coisa simples, mas dava medo, a gente assistia e depois nem dormia. Dormia até um encavalado em cima do outro de medo.

Ele se lembrou apenas desse filme e desse ator estrangeiro durante a nossa conversa. Para ele foi marcante ter assistido aos filmes de terror do Drácula, interpretado por Christopher Lee. Márcio traduziu em sentimento de medo os filmes sangrentos que eram exibidos pela televisão. Em um artigo sobre o espectro do desejo em Frankstein, Richard Miskolci mostra que

ser assombrado equivale a entrar em um estado animado em que uma violência social reprimida ou irresolvida se faz conhecer, mesmo que de forma oblíqua. O caráter múltiplo do monstro, deste um constituído de muitos, lembra a ideia inicial de Freud sobre o inconsciente como um lugar onde todos os Outros vivem dentro de nós mesmos. Outros sociais, portanto, todos os condenados,

marginais, excluídos ou reprimidos, os que cruzaram a linha da transgressão-subversão da ordem, dos valores ou da moral vigentes (MISKOLCI, 2011, p. 316).

As histórias de vampiro existiam desde o século XV e foram temas dos contos e narrativas de várias épocas. Acentuando os aspectos psicológicos do mito, Luiz Nazário (1998) explica que alguns autores associaram vampirismo ao homoerotismo. Situações como a da condessa vampira que preferia o sangue das filhas dos seus anfitriões, ou quando o próprio cineasta projetava a sua homossexualidade na imagem do vampiro que, como morto-vivo, estava condenado a viver na sombra, não podendo mostrar os desejos à luz do dia e sendo privado da felicidade cotidiana – esta exclusiva de casais heterossexuais –, são alguns exemplos.

Os vampiros tradicionais eram sempre representados como grandes aristocratas. Além disso, “a sexualidade exacerbada do vampiro era, para os conceitos morais então vigentes, um índice de pura maldade e perversão, indissociáveis da barbárie e da morte” (NAZÁRIO, 1998, p. 77). Para Nazário,

a partir de 1958, a produtora Hammer disseminou, em filmes como *Horror of Dracula*, *Dracula*, *Prince of Darkness*, *Dracula has Risen From the Grave*, *Taste the Blood of Dracula*, *Dracula A.D 1972* ou *Count Dracula and His Vampire Bride*, geralmente estrelados por Christopher Lee e dirigidos por Terence Fisher, um vampiro com todas as características do vilão, com ênfase na sedução de mulheres em camisolas decotadas e transparentes e na cravação sangrenta de estacas com decomposições explícitas. (Ibid., p. 76-77)

Nazário aponta que, com a expansão da contracultura, o vampiro se converteu em herói, difundindo o erotismo perverso na realidade. Tomando emprestado o termo utilizado por Miskolci (2011), o “espectro” da homossexualidade acompanhou a representação vampiresca desde o seu pavoroso surgimento e emergiu mais recentemente como uma transgressão contra a normalidade heterossexual.

A fala de Márcio, nesse sentido, demonstra a tentativa subjetiva de afastar aquilo que não era desejável socialmente, ou seja, a perversão dos bons costumes. Ser mordido pelo vampiro é, ao mesmo tempo, ser transformado em alguém violado em seu caráter – como as virgens, as prediletas dos vampiros, que se transformavam em pessoas sem recato – e ser tocado pela homossexualidade. Para Miskolci,

apontar a emergência de um regime erótico marcado pelo terror não significa, de forma alguma, desvinculá-lo da esfera da violência, já que esta constitui um fenômeno muito mais amplo do que suas expressões físicas e seus usos apontam para objetivos diversos de domínio ou controle social. Nos últimos

dois séculos, uma forma mais sofisticada e eficiente de controle social emergiu quando a violência deixou de ser aplicada direta e exemplarmente a alguns indivíduos e passou a constituir uma ameaça que todos devem evitar. Seu espectro é mais poderoso, por isso leva até mesmo ao terror, ao medo extremo advindo da possibilidade real de se tornar vítima. Isso é visível em diversos contextos históricos e relacionado a formas diversas de dominação social. (MISKOLCI, 2011, p. 313)

A caça aos vampiros era considerada a tentativa da burguesia, usando indumentárias religiosas como a cruz e elementos científicos como o alho, de matar a aristocracia que vivia sugando o sangue alheio (NAZÁRIO, 1998). Entretanto, em São Carlos, esse medo é menos provável, pois o acirramento da industrialização na segunda metade do século XX já tinha sepultado a velha aristocracia cafeeira.

O flerte do personagem bonito, mas com olhos vermelhos que davam medo, evidencia o paradoxal mecanismo do desejo. Ao mesmo tempo que se identifica, teme e rejeita como uma espécie de melancolia. Nesse caso, a identificação com o belo que dá medo revela a tentativa de negação daquilo que cativou Márcio: a perversão. A sedução para a violação dos corpos é um mecanismo muito utilizado pelo Drácula para conseguir morder as vítimas. Os olhos do vampiro vibram com o desejo de acessar os corpos, e a sua monstruosidade, despida de moralidade, permite que o faça independentemente do sexo. Transgredir faz incendiar o desejo.

Ao escrever esse capítulo, perguntei, por curiosidade, ao meu amigo Bruno, de 24 anos de idade, que se encontra sexualmente com outros homens esporadicamente, se ele tem medo de vampiro. Segundo ele, “era meu sonho ser mordido por um vampiro. Eu tinha tesão. Até sonhava às vezes. Nas brincadeiras eu era o vampiro”. O contexto de Bruno é diferente de Márcio, mas traz elementos interessantes para reflexão.

Aquele vampiro que causava terror passou a ser traduzido culturalmente para Bruno como transgressão desejável. O desejo de ser mordido, transformando-se em um vampiro para se prender com os dentes no “fruto proibido”, passou a ser, ao invés de medo, uma resposta do novo contexto social, que permite essa transgressão homossexual.

Como afirma a historiadora Karla Bessa (2017, p. 291), o filme é um “dispositivo midiático de (in)visibilização de modos de vida existentes e/ou idealizados”, e a torção não só provém do *underground*. Implicitamente, até mesmo os fantasmas, por detrás do que é representado, podem embaralhar, embora sem palavras, as subjetividades, tornando-as instáveis.

Márcio tinha medo de ser mordido e, conseqüentemente, de se transformar em um vampiro desejante. O temor de ser infectado pelo pecado corruptor disseminado viralmente pela mordida seria a metáfora do nascimento da monstruosidade? Seria ele monstro por que desejaria

outros homens e não seria mais quisto por ninguém? Ou, no fundo, ele tinha o receio de viver a solidão, sendo permitido apenas desejar nas noites sob pena de se esfarelar na “abençoada” luz do dia? Com medo, a sua família dormia amontoadas na época em que os filmes de vampiros passavam na televisão. Unida, se protegeu da assombração que colocaria os desejos fora da ordem.

### 4.3 - As pornochanchadas, as pornografias e a inauguração do corpo

Passava umas novela boa, hein? Era novela assim bem simples perto das de agora que só tem mais assim pornografia, que antigamente quase não tinha, né? Era coisa assim bem simples romantismo, né? Não tinha muito assassinato que nem as novela de hoje.

[...]

Ah, sabe aqueles beijo bem técnico mesmo? Que dava para ver que a boca era fechada, uma coisa fraquinha mesmo, não tinha aquele negócio de ir pra cama com a atriz, não mostrava essas coisas né? Uma coisa assim... bem simples né, mas era uma coisa que prendia, a gente gostava de assistir. A gente acompanhava quase todos.

Márcio considera que as novelas eram agradáveis e com pouco apelo sexual. Pensei, durante a escrita da tese, que seria bom reentrevistá-lo, já que ele não tinha mencionado os nomes das novelas. Ele se lembrou dos sentimentos suscitados pelos filmes e novelas e de nomes de galãs da época, mas passou em branco quanto aos títulos das programações assistidas.

Naquele momento da entrevista não pude fazer com que ele explorasse minuciosamente todos os assuntos. Ele tinha horário marcado para voltar para a sua casa por causa da demanda de sua mãe e de sua filha, e seria impossível avançar com os temas que deveriam ser explorados. Pode-se considerar que foi uma má organização da entrevista; no entanto, como pesquisador preocupado em dar ênfase aos dados novos de pesquisa, não parei a fala de Márcio para perguntar os nomes das novelas.

Tentei reentrevistá-lo, mas ele estabeleceu a troca de favores sexuais como condição para falar o nome das novelas. Como isso extrapolava o meu limite, declinei e preferi ficar sem esses dados. Não me importei, pois poderia perguntar aos outros sujeitos de pesquisa – e mostrei isso a partir de Gilberto, no capítulo anterior – e também fazer uma reflexão sobre o contexto social a partir de sua atitude, que demandava favores sexuais.

Os desejos de Márcio pelas pessoas do mesmo sexo foram sendo construídos a partir de elementos disponíveis em seu contexto. Como expus a partir dos dados, os *footings* eram feitos em São Carlos até pelo menos a década de 1970, quando, coincidentemente, deixam de ser mencionados pelos registros e memórias na medida em que a televisão passa a ser largamente

popularizada. O imaginário romântico heterossexual emprestou vocabulários para os sujeitos que desejavam criar encontros com outros do mesmo sexo de modo efêmero. Com a intensificação de outros modelos, além dos tradicionais, por meio da televisão, a esfera amorosa passou a ser compreendida de outras formas.

Como vimos, existiam elementos passíveis de serem decodificados de modo não convencional. O medo de vampiro que Márcio tinha é um dos exemplos que evidenciam leituras possíveis de serem feitas de acordo com a situacionalidade dos sujeitos. Em sublinhas, as homossexualidades sempre estiveram presentes nas mídias, mesmo quando não podiam ser exibidas em primeiro plano. Até mesmo a ausência da homossexualidade pode servir como uma referência para uma decodificação a partir de fantasias e desejos. Stuart Hall (2010, p. 479, tradução minha) afirma que “a produção de sentido depende da prática de interpretação, e a interpretação está sustentada por nosso uso ativo do código – codificar, é dizer, colocar as coisas dentro do código – e pela interpretação da pessoa que está do outro lado e faz a decodificação”. Os sentidos, no entanto, sempre mudam e deslizam, e os códigos “operam mais como convenções sociais do que como leis fixas ou regras inquebrantáveis” (Ibid.).

Os sentidos deslizam e são compreendidos situacionalmente a partir do imaginário social de cada sujeito. Ao passo que a leitura de Gilberto sobre o que lhe era apresentado o alocou na marginalidade, a decodificação feita por Márcio proporcionou noções orientadas para fazer o que era esperado socialmente. Na esfera do erotismo, a transformação ocorreu de modo contundente a partir da disseminação de programas eróticos ou da pornografia, entendidos como qualquer mídia com sexo/nu explícito. Vejamos:

**Entrevistador:** Quando jovem, qual a imagem que você tinha sobre a homossexualidade?

**Entrevistado:** Que eu tinha disso? Naquele tempo não tinha muito isso, não era muito divulgado. Parece que era um tabu, né. Era uma coisa mais fechada, então quase nem mostrava. Eu acho que eu assisti um filme uma vez na televisão; acho que o ator até morreu já, chamava “Sala Especial”; acho tem na internet para gente ver até. Nunca vi, entrei para ver. Tinha um cara lá que ele era um gay da série; acho que foi minissérie até, que era um gay, ele gostava de um rapaz. Não tinha assim do jeito que a gente vê hoje, umas pegação mesmo. Era uns beijo assim, bem leve, né? Isso que eu lembro. Eu não tenho aquele desejo. Eu via aquilo, mas não tenho desejo nenhum, e até com mulher mesmo. Quando eu casei, a minha mulher ela era virgem e eu também, nós dois éramos virgens... eu nunca tive relação com ninguém.

**Entrevistador:** E em revistas?

**Entrevistado:** Revista? Naquela época você fala?

**Entrevistador:** Não tinha revista?

**Entrevistado:** Tinha umas revistinhas assim que mostrava, mas não tinha de homem, tinha mais de casal, sabe? Que eu lembre, né? A não ser que é porque

eu não fuçava também, mas devia ter já né. Então, eu via aquelas revistas de casal mesmo, aquelas cenas eróticas, transando mesmo. Aí eu tinha vontade.

A “Sala Especial” era um programa da TV Record que atingia 14 pontos percentuais de audiência. Nas altas horas da madrugada, entre os anos de 1979 e 1986, antes de entrar no ar, o locutor anunciava:

Atenção: a direção da TV Record informa que a sessão Sala Especial tem o objetivo de prestigiar o cinema nacional, os cineastas e os atores brasileiros. Por outro lado, esclarece aos senhores pais que este horário é rigorosamente proibido para menores de 18 anos, de acordo com o Certificado de Exibição, expedido pelo Departamento de Censura da Polícia Federal.

Em seguida, na abertura do programa eram exibidos os títulos dos filmes/séries em cartazes digitais ilustrados. Após essa preliminar, começavam a ser apresentadas as pornochanchadas. Assisti a dois filmes que eram exibidas na “Sala Especial”, como *Nos tempos da vaselina* (1979) e *O bem dotado – o homem de Itu* (1984) para entender o que Márcio estava querendo dizer.

Os filmes, para os padrões da época, eram considerados eróticos, além de terem sido uma das únicas fontes oferecidas pelas mídias na época. Os papéis são bem interpretados, e as cenas picantes – de sexo explícito – não eram exibidas, em razão da censura praticada pelo Estado por meio da Embrafilme, responsável por financiar, incentivar e controlar os filmes nacionais.

A exemplo de *O bem dotado – o homem de Itu*, algumas cenas foram feitas para serem sensuais por meio do mecanismo de inferiorização e erotização racial – ou seja, o enredo colocava os personagens que interpretavam papéis racialmente caricatos em contatos eróticos. Já no filme *Nos tempos da vaselina*, a virilidade do personagem principal atrai as mulheres cariocas. Em um trecho, o seu primo, ao tentar inseri-lo no regime erótico local, lhe aconselha: “Quando elas dizem não, estão querendo dizer sim”. O papel do personagem principal é caricato, conquistando o interesse das mulheres ao longo da trama e criando confusão com outros homens ameaçados a perder masculinidade diante da virilidade dele.

Ambos os filmes foram exibidos na “Sala Especial” e faziam parte do gênero das pornochanchadas. Para o pesquisador Marcel de Almeida Freitas (2004), na segunda metade da década de 1960 até o ano de 1989-90, esse gênero foi

fomentado sobretudo pela liberação do corpo e da ‘mente’ e pela repressão política desencadeada pelos militares. Foi nesta fase também que se instaram revistas como “Ele Ela” (que nos primeiros tempos também trazia posters de homens em poses eróticas), “Status” e “Playboy”. Foi neste contexto que ‘a

sétima arte brasileira' entrou definitivamente na era industrial e da comunicação de massa. (FREITAS, 2004, p. 4)

O autor afirma que a pornochanchada era rotulada como despolitizada, incentivada pelo governo, “tendo recebido subvenção da Embrafilme, porque desviava a atenção da sociedade dos desmandos e das perseguições políticas mostrados pelos grandes diretores do ‘autêntico’ cinema brasileiro” (Ibid., p. 5). Além do apoio recebido pela Embrafilme, o gênero contou com a colaboração de pequenos investidores e, apesar de poucos recursos, as indústrias cinematográficas disputaram espaço com o Cinema Novo, que tinha um propósito mais intelectualizado. Nas palavras de Freitas (Ibid., p. 5):

Tendo como temas recorrentes a malandragem, o adultério, o travestismo, a homossexualidade (entendida como o papel passivo), o tráfico de drogas, a bissexualidade feminina e se valendo de uma linguagem que, do besteirol, passando pela brejeirice (1ª fase) ia até a picardia [2] (2ª fase), nascia, no final da década de 1960, o cinema pré-erótico nacional, que se convencionou denominar ‘Pornochanchada’, herdeira direta das chanchadas dos anos 1950 e da repressão instituída pelo AI-5 (em 1964). Simultaneamente existia o cinema intelectualista/de protesto/‘arte’, gerado pelo Cinema Novo, produzindo filmes como “O Amuleto de Ogum” (de Néelson Pereira dos Santos – 1974), “Xica da Silva” (de Carlos Diégues – 1976) e “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (de Bruno Barreto – 1976).

A partir da análise quantitativa feita por Freitas é possível notar que o período de grande produção das pornochanchadas foi entre 1978 e 1982, no período sólido da ditadura. Ainda segundo o autor, após o enfraquecimento da Embrafilme por causa da abertura política que viria a ser consolidada em 1985, as leis de fomento ao cinema nacional tornaram-se ineficazes. Somado a isso, a decadência desse setor foi influenciada pela liberação dos costumes, pela distribuição de filmes em VHS e DVDs, vinda da pornografia estrangeira e das produções de filmes de sexo explícito que, se verificado entre 1975 e 1988, atingiram seu pico em 1984, no Brasil. A pornochanchada, que levava o público a fantasiar eroticamente e a rir das representações do cotidiano como traição, impotência e homossexualidade teve a sua força ligada ao moralismo da época da ditadura e parou de ser produzida no fim da década de 1980.

No tocante às homossexualidades, estas eram representadas

nos filmes da Pornochanchada e mesmo nos filmes eróticos da década de 80, a presença de relações sexuais entre homens e entre homens e travestis (geralmente passivos) era tão constante quanto a bissexualidade feminina, que permaneceu nos filmes heterossexuais da atualidade. Em síntese, a pornochanchada, além de mais realista em se tratando da fauna sexual do mundo concreto, não era hipócrita negando o trânsito dos homens pela sexualidade com outros homens, como se isso fosse uma coisa muito rara e específica. Portanto, conforme David Cardoso em entrevista para a revista

“Playboy”, “(...) o homossexual é uma figura imprescindível em toda pornochanchada”. (Ibid., p. 6)

Esses dados apresentados a partir de Freitas (2004) são importantes para compreender o contexto vivido por Márcio que, apesar de achar a pornochanchada engraçada e excitante, afirma não ter tido vontade de fazer igual até conhecer a revista de sexo explícito. A pornochanchada também apresentou as homossexualidades, mas sempre levadas ao risível, trazendo elementos excitantes a partir das fantasias criadas em situações cômicas. É mais provável que ele tenha aprendido a corrigir os costumes rindo, ou seja, ao invés de se identificar e querer fazer igual ao que via, achava aquilo engraçado e até mesmo condenável.

“Ridendo castigat mores” é uma citação de autoria do poeta neolatino Jean de Santeuil (1630-1697), que é traduzida comumente como “rindo castiga os costumes”, corrobora esse argumento para pensarmos sobre o assunto. O historiador Silva (2005) mostra que essa expressão é possível ser traduzida como “corrige os costumes rindo”. Para ele,

apesar das distintas maneiras de sua formulação e das diferentes traduções, demonstra sentidos semelhantes: a punição e a correção pela repreensão ou censura. Ou, ainda, a tentativa de moralizar os costumes pelo humor. É o intento de reformar hábitos considerados desviantes e/ou subversivos da ordem social ou simplesmente ridículos ou irracionais, para os "bons cidadãos" travestidos de críticos e guardiões de costumes. Tais cidadãos "procuravam castigar o que consideravam errado". (SILVA, 2005, p. 1)

Os costumes eram corrigidos rindo, conduzindo os sujeitos a consertar subjetivamente algo que a moral não repreendeu devidamente. Márcio não teve vontade de fazer o que era representado pela pornochanchada porque aquilo já acontecia cotidianamente. Ria-se justamente daquilo que era reconhecível – a partir do dia a dia dos sujeitos – como tragicômico. Ao mesmo tempo que tinha o potencial de excitação, as pornochanchadas estavam conformadas à moral vigente.

O excitante e o engraçado nasceram na pornochanchada justamente ao cristalizarem em personagens as diferenças sociais aceitas pela moral. Algumas cenas, como convencer uma moça asiática, representada como ingênua, a transar – no filme *O homem de Itu* – ou a tentativa de estupro que foi frustrada em função do flagrante do esposo que entra em luta corporal com o sujeito que tentou violar a moça – em *Nos Tempos da Vaselina* –, era uma das formas de excitar e, ao mesmo tempo, fazer rir, justamente porque aquilo era tragicamente aceitável.

O que excitou sexualmente Márcio foi ver as imagens de casais em ato sexual explícito. Isso era novo – para ele e para o contexto social – e didático, pois o sexo em si não era algo mostrado por ser tabu. Desse modo, despertou-se o desejo de fazer igual.

Como vimos<sup>44</sup> a partir do interlocutor Maurício, existiam revistas conhecidas como Catecismos de Carlos Zéfiro, criadas por Alcides Caminha – considerado o “pai” da pornografia brasileira. O erótico nessa época circulava em forma de quadrinhos ilustrados sob pressão da ditadura militar e do moralismo vigente. O irônico é que as revistas foram consideradas pornográficas pela censura, sendo o editor da revista, Hélio Brandão, preso e o autor investigado, ao passo que as revistas estrangeiras com fotografias de nu explícito já estavam se tornando presentes. Em um misto de moralismo brasileiro com a representação dos corpos em cenas de sexo, a pornochanchada revelou ser uma alternativa para controlar a pornografia, alçada à esfera do erotismo e veiculada no maior veículo de comunicação na década de 1970: a televisão.

A pornografia, segundo Leite (2006), nasce apenas no fim do século XIX e pode ser entendida como “a representação sexual visando em especial a excitação erótica de seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido. (Ibid., p. 63). Ela já existia desde o surgimento da fotografia e foi

penetrando nos meios sociais através do surgimento das revistas eróticas, graças à cultura de massas que nasce na segunda metade do XIX. É válido lembrar que as figuras hoje conhecidas como soft core, hard core, sadomasoquistas ou fetichistas, sempre foram produzidas, desde o início da fotografia. A diferença está na quantidade de produção e facilidade de acesso a estes diferentes modelos de obscenidade fora da cultura oficial. Muitas vezes, quando se procura apresentar uma história da pornografia, o que se mostra na verdade é uma história da legalização da pornografia que, por sua vez, é muito mais uma história da censura do que do tema propriamente dito. (Ibid., p. 70)

Leite afirma que o mercado editorial brasileiro foi influenciado pela mudança nos costumes, vinda da Europa e dos Estados Unidos. Em 1966, a revista Fairplay foi lançada no país, reproduzindo imagens eróticas recatadas, mas logo foi fechada pela Lei da Imprensa de 1967. A partir dos anos de 1970, surgiram as revistas Status e Playboy, que marcaram o mercado brasileiro. O primeiro nu frontal foi liberado pela censura em 1980, e

com o quase fim da censura e a liberação das imagens de sexo explícito, tem início oficial o estilo hard core no Brasil. Nesse ano, existem registrados 160 títulos pelo país com vendagem na casa dos sete milhões de exemplares. (Ibid., p. 77-78)

---

<sup>44</sup> Trata-se de um breve trecho da fala de Maurício que não analisei, mas está no terceiro capítulo. Recapitulando: “mesmo hetero, malemá a gente tinha os que a gente chama de Catecismo do Carlos Zéfiro né? Que a gente encontrava, mas isso quem tinha geralmente era pais de amigos que tinha em casa aí o colega roubava do pai para trazer em casa”.

Para Leite, nesse contexto do estilo hardcore, passaram a ser visibilizados os órgãos genitais, os coitos e as revistas pornográficas voltadas para o público homossexual. Com recato, se comparado com a efervescência da produção pornográfica permitida pela revolução dos costumes em países como Estados Unidos e em Europa, a pornochanchada, que explorou o sexo como recurso cênico e narrativo (BESSA, 2017), conquistava seu público com a aceitação popular e o apoio do Estado.

Apesar de terem dado visibilidades às sexualidades homoeróticas, a pornochanchada não teve forças para transgredir significativamente a moral e os bons costumes, mas educou os sujeitos ao *voyeur*. Ela azeitou o terreno para que, de modo mais explícito, com a abertura democrática, as pornografias de sexo explícito pudessem ser produzidas no Brasil e, segundo Días-Benítez (2010), rapidamente a pornochanchada ficou decadente ao fim da década de 1980 diante da crescente influência do pornô americano e das poucas produções de filmes brasileiros gravados em VHS.

Quando Márcio disse que só teve desejos de fazer sexo com uma parceira vendo pornografias de casal, ele está falando a partir de uma mudança na esfera afetiva, que deixou de lado aquelas representações que faziam os sujeitos fantasiar em face do *voyeur*. Deslocada a maneira de representar o sexo, os olhares passaram a se excitar, sendo cúmplices. Para Leite,

os atores/performers não estão apenas fazendo sexo, mas sim fazendo sexo para alguém olhar, ambas as partes tendo consciência disso. Por isso são constantes os olhares cúmplices das atrizes ou modelos fotográficos, a “quebra” do encanto da “quarta parede” desse teatro do desejo, em que a perda da ingenuidade voyeur é substituída pela nova ilusão de uma suposta participação. Nesse contexto, toda a parafernália técnica de câmeras, lentes e iluminações que adentram descaradamente a cena, são suportes para a quebra da ilusão da passividade em nome do sonho participativo. O olhar cúmplice e algumas vezes transgressor do poder panóptico, pois ele “vê a quem o vê”, é um elemento único das novas tecnologias ópticas das quais a fotografia e o cinema são os exemplos mais acabados. Aqui se encontram dois fatores que se somam na caracterização do material “obsceno”: o sexo fora do campo íntimo, “secreto”, ou a aparição do universo privado na cena pública e sua execução intencional e claramente consciente para a apreciação do outro, mostrando o olhar em cena dos atores que vêem o que não deveria ser visto: o espectador olhando-os. (Ibid., p. 99-100)

Nesse mesmo período, Márcio teve acesso à pornografia homossexual e passou a querer fazer igual. Vejamos:

**Entrevistado:** Fui numa locadora, uma locadora que é aqui perto, a Home Vídeo acho que chama, não sei se fechou. Nessa rua de trás eu acho ó, ou nessa mais para baixo aqui eu acho. Não tenho certeza se é na de trás.

**Entrevistador:** Na rua do Cogeb?

**Entrevistado:** Isso, não sei se você já... E lá eu fui pegar um filme normal para assistir, né? Não sabia que tinha uma sala com fita especial para gay, daí fui naquela sala e fiquei até com vergonha quando entrei, os dois rapazes lá dentro, falei “Meu Deus o que eu estou fazendo aqui?”. E tinha câmara... Aí eu comecei a olhar aqueles DVD e me interessou, falei “Nossa, acho que vou ver uma fita dessa, mas como vou passar naquele caixa”, falei “Ah, vou passar”, peguei a fita, fiquei andando na locadora, esperei a moça sair do caixa né? Aí eu cheguei lá com a maior cara de pau e falei “Ah, vou levar essa fica aqui para um colega meu, um amigo meu me pediu e ele tem vergonha de pegar”. O cara não é tonto, né? Poderia até ser isso mesmo né, o cara não ia imaginar que era isso, aí ele deu uma risadinha e eu falei “Não, é verdade mesmo, não é para mim”. Aí eu levei a fita, o DVD. Aí eu comecei a assistir o DVD e me deu maior tesão, falei “Nossa, que coisa e agora, né? Vou ter que arrumar alguém pra mim fazer”. Aí passou um tempo assim eu comecei assistir... assistir... Aí surgiu uma oportunidade né, com um carinho que eu conheci. Não sei se foi num clube que a gente foi, como tem bastante clubes aqui na cidade a gente ia bastante as noites assim, era uma delícia! Aí eu fui lá tal, aí lá dentro dançando assim, eu vi que o carinho começou a me olha... começou a olha, olha, olha, era irmão de uns amigos nosso que não saia desse clube. Aí ele olhou, olhou, aí eu vi que ele se afastou assim, foi para um lugar mais isolado né. Falei assim “Aí vou atrás pra ver se quer alguma coisa né”. Fui lá no fundo, fiquei disfarçando de boa... fui perto... aí eu vi que ele veio mais perto assim, falei: “Oi, tudo bom?”, e ele: “Oi, tudo, você tá sozinho?”, falei: “Não não, estou com meus amigos ali”, ele: “Ah, você não queria dar uma volta, assim?”, falei: “Ahhhh”, fingindo né “Como assim volta, pra que?”, e ele: “Ah, pra gente se conhecer melhor, não sei o que”, o cara tinha uns 35 anos mesmo, e era bem cuidado, tinha um cabelo bonito, aí eu falei: “Mas onde você pretende?”, ele: “Ah, em casa, estou sozinho”, e aí eu pensei: “E agora o que eu faço? Se eu sumir vai ser ruim né, que eu vou falar né?”, falei: “Você espera um pouco que eu vou tomar um ar lá fora”, porque lá dentro estava um forno, você saía com a roupa molhada, você já chegou a ir em balada assim de sair desse jeito? Antes era pior, não tinha ar condicionado nada naquela época. Aí eu falei: “Vô sai lá fora um pouco tomar um ar”, aí ele falou “Aí também vou”, eu “Mas eu vou aproveitar e fazer um negócio lá assim, fica aí um pouquinho, já volto”, acho que até percebeu. Aí falou “Então tá, vai lá, mas não vai embora hein”, falei “Não, não vou”, aí eu fui lá, desci pra porta e a gente foi né, ele morava aqui no centro até, fomos lá, nossa maior vergonha, não sabia como começar... Aí começou aquelas pega na perna, tarara, aí ele falou assim “Posso te dar um beijo?”, e eu “ai meu Deus como eu faço, como aconteceu isso né, mas já que eu estou aqui na chuva né, deixa eu me molhar né”. Eu não ia sair assim. E depois de sair, falei “Ah, pode né”, e aconteceu né. Aí ele queria também me penetrar e eu falei “ah eu não curto”, aí ele me respeitou né. Eram os dois lados né, o flex que fala hoje né. Naquela época falava Gilettão, Gillette [risos de Márcio]. Aí ele falou assim “Então você pode”. Hoje em dia fala cada coisa né “vou te comer, não sei o que”, aí eu falei “tá”, mas eu fiquei morrendo de vergonha assim, mas aí aconteceu e eu falei “Nossa!”, e comecei sabe, mas hoje em dia é muito raro eu dormir com alguém. Naquela época a gente saiu 2 ou 3 vezes, depois acho que nunca mais eu vi ele.

Apesar de ele ter mencionado o DVD, na época a que ele se refere isso ainda não existia. Após locar fita VHS, Márcio passou a querer ser protagonista dos atos representados, assim como aconteceu quando ele viu uma revista de pornografia heterossexual. Nesse sentido, como

“cúmplice”, ele aprendeu por meio do filme que assistiu e quis fazer igual. Podemos perceber, então, por meio de Márcio, que a pornografia cria uma forte vinculação com os sujeitos e ganha até mesmo materialidade.

Pautado no trabalho de escolher parceiros sob crivo dos valores morais e dos modelos de beleza vigentes na época, o deslocamento do amor romântico para uma mais afetada pelas visualidades colocou o corpo em primeiro plano.

Fazendo um paralelo comparativo, no contexto estadunidense, a grande transformação do amor está caracterizada, segundo Illouz (2013), pela desregulação normativa das modalidades para avaliação de parceiros, ou seja, a desvinculação entre modalidades e os marcos configurados pelos grupos de pertencimento e da comunidade, acompanhados pela nova função dos meios massivos para definição de critérios de valor atrativo. Ela pontua também que a tendência de considerar o nosso par amoroso e romântico simultaneamente em termos psicológicos e, principalmente, sexuais, é cada vez mais difundida. O surgimento do campo sexual tanto quanto da própria sexualidade desempenha um papel cada vez mais importante dentro do mercado matrimonial.

Illouz aponta que o corpo se tornou cada vez mais evidente, afetado pela indústria cultural de cosméticos, e o modelo tradicional que criava pares amorosos passou a não fazer mais sentido. Dando a devida atenção às mídias, a autora aponta que,

desde meados do século XIX, a fotografia e, posteriormente o cinema padronizaram os novos cânones de atrativo sexual para homens e mulheres, ao mesmo tempo que aumentaram a consciência que uns ou outros tem sobre seu próprio aspecto e dos demais. Esses modelos de beleza homogêneos difundem novas normas e novos códigos de atrativo sexual, o que colabora com a transformação dos critérios para escolha de parceiro. Como efeito, o papel protagonista que o corpo adquire na cultura estadunidense, assim como a intensa mercantilização do sexo e a sexualidade, convertem o atrativo sexual em uma categoria cultural *per se*, desvinculada de valores morais. (Ibid., p. 65)

Já quanto ao século seguinte, Illouz (2013) afirma que a intensa valorização do sexo e da beleza nos meios massivos de comunicação impulsionou a mercadologização do corpo, ou seja, aliada às indústrias de cosméticos e de pornografia, houve a criação do capital erótico.

Esse paralelo contextual não é radical, afinal, São Carlos não está apartada do mundo. Apesar das transformações na esfera afetiva não terem acontecido no mesmo ritmo dos países como Estados Unidos ou grandes centros metropolitanos como São Paulo, os compassos passaram a se aproximar com a disseminação das mídias.

O capital erótico começou a ganhar centralidade desde o surgimento dos cinemas e do rádio em São Carlos, passando a mudar os modos pelas quais os encontros eram feitos na esfera heterossexual. A década de 1970 revelou ter sido o momento crucial dessa transformação por ter podido, como nunca antes, circular os modelos românticos e corporais por meio da televisão, que se popularizou massivamente na cidade. Desde então, os *footings* se tornaram coisa do passado, desapareceram nas narrativas das crônicas que consultei e deixaram de ser comentadas pelos sujeitos com quem interagi. Não é de se estranhar que, na década de 1980, até mesmo as academias de ginástica começam a ser anunciadas em jornais.

**Associação de Judô e Musculação São Carlos**

MUSCULAÇÃO

CLÁUDIO

A MAIS COMPLETA ACADEMIA DE SÃO CARLOS EQUIPADA COM SOFISTICADOS APARELHOS DE GINÁSTICA, PESOS LIVRES E MAQUINAS PARA MUSCULAÇÃO, MASCULINO E FEMININO.

Rua Major José Inácio, 2.263  
Tel.: 71-5949  
ACADEMIA DO CLÁUDIO

---

JUDO, DEFESA PESSOAL, KARATÊ, BOXE, KUNG-FU, MUSCULAÇÃO. GINÁSTICA FEMININA E MASCULINO. VÁRIAS TÉCNICAS DE DESENVOLVIMENTO E TÉCNICAS PARA CRESCIMENTO. TUDO ISSO, NO MAIOR CENTRO ESPORTIVO DE SÃO CARLOS.

Rua José Bonifácio, 569  
Tel.: 71-5549  
ACADEMIA DO CLÁUDIO

JUDÔ

CLÁUDIO

**Figura 28** – Academia de ginástica. *Jornal do Esporte*, 20 de outubro de 1988.  
**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Márcio teve experiências com outros homens fazendo os “troca-troca” e depois passou a se relacionar com uma mulher, com quem foi casado até se tornar viúvo. Atualmente, por causa da possibilidade histórica marcada pelas mídias, em especial as visuais, ele passou a buscar outros homens. A pornografia explícita, nesse contexto, pôde ganhar força e aceitação com a decadência dos velhos modos de entender a si e as relações amorosas em um cenário de crescente e proeminente força do capital erótico, que veio pelas mídias e afetou os desejos. Ver e se excitar com a pornografia foi um aprendizado que aconteceu aos poucos, sempre no limite da moral. Nesse sentido, veremos nos capítulos seguintes como Márcio se inspirou na pornografia homoerótica e, desse modo, passou a querer fazer o mesmo com outros homens.

As homossexualidades sempre estiveram presentes nas mídias, mesmo que implicitamente. Não foi da noite para o dia que os vocabulários para criar sujeitos que desejavam outros homens apareceram. Tudo parecia estar sendo azeitado para que as homossexualidades começassem a aparecer na ordem dos discursos de modo positivo, tomando carona com os ícones fora do padrão, como Ney Matogrosso – muito lembrado pelos sujeitos de pesquisa – e debates levantados acerca do divórcio, pílulas, etc. Além disso, o movimento homossexual estava criando uma estrutura de referência para a organização da experiência sexual desde a década de 1970 (PARKER, 2002).

## CAPÍTULO 5 – A AIDS

### 5.1 – A criação da homossexualidade a partir da AIDS

As mídias foram, sem dúvida, o meio pelas quais as informações circulavam com eficiência, oferecendo vocabulários para que os sujeitos pudessem experienciar o cotidiano. Desse modo, as homossexualidades ganharam aos poucos vocabulários sociais por meio das mídias e, em grandes centros urbanos a partir do contexto azeitado, como pelo movimento social homossexual e pelos intensos circuitos de encontros sexuais entre homens<sup>45</sup>. Em São Carlos, os encontros feitos na marginalidade eram tímidos se comparados com as metrópoles e sequer havia movimentos políticos de luta pelos direitos dos homossexuais e diálogos com a universidade. A grosso modo, os vocabulários utilizados para significar os desejos eram tomados emprestados da heterossexualidade e de poucas representações alternativas.

A homossexualidade, tal como entendemos hoje, não existia. Ela foi inventada, e para entendermos essa questão, um parêntese histórico/teórico é necessário. Michel Foucault (1999), apesar de discutir a questão a partir de outro contexto, mostrou que nas sociedades modernas o sexo não foi condenado ao silêncio. Pelo contrário, ele foi valorizado como segredo e não parou de ser falado, incitado ao discurso, regulado de modo polimorfo.

Essa explosão discursiva tomou forma nas diversas áreas, como na demografia, biologia, medicina, moral, etc., em um mecanismo de dupla incitação: o prazer e o poder. Em suas palavras, “o poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar” (Ibid., p. 45).

Para o filósofo, a categoria psicológica, psiquiátrica e médica do homossexual foi criada em 1870. No século XIX, o homossexual

torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no final das contas, escapa à sua sexualidade. [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (Ibid., p. 43-44).

---

<sup>45</sup> Néstor Perlongher (2008), ao fazer uma etnografia sobre a prostituição masculina em São Paulo, na década de 1980, constatou a existência de um complexo e intenso circuito de encontros sexuais entre homens.

A nomeação é, portanto, uma forma de semeá-lo no real e de incorporá-lo aos indivíduos. Mesmo apoiado em procedimentos de interdição, nomear assegura, por meio de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas, já que o “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se re lançam” (Ibid., p. 48)

O pesquisador Néstor Perlongher (1987) facilita a compreensão e ambienta essa difícil conceituação de Foucault no caso brasileiro, evidenciando um poder produtivo que, ao invés de cercar e fazer extinguir, intensifica e consolida as sexualidades periféricas. Em suas palavras:

A proliferação de saberes e poderes sobre o sexo acarretaria o próprio crescimento das perversões, não precisamente como um deslize indesejado. Esse poder não anula o prazer; pelo contrário, graças ao isolamento, à intensificação e à consolidação das *sexualidades periféricas* – que antes não conformavam senão uma vasta massa amorfa -, “as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam, se multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas”. Da interferência de poder, saber e prazer vai emergir, então, uma nova codificação do sexo: a *scientia sexualis*. (Ibid., p. 68-69)

Perlongher conclui o raciocínio afirmando que o poder penetra, por exemplo, nas mucosas, esfíncteres, etc., por meio de versões mais ou menos modernizadas da antiga confissão, que consiste em contar tudo sobre o sexo. Isso faz crescer em intensidade todo pudor perante as suspeitas de AIDS, por exemplo.

Essa constatação é interessante por revelar que essa nova codificação do sexo feita por meio da proliferação dos discursos – médicos, morais, psicanalistas, entre outros – é intensificada pelo rebuliço causado pela AIDS e a sua associação moral com as homossexualidades.

Esse mecanismo se torna mais compreensível no contexto brasileiro quando tomamos emprestado as reflexões de Richard Parker (2002) sobre as transformações da estrutura básica do modelo tradicional<sup>46</sup> ou popular da realidade sexual organizado pelo sistema de gênero/sexo, que predeterminavam um leque de possibilidades para a experiência da vida sexual.

Para ele, várias mudanças começaram a ocorrer na sociedade brasileira de modo que

---

<sup>46</sup> Antes, é preciso problematizar alguns pontos. É certo que os vocabulários sexuais eram escassos até o advento da AIDS; no entanto, relacionar essas dinâmicas ao tradicional agrário é penoso. Richard Parker fala de um sistema cultural tradicional que herdou da economia rural de plantation, cita indiretamente a obra *Sobrados e Mocambos*, de Gilberto Freyre, e afirma que a burguesia seria a reedição da classe de plantation, mas não aprofunda a discussão. No entanto, a influência de Freyre é evidente em seu raciocínio, tanto na noção de que no sistema sexual tradicional as diferenciações de gênero eram determinadas por uma hierarquia social patriarcalista quanto na ideia, que veremos em seguida, de que houve uma maior valorização de especialistas ou dos “bacharéis”, como fala Freyre.

pavimentariam o caminho para o aparecimento de mais alternativas na organização social de relações entre o mesmo sexo. Em particular, a sociedade agrícola rural, onde a hierarquia de gênero tradicional e o sistema ativo/passivo de papéis sexuais estavam mais claramente arraigados, gradualmente começou a dar lugar à urbanização e à industrialização progressivas. (Ibid., p. 64)

Esse novo período, marcado pelo aparecimento de profissões especializadas, os “progressos da ciência e da tecnologia ocidentais começaram a chegar ao Brasil” e “todo um novo conjunto de técnicas destinadas à engenharia social começaram a surgir” (Ibid., p. 65), entre elas a medicina social e a psiquiatria, que passaram cada vez mais a exercer influência na regulação da vida social.

Os novos modelos de conceituação da experiência sexual começaram, assim, a competir com os significados já existentes. Nas palavras do autor,

novo modelo médico/científico de classificação sexual – introduzido na cultura brasileira, pelo menos inicialmente, por meio dos textos de médicos, psiquiatras e psicanalistas, e traduzidos gradualmente para o discurso mais amplo da cultura popular – parece ter marcado uma mudança fundamental na atenção cultural, passando de uma distinção entre papéis ativo e passivo como blocos construtores da hierarquia de gênero para a importância, de acordo com as linhas anglo-europeias, do desejo sexual e, em especial, de escolha do objeto sexual como básica para a própria definição do sujeito sexual. (Ibid., p. 65-66).

Para Fry e McRae (1983), na segunda metade do século XIX já se irrompia no Brasil uma preocupação médica com a homossexualidade, pois nesse contexto a saúde da nação era diretamente ligada à saúde da família. Essa expansão discursiva no campo da medicina e da criminologia se torna mais evidente na década de 1930, conforme evidenciam os autores, quando as homossexualidades passaram a ser associadas a psicopatias, sendo, desse modo, patologizadas.

Para Parker (2002), a categoria “homossexualidade” foi fundamental para a discussão médica e, até o início da década de 1970, ela estava reduzida a uma elite instruída não apenas como um comportamento, mas também como uma classe de pessoas. Essa categoria, entretanto, não foi trazida apenas pela discussão médica. Segundo Guacira Lopes Louro (2001), no campo cultural da década de 1970, especialmente em países como Estados Unidos e Inglaterra, a homossexualidade timidamente começou a ganhar visibilidade por meio de aparatos culturais – revistas, artigos em jornais, panfletos, arte, teatro. No Brasil, nessa mesma época, a homossexualidade apareceu nas artes, na publicidade e no teatro. Alguns artistas, como o cantor Ney Matogrosso e o grupo Dzi Croquetes, “embaralham propositalmente as referências femininas e masculinas em suas performances” (Ibid., p. 543), perturbando a sociedade.

No campo do ativismo e das universidades, em meados de 1970, o Movimento de Libertação Homossexual no Brasil teve participações de “intelectuais exilados/as durante a ditadura militar e que traziam, de suas experiências no exterior, inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente” (Ibid., p. 543), mudando os termos do debate em grandes centros de pesquisa, em que se deixava de ver a homossexualidade a partir de uma condição uniforme e universal ao pluralizar os debates a partir de articulação de outras categorias, como classe e raça, diversificando, assim, os rumos das militâncias. Louro mostra ainda que, ao invés de tentar transformar o sistema social, a política passou a ser feita nos termos das minorias, ou seja, afirmando-se as identidades, com a reivindicação de direitos a partir delas. No geral, denunciava-se o caráter normalizador – monogâmico e masculino – da política identitária, preocupada com a representação “positiva” da homossexualidade, a qual exerce um efeito regulador e disciplinador.

A visibilidade torna-se importante para o movimento, e a afirmação da identidade homossexual – embora demandasse altos custos psíquicos e sociais diante dos preconceitos e das discriminações – se constitui, nessa época, como uma forma de se fazer política. Em conexão com o movimento político, “cresce internacionalmente, o número de trabalhadores/as culturais e intelectuais que se assumem na mídia, na imprensa, nas artes e nas universidades. Entre esses, alguns passam a “fazer da homossexualidade um tópico de suas pesquisas e teorizações” (Ibid., p. 544).

O debate sobre a homossexualidade estava ganhando cada vez mais intensidade; porém, estava restrito ao movimento social e às universidades. Apesar dos efeitos reais que os discursos produzem, mesmo que indiretamente, muitas pessoas que não tinham acesso às universidades ou aos movimentos sociais pouco foram afetadas por essas discussões. Essa disputa pela verdade criada entre a medicina, a moral, a criminologia, a religião, o movimento social e as universidades foi relevante para a construção da homossexualidade, destilada com intensidade na esfera social mais ampla, quando a AIDS apareceu.

Para Louro, a década de 1980 trouxe consigo o terror instaurado pelo pânico causado a partir da constatação do vírus HIV e das suas consequências. Como bode expiatório, a síndrome de imunodeficiência foi considerada uma “peste gay” ou “câncer gay”, culpabilizando especialmente as pessoas que criavam encontros amorosos/sexuais com outras do mesmo sexo. Em suma, houve a renomeação/reclassificação do homossexual como um ser patológico – ou melhor, uma repatologização.

Os movimentos gays e lésbicos tiveram que intensificar as suas lutas, pois “a intolerância, o desprezo e a exclusão [...] mostrava-se mais uma vez intensos e exacerbados”

(Ibid., p. 545) por causa da nova repatologização arbitrária das sexualidades que já eram consideradas abjetas. O resultado, segundo a autora, foram alianças de solidariedade baseadas não somente na identidade, mas também nos sujeitos atingidos pelo HIV – muitos não homossexuais – e em familiares, amigos, trabalhadores, etc. É importante ressaltar que as redes de solidariedade escapam

dos contornos da comunidade homossexual [e] o combate à doença também acarreta um deslocamento nos discursos a respeito da sexualidade – agora os discursos se dirigem menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais (ao enfatizar, por exemplo, a prática do sexo seguro).  
(Ibid., p. 545).

As lutas políticas foram profícuas, em especial pela “cidadanização”, termo cunhado pela antropóloga social Larissa Pelúcio (2009), considerando que houve a cidadanização a partir da naturalização dos homossexuais como pessoas portadoras da “SIDA”, termo no Brasil que significa AIDS. A construção da cidadania a partir de interesses estatais epidemiológicos terminou, desse modo, “por criar a bioidentidade estigmatizada do “aidético” reconfigurando nossa pirâmide de respeitabilidade (e social)” (PELUCIO apud MISKOLCI, 2011, p. 50). Em suma, “a epidemia HIV/AIDS foi um divisor de águas na história contemporânea modificando a sociedade como um todo, mas com efeitos normalizadores ainda maiores no campo das homossexualidades” (MISKOLCI, 2011, p. 50). A homossexualidade já vinha sendo estigmatizada por fugir de preceitos morais heterossexuais, algo visto negativamente como desvio. Por isso, o surgimento da epidemia da HIV/AIDS “teve o efeito de repatologizar a homossexualidade em novos termos contribuindo para que certas identidades, vistas como perigo para a saúde pública, passarem por um processo de politização controlada” (Ibid., p. 49).

Nesse contexto, Parker afirma que a categoria homossexual passou a ser incorporada à vida diária. A vida sexual, no entanto, começou a mudar antes mesmo do contato íntimo ou direto por meio de discursos culturais e representações e relatos da mídia, que serviram, muitas vezes de maneira distorcida, de filtro para a informação médica e epidemiológica sobre a epidemia, em que a categoria homossexualidade começou a se tornar cada vez mais comum, “como forma de cinzelar o universo sexual e organizar a experiência sexual” (PARKER, 2002, p. 68).

O autor revela ainda que a AIDS impulsionou a racionalização da vida sexual, em que a categoria homossexual foi importante tanto para o debate como para criação de modos de identificação.

Vimos até aqui o contexto social de modo amplo, no qual a homossexualidade já era discutida no Brasil, mas concentrada na esfera da academia, do ativismo e da medicina. Foi somente com a AIDS que os sujeitos que antes usavam vocabulários disponíveis à época foram categorizados por meio do dispositivo da sexualidade e, por consequência disso, o poder, sendo produtivo, vinculou os sujeitos às práticas e às novas construções a partir desse entremeio.

## **5.2 - A AIDS em São Carlos**

Os discursos sobre as sexualidades já circulavam de modo parco pelas mídias em São Carlos. Implicitamente, o que se entendia das práticas não convencionais era ligado a uma lente da moral. Os sujeitos de pesquisa não se lembram das referências sobre as homossexualidades até pelo menos o final da década de 1980, quando a AIDS passou a ser representada de maneira mais sistemática.

O primeiro caso de AIDS confirmado aconteceu em 1982, em São Paulo. Durante essa década, o aumento dos casos passou a causar preocupação em torno da sexualidade, já que se tinha conhecimento de que a transmissão poderia acontecer por meio de relações sexuais. Os olhos voltaram-se às sexualidades consideradas imorais, ou seja, as não procriativas. Se, de modo tateante, os médicos brasileiros falavam sobre as homossexualidades desde o início do século XX, a AIDS impulsionou a criação de discursos – morais e científicos – sobre os prazeres dissidentes.

A mídia foi o principal meio de incitação para que as homossexualidades – por meio da AIDS – ganhassem evidência. Em 27 de março de 1983, o programa Fantástico, da Rede Globo, noticiou a situação da AIDS nos Estados Unidos, que já era constatada desde a década de 1970. Com uma música de filme de terror ao fundo e imagens de pessoas hospitalizadas, a matéria anuncia a crescente epidemia, que já se alastrava por vários países. Sem métodos para constatar o vírus e tratamentos eficazes, é anunciado que 75% das pessoas infectadas morriam em menos de três anos. Para Perlongher (1987), a televisão desempenhou um papel decisivo nesse processo, que chega a beirar ao obsceno ao espetacularizar a morte.

A partir dos discursos científicos, essa matéria mostrou que a AIDS não era mais considerada uma doença de homossexuais. As tateantes pesquisas qualitativas e quantitativas se adensaram durante a década de 1980 e fizeram o científico se sobressair como autoridade para ditar as “verdades”; no entanto, isso não fez as versões morais serem apagadas.

De fato, como mostrou Perlongher (1987) a partir de um trecho da entrevista feita pelo Médico Morderno, em 1985, a AIDS foi procurada em homossexuais e encontrada em

homossexuais, estabelecendo-se uma relação inequívoca entre AIDS e homossexualidade. Não se pode negar, contudo, que muitos deles estavam infectados e morriam. Quantitativamente, há fundamento em dizer que os homossexuais se infectaram; contudo, os juízos morais foram uma reação social diante do medo da doença, que se tornava evidente por meio da homossexualidade.

As práticas sexuais de Gilberto não se encaixavam no manto dos bons costumes, por exemplo. Nas ruas, os encontros eram feitos com desconhecidos e em grande número. O sexo fora do casamento, e ainda mais com outros do mesmo sexo, se tornou sinônimo de perigo ao corromper a heterossexualidade e de contrair doenças. O perigo moral era invenção, mas o risco epidemiológico era real.

Para compreender o contexto são-carlense, conversei com Blaranis, servidora da Secretaria Municipal de Saúde e também com profissionais de saúde do Centro de Atendimento de Infecções Crônicas (CAIC). As duas instituições confirmaram que São Carlos teve o primeiro caso de AIDS em 1982. Por causa da dificuldade burocrática não tive acesso ao registro, mas me foi detalhado que o paciente foi encaminhado para São Paulo. Ainda, me foi passado a “teoria” de que, quem era infectado, eram homossexuais com boas condições financeiras que, que ao viajarem e terem práticas sexuais, voltavam doentes.

Os registros epidemiológicos sobre a AIDS feitos pela Vigilância Epidemiológica – e, posteriormente, pelo CAIC – começaram somente a partir de 1987, o que impossibilitou saber o quadro dos anos anteriores. “Se quiser, venha outro dia para ver se acha alguma coisa. Mas vou logo avisando: estão em caixas embaralhadas. Vai ter que garimpar. E nem sabemos onde estão as caixas”, foi o que declarou uma das enfermeiras do Centro. Senti o desdém em disponibilizar os dados e, portanto, não insisti e não voltei mais à instituição municipal.

Gilberto morou durante quatro anos em São Paulo, quando decidiu fugir da família. Ao voltar para São Carlos em 1986, aos 21 anos de idade, se deparou com a AIDS “explodindo”. Em suas palavras: “É...cheguei aqui, a bomba já tava explodindo. Eu tinha vindo de São Paulo pra cá, achando ‘ai, a cidade de São Paulo, não no interior’... eu cheguei aqui, já tava”.

A epidemia já estava alastrada em São Carlos na segunda metade da década de 1980. Existia o preconceito, mas a AIDS realmente matava.

**Entrevistador:** Sinceramente, conheço a AIDS apenas pelos livros. Acredito que a minha geração não se sentiu afetado diretamente... Poderia me explicar como era?

**Entrevistado:** É, o mal da geração de hoje em dia é isso... Eles não viveram a AIDS no começo; e não sabem o que é, como lidar, como fazer, como conviver... O mal da geração dos gays hoje é isso. Porque, hoje um gay... que

já aconteceu com amigos meus, se infectarem; eles ficam tão neuróticos, que eles não conseguem levar o tratamento a diante. Eles têm medo de saberem que tem. Não conseguem levar o tratamento a diante, de medo que alguém vai saber, porque o posto é público, porque é um lugar que é grande público, os regulantes virais são umas bombas; não é todo o organismo... até o organismo se estabilizar com o remédio, leva um bom tempo; até você se adaptar leva um bom tempo; e eles não conseguem administrar o remédio no organismo... param de tomar e acabam ficando doentes e indo embora antes do tempo.

**Entrevistador:** Você perdeu amigos?

**Entrevistado:** Vários amigos... eu perdi tanto no começo... ahn... do surgimento da AIDS, porque na época, não tinha como tratar. Só tinha um remédio que chamava... aí, agora eu não vou lembrar... não valia coisa nenhuma; invés de melhorar, piorava na verdade. Mas não tinha os anti-virais, que nem tem hoje. Então, a maioria morreu. Logo, não teve muita debilidade. E agora o máximo de vida que você tinha era um ano, dois anos.

**Entrevistador:** Mas como se descobria? Tinha exames?

**Entrevistado:** Tinha os exames; fazia os exames. Você ficava doente. Como na época já tinha saído a notícia da AIDS; você ficava doente, você tinha uma pneumonia, você já fazia o exame de HIV. Se tinha uma gripe, já fazia o exame da HIV. Normalmente dava. Entendeu? A gente não tinha noção... era uma... sexo rock in roll, sexo não sei o quê.

É notório que Gilberto foi afetado diretamente pela AIDS. Em sua percepção, a preocupação era real, assim como a quantidade de infectados e as mortes que aconteciam. Por falta de medicamentos eficazes, as pessoas morriam rapidamente.

O meu intuito não é esmiuçar o debate sobre a AIDS, evidenciando a luta do movimento homossexual, os diálogos com o Estado, etc. Não estou reduzindo a importância desses movimentos e diálogos feitos em grandes centros metropolitanos, já que a preocupação destes produziram efeitos reais em forma de políticas públicas e em representações nas mídias, afetando todo o país de modo positivo. O meu foco é detalhar a transformação social em torno da AIDS em São Carlos, explorando o que os sujeitos de pesquisa fizeram a partir dessa trágica situação.

Na contramão do medo que a AIDS gerou em Gilberto, os outros sujeitos de pesquisa que foram levados a viver de modo presumidamente heterossexual não demonstraram grandes preocupações. Estar casado e protegido pela prática sexual moralizada colocava-os em uma zona de segurança.

Elton, sujeito de pesquisa de 48 anos que apresentarei no próximo capítulo, declarou:

Essa época nem cogitava muito na minha cabeça. Sabe por quê? Porque eu estava casado. Então, eu não tinha essa escapatória. Então, quer dizer, ouvia-se muito, como eu, não precisava de certas precauções, nem tomava conhecimento do fato.

Antes que eu formulasse outra pergunta, Elton reiterou:

Porque, tipo, na minha época, Cazuzza, a gente via ele caindo e indo, indo, indo... E... tinha Cazuzza, tinha outro artista que se misturou com ele... então você via todos eles, mas assim, você tomar as devidas precauções – no meu caso – nunca. Eu estava casado, então...

Para Márcio, assim como para Elton, a AIDS não era motivo de preocupação, embora tenha visto por meio das mídias cantores como Cazuzza se infectar e morrer. Ele estava casado e não tinha “cisma”, ou seja, isso não o deixava introspectivo. Estar casado com uma mulher representava a segurança justamente por estar protegido da homossexualidade, sinônimo da propagação da doença. Vejamos:

**Entrevistado:** Até tinha né, mas quando eu comecei a ouvi falar, acho que foi perto mesmo dessa ocasião. Porque quando eu tava com minha mulher já falava sobre isso, já falava sim, mas como tinha só ela, não tinha saído com ninguém, então a gente não tinha cisma nenhuma, jamais, porque ela foi minha primeira pessoa.

**Entrevistador:** Como isso saía nas mídias, no jornal, na televisão?

**Entrevistado:** Da AIDS ou outras doenças também?

**Entrevistador:** Da AIDS principalmente.

**Entrevistado:** Deixa eu ver, falava-se que, é porque muitos cantores morreram com essa doença né, mas nunca falava que era isso, falava que era uma pneumonia, saía na mídia. Falava que era uma coisa assim que, aí como que era, falava pneumonia e falava uma outra coisa que agora não lembro o nome, aí gente, falta... aí não lembro agora, era um outro nome que falava, mas não era isso. Nunca revelaram.

**Entrevistador:** Mas todo mundo sabia?

**Entrevistado:** É, todo mundo sabia que era aquilo lá, mas não falava abertamente né? Que nem o Cazuzza quando ele morreu, você lembra? Não falou que foi AIDS no começo.

Tudo indica que a AIDS foi sentida por meio de imagens de celebridades como Cazuzza, que esteve em evidência nas mídias. Apesar do cantor ter declarado publicamente somente em 1989 que estava com AIDS, era algo que “todo mundo sabia”, segundo Márcio. Não era necessário “confessar” que estava com AIDS, já que os discursos instigados pelo prazer/poder se encarregavam de dar a sentença.

Ao folhear todos os jornais *A Folha* de 1986 a 1988, no Arquivo Municipal de São Carlos, constatei que, em 1986, se noticiou apenas uma vez sobre a AIDS. Tratava-se de uma matéria intitulada “Médicos soviéticos estudam a <<AIDS>>”. No ano seguinte, em 1987, houve uma explosão: catorze notícias que revelavam preocupação com a AIDS, muitas sóbrias e algumas preconceituosas – alvejando a homossexualidade e práticas “impróprias”. Já nos jornais de 1988 encontrei apenas seis menções, a maioria de campanhas informativas e de segurança.

O ano de 1987 foi a data que sucedeu o ano em que se tornaram obrigatórias as notificações. A Vigilância Epidemiológica de São Carlos passou a registrar os casos em 1987, o que provavelmente ajudou a causar preocupação local, instigando a imprensa são-carlense a noticiar tudo que dizia respeito à AIDS.

Diferentemente da minha geração (tenho 27 anos), que não foi afetada diretamente pela AIDS, alguns sujeitos de pesquisa que eram jovens na época do surgimento da epidemia, como Gilberto e Maurício – como veremos em seguida –, viram pessoas próximas falecer. No caso de Maurício, afetado pela moralidade reforçada pela sífilis, ele tinha receio de transar com outras pessoas, já que, como vimos, era possível que a noção “pecado casar doente” tenha ressonado do passado e ganhado um reforço vital com a AIDS. Ao perguntar o que ele lembrava sobre a AIDS, ele resolveu contar o seu problema com a penicilina e a sua preferência de se envolver por meio de contatos, beijos e carinhos ao invés de penetração. Essa preferência é enfatizada em outros momentos de sua fala, o que indica que Maurício é muito bem docilizado pela medicalização de seu corpo em decorrência da sua fragilidade de saúde. O seu receio não só da sífilis, mas também da AIDS, reforçou esse modo de se relacionar carinhosamente com outras pessoas:

**Entrevistado:** Foi foda. **Eu tive amigos que morreram.** Era foda. Porque era, assim, foi propagado um terrorismo mesmo né. E embora já começando com algumas propagandas educativas com relação à preservação, essas coisas, mas a gente realmente tinha mesmo né? A gente... porque eu fui da época antes disso. Eu não usava preservativo, transava... nunca aconteceu nada. Mesmo porque eu tive um problema também. Quando eu fui para a faculdade eu sou alérgico a penicilina, quase morri né? E uma das curas eficazes principalmente pra doenças venéreas é a penicilina, e eu entrei em coma por causa de penicilina e quando fui para a faculdade eu lembro meu pai me alertando sobre isso: “Maurício, cuidado se for transar, porque você teve um problema com penicilina. Eu não sei como que é o caso agora, mas você já entrou em coma por causa disso. Então maneira aí, vê com quem você sai, com quem você sai... enfim”. E a gente ficava morrendo de medo né, eu principalmente, passei por isso e a gente preservava. Era mais assim de contato, de beijo, de carinho, mas penetração mesmo, difícil.

[...]

Foi quando tinha mais beirando os 30 anos que a coisa começou a ficar bastante feia, né?

**Entrevistador:** Como isso era vinculado, essas notícias eram ditas em jornais, na rádio, televisão?

**Entrevistado:** É, era, embora a igreja católica mandava segurar muito essas informações, principalmente na época de carnaval começou a surgir muito essas propagandas né. Depois até mais para frente começaram até dar camisinha né, que nem hoje, eles começaram, mas isso foi há muito tempo.

**Entrevistador:** Mas era apenas propaganda prevenção?

**Entrevistado:** Só de preservação.

**Entrevistador:** Mas aí falava alguma coisa que o público alvo era homossexuais, alguma coisa assim?

**Entrevistado:** Isso. Predominantemente era relações homossexuais. A informação que a gente tinha quando a gente teve essas primeiras... é cuidado né. Eles falavam é a bicharada que está tendo parte.

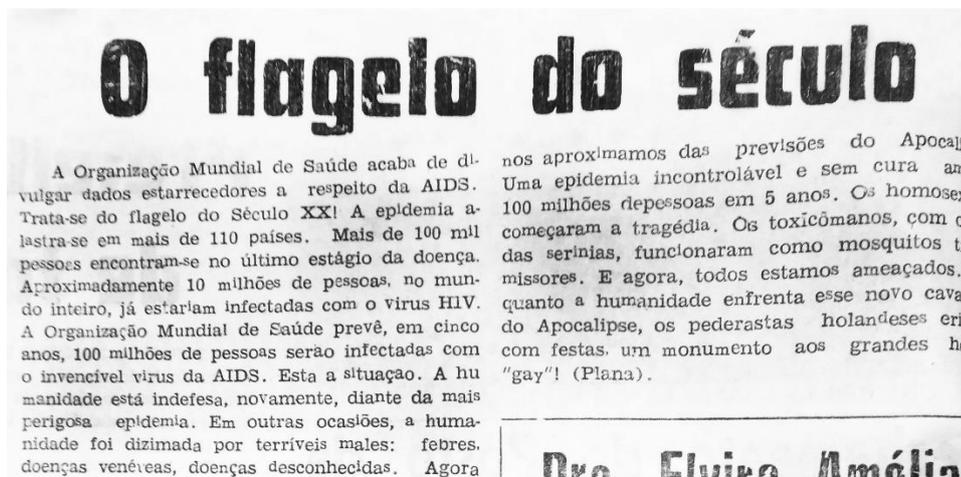
No Brasil, é interessante que as políticas se voltaram para a prevenção, na tentativa de fazer os sujeitos terem autocontrole. Era uma espécie de controle de práticas sexuais que extravasava aquele velho modelo de par amoroso heterossexual moralizado. Podemos ver a evidência disso na publicidade de 1988, promovida pelo Ministério da Saúde, quando estar com AIDS ainda representava a morte:

João que amava Tereza  
 Que amava Raimundo  
 Que amava Maria  
 Que amava Joaquim  
 Que ama Sílvio  
 Que amava Ana  
 Que amava Zeca  
 Que amava Rita  
 Que amava Fábio  
 Que morreu de AIDS  
 Não morra de amor  
 Use camisinha

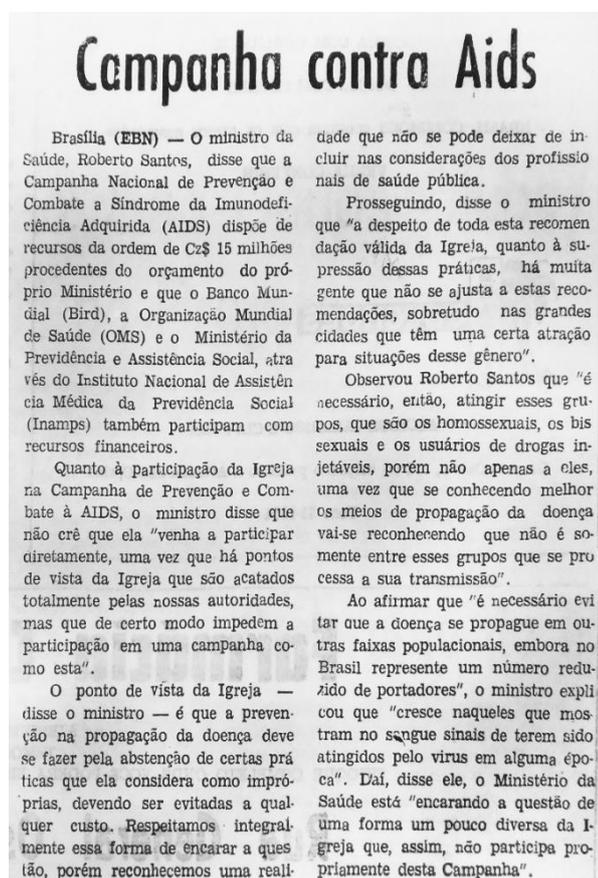
Essa campanha transmitida pela televisão foi inspirada no poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. A tragicidade da morte no poema foi mantida; no entanto, o enredo da publicidade ganhou mais nomes, criando, assim, uma rede que, ao fim, mostra o efeito cascata, invertendo a ordem da contaminação a partir de Fábio, que morreu de AIDS. A propaganda parece alertar para o risco de ter relações sexuais com vários parceiros, apesar de revelar também um contexto de permissividade. Houve também a preocupação em expor os encontros amorosos/sexuais não heterossexuais, de bissexuais e homossexuais, considerados as principais vítimas da AIDS. Essas sexualidades não reprodutivas foram desde cedo naturalizadas como doentes pela moral.

Ao analisar todos os jornais *A Folha* entre 1986 e 1988, constatei que havia notícias que condenavam as práticas consideradas impróprias, culpabilizando a revolução sexual de 1960 e outras mais enfáticas, que declaravam, como na matéria intitulada “O flagelo do século”, o seguinte:

Os homossexuais começaram a tragédia. Os toxicômacos, com o uso das seringas, funcionaram como mosquitos transmissores. E agora, todos estamos ameaçados. Enquanto a humanidade enfrenta esse novo cavaleiro do Apocalipse, os pederastas holandeses erigem com festas um monumento aos grandes heróis “gay”!



**Figura 29** – O flagelo do século. Jornal *A Folha*, domingo, 11 de janeiro de 1987.  
**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.



**Figura 30** – Campanha contra AIDS. Jornal *A Folha*, quinta-feira, 5 de março de 1987.  
**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Perguntei ao Maurício se ele tinha conhecido mais pessoas que tinham se infectado. Na sua resposta, que contradiz o trecho anterior de sua fala, é possível notar um recorte de classe. Vejamos:

Conheci, conheci pessoas. Eu tenho um amigo que teve, controlou, está controlado através da medicação recente né, mas conheci pessoas que morreram né? Mas não era muito chegados mesmo. Conhecia, estava na rua, conhecia né, falavam “Ah, você viu o cara lá morreu de AIDS, tal”. Mas no meu meio assim não. Tenho um amigo, um grande amigo que sim pegou AIDS, mas com os coquetéis, essas coisas chegou a controlar, tá controlado. Mas o que a gente sentia na mídia é que realmente a causa de tudo isso eram os gays né? Eles que propagavam isso, eles que disseminavam a doença, era tudo assim meio feroz contra, contra o meio gay mesmo né? Depois é que começou o público feminino começou a transmitir né, mas isso foi bem depois, né? Mas a princípio, quando a coisa estourou, era o gay, era tachado “Ah, você é um poço de HIV”, né? Enfim.

Em um trecho da sua fala apresentado algumas páginas atrás, que destaquei em negrito, ele declarou que tinha amigos que morreram, ao passo que nesse trecho acima ele tenta se desvincular da imagem de homossexual alvo de estereotipação que ele terminou construindo nessa narrativa. Maurício passou a dizer que tem amigos que estão em tratamento e que os “outros”, pelo que contavam nas ruas, eram os que se infectavam e morriam. Isso mostra que a memória é uma construção de si mesmo e, nesse caso, ao sair do discurso vitimista adotado quando percebeu a sua própria fragilidade por não ter usado camisinha, passou a imputar a morte a pessoas distantes para que ele e o seu círculo social fossem colocados na narrativa como protegidos da estereotipação.

Além disso, Maurício pertence a uma classe média alta e entre o “eu” – e seu círculo social – e os “outros” há a diferença quase abismal de renda, o que torna possível supor que esses outros que morreram eram aqueles sem muitas condições financeiras. Maurício se sentiu afetado pela AIDS diretamente, mas ao perceber que, em sua narrativa, teria que definir a si mesmo, acabou distanciando o outro, que carrega a carga negativa.

Esse questionamento que levantei, de que aqueles que mais foram afetados foram pessoas de baixa renda, é compatível com os dados estatísticos, a saber: segundo Perlongher (1987), diferentemente do panorama do início da epidemia, em fins de 1986, 95% dos pacientes provinham de classes populares.

Dados estatísticos mostrados pelo pesquisador da área da saúde, Danilo Sergio Vinhoti (2012), revelam a situação de São Carlos. Ao fazer um estudo sobre o banco de dados do Programa Municipal de DST/AIDS de São Carlos entre os anos de 1987<sup>47</sup> e 2010, ele descobriu que a maioria daqueles que se infectaram eram homens e tinham apenas o ensino fundamental. Houve o aumento exponencial destes até 2001, quando, neste ano, morreram do total de 130, 81 pessoas desse perfil de escolaridade e outras 19 com ensino médio.

---

<sup>47</sup> Para Vinhoti (2012), a obrigatoriedade de notificação de casos de AIDS no Brasil passou a vigorar em 1986.

O número de óbitos esteve acima dos não óbitos até 1997,

e o advento da terapia antirretroviral pode ter tido influência sob a redução do número de casos de AIDS a partir de então (salvo no ano de 2001), melhorando as condições de saúde das pessoas atendidas pelo Programa Municipal de DST/AIDS de São Carlos, permanecendo estas por mais tempo na fase assintomática [...] podendo também influenciar na redução no número de óbitos por AIDS. (VINHOTI, 2012, p. 20)

Os antirretrovirais já eram distribuídos gratuitamente desde 1991; no entanto, eram ineficazes, e o coquetel mais parecido ao que encontramos hoje chegou a São Carlos em 1997. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz, que organizou cronologicamente os passos tomados pela medicina a partir dos dados do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, houve, em 1996,

primeiro consenso em terapia antirretroviral regulamenta a prescrição de medicamentos anti-HIV no Brasil. O tríplice esquema de antirretrovirais, que combina dois inibidores de transcriptase reversa e um de protease, começa a ser utilizado. A Lei 9.313 estabelece a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores de HIV.<sup>48</sup>

O comportamento de risco é obvio quando levamos em consideração o histórico de marginalização de sujeitos que se negaram a viver relacionamentos heterossexuais moralizados, como Gilberto. De modo quase poético, mas com sobriedade e propriedade, Perlongher dá pistas:

Sob a multiplicidade de enunciados disparatados, imprecisos e contraditórios, se delineava o alvo da campanha: os homossexuais e, mais especificamente, a promiscuidade homossexual, o “sexo anônimo”. Esse tipo de prática – na qual dois ou mais sujeitos se olham, ou apenas se apalham, e logo, às vezes sem trocar palavras, se entrelaçam no frenesi dos corpos -, frequentemente nas redes homossexuais, deriva, em parte, das condições históricas de segregação e clandestinidade tradicionalmente impostas a essas uniões: no corre-corre da perseguição, não há tempo a perder em cortejos floridos. Mas essa exuberância sensual dos modos modernos gays se encaixa também na secreta tradição da orgia, que mina a história oficial, da qual construiria sua trama subterrânea. (PERLONGHER, 1987, p. 60)

Michael Pollak (1990), ao fazer o seu estudo sobre as homossexualidades e a AIDS no contexto francês, oferece elementos para entendermos os sujeitos de pesquisa. O sociólogo entendeu que alguns sujeitos organizaram a própria vida social segundo a espontaneidade de seus desejos, construíram a própria vida reforçando as coerções de origem que nunca souberam

---

<sup>48</sup> Disponível em: < <http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>>. Acesso em 25 abr. 2018.

superar e outros negociavam a homossexualidade com a heterossexualidade a partir da bissexualidade. Pollak observou também que, por falta de vocabulários, gays de classe baixa acabaram tomando ao pé da letra o que existia, ao passo que aqueles que tinham mais renda, com posição dependente de um capital econômico, cumpriam com obrigações incompatíveis com a homossexualidade.

A espantosa similaridade que encontrei em meu campo de pesquisa me fez lembrar de Gilberto, que deu asas aos seus desejos e se reelaborou a partir dos vocabulários disponíveis, e de Maurício, que sempre reforçou as coerções de origem, criando uma vida incompatível com a homossexualidade por causa do seu círculo social heterossexual e da posição dependente de um capital econômico.

O intuito não é de afirmar que o contexto francês seja igual ao são-carlense, mas evidenciar a similaridade, se visto de grosso modo, entre as situações enfrentadas no contexto da AIDS. Assim como Pollak, mostrei uma vasta gama de elementos que caracteriza as especificidades locais e, nesse sentido, os sujeitos foram criados de modos diferentes.

O sociólogo fala sobre a volta à clandestinidade e à vida secreta, sinônimo de proteção por parte daqueles que viviam uma homossexualidade mais aberta. Diante da crise, sucede o trabalho de reconstrução, e essa mudança externa – a AIDS – demandou a redefinição das relações sociais para se proteger da contaminação e, desse modo, o esforço para adquirir o domínio do curso da sua existência se tornou necessário. Seria o contexto do segundo nascimento da homossexualidade.

O meu campo de pesquisa revela que a homossexualidade não tinha nascido ainda, tampouco os encontros eram vividos de modo mais aberto. Isso aconteceu somente após o surgimento da epidemia da AIDS, quando a construção da homossexualidade ganhou consistência. A AIDS foi o contexto do primeiro nascimento da homossexualidade em São Carlos.

### **5.3 - O que mudou depois da AIDS em São Carlos**

Nesse contexto da AIDS, Nèstor Perlongher (1987) observou na cidade de São Paulo que se radicalizava e no plano espacial o progressivo esvaziamento do gueto gay. Os gays passaram a ir para locais secretos, já que não pararam de se encontrar, ou, sendo domesticados, passaram a criar pares amorosos. Para o autor, a moralização desencadeada em torno da doença deve ser entendida como uma consequência a posteriori da revolução sexual, integrada a seu

refluxo. Sintomas do “retorno ao casal são, na verdade, anteriores à emergência da AIDS” (Ibid., p. 73).

Aqui, Perlongher faz uma sofisticada reflexão e constata que a revolução sexual inflou o corpo por meio das mídias, da indústria de ginástica e outras técnicas corporais, tornando o sexo banal, levando ao tédio. Nesse sentido, o autor mostra que só depois desse refluxo da revolução sexual que foi possível um dispositivo como a AIDS e a moralização desencadeada em torno dela, ou seja, “a AIDS exige como pré-requisito que tudo o que diz respeito à corporalidade possa ser dito, mostrado, exibido, assumido; a partir disso é que se pode diagnosticar e regulamentar” (Ibid., p. 74).

Como ficou evidente nos capítulos anteriores, São Carlos não tinha grandes circuitos de encontros entre pessoas do mesmo sexo, diferentemente dos grandes centros metropolitanos. Os encontros eram feitos de modo anônimo, sendo a Catedral da cidade ocupada ao anoitecer. Observei em meu campo a tendência de se criar pares aparentemente mais fixos e, posteriormente, a criação de novos locais secretos no contexto da epidemia. No entanto, acredito que a moralização desencadeada em torno da AIDS não foi uma consequência do refluxo da revolução sexual. Isso estaria acontecendo mais recentemente. Explorarei nos capítulos adiante.

Buscando segurança, Gilberto continuou criando encontros sexuais em São Carlos. Ele se lembra de fatos interessantes sobre o que mudou depois do aparecimento da AIDS em São Carlos. Vejamos:

**Entrevistado:** Tudo, tudo mudou. Foi tipo uma bomba isso. Tudo aquilo que a gente teve, a gente não tinha mais. Homens lindos e maravilhosos.

[...]

Pararam de procurar. Eles tinham medo; achava que alguém ia lá, ia pegar. De certa forma foi até bom, porque o sexo estava... você transava com 12. De certa forma foi um autocontrole, entendeu? Mas, cortou tudo; parou tudo.

[...]

Aí, a gente saía; saía, mas no começo era que todo gay era malvisto, entendeu? “Ai, aquele gato lá, é viado”; foi um pouco meio, que sabe? No começo... a gente sentiu isso; depois com o tempo, a coisa foi melhorando.

**Entrevistador:** Mas, isso saía na televisão? No jornal? Revista?

**Entrevistado:** No começo saía porque era novidade. Todo mundo meio que... achava que AIDS pegava de viado...

Gilberto não deixou de sair para tentar encontrar parceiros, mas relatou a dificuldade após a disseminação do temor da AIDS – considerada socialmente uma doença, vista como sinônimo de homossexualidade. Ele vê a partir de uma lente moralizada que transar com 12 pessoas em uma noite era um exagero, o que releva elementos para compreendermos que a

AIDS medicalizou os corpos, levando-os ao autocontrole. Como vimos a partir de recortes de um jornal local, discursos médicos e religiosos já circulavam e, a exemplo de Gilberto, as práticas sexuais passaram a ser controladas, sendo os próprios sujeitos efeitos disso.

Os homens lindos e maravilhosos que Gilberto se refere são ligados a um tipo de masculinidade viril e agressiva. Ele gostava de heterossexuais, como já mencionei no primeiro capítulo e, mais do que isso, aprendeu a gostar da destilação caricata da masculinidade. Vejamos:

Bonitinho que eu falo... Bonitinho; não precisa ser tão bonito, entendeu? Nunca algo tão bonito, por que dá muito trabalho. Mas, tipo assim, bonitinho... magrinho, não precisa estar muito arrumadinho, umas roupas mais desleixado, com pegada – eu sou escorpiana -, daí eu gosto de... tem que ter pegada. Se não tiver pegada, eu vou ficar muito nervosa. E, a maioria que eu escolhia era assim. Eu sempre fui bem tratado nesse meio; nesse aspecto. Eu sempre escolhi; teve um cara uma vez que queria dar na minha cara, porque eu não saí com ele. Ele ia dar uns socos na minha cara “agora eu quero!”. Você acredita?

Esses homens pelos quais Gilberto se sentia atraído se tornaram escassos, e esse fato revela a eficiência da moralização advinda com a AIDS. É provável que homens que desejavam, e até mesmo iam se encontrar esporadicamente com sujeitos como Gilberto, tenham acolhido a advertência de perigo e voltado a serem reclusos, se limitando a modelos moralizados – como a heterossexualidade.

Apesar da dificuldade diante da escassez em decorrência da estereotipação que associava a AIDS a comportamentos sexuais considerados impróprios e a mortes de seus colegas, Gilberto conta que as pessoas não deixaram de se encontrar. Ao reentrevistá-lo, ele declarou:

Passaram a ser mais diretos e cada qual já tinha seus pretendentes. Seus favoritos. Era mais fácil assim. Alguns fixos. Você sabe que sempre fiz questão de preservar meus fixos. São os melhores e casados na maioria das vezes. Mas guardo eles como tesouro num baú. É mais seguro. São mais quentes. Transam porque gostam e quando acham a alguém que se realizam preservam. Confiam.

Os encontros moralizados passaram a ser realizados. Tanto homens casados quanto solteiros, como Gilberto, passaram a ter relações sexuais de modo mais fixo, especialmente por questão de segurança. Continuar transando com outros em grande número e de modo anônimo passou a significar um risco, tanto ao ser visto como doente, em função da carga moral que a AIDS trouxe, quanto ao real perigo de contrair a doença.

O modo moralizado de se envolver sexualmente passou a ser praticado e não deixou de despertar desejos. Docilizados pela AIDS, aprenderam a desejar a partir dessa nova dinâmica, fazendo até surgir timidamente a afetividade amorosa. Para Gilberto, aqueles encontros eram “quase um relacionamento. Mas sem amor ou paixão. Só sexo. Química. Gosto assim”. Os encontros moralizados passaram, nesse sentido, a ser realizados ainda sem a imaginação romântica. Apesar da epidemia ter levado os sujeitos a encontrar pessoas de modo mais fixo, criar relacionamentos ainda não fazia parte dos horizontes.

A Catedral foi abandonada justamente pelo apoio de religiosos que construíram, aliados ao Estado e à ciência, discursos que geraram efeitos. Os encontros passaram, segundo Gilberto, a serem feitos nos banheiros públicos, na Pista da Saúde<sup>49</sup>, na sauna e, após flertes ao caminhar aleatoriamente na rua, em construções vazias. Tratavam-se de novas territorializações.

Em seu denso artigo sobre territórios marginais, Perlongher (2005) elabora o conceito código-território, desvinculando, desse modo, o conceito de territorialidade de acepções essencialistas ao entender que ela é, em seus mecanismos, itinerante, e não subscreve uma fixidez residencial. Por isso, essa territorialidade é compreendida a partir da acepção do conceito de *código-território*, concebido como a “relação entre o código e o território definido por seu funcionamento” (Ibid., p. 276). Esses códigos acabam por axiomatizar os corpos que se deslocam, “capturando” os sujeitos em devir, a partir dos códigos que circulam nessas redes itinerantes.

Simplificando: o território não é sinônimo de uma localidade. Muito além disso, ele é entendido, na acepção pós-estruturalista, como “pontos” dentro de redes circulatórias, em uma “relação de contiguidade e mesmo de mistura” (SIMÕES, 2005, p. 264). Sem a fixidez, é possível pensar em desterritorializações e territorializações como forma de deslocamento entre pontos com códigos diferentes, o que demanda novas situacionalidades em aberto. Tais códigos são tomados emprestados entre os pontos, já que estão em uma rede circulatória, mas os seus próprios termos estão em aberto, pois diante dos sujeitos que não se deixam capturar inteiramente existem negociações de seus termos. No caso da minha pesquisa, se os sujeitos passaram a territorializar outros contextos, devemos nos perguntar o que esses pontos mutáveis tinham em comum para conseguirem capturar os sujeitos desejantes, mesmo que provisoriamente.

---

<sup>49</sup> A Pista da Saúde é um grande parque arborizado feito para caminhadas e para contemplação da natureza. Os caminhos são de chão batido, que cortam em curvas uma área de floresta mista, nativa e artificial. Existem trilhas no meio do bambuzal cheias de preservativos, por exemplo,

Criar encontros na catedral se tornou iminentemente perigoso e imoral. Se antes a construção simbolizava a retirada da carga negativa, purificando-os, tal proteção já não bastava para os sujeitos que passaram a ser efeitos do dispositivo da AIDS. Os encontros, nesse sentido, passaram a ser territorializados de forma moral, com parceiros um pouco mais fixos ou ambientados em contextos mais escondidos, como na Pista de Saúde e em banheiros públicos, que ofereceram proteção e instigaram desejos. Por exemplo, na Pista da Saúde, os encontros eram feitos de modo bastante codificado, e os sujeitos, entremeados ao público heterossexual, promoviam práticas sexuais nas moitas. Já os banheiros públicos, sinônimo de fluxo de masculinidades, ao mesmo tempo que ofereceram segurança, ofertaram o clima de fluxos de homens, gerando desejos.

Contraditoriamente, na medida em que esses territórios se tornavam sexualizados, os sujeitos paravam de frequentá-los, desterritorializando-os. Gilberto, por exemplo, afirma ter transado muito nos banheiros, mas jamais voltaria aos locais onde frequentava, pois, para ele, “banheiros já ficaram tachados como encontro para sexo”, noção esta que corrobora os discursos medicalizados e moralizados criados pelo dispositivo da AIDS.

A iniciativa privada se apropriou desses desejos, que estavam se desterritorializando do contexto da Catedral. A sauna foi uma delas, quando, na segunda metade da década de 1990, passou a ser territorializada pelos sujeitos à deriva, onde encontraram, sob o mormaço, possibilidades de desterritorializar não só os antigos locais de encontro, mas também os próprios laços morais, como o casamento.

Com o interesse de entender melhor essa dinâmica, tentei entrevistar um sujeito que um de meus interlocutores indicou. Segundo as informações que tive, ele teria frequentado a sauna, localizado no bairro Vila Nery, característico por ser residencial e não tão longe do centro da cidade. Tomei cuidado para conversar com esse sujeito, pois a interação poderia expô-lo caso a sua esposa visse o assunto em questão. Contornei o objetivo de explorar a questão da sauna, mas já sabendo do que se tratava, ele disse inúmeras vezes que nunca soube de nada na esfera sexual, pois esteve casado a vida toda e que, aliás, tinha até filhos.

Ao ser mais incisivo, ele tentou me ofender usando vocabulários homofóbicos, como “será que você não está procurando uma rola para você chupar” e “ou deseja ser enrabado por um cacete feito uma cunha”. Ao perguntar o motivo de tamanha agressividade, ele respondeu de modo singelo: “Acho que poderia ter te ajudado mais. Mas desculpe aí”.

Esse diálogo me ofereceu elementos para retratar o perfil das pessoas que frequentavam a sauna: homens casados que iam esporadicamente à sauna para se envolver com outros do mesmo sexo. Ele sabia do que se tratava e pediu desculpas por não ter podido ajudar com

informações. Porém, ao defender a sua heterossexualidade de modo agressivo, ele tornou evidente a fragilidade de seus desejos.

Como eu tinha em mãos o bairro e o nome da rua, fui pessoalmente tentar conversar com os moradores para encontrar a já extinta sauna e entender quem eram os frequentadores. Um deles era o Gilberto, que se deliciava com os encontros realizados nesse estabelecimento privado, pois tinha o “tipo de homem” que ele queria. Outros passei a tentar saber quem eram por meio de depoimentos da vizinhança.

Conversei com o dono de um bar de esquina, que lembrou da sauna e mostrou-me a localização exata. Ele descreveu também que os homens que frequentavam eram, em sua maioria, pessoas casadas que usavam aliança. Deu-me o nome de quatro homens que frequentavam a sauna na época, mas que ainda estão casados hoje. Nem cogitei procurá-los, pois caso fossem iguais ao sujeito que tentou me ofender, corria o risco até mesmo de ser agredido fisicamente.

Apesar de já reformada, a casa é estranha para ser residencial. Perguntei a seis vizinhos idosos e curiosos que brotavam de suas casas por causa da minha presença se tinham conhecimento de alguma sauna. Todos afirmaram que moram naquelas casas há mais de 30 anos e nunca tiveram conhecimento de movimentação estranha ali.

Ao descer uma quadra do local da sauna, os idosos que ali residiam afirmaram que existia uma casa onde pessoas suspeitas frequentavam. Achei estranho ver que moradores mais próximos afirmavam não saber de nada e, ao me distanciar do local, encontrava sujeitos que se lembravam da sauna.

Esse mecanismo da memória é importante para se levar em consideração ao fazer uma pesquisa que busca entender o passado por meio dos sujeitos. Ficou evidente que aqueles que estavam próximos à sauna tornaram distante a lembrança do mesmo modo como queriam ter se livrado dela no passado. “Eles devem ter vergonha”, declarou um senhor que mora uma quadra abaixo. Essa lembrança vergonhosa não poderia vir à tona, é claro. Como se justificariam para mim, um estranho pesquisador, sobre ter como vizinho uma sauna?

Apesar do meu esforço em saber a data exata do funcionamento, não consegui precisar. Apenas me foi passado que durou um ou dois anos a partir de 1995. Assim como a constatação de outros sujeitos de pesquisa – que veremos mais adiante –, Gilberto afirmou que em São Carlos nada dura muito tempo e, no caso da sauna, ela foi esvaziada pelo medo dos frequentadores serem descobertos.

Uma coisa entre todas essas territorializações é comum em São Carlos: estar escondido é um atrativo, mas quando os encontros sexuais se intensificam, acontece o curto circuito,

fazendo com que sejam rapidamente desterritorializados. Ser taxado como local de sexo é visto com maus olhos pelos sujeitos domesticados pelo dispositivo da AIDS.

Não tardou para que outros locais da cidade passassem a ser frequentados. A Avenida Getúlio Vargas, uma das principais vias de acesso da rodovia aos bairros periféricos, tem pouca densidade populacional por ser comercial e, pelo que lembram os meus sujeitos de pesquisa, os encontros passaram a ser feitos lá até a expansão da prostituição, que fez com que passassem a ocupar a Rua Larga.

Locais como banheiros, construções vazias, ruas e praças nunca deixaram de ser frequentados por aqueles que desejam criar relações sexuais com outros do mesmo sexo. As territorialidades são fluidas, assim como os sujeitos que respondem em cada época aos vocabulários disponíveis.

Mais recentemente, a partir da década de 2000, houve, em São Carlos, uma expansão do uso comercial da internet, criando um contexto diferente de encontros. Mostrarei como isso aconteceu e o que significou aos sujeitos, que passaram a buscar parceiros acessando inicialmente os bate-papos.

## CAPÍTULO 6 – A disseminação dos computadores e da internet

### 6.1 – Aproximações sobre o contexto do uso da internet para encontros

Preocupado em criar uma amostra a partir da qual fosse possível expor um panorama geral da cidade de São Carlos, busquei sujeitos de variadas condições socioeconômicas. Houve a dificuldade de encontrar sujeitos que tivessem mais de 40 anos de idade, mas, por sorte, na medida em que procurava, apareceram sujeitos que se encaixavam no perfil que eu buscava.

A “bola de neve” não tinha funcionado. Por isso, tentei contato com todos os sujeitos que aparentavam ter a faixa de idade que eu tinha em mente, seja em bares – onde conheci Maurício –, indicações de contatos – por meio das quais conheci Maria e Gilberto – e usando aplicativos de busca de parceiros, como o Hornet, voltado para o público homossexual – pelo qual conheci Márcio.

Assim como Márcio, conheci outros dois interlocutores com mais de 40 anos de idade por meio de aplicativos de busca de parceiros. Encontrar sujeitos de pesquisa com menos de 35 anos foi mais fácil, pois estão mais afeitos ao uso das mídias digitais e, portanto, mais visíveis. Apesar de ter conhecido dois interlocutores mais novos por meio de indicação, todos eles usam os aplicativos e plataformas de busca/relacionamentos em seu dia-a-dia. Essa realidade é muito distinta de Gilberto e Maurício, ambos com mais de 50 anos de idade.

Apesar de os sujeitos mais novos estarem mais familiarizados com o uso das mídias digitais por terem tido contato com elas desde a adolescência – como veremos nos próximos capítulos –, isso não significa que aqueles com mais idade são obsoletos. Nesse capítulo mostro como conheci Elton, de 48 anos de idade e, ao articular a sua fala com a fala de outros sujeitos, alguns já apresentados anteriormente, faço uma reflexão sobre como as mídias, em especial as digitais, influenciaram a transformação da esfera afetiva.

Ao procurar potenciais sujeitos de pesquisa no Grindr, um aplicativo de busca de parceiros parecido com Hornet, encontrei um perfil sem a foto de rosto, mas com o peitoral à mostra e evidenciando a pele escura. Este declarava ter 40 anos de idade, com preferência de ser “ativo”, ou seja, quem penetra. As demais informações, como nome de exibição, altura, peso, etnia, porte físico, *tribes* – ursos, barbie, couro, elegante e cafuçu, por exemplo –, relacionamento atual – solteiro, namorando, relacionamento aberto, por exemplo –, em busca de, status HIV, último exame e etc., não estavam preenchidas.

Moro em um bairro considerado universitário, entre duas universidades públicas, a saber: a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de São Carlos. No aplicativo,

constava que o sujeito em questão estava a 5,5 quilômetros de distância, o que me fez imaginar que ele morava em algum bairro distante do centro da cidade, pois da minha residência até a Catedral, por exemplo, são apenas dois quilômetros.

Ao interagir com ele, expliquei sobre o interesse de entrevistá-lo e aguardei até domingo – dia de folga de trabalho dele em uma indústria localizada a dois quilômetros do local de sua moradia, que fica quase no limite urbano da parte sul da cidade, onde é evidente a pobreza – para encontrar com ele pessoalmente.

Acatando a condição imposta por Elton, de buscá-lo para a entrevista, fui às 20 horas para a rua que determinei em seu bairro, pois corria o risco de ficar perdido caso tivesse vários desvios a partir da rua principal. Ao estacionar o carro, esperei quarenta minutos até que um homem muito alto e forte acenou para mim do lado de fora. Percebi que ele já me observava há um bom tempo e, como um teste de paciência, estava no local indicado, me avaliando sem que eu pudesse identificá-lo, uma vez que eu não tinha a sua foto de rosto na medida em que a condição exigida era o sigilo.

No caminho para um café que, ao chegar, descobrimos estar fechado, tinha esclarecido as suas dúvidas sobre a pesquisa, fazendo-o saber sobre as questões éticas de não revelar dados que pudessem comprometer a sua segurança. Inicialmente tímido, foi ficando à vontade até chegarmos a um estabelecimento de sucos, ao lado da Universidade de São Paulo.

Elton mora com o irmão e seus filhos, todos com mais de 18 anos de idade. Divorciado, tem 48 anos de idade – e não 40, como estava declarado em seu perfil –, se considera negro e sustenta a família toda com um salário mínimo e bônus de horas extras. Durante os dias de folga, quando consegue marcar um encontro, sai escondido de seus filhos durante a noite para se encontrar com outros homens e acredita piamente que não percebem a sua ausência.

Filho de migrantes nordestinos, nasceu no noroeste do estado de São Paulo e se mudou para a cidade de São Paulo quando criança. Já casado com a sua esposa, passou a morar em São Carlos com 21 anos de idade. Apesar de ter sido casado durante 18 anos, ele relata que sempre achou homens bonitos, seja vendo-os pela televisão ou no seu cotidiano, e flertava quando se via correspondido, embora nunca tenha avançado para encontros sexuais. Ao analisar a sua narrativa, seja no ato da entrevista, seja nos registros em meu diário de campo a respeito das interações feitas no trajeto de ida ao estabelecimento e na volta à sua casa, pude entender que ele aprendeu a admirar e a desejar homens másculos em detrimento dos mais femininos, apresentados de modo pejorativo na televisão, onde se tinha mais visibilidade.

Não somente a partir do que via na televisão, Elton continuou aprendendo a performatizar a masculinidade ideal a partir do seu casamento, uma vez que a identidade não

se fecha porque um sujeito se casou. Muito pelo contrário, o casamento é uma esfera social em que se aprende por meio das repetições a performatizar certos comportamentos vistos como intrínsecos aos sujeitos. O modelo moral/institucional de casamento ao qual me refiro captura dois sujeitos do sexo oposto, cria um ponto de identificação, fazendo-os a aprender a reconhecer os elementos de gênero na esfera social mais ampla, naturalizando-os na medida em que é incorporada à sua vida diária.

Sem titubear, Elton afirmou várias vezes que é ativo e gosta de homens viris e passivos. Ele, assim como Márcio, parece ter aprendido por meio de seu contexto – o que envolve mídias, casamento, etc. – modos de desejar que envolvem sexualmente seus parceiros e, ao mesmo tempo, o reconhecimento do valor daqueles que são másculos.

Além disso, de modo similar a Márcio, que passou a fazer encontros sexuais com outros homens após a morte de sua esposa, Elton começou a partir do divórcio, em 2008. No mesmo ano em que se separou passou a fazer curso de informática e a frequentar *lan houses*. Acessando pornografia e interagindo com outros homens, viu a oportunidade de ir além de flertes:

Foi um curso que tava fazendo aqui... eu passava, saía às oito, oito e meia; passava na lan, já fazia meus trabalhos e já morria ali. Então, às vezes já fazendo trabalho, você acessava outras coisas também.

Esse trecho merece um complemento registrado em meu diário de campo. Esta foi a resposta dada quando o questionei sobre como ele fazia para acessar os bate-papos – conhecidos como plataforma de interação, usada para miríade de finalidades, inclusive para criar contatos e encontros amorosos/sexuais. Ao mencionar “outras coisas”, ele sorriu maliciosamente, batendo o dorso da mão com a palma algumas vezes, tentando simular uma prática sexual. Portanto, além de conversar com outros homens, é certo que também acessava conteúdos no mínimo pornográficos.

Esta era a rotina de Elton na segunda e quarta-feira e, após meses observando as interações e pornografias, em uma noite teve a oportunidade de se envolver sexualmente. Vejamos:

**Entrevistado:** Eu fazia um curso aqui próximo, também, da Quinze e eu esses dias falei: “Ah! Vou a pé!”. Desci a pé, até o centro, de lá peguei o ônibus; mas antes de pegar o ônibus, fui abordado por uma pessoa de carro – um homem, casado, usava aliança, tudo. Mas, [ele falou]: “Quer uma carona?”, eu falei: “Não”, ele falou: “Não, vamos!” O pior é que ele já sabia para que lado eu ia, ele falou: “Eu também tô indo pra aquele lado”. Eu achei estranho, mas pela insistência dele, eu falei: “Tá”. Ai, fui. No meio do caminho ele falou: “Você sabe o que eu quero”. E realmente ele me chamou a atenção, que eu tenho um padrão, assim, que já falaram assim: “Muda, ou você não vai

conseguir”. Eu falei: “Tudo bem, eu não mudo” que já é... Aí foi indo, foi indo... ele pôs a mão na minha coxa. Bom, resumindo: acabamos num motel. Como eu já era separado, cheguei em casa normal. Foi a primeira vez assim... Não foi legal, porque eu não esperava aquilo. Eu achei que foi meio... eu não esperava realmente aquilo ali, não, no momento. Mas não foi ruim – não vou mentir, também, pra você.

**Entrevistador:** Passou a encontrar outros homens desse jeito?

**Entrevistado:** Sim, porque antigamente não tínhamos esses acessórios.

Elton, mesmo após muito observar as interações pelo bate-papo, não tinha ainda habilidade de realizar encontros. Pela iniciativa do sujeito que o abordou, ele foi cedendo ao desejo de concretizar a relação sexual. Fui captando aos poucos o que seria esse “padrão” mencionado por ele e compreendi que seria um homem másculo, branco, sarado, “gatão” e mais novo que ele. Apesar de ter declarado que, diante da frustração de não conseguir criar encontros com homens com essas características, tenha diminuído o seu padrão, senti durante toda a entrevista que o seu desejo é encontrar pessoas como estas.

A sua primeira relação sexual com outro homem não foi ruim, segundo ele. Não esperava que fosse daquele jeito justamente porque as suas referências eram outras, sejam baseadas no sexo heterossexual, sejam na pornografia. Como vimos por meio de Márcio, a pornografia cria efeitos, fazendo os sujeitos terem suas subjetividades encantadas pelas práticas que assistem. Não perguntei a Elton o motivo da parcial frustração de não ter sido como ele imaginava; no entanto, tratou-se de uma situação a partir da qual ele passou a aprender como os encontros sexuais eram realizados.

Apesar de ter usado os bate-papos, os seus primeiros encontros eram feitos nas ruas e, diante da timidez criada pela inabilidade de abordar a pessoa, esperava a iniciativa do outro. Vejamos:

Às vezes a pessoa se aproximava. Eu sou meio tímido, nunca chego muito na pessoa. Eu sempre espero a reação da outra pessoa. Eu sei demonstrar o meu interesse, mas não sei chegar. Então, é meio complicado. Antigamente, para mim, era pior ainda, porque eu não me relacionava com pessoas da minha cor. Esse é o meu padrão.

Elton não se envolvia sexualmente com pessoas da cor dele, e este era um “padrão” entre outros mencionados por ele. Para ele, a escassez de pessoas para criar encontros era evidente, pois, se não se encaixassem no seu padrão, não se sentia atraído.

Como vimos a partir de Gilberto, a maioria dos seus colegas que ficavam em frente à catedral eram negros de baixa renda. As novas territorializações impulsionadas pela AIDS fez esses sujeitos criarem encontros de outros modos, seja em banheiros públicos, parques ou nas

ruas. Os rapazes que não se encaixam no padrão de Elton não estavam jogados ao léu. Pelo contrário, foram historicamente empurrados à marginalidade, e ter se espalhado pela cidade é justamente o que era esperado de um contexto em que os sujeitos tentavam se desvincular da imagem negativa altamente patologizada da homossexualidade.

Outro elemento importante trazido por Elton é o fato de que o primeiro sujeito com quem ele teve relação sexual estava dentro daquilo que ele desejava, e ainda mais, munido de bens materiais – um carro –, com uma conseqüente possibilidade de mobilidade.

Fazendo novamente um paralelo, Gilberto dizia que quem ia ao encontro dele e de seus colegas eram homens de variadas condições socioeconômicas: “era pego a combi; era carroça; tinha carrão; tinha altos empresários, uma firma poderosa que tinha aqui, que passava pra me pegar. Era carrão, era pirua, era combi, fusca, bicicleta”. Aqui é possível perceber a ênfase dada aos empresários, sobre os quais Gilberto fez questão de explicar. Isso revela que, apesar de ele dizer que se envolvia sexualmente com o que vinha, havia uma preferência por homens com poderio econômico.

Elton desvela um desdobramento do contexto apresentado por Gilberto. Evitar encontros com quem está fora do “padrão” evidencia a tentativa de afastar a marginalidade, pois ela é associada à pobreza e à negritude. No entanto, ele mesmo estava inserido nessa marginalidade e experienciando encontros por meio dela, ou seja, por estar na rua, conseguia encontrar parceiros sexuais. Ele não tinha mobilidade espacial por falta de condições financeiras, o que torna compreensível o motivo de ter criado inicialmente encontros nas ruas, sendo abordado por quem tinha meios de locomoção ao invés de usar o bate-papo e concretizar encontros a partir dele.

## **6.2 – Dados sobre os computadores e a internet**

Os dados que apresentarei nos quatro parágrafos seguintes foram colhidos em vários sites de empresas privadas e instituições públicas. Um dos problemas é a contradição de dados encontrados, mas com devido cuidado, verifiquei todos eles, articulando as fontes. Não foi possível referenciar todos, pois se assim fosse, seriam no mínimo 25 páginas consultadas a serem referenciadas de modo labiríntico. O quebra cabeça dos dados foi montado, inspirado pelas pistas encontradas desde a nota de rodapé de estudos como de Carneiro e Dwyer (2012) ou a partir do texto de Gonzaga (2004), esta, por sua vez, focada em análise das plataformas IRC e ICQ. As notas de rodapé referenciam sites consultados que fazem aproximações – e não apresentam exatidão ao que incorporei, pois articulei as informações com muitos outros sites

para dar maior coerência e veracidade possível - dos dados apresentados e, a partir delas, o/a leitor(a) poderá verificar todos eles.

Os bate-papos são uma plataforma acessível por meio de computadores interconectados pela internet. Muitas foram famosos por terem sido disponibilizadas em sites de provedores de internet como a UOL (Universo Online), BOL (Brasil Online), Terra, IG (Internet Group), em operação, respectivamente, desde 1996, 1996, 1999 e 2000. Na época, para ter acesso à internet discada era necessário ser assinante de provedores, já que as empresas telefônicas não podiam oferecer esses serviços. O primeiro provedor chamado Alternex foi criado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), em 1989<sup>50</sup>, mas foi somente em 1995<sup>51</sup>, quando estava mais estruturada, a comercialização da internet foi liberada pelo Estado. Em 1996, a UOL e a Zaz<sup>52</sup>, de forma independente, lançaram os primeiros portais privados do país.

Não me estenderei ao mostrar detalhes, pois foram inúmeras as incorporações dos portais, vendas de títulos, fusão de empresas responsáveis, etc. O que importa para a discussão desse capítulo é a data de fundação e o provedor/portal de maior acesso. Trata-se do UOL, um dos provedores privados mais antigos do Brasil, que expandiu a clientela, tornando o seu próprio portal passagem obrigatória para os usuários.

É necessário mencionar, ainda, que desde o uso comercial da internet, a Internet Relay Chat (IRC) – protocolo de comunicação – já era usada. mIRC foi o principal cliente da IRC, desenvolvido para funcionar no sistema operacional Windows. Basicamente, ela é quase rudimentar se comparada com as que surgiram décadas depois e servia como uma rede de servidores que hospedava canais de bate-papo.<sup>53</sup>

Posteriormente, surgiram o MicroSoft Network Messenger – conhecido como MSN Messenger – e o ICQ a partir da segunda metade da década de 1990. O ICQ oferecia mais recursos do que mIRC, podendo criar conversas particulares sem ser perturbado por outros usuários. As pessoas registradas ganhavam um número, uma espécie de “identidade”. Sabendo o número de outra pessoa, era possível criar uma comunicação. Ele foi, no entanto, caindo em desuso, apesar de ter sido comprado pela gigante provedora America Online (AOL), ao passo que o MSN Messenger passou a ganhar popularidade na década de 2000. Ele oferecia serviço

---

<sup>50</sup> Disponível: <<http://ibase.br/pt/opinio/cidadania-e-internet/>>. Acesso em 25 de abril de 2018.

<sup>51</sup> Irei explorar esse contexto mais adiante.

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542329-EI5029,00.html>>. Acesso em 25 de abril de 2018.

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/web/1493-o-irc-nao-morreu.htm>> e <<https://canaltech.com.br/curiosidades/10-anos-sem-brasnet-se-voce-usou-o-mirc-voce-esta-ficando-velho-97294/>> Acesso em 25 de abril de 2018

de vídeo-chamada e contas vinculadas ao Hotmail – serviço de correio eletrônico – que, assim como MSN Messenger, pertencia à Microsoft, que criou um dos mais sólidos programas de sistema operacional.<sup>54</sup>

Nesse complexo contexto, o bate-papo UOL foi muito utilizado desde o seu surgimento. Criado pelo Grupo Folha, uma das imprensas mais proeminentes do Brasil, o Universo Online não teve muitas oscilações comerciais como outros provedores após a chegada da banda larga no início da década de 2000, quando as operadoras de telefonia puderam participar da implementação e do usufruto.

Criada no UOL que, desde o seu surgimento, teve grandes investimentos, as plataformas de bate-papo passaram a ser usadas, consequentemente, em função do estreito vínculo entre o site e os usuários por causa das assinaturas necessárias para se ter acesso à internet. Apesar de termos visto uma breve história de desusos de sites e ferramentas de interação, o UOL não perdeu seu valor de mercado e continua firme e atuante na área de mídias, enquanto as plataformas de bate-papo continuaram se aperfeiçoando.<sup>55</sup>

Embora haja afinidade de Maurício com as novas tecnologias de comunicação – por causa de sua condição financeira, da sua área de formação universitária e profissão –, ele demonstrou desinteresse em usar novos recursos mediados pela internet para paquera, continuando a frequentar bares e a fazer encontros fortuitos com outros homens. Ele tendeu, nesse sentido, a criar uma rotina mais presumidamente heterossexual, desvinculando-se dos territórios marginais.

A apropriação dos bate-papos parece ter sido realizada pelos sujeitos de pesquisa que estavam mais habituados a criar encontros driblando as restrições sociais, tais como as impostas pela AIDS. Gilberto, por exemplo, que já criava encontros na Catedral, passou a territorializar outros espaços a partir da instauração do dispositivo da AIDS, como o bate-papo, a partir da década de 2000.

Cabe lembrar que estou usando o conceito “território”, ou seja, não estou em nenhuma hipótese afirmando a existência de locais fixos. Se os sujeitos estavam criando encontros por meio de um código-território, eles estavam respondendo aos fluxos discursivos que ali

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://recantododragao.com.br/2014/04/15/como-surgiu-o-sistema-de-bate-papos-na-internet/>>. Acesso em 25 de abril de 2018

<sup>55</sup> Em fevereiro de 2018, o Bate-papo UOL comemorou o batimento de recorde histórico de audiência. Segundo uma notícia, “entre 9 e 15 de fevereiro, o Bate-papo UOL recebeu mais de 4.087.054 de visitas, que passaram mais de 2.470.415 horas na plataforma, seja no computador, celular ou aplicativo”. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/02/20/bate-papo-uol-bate-recorde-historico-de-audiencia-no-carnaval.htm>>. Acesso em 25 abr. 2018.

circulavam. Do mesmo modo, quando digo que o bate-papo passou a ser territorializado, estou afirmando que, sob o código vinculado a esse meio, as interações passaram a ser estabelecidas.

Nesse sentido, o bate-papo não é um lugar. Criado contextualmente a partir do desenvolvimento dos meios comunicativos, ele é uma das mídias que proporcionaram interações. Os bate-papos não foram pensados para servir como um meio de interação apenas de pessoas que buscavam outros homens, uma vez que foram criados e oferecidos para um público geral. Porém, houve um segmento que se atraiu por eles: sujeitos que desejavam criar encontros com outros do mesmo sexo.

A captura desses sujeitos por essa plataforma impôs novas situações de interação, já que passou a ser mediada pelos computadores. Além disso, a predominância da interação por texto ao invés das paqueras feitas com trocas de olhares, por exemplo, foi um dos diferenciais que atraiu os homossexuais. O bate-papo não só ofertou um meio para que estes pudessem buscar outros do mesmo sexo usando os vocabulários existentes, mas também proporcionou possibilidades de recriar as dinâmicas dos encontros. Como afirma Miskolci (2017), as características das mudanças estão marcadas pela individualização, pois o próprio modo de uso das mídias digitais é individual; há o sentimento de agência, consequência da sensação de poder escolher parceiros, dispostos em competição amorosa; mudança no roteiro do flerte, que passou a ficar mais direto e objetivo; aceleração das relações do flerte ao encontro/rompimento e o aumento do número de parceiros em potencial, na medida em que é possível falar com vários pretendentes ao mesmo tempo.

Como vimos, a homossexualidade só foi possível ser criada a partir da epidemia da AIDS, quando, a partir da expoente visibilidade gerada, criou-se como efeito a vinculação dos sujeitos à categoria de homossexual, carregada de patologização, e formas de sentir e agir submetidas aos discursos. O que os sujeitos passaram a buscar no período pós-AIDS era justamente o que aprenderam por meio dela, ou seja, a segurança. As novas dinâmicas responderam ao perigo real de se infectar e foram moralizadas por meio de discursos médicos.

Torna-se compreensível que homossexuais tenham começado a usar os bate-papos – e as outras mídias – quando vemos que eles foram levados historicamente a se apropriar de meios alternativos que, ao mesmo tempo, proporcionassem a busca por parceiros e a oferta de segurança. Os sujeitos estavam em fuga das possíveis associações com a homossexualidade e as consequentes correlações com a AIDS, comportamentos condenáveis socialmente. Por isso, o bate-papo ofereceu condições para que as buscas pudessem ser feitas driblando as restrições sociais.

As mídias digitais possibilitaram a muitos sujeitos se envolverem amorosa ou sexualmente com pessoas do mesmo sexo – algo que antes não podiam fazer –, mantendo seguro seu status heterossexual na vida pública, no trabalho e na família. Segundo Richard Miskolci (2008), as mídias digitais – viabilizadas comercialmente a partir de 1997 no Brasil – ofereceram oportunidades e alternativas de socialização impensáveis para gerações anteriores. Os desejos, que teriam de ser vivenciados solitariamente, puderam ser compartilhados, reconhecendo a sua não excepcionalidade como um homo-orientado, diminuindo, assim, o seu sofrimento (Ibid.). Embora as mídias digitais tenham contribuído para a criação de novas experiências, antes até mesmo impensáveis diante das restrições sociais, elas não extinguiram “a principal fonte de preocupação, sofrimento e solidão de muitos que compartilham desejos por pessoas do mesmo sexo: o segredo” (Ibid., p. 188).

Como indica Miskolci, para fazer uma análise sobre o Brasil devemos partir da ideia de que cada sociedade tem suas peculiaridades e formas diversas de compreender a sexualidade, os gêneros e o erotismo. Em sua reflexão sobre o contexto brasileiro, o autor aponta que a “vida dupla”, no Brasil, segue uma lógica própria desde os tempos de colonização. Partindo dessa concepção, o sociólogo elucida que “essa forma de regular a sexualidade (assim como as relações inter-raciais) marca a vida de todos, mas têm consequências incomparáveis para pessoas homo-orientadas” (MISKOLCI, 2007, p. 60). Nesse sentido é compreensível que as mídias digitais estejam sendo usados como uma “válvula de escape”, em que os desejos podem ser experienciados em segredo, o que possibilita contornar as restrições morais e coletivas.

Em um outro artigo, Miskolci (2014, p. 17) afirma que “visibilidade ou invisibilidade estão intrinsecamente associadas a regimes de verdade, a códigos morais, a valores que fogem ao controle dos indivíduos”. Tendo em mente o contexto norte-americano, o autor considera que

o *duo armário-assumir-se* é não apenas algo cuja dinâmica é circunscrita predominantemente à experiência norte-americana das classes superiores brancas, mas, principalmente, é apenas uma das formas de articulação entre visibilidade e regime de verdade, entre o que uma sociedade reconhece como existente dentro de um enquadramento moral. Há outras formas diferentes, inclusive nos Estados Unidos, de vivenciar e negociar a experiência de se engajar em relações amorosas e/ou sexuais com pessoas do mesmo sexo com as demandas familiares e sociais de heterossexualidade. (Ibid., p.18).

O sociólogo sugere voltarmos o “nosso olhar também para as pessoas que vivem suas relações em segredo buscando compreender que suas estratégias e táticas respondem a constrangimentos sociais que precisamos identificar e analisar” (Ibid., p.18). Segundo o autor,

no contexto brasileiro, a manutenção do espaço público, da família e da heterossexualidade é valorizada. Nesse sentido, a associação do segredo sobre a homossexualidade a um universo moral é muito diferente de outros contextos como o norte-americano, que valoriza a vivência da sexualidade no espaço público (Ibid.).

As dinâmicas se transformaram significativamente, criando uma possibilidade histórica de buscar parceiros sem ter contato com a marginalidade ambientada em ruas, banheiros públicos, etc., onde o risco de ser descoberto e reconhecido era algo preocupante. No entanto, a possibilidade de acessar não foi unilateral, como se a internet sempre estivesse disponível e os sujeitos fizessem uso dela logo em seguida, em consequência do advento da AIDS.

O uso do bate-papo entre os sujeitos de pesquisa não se deu logo após a epidemia, quando os sujeitos passaram a territorializar outros lugares de modo mais fluido. A possibilidade de acesso foi azeitada ao uso popular somente quando houve a comercialização da banda-larga e as *lan houses* começaram a funcionar, havendo a possibilidade de usar apenas uma linha e distribuir na rede interna, diferentemente da rede discada, que precisaria de várias linhas a depender da quantidade de computadores, o que seria inviável.

Vejamos os passos que possibilitaram a disseminação dos computadores e da internet no Brasil. Empresas nacionais e internacionais passaram a investir em infraestrutura e serviços de telecomunicações para explorar o mercado após a quebra do monopólio estatal (MOCELIN, 2011). Fazendo um resgate histórico desse desenvolvimento, segundo Miranda, Kume e Piani (2011), em um estudo publicado pelo IPEA, em meados da década de 1990, 95% dos 14 milhões de acessos de telefonia fixa instalados estavam concentrados em residências de famílias de alto poder aquisitivo. Alguns marcos legais foram importantes para a expansão comercial da telecomunicação. Segundo os autores,

com a Emenda Constitucional (EC) no 8, de 15 de agosto de 1995, a exploração de tais serviços continuou sendo delegada ao governo federal, mas podendo ser realizada por meio de concessão ou autorização à iniciativa privada. No ano seguinte, a Lei Específica (Mínima) de Telecomunicações estabeleceu os critérios e autorizou a concessão de serviços, entre eles a telefonia móvel. [...]O grande marco da reestruturação da década de 1990 foi a Lei Geral de Telecomunicações (LGT), que no Livro I deixa clara a finalidade do novo processo: retirar o setor da estagnação, modernizar a infraestrutura, diversificar e melhorar a qualidade e prover acesso universal aos serviços básicos. Estes objetivos seriam alcançados pela transferência à iniciativa privada do papel antes ocupado pelo Estado, que, por sua vez, passaria à função de fiscal e regulador para garantir o caráter competitivo ao setor. (Ibid., p. 9).

Em meio a esse contexto de privatização, em 1997 foram registrados 21,6 milhões de acessos, passando a ter 190,4 milhões em 2008 (MOCELIN, 2011). De acordo com os dados do Conselho de Altos Estudos e Avaliação Tecnológica da Câmara dos Deputados (2009, p. 24),

de 2000 a 2009, o número de assinantes do serviço elevou-se de apenas 123 mil para 12,1 milhões. Dentre os fatores que contribuíram para o aumento do número de acessos está a implementação de políticas públicas de redução do preço ao consumidor dos microcomputadores. A ação governamental nesse sentido foi consolidada principalmente sob a forma da Lei do Bem – Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005 –, que reduziu a zero as alíquotas da contribuição para o Pis/Pasep e da Cofins incidentes sobre a comercialização, no varejo, de equipamentos de informática com valor inferior a R\$ 2,5 mil.

A disseminação da banda-larga começou no ano 2000 pela iniciativa do provedor IG. Em 2002, “com a liberalização do mercado das telecomunicações, a competição entre as empresas passou a ser “franca”, visto a redução de restrições de atuação das empresas”. (CONSELHO DE ALTOS ESTUDOS E AVALIAÇÃO TECNOLÓGICA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2009, p. 21)

Mocelin (2011) explica que nessa fase houve o acirramento da competição e a continuidade de acentuadas mudanças tecnológicas, pois “as concessões originais estabeleciam contratualmente algumas restrições na atuação das empresas, como, por exemplo, a região e o tipo de tecnologia explorado. Essa regra foi modificada posteriormente, a fim de ampliar a competitividade.”

Para o sociólogo,

garantir a conexão entre diferentes redes é um estímulo para a competição. Sem regulação sobre a interconexão, as redes teriam sua utilidade reduzida, uma vez que a rede de uma companhia não poderia se conectar a rede de outra. Consequentemente, acaba sendo necessário controlar os equipamentos e softwares que compõem as redes, de modo a garantir a sua integridade e interoperacionalidade. (Ibid., p. 28)

Além de reduzir os impostos incidentes sobre a comercialização dos computadores a partir de 2005, “apoiando-se na convergência de serviços, as empresas de televisão por cabo também entram no mercado de telefonia, bem como empresas de telefonia fixa e móvel passaram a prover serviços de acesso à Internet por meio de banda larga” (Ibid., p. 21).

A comercialização da internet já era uma realidade, mas a popularização do acesso começou em 2005, como podemos concluir a partir do barateamento do computador, conforme evidenciam os dados acima. Embora cada vez mais disseminada, o acesso era limitado por causa do seu alto custo. Ao ver os dados divulgados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2009),

em 2008 apenas 21% das classes D e E pagariam até 50 reais para adquirir a internet, um valor abaixo do praticado pelo mercado. Já para na classe A, a porcentagem aumenta para 70, o que revela uma desigualdade de acesso.

No entanto, segundo esse mesmo estudo, mais da metade das pessoas que acessava a internet o fazia a partir de *lan houses* ou *cyber-cafés*<sup>56</sup> – a maioria na informalidade – ao invés do ambiente doméstico. Apesar de o uso de computador ser mais individual do que do rádio e da televisão, em função do seu alto custo inicial, as máquinas com acesso à internet parecem ter sido compartilhadas, ou melhor, “alugadas”, por estabelecimentos comerciais. Desde o surgimento da banda-larga no Brasil, o ponto de acesso provido pela iniciativa privada foi importante para a possibilidade de os sujeitos usarem a internet em um contexto em que muitas pessoas não tinham condições de acessá-la.

### 6.3 – O cenário são-carlense

A fim de entender esse cenário no contexto são-carlense, entrevistei Elisson, que conheci pelo aplicativo Hornet. A sua foto se resumia a um pedaço de seu rosto, impossibilitando a identificação, enquanto a descrição de seu perfil mostrava que ele teria 30 anos de idade – cinco anos a menos que a sua idade real. Por não encontrar pessoas mais velhas para entender o contexto histórico mais distante, fui diminuindo a faixa etária até que vi em Elisson a possibilidade de fazer uma entrevista quando soube que ele trabalhou em *lan house* durante muito tempo.

Conversamos durante alguns dias e, aos poucos, na medida em que foi me conhecendo melhor, ele se tornou mais receptivo e concordou em ceder uma entrevista pessoalmente. Mesmo cansado, ele se encontrou comigo na frente do supermercado, perto de minha casa, para irmos a um café.

De família com baixas condições financeiras, Elisson mora com seus familiares em uma casa simples, nas margens de um bairro próximo às duas universidades públicas. Sem ter tido condição de acesso a um curso universitário, ele trabalhou em *lan house* mais de uma década para complementar a renda familiar. Como um funcionário de longa data, ele viu do crescimento da quantidade de estabelecimentos no setor ao declínio, que começou, segundo ele,

---

<sup>56</sup> Os *cyber-cafés* oferecem pontos de acesso à internet ao passo que as *lan-houses* – que usam recursos de rede local (LAN - *Local Area Network*) – possibilitam interações dos usuários na rede local / global, o que é conveniente para jogos eletrônicos. Utilizo o termo *lan-house* ao longo do texto pois a esmagadora maioria dos estabelecimentos privados que ofereciam acesso à internet em São Carlos estavam equipados com recursos necessários para jogos eletrônicos.

a partir de 2009. Não especificarei o período em que ele trabalhou nem outras informações que possam expô-lo, uma vez que a sua preocupação ao fim da entrevista era a possível exposição e os transtornos que isso poderia gerar.

Até o momento vimos informações sobre a consolidação e a disseminação da internet de modo geral. Elisson apresenta dados a partir de sua memória, que complementam como esse processo aconteceu em São Carlos e como isso se articula com a vivência das homossexualidades. Ele, que usava o bate-papo desde 1999 para encontrar outros homens e trabalhou durante mais de uma década em *lan house*, traz elementos importantes para compreendermos a mudança na esfera dos desejos.

Para ele, desde o início da década de 2000 já existiam as *lan houses* em São Carlos, mas de pequeno porte – com três ou quatro computadores –, voltadas para jogos eletrônicos. Alguns outros estabelecimentos, como livrarias, tinham um computador disponível por meio da internet discada, custando 2,50 reais a hora. No geral, Elisson lembra que a quantidade de *lan houses* aumentou, tendo elas cada vez mais computadores quando a banda larga ficou disponível.

A Speedy, da Telefônica, foi a empresa contratada pelo dirigente da *lan house* onde Elisson trabalhava. O novo sistema operacional Windows XP, instalado nos computadores, possibilitou uma melhor “navegabilidade”, tornando-o atrativo, já que inicialmente a maioria do público ia até eles para se divertir com jogos.

O cabeamento para distribuição da banda larga era limitado. Bairros distantes do centro da cidade só passavam a ter acesso quando, por iniciativa da rede de *lan houses*, a internet era enviada via rádio, de modo rudimentar, mas moderna para a época – ou seja, a *lan house* do centro recebia a internet pelo cabo e enviava para bairros distantes.

Em 2006 já existiam dezenas de estabelecimentos, e alguns deles eram grandes redes que instalavam estrategicamente uma *lan house* em cada bairro, esparramando-a pelos bairros. O público era composto majoritariamente de jovens que não só iam para jogar, mas também usavam ferramentas para trocar mensagens instantâneas, como ICQ ou plataformas como o bate-papo, para conhecer pessoas.

Embora concentrassem muitas pessoas, as *lan houses*, em geral, só permitiam o uso individual do computador, ou seja, aqueles que não eram pagantes eram convidados a se retirar para não importunar os usuários sentados nos computadores vizinhos. A privacidade sempre foi uma preocupação, pois era lucrativa. Alguns estabelecimentos criaram cabines individuais, que eram um pouco mais caras, podendo ser usada apenas por pessoas com mais de 18 anos de idade, tendo o acesso liberado aos sites pornográficos. De acordo com Elisson:

**Entrevistado:** É assim, por isso que tinha a Sala Vip, né? As pessoas que queriam internet mais tranquila, sossegada, bater um papo, muita gente se relacionava, né, pela internet. Tanto que vários casais, clientes, tinham namorados em outros países, aí eles iam lá, conversavam via ICQ, ICQ não, é... Messenger, antes veio ICQ e depois o Messenger e aí eles conectavam pelo Messenger e conversavam, então eles precisavam de uma sala mais Vip, na verdade né, por isso que o preço era diferenciado também.

**Entrevistador:** E acesso à pornografia?

**Entrevistado:** Na Vip era liberado, né? Tanto que está lá que a entrada é proibida de menores de 18 anos. Isso até hoje a gente proíbe, mas na normal não é permitido, tanto que se eu passo e vejo o cliente eu desligo a máquina dele. Desligo, fecho a página que ele tá acessando, porque ninguém é obrigado a ficar vendo o que o outro tá vendo. E assim, nós limitamos o uso de clientes, assim, vamos supor, você vai lá.... eu libero porque sei que no meu horário não tem esse problema, mas assim, você vai lá com um amigo seu e eu estou sentado lá na máquina, e aí eu estou no bate-papo, fica muito chato, a pessoa ficava, antigamente era maior o fluxo né, e aí a pessoa ficava atrás de você, e aí ficava vendo o que você estava fazendo, isso é muito chato. E aí então era proibido também entrada de acompanhantes.

Para atrair pessoas “tímidas” como Márcio, que não gostava de pessoas bisbilhotando-o enquanto ele acessava o bate-papo, a individualização, aliada com a privacidade, seria um bom negócio. Vejamos a fala dele:

Nossa, não frequentei muito cyber, não. Acho que fui num cyber que tinha aqui, fechou algum tempo atrás, aqui perto da Coronel Salles, onde te falei ali, entrava pra entrar em bate-papo, mas aí eu tinha até vergonha, porque eu tava lá assim e eu sou muito tímido. Às vezes sentava alguém do meu lado e eu achava que a pessoa estava me bisbilhotando. Aí eu saía fora, sempre aconteceu isso.

As salas VIPs ofereciam privacidade e aparelhos mais sofisticados. O sujeito de pesquisa oferece também pistas sobre o perfil das pessoas que locavam tais salas. Segundo Elisson:

**Entrevistado:** Onde eu trabalhava era assim, mas depois de um tempo tinha uma sala que chamava Sala Vip que era com os computadores que ficavam com Web Cams e HeadPhones da Microsoft, tudo top de linha pra época né, e aí tinha embaixo, que também tinha, mas os fones eram inferiores, né? Os teclados eram também da Microsoft só que diferentes daqueles da Sala Vip. E não lembro, qual que foi a pergunta mesmo?

**Entrevistador:** Como era o perfil dessas pessoas...

**Entrevistado:** Na verdade, cara, eu entrei lá, eu fazia hora extra quando eu entrei e depois eu comecei a trabalhar de madrugada, então eu pegava o público da madrugada e o público da madrugada eram pessoas que saíam dos serviços, de fábrica, né? E queriam, ou acordava acho que com tesão, e queria, tanto que já peguei já cliente casado e... tentando tirar a roupa sabe e tinha cabine na época, sabe? E aí e a gente tinha câmera, tudo monitorado lá e aí cheguei vê já assim o cliente querendo se mostrar para outra pessoa. E aí você tem que pedir para a pessoa se retirar né, porque lá não é um prostíbulo, não é

um puteiro, né? Quer marcar seus encontros, vai marcar seus encontros, mas não precisa ficar pelado.

**Entrevistador:** E com que frequência essas pessoas apareciam?

**Entrevistado:** Ainda aparecem. Muitos, muitos, muitos, de todo tipo. Na verdade, o que ganhava mais era os casados. E ainda são os casados, pessoas casadas com mulheres, homens casados com mulheres e... eles procuram outros homens né para se relacionar né.

Em outros trechos de sua fala notei que não era só esse tipo de perfil de pessoa que frequentava essa sala privada. Pessoas que criavam interações heterossexuais, muitas vezes com pessoas de outras cidades ou até mesmo outros países, também usavam esses recursos tecnológicos disponíveis nas salas VIPs. Além de oferecer recursos audiovisuais melhores, as salas VIPs ofereciam a privacidade para aqueles que buscavam outros homens em segredo. Apesar de parecer que usar ferramentas sofisticadas de comunicação para a época seja apenas um passo que se assemelha cada vez mais com as interações pessoais, esses recursos criaram mudanças nas formas de compreender a si e ao outro em meio a interações. Os sujeitos passaram a conversar com o outro não apenas por meio de textos, mas também mediados por ferramentas que proporcionaram a transmissão de voz e imagem. Essa sociabilidade digital, termo usado por Baliero e Miskolci (2018), se desenvolveu

acentuando a convergência de tecnologias e intensificando as interpenetrações entre on-line e off-line, pelo entrelaçamento de suportes materiais diversos, como os scanners na década de 1990 e, no novo milênio, o acoplamento de câmeras digitais nos equipamentos de conexão, consolidando o caráter imagético das relações em rede assim como a centralidade do corpo. (Ibid., p. 141-142)

Iara Beleli (2017) complementa a visão exposta pelos autores e afirma que a internet “permitiu o estabelecimento de redes que aprofundam os contatos na esfera da intimidade, do desejo, que começou a se desenvolver por meio das interfaces sócio-técnicas”. Seguindo esse raciocínio, mostra que “essas transformações associam o uso individualizado dos equipamentos de comunicação digital com a ampliação e a politização da vida privada” (Ibid., p. 338).

A autora não está se referindo a uma politização de movimentos sociais ou a lutas partidárias. Inspirada no feminismo, ela considera que o íntimo está ligado tanto ao público quanto ao privado, esferas consideradas, portanto, articuladas. O que ela mostra em seu artigo é que as transformações sócio-técnicas se associam ao uso individualizado dos equipamentos de comunicação digital, moldando os sujeitos com interesse, e ao modo como estas se constroem e se visibilizam por meio das interações mediadas pela internet.

Elisson viu em meio a esse contexto de transformações sujeitos que buscavam criar encontros com outros homens. Eles não usavam apenas as salas VIPs que tinham equipamentos

adicionais. O sujeito de pesquisa me contou que, dependendo das *lan houses*, as disposições dos computadores eram diferentes, ou seja, algumas tinham pequenas divisórias ou, a depender do horário, pouco fluxo de pessoas, o que permitia a pessoa escolher o computador afastado dos olhos de outros frequentadores, dispensando, desse modo, as salas VIPs.

Em outros momentos da entrevista, Elisson afirma que não era só tarde da noite que os sujeitos que buscavam outros homens apareciam. Na época, jovens como ele próprio e homens casados buscavam parceiros de modo individualizado nas *lan houses*. Porém, para ele, era mais perceptível ver o perfil daqueles que frequentavam tarde da noite, não misturados com outros usuários. Como evidenciei por meio de sua fala, aqueles que acessavam o bate-papo durante tarde da noite eram pessoas que saíam dos serviços de fábricas e o perfil daquelas que frequentavam durante o dia foi descrita apenas como de pessoas casadas.

Isso não quer dizer que pessoas de diferentes condições socioeconômicas não frequentavam as *lan houses* para criar encontros por meio dos bate-papos. O sujeito, ao invisibilizar quem tinha perfil diferente, tentou criar uma coerência em sua narrativa para que eu pudesse visualizar, a partir de uma generalização, a organização dos fatos passados a partir da sua memória, tentando criar inteligibilidade.

Ao questionar as suas próprias experiências, ele contou com naturalidade seu próprio caso, como sua interação nos bate-papos, em que até conseguiu criar um encontro com outro jovem solteiro como ele. Em suas palavras, ele criava encontro “da mesma forma que todo mundo. Marcava, ia, conhecia”. Tencionando esse argumento, ele se coloca contraditoriamente desvinculado de “todo mundo”, pois ao descrever o perfil daqueles que, a seu ver eram frequentadores, ele próprio se coloca fora da narrativa, afirmando que eram pessoas casadas.

Nascido no contexto do fim da ditadura militar, quando a revolução sexual voltou a ganhar força, vinculando os sujeitos de modo mais eficiente por meio das mídias, o que lhe saltava os olhos eram pessoas que tinham amarras familiares e criavam encontros escondidos. Ao caracterizar o perfil dos frequentadores como pessoas casadas, invisibilizou aqueles que naturalmente estariam ali, em coerência com a liberdade. Ao longo da entrevista, ele cita, muitas vezes, que também havia pessoas novas.

Entretanto, não podemos descartar as pistas oferecidas por ele, de que quem frequentava as *lan houses* eram sujeitos casados e, ao tardar da noite, operários. Ao perceber em sua narrativa a existência de outras pessoas, é possível afirmar que o público era variado. No entanto, a despeito do perfil, o sujeito de pesquisa tinha experiência para detectar quem era aqueles que estavam usando os bate-papos para encontros entre homens, pois era algo que ele mesmo fazia. Por isso, memórias subterrâneas (POLLAK, 1989) são importantes para

revirarmos o passado e compreendermos as dinâmicas que poderiam passar imperceptivelmente aos olhos de quem não compartilha as mesmas vivências. Vejamos:

Tipo assim, você passa né, vai passando e a pessoa não tá na Vip. Normal, aí você vai, passa, vai no banheiro e aí você passa e você olha sem querer né, na máquina do cliente e o cliente tá lá no bate-papo. Daí ele fala: “Fecha minha máquina pra mim?”. Daí ele sai e daí 5 minutos ele volta. Por que? Ou deram bolo, né, aí você já sabe. Daí ele volta, com a cara desse tamanho de bolacha, como se a gente não imaginasse, se a gente não entendesse, mas quem tá assim, pode até ser que algumas pessoas não saibam, mas eu sou macaco velho, tô ali faz tempo, então eu conheço o tipo de pessoas. Se uma pessoa entra lá só de você bater o olho, você já sabe o que ela vai fazer, o que ela pretende fazer, né? Então... Só que você concorda comigo que discreto não tem nada, sigilo muito menos. Porque se você quer sigilo você não vai fazer algo, porque você tá fazendo e a outra pessoa tá fazendo e nunca vai ficar só ali, né! Vocês vão se encontrar e não vai ter sigilo. Sigilo é quando... você entendeu, né? Eu não preciso ficar entrando nessa parte aí, né?

O sujeito trabalhava na *lan house* e também buscava criar encontros por meio dos bate-papos. Justamente por isso, ele conseguia identificar os sujeitos que estavam ali fazendo as buscas. O interessante desse trecho de sua fala são as dinâmicas criadas tendo a *lan house* como um ponto de acesso à internet e também de encontro. De modo individualizado, os sujeitos combinavam maneiras de se encontrar, utilizando esses estabelecimentos comerciais como um ponto de referência para encontros.

Segundo Gilberto, as paqueras feitas nas ruas diminuiriam quantitativamente. Os sujeitos passaram a negociar os encontros a partir do seu local de acesso e marcavam encontros de modo mais objetivo, especialmente a partir de *lan houses*. Nas palavras do sujeito, “a internet era uma coisa marcada; você conhecia, marcava e ia. Satisfazia e ia embora pra casa”.

Ao analisar o contexto da cidade de São Paulo, Miskolci (2017) afirma que, diante de diversas formas de proibição ou retaliação social que restringiam as expressões dos desejos por pessoas do mesmo sexo, os homossexuais continuaram relegados a contextos restritos, o que incentivou vivências de contatos rápidos e sem compromisso. Há uma similaridade, portanto, com o contexto são-carlense, onde os sujeitos, por falta de vocabulários e referências sobre as homossexualidades e com a restrição social, se conduziram a encontros fortuitos e rápidos.

Essa tendência de criar encontros efêmeros continuou no contexto de uso inicial dos bate-papos. Ainda sobre o contexto metropolitano, Miskolci (2017) apresenta elementos para compreendermos a adesão às mídias nas buscas por parceiros:

A provável hipótese de que a rápida adesão às mídias digitais por parte de homens em busca de parceiros do mesmo sexo foi incentivada pelo contexto mais letal da epidemia de AIDS, que levava à busca de parceiros com menor

chance de estarem contaminados. Homens de classe média e alta entraram online buscando por homens fora do meio – não apenas sadios, mas desvinculados da aura de marginalidade que se associava ao circuito de socialização homossexual e à própria homossexualidade. (Ibid., p. 94)

É possível que, no contexto inicial da disseminação da internet, homens de classe média e alta buscassem parceiros do mesmo sexo em São Carlos. No entanto é nebuloso afirmar que essas classes sociais eram também as que acessavam os bate-papos com frequência. Em uma cidade como São Carlos, onde a disseminação de *lan houses* foi proeminente desde o surgimento da banda larga, o acesso para outros estratos sociais também foi possibilitado. O que colabora com essa constatação são as vivências da maioria dos sujeitos de pesquisa de baixa renda que usaram os bate-papos a partir das *lan houses*, em contraste com Maurício, um sujeito de melhores condições econômicas e que acessou a internet desde quando era discada, mas não fez uso do bate-papo em razão do risco que ela representava para ele.

O sujeito de pesquisa em questão não era afeito a criar encontros na marginalidade. Sustentando a sua imagem presumidamente heterossexual, os encontros possíveis eram feitos a partir do seu círculo social, o que exclui pessoas de baixa renda como Gilberto, Elton e Márcio. Além disso, ao considerar o seu círculo social presumidamente heterossexual, se expor buscando encontros na marginalidade ou até mesmo por meio dos bate-papos em uma cidade de médio porte potencializava a sensação de risco, podendo colocar em maus lençóis a sua imagem e trazer possíveis perdas, até mesmo materiais, ao ser desvalorizado como um importante profissional. Se as *lan houses* não tivessem ganhado tamanha proporção, acolhendo sujeitos de baixa renda inclinados a criar encontros marginais, talvez Maurício não visse de modo negativo as interações realizadas por meio dos bate-papos.

Ao procurar pessoas que fossem, em suas palavras, “boas companhias”, estava fora de cogitação para Maurício criar encontros com sujeitos como Elton, funcionário de uma indústria, que frequentava uma *lan house* após sair do curso de informática tarde da noite. Se expor a encontros sexuais com pessoas marginalizadas socialmente não despertava interesse em Maurício, ao passo que paquerar, driblando cuidadosamente o seu consolidado círculo social, o atraía mais e causava sensação de segurança.

Um pouco dessa sensação de risco era provocada pelo imaginário negativo criado pela construção da imagem de periculosidade da pobreza e da negritude. Isso está ligado, por um lado, à construção de uma normalidade que precisa silenciar ou por em oposição tudo o que não lhe convém. Por outro lado, esse risco é real, como veremos em seguida. Maurício não é um preconceituoso em sua essência, mas, antes, é um efeito do que acontece ao seu redor.

Ao perguntar se ele fazia uso dos bate-papos, descreveu apenas motivos do porquê não usa:

**Entrevistado:** E tem um problema hoje né, que é a violência né. Os relacionamentos por causa da violência né. Eu tive dois amigos né, que começaram a se relacionar, se encontraram na rua, começaram a se relacionar, e foi brutalmente assassinado num canavial, né?

**Entrevistador:** Esses tempos?

**Entrevistado:** É, faz, não, faz uns 10 anos. Por esse relacionamento de internet, né? Ele era jovem, gay, assumidamente gay, e ele se relacionava com muita gente né. E era uma pessoa super 10, mas encontrou uns carinhas aí...

**Entrevistador:** Você acha que ficou mais violento?

**Entrevistado:** Eu acredito, é, eu não digo que mais violento, mas você tem que tomar muito mais cuidado né? Que nem, você se relaciona hoje né, porque você não sabe qual interesse tá por trás disso. Que nem eu falei, hoje o que eu sinto que não existe mais aquele calor humano, as pessoas vem, conversam, são mais aberta, que tem, tem, mas hoje tá mais difícil. E mesmo porque as pessoas em função disso tão meio resguardadas. “Quem será esse cara?”. Você entra num chat hoje, numa conversa na internet, a gente fica sabendo de caso, não é raro, que o cara tem interesse em às vezes assaltar o outro lado né. E então é complicado isso também né. E tem um outro grande problema que eu enxergo hoje também são os relacionamentos por interesse que é a droga, muita gente, conheço também muitos amigos que se relacionam aí, mas que o único interesse deles não é o prazer, é o prazer da droga. Então ele usa o relacionamento, mas não para se divertir, para curtir, pra né ter um relacionamento legal, mas único e exclusivamente pra os dois curtirem droga, que eu percebi tem aumento muito né, tenho percebido muito isso aí nos meios que eu vou né. Quer dizer, está mudando? Tá! Tem esse problema da violência, né? A violência em função principalmente que eu acho, em função da droga mesmo né, precisa tomar muito cuidado hoje né.

**Entrevistador:** Por causa da internet?

**Entrevistado:** Não digo da internet, mas ficou uma coisa mais fácil você se relacionar né? Porque você se mascara atrás de um perfil. Que nem a gente estava conversando no WhatsApp lá. Pô, legal, te conheci, aí você falou: “Ah, queria te conhecer um dia”. Quer dizer, da mesma forma você poderia ser um cara que tivesse interesses né. Tem gente que vai perguntando o que que você faz, que que você é, e tem gente que usa isso como meio de exploração mesmo né, de exploração de assalto, ou leva você, começa a ter um relacionamento forçado e de repente o cara se torna um monstro né. Eu tenho um amigo também... Eu tive um amigo que apanhou, não matou, mas apanhou feio de um rapaz, um moleque. E eu cheguei a conhecer o outro lado. E era bonito, um menino bonito, mas de repente se tornou um maluco, começou a bater nesse meu amigo, enfim, não foi legal. Não foi muito bom.

Apesar de ter trazido elementos para entendermos a realidade da violência, concentro-me nas sublinhas. A caracterização dos protagonistas violentos se dá por meio da associação com os encontros nas ruas, o uso de drogas e a extorsão. No caso do menino bonito que se tornou maluco, a partir das minhas anotações feitas em meu diário de campo sobre as conversas que tive com Maurício posteriormente, trata-se de um caso de extorsão que culminou em violência.

A violência é real, sem sombra de dúvidas; no entanto, é o ponto de vista de um sujeito localizado em um círculo social de classe média e alta. A violência fazia parte do cotidiano dos sujeitos que criavam encontros marginais, ao passo que, para ele, era algo a ser evitado por quem tentava evitar ser associado a estes.

A título de exemplo, Gilberto tem saudades dos tempos das curras: “Você sai na rua; você não leva uma curra. Hoje em dia, nem curra tem mais”. Já Elton se sente uma pessoa intimidadora por ser negro, o que faz as pessoas atravessarem a rua. Esses sujeitos falam a partir de um contexto em que a desigualdade e a violência são vividas e naturalizadas. O ponto de vista de Maurício é, nesse sentido, sobre os riscos que ele corre e sobre querer se manter a salvo, tentando, por isso, evitar a violência que afetava cotidianamente os sujeitos com menos condições econômicas ou marcados pelas suas diferenças.

## CAPÍTULO 7 – As interações e a coroação da visualidade

Gilberto não ia apenas durante a noite – como estava habituado a circular pela cidade – para as *lan houses*. Ele também ia à tarde para marcar encontros por meio do bate-papo. Gilberto relata que, assim como a maioria dos seus amigos, ele não tinha condições de comprar um computador e sequer a rede de internet era ampla para ter acesso. Dessa forma, ele frequentava as *lan houses* para “caçar”, chegando a interagir com uma pessoa sentada ao seu lado, criando uma relação sexual. A mesma situação aconteceu com Elisson, que conheceu um outro rapaz, que viria a ser seu namorado.

Em São Carlos, nem todas os estabelecimentos que ofereciam pontos de acesso à internet funcionavam durante a noite. Segundo Elisson, apenas algumas *lan houses*, as quais tinham mais fluxo de pessoas e, portanto, eram mais rentáveis, funcionavam de noite. Com o crescimento da demanda, elas passaram a funcionar de madrugada a partir da segunda metade da década de 2000.

Gilberto oferece elementos para compreendermos que a maioria daqueles que usavam os bate-papos para encontrar parceiros do mesmo sexo o faziam a partir de *lan houses*. Às vezes, havia fila para poder usar o computador e, por conseguinte, era difícil conseguir acessar o bate-papo por causa da lotação. Vejamos:

Bate-papo... era sala de bate-papo da Uol a mais famosa. Hoje em dia, pouca gente usa. Só os bate-papos da Uol; você rezava pra entrar; pra conseguir entrar. E aí, conversávamos milhões ao mesmo tempo: “Ai, onde você tá?”, “ai, eu tô aqui!”

Vinculados ao portal de um dos primeiros e promissores provedores de internet, os bate-papos da UOL não caíram em desuso nem mesmo após a consolidação da banda larga – quando muitas outras empresas entraram em cena no mercado. Elisson adverte que o bate-papo do Terra foi o mais acessado inicialmente e, logo depois, o da UOL, que ganhou preferência. Não entrarei no mérito da discussão sobre qual foi mais usado primeiro. O que importa é que, a partir da década de 2000, usar o bate-papo da UOL se tornou mais predominante e, com o passar do tempo, as demais plataformas de bate-papo oferecidas para o uso a partir de outros sites foram deixando de ser usadas.

Segundo Gilberto, era possível escolher qual sala acessar. Para aqueles que não tinham mobilidade, mas queriam criar interações com possibilidade de encontros pessoais, era possível

acessar a sala São Carlos e São Carlos e Região<sup>57</sup>. Para ele, “como a gente é daqui, a gente fazia São Carlos; no máximo São Carlos e região. Porque, eu tá aqui, como você vai, tipo assim... São Paulo; Porto Ferreira; sem ter carro.”

O fator que mais o preocupava era a localidade. Era necessário saber de onde o outro estava falando, assim como as características físicas, para calcular se era possível criar encontros pessoais:

Foi o que eu te falo da localização, né? Que nem... você está num cyber... Tinha cyber distribuídos da cidade inteira. Mas que nem, eu estou aqui, eu vou no cyber do centro; “onde você está”; “eu estou no cyber do centro”; “onde você tá”; “ai, eu estou aqui na Vila São José”; “hummm, Vila São José, é longe!”; “até eu chegar aí...”. Então, você nem... descartava! “Ai, estou aqui não sei aonde”; “aí é muito longe”; “aí, cadê o carro?”

É interessante notar que, muitas vezes, os sujeitos estavam falando cada um a partir de uma *lan house*. O uso dos aparelhos de rádio e televisão estava sendo feito cada vez mais de modo individualizado. Quando ainda eram caros, havia o compartilhamento com os vizinhos e amigos, que se juntavam na residência de quem tinha esses aparelhos para escutar ou assistir um programa. Com o barateamento desses produtos, o seu uso foi sendo modificado conforme mais pessoas os adquiriam, ficando cada vez mais privado. Os computadores, por sua vez, surgiram para usos individualizados, mas, como era de se esperar de uma tecnologia inicialmente cara, eram locados com acesso à internet nas *lan houses* ou usados de modo compartilhado pelos membros da família, o que dificultava usar os bate-papos por causa da vigilância familiar.

O sujeito de pesquisa Elisson relata que era comum as esposas irem à *lan house* perguntar sobre as atividades suspeitas de seus companheiros. Isso mostra que, nesses estabelecimentos, muito mais do que o ambiente doméstico – para aqueles que tinham condições de ter computador em sua residência –, as possibilidades de negociar encontros sem ser “descoberto” eram maiores.

Os encontros também mereciam cuidados especiais. Durante grande parte da década de 2000, os recursos audiovisuais ainda eram escassos e os sujeitos estavam afeitos a criar encontros rápidos, altamente sexualizados. Eles partiam para encontros quase às cegas. Vejamos como o Elton fazia:

Eu marcava um local, meio que para ambos e ia. Muitas vezes levei bolo; às vezes dei bolo, porque você aprende, tá? Se você falar assim: já levei... Foi

<sup>57</sup> A sala São Carlos e Região englobava algumas cidades vizinhas de pequeno porte.

assim... a pessoa disse: você vai até a praça XV e me espera em tal banco lá sentado; aí você fica horas e horas lá sentado e a pessoa passou, te viu, não curtiu e foi embora. Aí eu aprendi a fazer isso também. Não que eu faça sempre, mas já fiz muito.

Ele afirma que não faz mais isso por conseguir ver as fotos da pessoa de modo mais preciso antes do encontro. Com a crescente incorporação dos recursos audiovisuais de qualidade, as negociações começaram a mudar. O seguinte relato evidencia as negociações quando o caráter textual das interações era predominante:

Se eu falo pra você assim: “Eu tenho um 1,88; tenho 90 quilos”, tem pessoa que vai dizer assim: “Você é gordo”. Eu falei: “Tudo bem, eu sou gordo, mas eu sou alto”; [pessoa falando]: “Ah é que eu não vi a altura”; “Então tá ok? Obrigado, pode seguir sua viagem”.

Esse incômodo de se mostrar e não ser entendido como esperado é característico da prevalência textual nas interações. Illouz (2011) afirma que, no contexto *off-line*, quando é possível ter uma visão mais holística do outro, interligam-se os atributos, que passam a ser lidos com base no corpo e em experiências. Diferentemente disso, nas descrições textuais de cunho pessoal feitas na internet, os sujeitos se mostram a partir da introspecção e da auto-rotulação em um cenário racionalizado a partir de uma lógica liberal e de mercado, tornando-se legíveis por meio do acionamento de imagens prévias, ideais e de estereótipos.

Elton se descrevia desse modo em um contexto em que muitos outros faziam o mesmo, cujos critérios de seleção eram estabelecidos de modo racional, elegendo, a partir de uma leitura pautada em estereótipos, o melhor parceiro. A omissão da sua cor nesse exemplo não daria margens para que os sujeitos o lessem a partir de uma lente enviesada de estereótipos – muitas delas negativas –, e a presunção de seu interlocutor de que ele seria gordinho é um exemplo de como o que era representado era entendido a partir do imaginário social de que quem teria 90 quilos seria uma pessoa com peso acima dos padrões vigentes.

Em um contexto de prevalência de textos, eram comuns invenções idealizadas de si. Tomo como exemplo Elisson para vermos como isso foi mudando:

Tanto que a gente fazia isso, loiro dos olhos verdes, moreno alto, né?

[...]

Eu me descobri um fake, porque até então, lógico que a gente sabe o que a gente é, mas quando eu me descobri eu não tinha noção, né, da amplitude desse espaço. Eu entrava nos bate-papo, marcava um encontro, falava que eu era um tipo de pessoa, marcava o encontro e não ia porque eu não tinha coragem e depois eu ficava falando assim “putz, eu queria ter ido”, sabe?

[...]

Eu não entendo porque mentiam. Não entendo, assim, como você não está vendo o rosto da pessoa, é mais fácil você mentir, né?

[...]

Porque ficou tudo mais fácil, você concorda? Antes você tinha que mentir para ter aquilo mais fácil, para você conseguir uma conversa. Uma pessoa mais bonita, mais apresentável, passando a característica de uma pessoa assim, você tinha mais chances de conversar. Hoje já não, hoje as pessoas são dispersas umas das outras que qualquer um que chegar e cumprimentar já vai tá, que nem aquela frase lá “a pessoa falou oi pra mim, eu já estou namorando com ela 3 meses já”. Sabe, já estou imaginando meu namoro daqui 3 meses, então hoje ficou mais fácil, na verdade, é mais difícil para relacionamento, por que? Porque o relacionamento ele era a base de sexo, as pessoas eram tipo assim: eu entrei lá na sala de bate-papo para ter um namorado pra ter um sexo, certo? Hoje já não, se eu quero sexo eu entro na sala de bate-papo, faço meu sexo, gozo gostoso, beleza, vou para casa feliz, ninguém me cobra nada, está todo mundo contente, alegre, saltitante, bem ponezinho.

Miskolci (2017) afirma que, no começo do milênio, as câmeras digitais se popularizaram por terem se tornado mais baratas, possibilitando a troca de fotos com mais frequência entre as pessoas e permitindo se conhecerem fisicamente antes do encontro face a face, o que deixava os encontros menos decepcionantes. Segundo o autor,

nas conversas por bate-papos, e-mails e messengers, havia espaço para encantamento, já que a maioria dos homens costumava se apresentar como mais altos, fortes, másculos ou jovens do que queriam se avaliados no contexto face a face. A primeira geração de “internautas” provavelmente sofreu mais surpresas, choques e decepções ao entrar on-line, pois foi obrigada a aprender a se relacionar de uma nova maneira, descobrindo códigos que se instituíam ao mesmo tempo que os usuários formavam o novo espaço relacional no qual, no presente, a maioria de nós – em especial os mais jovens – já vive quase como se ele sempre tivesse existido. (Ibid., p. 96)

Para o sociólogo, a corporificação *on-line* se intensificou com a integração das câmeras nos celulares no final da década de 2000, assim como as *webcams* nos computadores. Desse modo, aumentou-se a quantidade de fotos e se popularizou a videoconferência, findando, assim, o caráter textual das interações (Ibid.).

O corpo começa, então, a ganhar centralidade nas interações, dispensando aquele velho modelo imaginativo sobre o outro a partir da textualidade. Tornou-se possível conhecer o outro e até mesmo saber o endereço com precisão a partir da geolocalização, que também pode ser enviada por meio dos aparelhos mais modernos.

Em uma época em que as imagens ganham relevância, passa-se a visibilizar atributos corporais antes manipulados. Se os sujeitos se “melhoravam”, afirmando ter características mais valorizadas socialmente, com a imprescindível visibilização de si para negociar encontros, os atributos passaram a estar colados aos corpos, sendo interpretados a partir deles.

Elton considera os aplicativos<sup>58</sup> de busca de parceiros – que tem a prevalência das imagens em relação aos textos – como vitrines e, por isso, não interage como fazia nos bate-papos. O corpo passa a ganhar centralidade pelas imagens e recria as dinâmicas das buscas, pois as interações passaram a não estar prioritariamente mediadas por textos como nos bate-papos. Vejamos:

**Entrevistado:** Por aplicativo eu vejo como uma vitrine: ali sim rola muito corpo, rola muita beleza, rola muita idade, rola muito status; ali sim rola. Tanto que é muito, muito difícil eu chamar alguém pra conversar dali. Me chamou, eu me respondo, se não chamou...

**Entrevistador:** e por que você não chama?

**Entrevistado:** Não.

**Entrevistador:** Por que?

**Entrevistado:** É... por isso: tonalidade, idade, importa muito

**Entrevistador:** aí você prefere nem...

**Entrevistado:** Nem arriscar. Então hoje em dia é corpinho sarado, sorrisinho bonito, e tudo mais.

**Entrevistador:** Entendi. Aí você prefere que as pessoas te chamem?

**Entrevistado:** Sim, sim. Porque é tipo assim: naquela foto que você vê no meu aplicativo, ela não tem um retoque. É uma foto tirada do meu celular, pro aplicativo. Então, não tem um retoque. Eu odeio chegar, a pessoa tá linda, maravilhosa; chega lá... Eu sei, porque tem uma amiga minha, que ela fez isso daí. Ela faz isso na foto dela, então “ah, você tem que fazer isso daí”; eu falei: “Não, não tenho”. Infelizmente o peixe é esse. Quer que, se não quer, fica quieto.

Houve, nesse sentido, a visibilização das diferenças, que antes eram descritas a partir de uma introspecção marcada pela lógica de competição dos sujeitos que faziam buscas por parceiros. A seleção destes passou a ser feita por meio dos atributos corporais, visíveis a partir das imagens, cujos critérios espelham modelos corporais valorizados socialmente. Cada característica foi construída, muitas vezes, por modelos midiáticos.

Para Miskolci (2017), a popularização da televisão e o surgimento da mídia segmentada em um contexto de florescimento da pornografia gay e representações das diferenças impulsionados pela demanda de direitos de mulheres, negros e homossexuais, ofereceram aos sujeitos que buscavam se relacionar com outros do mesmo sexo vocabulários a partir do enquadramento representacional disponibilizado. O que era visibilizado estava em disputa e os sujeitos passaram a se reconhecer a partir de padrões corporais e de comportamentos mostrados de modo positivo ou reacionário pelas mídias. De modo mais claro, o sociólogo afirma que

a visibilidade não é garantia de segurança ou reconhecimento, porque é indissociável do poder de quem vê, das relações de poder que vinculam diretamente quem vê a quem é visto. Não há visível sem formas de ver, as

---

<sup>58</sup> Falarei com detalhes sobre os aplicativos de busca no próximo capítulo.

quais – em posições privilegiadas de poder – podem levar à submissão de quem é visto. Em termos sociológicos, entre o que vemos e o significado que atribuímos ao que foi visto estão sempre as representações sociais correntes. Assim, a visibilidade é sempre contextual, inserida em uma época e uma cultura, o que a torna uma relação social, portanto relacional e estratégica. A visibilidade se dá dentro de regimes de representação, os quais são sedimentações de relações de poder historicamente estabelecidas como o vocabulário disponível para o nosso olhar. (Ibid., p. 268)

Após a ditadura militar, em um cenário supostamente mais democrático, as disputas sobre o que e como eram mostrados os sujeitos historicamente invisibilizados nas mídias se tornaram mais acirradas por causa das demandas sociais de grupos marginalizados. A construção da normalidade tinha se dado a partir da forma naturalizada de representação da heterossexualidade e outros atributos valorizados socialmente, colocando as contraposições de modo negativo ou até mesmo invisibilizando-as. Esse modelo de representar o outro mudou sensivelmente, mas continua (re)produzindo o que é ou deve ser aceito socialmente.

De modo mais horizontalizado, as representações passaram a não depender exclusivamente das negociações entre grupos organizados e as grandes empresas do ramo da mídia. Usando a internet, os sujeitos puderam acessar as informações de acordo com o seu desejo e até mesmo produzir representações interessadas. Ao contrário da suposição de que as mídias digitais são descorporificados por se tratarem de um meio “virtual”, nunca como antes os modelos corporais se cristalizaram tanto.

Não podemos esquecer que os sujeitos e as empresas produtoras de mídias segmentadas não são neutros nem vítimas, pois (re)reproduzem o que é valorizado socialmente. Buscar parceiros envolve estar em competição (ILLOUZ, 2011) e, nesse contexto, cada atributo se torna uma moeda de troca, tornando os atributos corporais mais relevantes.

Elton tem em seu perfil do aplicativo Grindr apenas a sua idade e a foto de seu peito, assim como muitos outros sujeitos desejantes que ali negociam. A jovialidade, algo que o sujeito não tem, é muito valorizada, mas o que salta aos olhos de quem está habituado a avaliar o outro a partir de suas experiências – o que envolve as mídias – é a diferença social, ou seja, a tonalidade de Elton.

Beleli (2017), em seu estudo sobre as negociações amorosas heterossexuais mediadas digitalmente, constatou que a “cor”, articulada às outras diferenças, é um dos fatores que levam à rejeição imediata dos potenciais parceiros

cujas imaginações de inserção de classe, por exemplo, são medidas, também, pelos objetos que se deixam ver em uma foto largamente propagada pelas redes e que funcionam como fator de distinção entre as várias possibilidades de arranjos. Nesse sentido, a afinidade, um primeiro passo para a criação de

intimidade, também passa pelos objetos que conformam imaginação sobre os potenciais parceiros. (Ibid., p. 339)

Elton não edita as imagens e prefere se mostrar a partir do que ele é. É claro que as fotografias nunca serão fidedignas ao real, pois envolve a qualidade delas e modos de enquadramento daquilo que se quer mostrar. Entretanto, o sujeito se reconhece como quem é preterido por causa de sua cor e, mesmo que “melhore” a imagem, a raça seria algo captado de todo modo.

Embora esteja falando sobre o “global” – especialmente sobre o contexto norte-americano, quando o assunto são as mídias –, o pensador inglês, Paul Gilroy, apresenta elementos interessantes para uma reflexão sobre a representação do negro que se dá por meio das mídias digitais. Gilroy (2007) aponta que o significado de todas as adesões à raça tem sido alterado por uma série de outros desenvolvimentos. Estes incluem “o impacto das mudanças científicas e tecnológicas em vários campos e uma mudança para novos tipos de cultura visual, as quais reencarnam as diferenças raciais, tornando-as significativas de um modo sem precedente numa nova escala global” (Ibid., p. 14).

Gilroy assevera que, na medida em que uma cultura de consumo ativamente despolitizada se difundia, o mundo das aparências racializadas recebeu em investimentos em função dos desenvolvimentos de técnicas estéticas mais baratas, como as cirurgias cosméticas e o realçamento e modificação computadorizada de imagens visuais. Essas mudanças, que produzem e acentuam as diferenças raciais em filmes, adicionam “uma recompensa conspícua ao tráfico planetário atual em matéria de imagens da negritude” (Ibid., p. 40). Segundo o autor,

os rostos perfeitos nos quadros de aviso, telas e revistas não são mais exclusivamente brancos, mas à medida que perdem aquela uniformidade, somos pressionados a considerar e a observar em detalhe o que eles se tornaram, onde cabem na velha hierarquia que vem sendo apagada e que combinação ilícita desses conhecidos tipos raciais se ajustou para produzir esse visual específico, esse estilo exótico ou essa postura transgressora. O padrão estimulante desta hiper-visibilidade é a marca de um multiculturalismo industrial em que um certo grau de diferença visível com relação a uma norma branca implícita pode ser altamente valorizado como um sinal de oportunidade, vitalidade, inclusão e alcance global. (Ibid., p. 40-41)

A hipervisibilidade<sup>59</sup>, continua o autor, foi alcançada por meio das representações que complementam as personalidades super-humanas e, mais recentemente, por meio dos atributos físicos de atletas negros, que “construíram conexões com o mercado planetário emergente em

---

<sup>59</sup> De forma simples, grupos historicamente subordinados tenderam não apenas a serem ignorados ou “escondidos”, mas também a serem hipervisibilizados como exemplo negativo/desvio.

produtos de lazer, boa forma e esportes. Nesse domínio, a negritude provou ser um ativo substancial” (Ibid., p. 41). Nesse sentido, Gilroy evidencia que “o ideal de destreza física a que os negros fizeram jus especial [sic] em troca de se verem dissociados da atividade mental assume um significado destacado” (Ibid., p. 41). Em suma, para o autor, é preciso ficar bem explicado que

a ubiquidade e a proeminência atual conferida a corpos excepcionalmente bonitos e glamorosos, porém racializados, não faz nada para mudar as formas cotidianas da hierarquia racial. [...] mas a aparição de uma rica cultura visual que permite à negritude ser bela, também alimenta uma falta fundamental de confiança no poder do corpo de manter no lugar as fronteiras da diferença racial. (GILROY, 2007, p.42).

Os corpos dispostos a partir das mídias digitais, onde a imagem é proeminente, posicionam os discursos sobre a racialidade e colocam os corpos na fronteira – sempre negociada – entre o desejável e o indesejável. A esfera do desejo não é neutra, mas, antes, é criada contextualmente e nunca de modo determinista. Enquanto houver diferenças, haverá negociações; no entanto, tratam-se de relações desiguais constituídas historicamente, em que alguns são mais desejáveis do que outros.

Os sujeitos são efeitos de discursos, e Elton não foge à regra. Ao mesmo tempo que ele se imaginava uma pessoa perigosa, fazendo as pessoas atravessarem a rua, e se sentia preterido nas buscas por parceiros, Elton sentia desejos por pessoas que, ao contrário dele, tinham atributos valorizados socialmente. Ele tinha, em suas palavras, “padrões” a partir dos quais procurava outros homens para se envolver sexualmente. Assim, Elton não se envolvia com pessoas da mesma cor que a dele. Para ele, o que chama atenção no outro é a diferença de tom. Em suas palavras: “É... diferente, não é questão assim: ‘maior, menor’. Não é nada disso. É a diferença em si mesmo. Dava vontade de... pegar, de ter, na verdade”.

Elton tinha vontade de pegar e de ter aquilo que lhe foi negado. Frantz Fanon, um importante psicanalista martiniquenho, expôs, a partir das condições de dor e sofrimento de sujeitos inferiorizados racialmente, que os mecanismos de classificação sobredeterminam as condições. Em suas palavras: “Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (FANON, 2008, p. 108).

Nesse contato com o mundo branco, é pela corporeidade que se atinge o “preto”, sendo este reconhecido de modo desumano. Para Fanon, se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego, e o negro cessa de se comportar como indivíduo *acional* e o sentido da sua ação estará no Outro – sob a forma do branco –, pois só o Outro pode valorizá-lo. (Ibid.) Contudo, de acordo com Fanon, não é possível culpabilizar o negro, pois não é ele

quem se inferioriza. Pelo contrário, ele é inferiorizado socialmente e cria mecanismos psíquicos para conseguir habitar esse mundo, seja tentando se branquear, desaparecendo ou tomando consciência de uma nova possibilidade de existir.

Ciente de que tomar consciência em um contexto desigual, cujos sujeitos são reconhecidos a partir da negação da humanidade, seria uma tarefa difícil, ele propõe: “Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro?” (Ibid., p. 191).

Fanon (Ibid.) reconhecia o papel das mídias na racialização dos sujeitos antes mesmo de eles terem entrado em contato com os brancos, seja por meio de revistas, livros escolares, rádios, cinemas, etc., mas ele não viu a disseminação comercial da internet acontecer. Elton, por sua vez, vive em um contexto onde houve uma grande transformação na esfera da representação, em que passaram a ser oferecidos modelos alternativos para habitar a vida que não fossem a partir da desumanização. No entanto, essas transformações parecem ser tateantes, incapazes de derreter sólidas construções sociais, como a raça. A hipervisibilidade é, nesse sentido, a reprodução do mecanismo do poder colonial, que não deixa a negritude escapar aos olhos de quem vê.

Elton, como disse, tem seus “padrões”, criados a partir da posição que ele foi levado a assumir. Em um cenário em que o corpo ganha protagonismo por meio das imagens, fortificando os modelos já estabelecidos ou criando, por meio delas, novas formas de representação que devem ser valorizadas socialmente, torna-se compreensível o que os sujeitos passam a buscar.

Como vimos no capítulo que abordei sobre a pornografia e a AIDS, modelos corporais surgiram, criando formas de desejar. O modo como se deve transar e o corpo que se deve ter foram, nesse sentido, construídos, ao passo que as mídias, em especial as digitais, foram cada vez mais disseminadas. Não estranharemos o seguinte relato de Elton:

**Entrevistado:** Ah, meu sonho de consumo é um sarado, mas nunca peguei assim um bom, realmente. Já saí com uns, mas sabe aquela coisa “mecânica”.

**Entrevistador:** como assim mecânica?

**Entrevistado:** Mecânico... você faz assim: um modo de satisfação. Não um modo de prazer em si. A pessoa quer, vai fazer, vai eliminar o que vai eliminar. É satisfação, não é prazer, entende? Tem que ter aquela química, tanto de um, quanto de outro. Eles fazem pra matar a vontade deles. Matou a vontade deles, eles preferem que você nem toque neles. Minha visita na Cidade Jardim foi... de soltar foguetes

**Entrevistador:** Como assim?

**Entrevistado:** O cara valia a pena. Mas, também, foi uma única vez.

**Entrevistador:** Ele era estudante?

**Entrevistado:** Era... quando eu cheguei, não acreditei. Entrei naquela casa bagunçada, mesmo, que era uma república. Ele estava sozinho; era uma época de férias, mas assim... era “o cara”.

**Entrevistador:** Mas, no fundo, estudantes te atraem? Estudantes universitários?

**Entrevistado:** Não é necessário ser estudante universitário. É padrão. Eu tenho padrão muito besta. É tipo assim: tem pessoas que tem fissura por farda. Eu tenho fissura pelo conteúdo da farda. Que é tipo eu te falei: se eu me relacionar com você, eu te ver você de cueca; e você falar: “Posso colocar uma calcinha?” Pode, fica à vontade. Eu vou tirar. Eu já conheço o “eu” diferente, entende? Eu não sei o que é a fissura em si, pela farda. É a mesma coisa; não me chamou a atenção a bagunça. O cara era isso: um branco, gatinho, alto.

É possível reconhecer que a sua relação sexual com o rapaz sarado tenha sido uma decepção ao idealizar performances pornográficas. O sujeito de pesquisa traz mais um elemento para análise: os universitários.

Socioeconomicamente, os universitários são diferentes de Elton. Como veremos no próximo capítulo, são de uma geração que usou desde cedo as mídias digitais, afetada por modelos midiáticos e criando encontros utilizando as ferramentas disponíveis por meio delas. Como efeitos intimamente ligados às mídias, as gerações mais recentes assumiram os modos de agir e construir a si mesmo a partir das referências tidas por meio delas.

Não apenas isso: universitários em São Carlos são vistos como forasteiros e, portanto, mais independentes. Além de serem mais afeitos ao uso das mídias digitais, eles respondem ao concorrido sistema seletivo de acesso às universidades, ou seja, aqueles que vêm morar em São Carlos para os estudos em uma das duas grandes universidades públicas – USP e UFSCar – tiveram mais condições de preparo para o acesso meritocrático. Morar distante de sua família tem seus custos, o que não é possível para aqueles de baixa renda, apesar de essas universidades subsidiarem os mais necessitados.

Não é de se estranhar, então, que sujeitos com condições econômicas, acesso à universidade, que estão de passagem – e, por isso, representam riscos menores de que a família ou amigos dos autóctones fiquem sabendo dos eventuais encontros –, sejam um grande atrativo.

## **CAPÍTULO 8 – A articulação entre as mídias digitais e o contexto local**

### **8.1 – Quem são os universitários?**

A Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo EESC/USP foi inaugurada em 1953. Para Hayashi e Vicino (2007), a participação das lideranças sociais e políticas – grupos e classes dominantes, como a industrial – foi decisiva para a implantação da Escola. Nesse período, “a economia da cidade estava voltada para a indústria, e esta se interessava pela mão-de-obra qualificada proporcionada pelos futuros engenheiros” (Ibid., 2007, p. 69).

Sendo considerada um importante centro industrial e cultural, a cidade que, na época, tinha 60 mil habitantes, passou a formar profissionais que rapidamente eram absorvidos pelas indústrias locais. A Escola de Engenharia funcionou inicialmente na antiga sede da Sociedade Dante Alighieri, que tinha uma águia em sua arquitetura, símbolo do fascismo italiano, antes de ser doada para a Universidade de São Paulo. Logo após a sua inauguração, o centro acadêmico foi criado (Ibid.) e, em consonância com o movimento estudantil nacional, os estudantes se mobilizaram, formulando reivindicações referentes à universidade e se envolvendo com as demandas sociais locais.

O contexto político não permitia que os estudantes se posicionassem com total liberdade, a ponto de poder manifestar ideias que não fossem coniventes com o esperado pela sociedade. Proibidos pelo Departamento de Ordem Política e Social, os materiais que remetessem à subversão e ao comunismo foram queimados ou retirados da sede do Centro Acadêmico (Ibid., p. 108). Somente uma década depois, quando o autoritarismo passou a afetar diretamente a universidade, é que, como mostra Peirano (2002), os universitários que eram vistos como “bons partidos” e exímios formadores de opinião passaram a ter uma grande influência na sociedade são-carlense para propagar a luta sindical no período que antecedia a ditadura de 1964.

A liderança da política empresarial de São Carlos em uma relação de ordem personalista não tinha apenas o poder político local, mas também em outras esferas governamentais, (HAYASHI; VICINO, 2007) e influenciou a criação da segunda grande universidade pública: a Universidade Federal de São Carlos, em 1970. Esta, por sua vez, começou oferecendo cursos majoritariamente na área de exatas, mas, aos poucos, pelo menos a partir de 1990, no mesmo período que inaugurou outro campus, na cidade de Araras, os cursos na área de humanas e biológicas ganharam expressividade. O curso de pedagogia na UFSCar e de Arquitetura e

Urbanismo na USP já existiam, mas somente na década de 1990 cursos como Ciências Sociais, Psicologia, Letras, entre outros cursos que não eram tradicionalmente cursados por sujeitos *mainstream*, foram criados na UFSCar, tendo a USP permanecido com graduações ligadas em grande parte às exatas.

A USP, tradicionalmente uma universidade com vastos recursos financeiros, ia de vento em popa. Entretanto, com a coroação da expansão da UFSCar ocorrida em 2008, com a adesão ao Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior (REUNI), foram garantidos recursos do governo, aumentando, assim, o quadro de cursos, professores e alunos. O ano de 2008 foi também o ano em que foi adotado o Programa de Ações Afirmativas e, preocupados com a permanência, a universidade intensificou os auxílios aos estudantes com baixas condições financeiras.

É relatado no jornal *A Folha*, de 6 de março de 1988 – consultado por mim –, que a cidade tinha 160 mil habitantes na época, além de uma população flutuante de 22 mil pessoas, parte dela sendo estudantes das duas grandes universidades públicas. Em 2012, por sua vez, havia 40 mil estudantes no ensino superior<sup>60</sup> e, em 2017, com 246.088 habitantes<sup>61</sup>, não parece ter aumentado significativamente o número de estudantes, conforme articulei os dados mostrados pelas instituições públicas e privadas.<sup>62</sup>

Inicialmente, os estudantes eram vistos, de modo respeitoso, como potenciais agentes que iriam se profissionalizar e atuar nas indústrias locais, considerados até mesmo bons partidos para se casar. Apesar das desavenças com o poder político local na época que antecedia a ditadura, assim como a resistência contra ela, a crescente visibilidade dos estudantes no cenário da cidade foi crucial para a mudança de como eram percebidos.

Se antes foram até mesmo vistos como comunistas, a transgressão, especialmente no campo da sexualidade, começou a se tornar algo evidente. Ao interagir em uma confraternização financiada por Maurício com os seus amigos que, em sua maioria, são homens

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2012/10/quantidade-de-estudantes-em-sao-carlos-e-maior-que-media-nacional.html>>. Acesso em 30 abr. 2018.

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>>. Acesso em 30 abr. 2018.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www.spdi.ufscar.br/documentos/arquivos/ufscar-em-numeros/ufscar-em-numeros-2017-dados-2016>>.

<[http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=61](http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=61)>;

<<http://www.ccs.ufscar.br/dados-da-ufscar>>

Acesso em 30 abr. 2018.

de negócios ou funcionários públicos de destaque, pude saber mais sobre o que os universitários significavam para a cidade nas décadas passadas.

Um deles, professor universitário, que realizou sua formação na universidade pública em São Carlos na década de 1980, afirma que, em seu curso, que não é tradicionalmente heterossexual, homens se envolviam com outros do mesmo sexo sem qualquer constrangimento, pois, segundo ele, todos que estudavam na instituição tinham a “mente mais aberta”. É notório que, com acesso às informações, permitia-se uma relativa liberdade sexual, muito diferente do que observamos a partir do sujeito de pesquisa Gilberto.

Esse amigo de Maurício relata que os universitários não eram comportados, pois, vindos de outras cidades, cometiam abusos, vistos negativamente pela população são-carlense. Um dos casos que ele me contou foi o do “baile das lágrimas”, que era o nome dado à cerimônia de formatura que geralmente acontecia em um dos tradicionais clubes da cidade. Era o momento em que muitos estudantes que tinham namoradas em sua cidade de origem se colocavam em maus lençóis por terem encontrado uma outra em São Carlos, que nem sempre era universitária. Quando as suas duas namoradas ficavam sabendo sobre a situação de adultério do rapaz no dia da formatura, elas se decepcionavam e choravam. Isso acontecia com tanta frequência que ficou conhecido como baile das lágrimas.

Outro relato interessante é que, na década de 1990, universitários da USP iam durante o dia, muitas vezes embriagados, para o centro da cidade, tiravam as suas roupas e, medindo quem era o mais corajoso, saíam correndo pelas ruas até entrarem na universidade, que fica a cerca de dois quilômetros de distância. Apesar das perseguições policiais, a universidade era um refúgio, pois a polícia não poderia entrar sem permissão da instituição para repreendê-los.

Esses dois casos foram contados pelo amigo de Maurício para explicar os motivos pelos quais os universitários passaram a ser vistos com maus olhos. Outros sujeitos que estavam escutando concordaram, e um delegado aposentado chamou a atenção sobre a baderna criada na época das comemorações da/o TUSCA - Taça Universitária de São Carlos / Torneio Universitário de São Carlos, que acontecem desde a década de 1980. Os famosos cursos, que partiam de uma universidade à outra, deixavam, segundo ele, “um rastro de destruição e putaria”.

Em minha vivência em São Carlos, percebi que são-carlenses não são muitos simpáticos ao TUSCA. Em 2017, de acordo com o site da empresa que promove a festa, por dia, mais de 50 mil pessoas frequentavam os shows. A maioria dos participantes é de universitários locais, mas é expressiva a vinda de outras cidades para competir no torneio esportivo ou apenas para participar das festividades. Como em um feriado, os universitários festejam pelo menos quatro

dias seguidos, o que envolve a criação de festas em repúblicas e a movimentação do comércio local.

Os universitários passaram, então, a serem vistos com maus olhos pela população local; no entanto, essa “liberdade” expressada por eles era também motivo de atração e desejo. Estando longe do controle familiar e, portanto, menos restritos, eles aliam o acesso privilegiado às informações – por estarem mais afeitos ao uso das mídias – às suas vivências.

Os universitários são, como vimos, objeto de desejo de Elton. Outro sujeito de pesquisa, Márcio, também prefere encontrar estes, o que confere um maior controle sobre a segurança. Vejamos:

**Entrevistado:** Porque eu acho que eles são assim, bem mais, cabeça assim aberta, sabe? Não tem aquela cisma que nem eu tenho né, de repente ser descoberto. Prefiro eles, são mais legais, porque assim, até porque eles assim não são pessoas que vai pegar no pé depois né, sempre atrás da gente. Tem um colega meu que se relacionou com um cara aqui da cidade e o cara descobriu onde ele morava, ele é casado e o cara foi lá fazer escândalo na porta da casa dele e eu tenho receio né.

**Entrevistador:** Você acha que é mais perigoso você se relacionar com o pessoal da cidade?

**Entrevistado:** Não assim por ser da cidade, cada caso, tem uns casos estranho né. Tem um cara que quer, que gosta muito, depois quer ficar direto né? Sei lá, perseguindo a pessoa.

**Entrevistador:** Mas por que que você acha que eles acabam perseguindo mais do que os universitários?

**Entrevistado:** Por que que eu acho? Porque eles já são daqui né. Não é isso? Porque já são daqui e os universitário eles vão sempre querer coisa nova, né? Eles têm oportunidade na universidade, cara novo chegando né.

**Entrevistador:** Aí você acha que por isso eles não vão te encher o saco?

**Entrevistado:** É, eles querem sempre carne fresca né, não é isso? Eu acho, não sei se é né. Agora os caras daqui às vezes não tem nem opção. Às vezes, eles acham a gente e acham que a gente tá ali na pista. E eles não tem opção com uma outra pessoa, então eles querem ficar indo atrás. Acho que é isso, não sei.

Esse trecho indica que os universitários, por causa da sociabilidade criada em torno da faculdade, tinham pouco contato com autóctones são-carlenses. Desse modo, eles representam um menor risco àqueles que buscam criar encontros driblando o controle familiar ou pessoas próximas ao seu círculo social. As “coisas novas” que os universitários sempre vão querer garantem que não eles não ficarão “indo atrás”, criando inconveniências para ele, que tenta manter uma imagem heterossexual.

Além disso, Márcio constata que, sendo forasteiros, os universitários têm mais oportunidades na universidade e sempre querem carne fresca. É possível entender, a partir desse argumento, que os universitários têm condições para criar modelos diferentes de vida das

arraigadas pela heterossexualidade reprodutiva, o que torna mais fácil experienciar os diversos modos de viver a sexualidade, tendo acesso às informações e liberdade para isso. Ademais, é notório que estão entremeados nas mídias digitais, nas possibilidades de se envolver com várias pessoas ao mesmo tempo.

Nem todos os sujeitos querem, mas para se envolver com tamanha liberdade, é necessário ter também vocabulários sociais e condições. Não basta ter informações e não ter possibilidades de experienciar modelos outros da sua própria realidade social. Como veremos mais adiante, sujeitos preteridos nas dinâmicas das buscas entre homens se declaram mais afeitos a relacionamentos justamente por terem a liberdade restringida pelo controle familiar e pela desigualdade de renda e raça. Como afirma o sujeito de pesquisa Gabriel: “não tenho dinheiro para comprar passagem de ônibus para ter um relacionamento aberto e nem sei se quero”.

## **8.2 – As segmentações nas mídias digitais**

Conheci Gabriel, de 19 anos, em 2014, quando, de modo tateante, eu estava tentando delinear melhor o meu objeto de pesquisa. Ao explorar um bate-papo, o encontrei buscando parceiros. Ao abordá-lo, vi que ele tinha afinidade com a leitura, o que facilitou o desenvolvimento da conversa. Percebi que gostava dos *best-sellers*, principalmente os que tinham uma linguagem mais acessível. Quando o conheci, estava desempregado, mas atualmente é o único da família que trabalha, suprindo as necessidades financeiras de sua casa.

Desde o início me identifiquei como pesquisador e ele como universitário. Durante as nossas conversas ao longo de alguns meses, foi me contando sobre as dificuldades financeiras e as suas frustradas empreitadas amorosas. Interagi com ele ao longo de toda a minha pesquisa, de 2014 a 2018, por meio do WhatsApp, e nos encontramos pessoalmente apenas três vezes.

A primeira foi em 2014, quando o busquei em um bairro perto do campus II da USP, afastado do centro da cidade. Somente o asfalto que levava à universidade era de qualidade, estando as ruas laterais esburacadas. Embora esse campus novo da USP ainda esteja em fase de ampliação, tendo a infraestrutura impecável, os bairros entorno têm estruturas precárias.

Era uma sexta-feira e fomos comer espetinho em uma feira. De voz grossa, parecida com a de um locutor, autodeclarado como negro, Gabriel é um sujeito simpático. Ao conversar sobre a universidade, ele começou a desviar do assunto e até mesmo falou que tinha desistido do curso. Procurei na internet se ele realmente tinha cursado alguma coisa – aspectos

socioeconômicos seriam imprescindíveis para caracterizá-lo e entender o sentido de suas ações –, mas não encontrei nenhum registro que pudesse confirmar essa informação.

As suas queixas eram frequentes sobre o fardo da dificuldade financeira, o medo de relevar para a família a sua homossexualidade, a excessiva responsabilidade para encontrar logo um emprego para sustentar a sua família, etc. Tendo sido o primeiro sujeito de pesquisa, eu não tinha definido os métodos de interação e, por isso, resolvi, ao invés de entrevistá-lo, acompanhar o seu cotidiano por meio do uso do WhatsApp.

Apesar das baixas condições financeiras, ele não se recorda quando começou a usar as mídias digitais, ou seja, para ele, é como sempre tivessem existido. Ele procurava romances por meio do uso de aplicativos mais “puros”. As possibilidades de encontrar romances com o perfil das pessoas que ele queria se dariam em aplicativos de busca de parceiros como Hornet e Scruff, ao passo que a plataforma como o Badoo seria o mais impuro.

Como é perceptível, estou falando de um contexto em que os aplicativos de busca de parceiros passaram a ser utilizados. Isso não quer dizer que os encontros para fins sexuais em ruas e parques deixaram de ser criados. Do mesmo modo, os bate-papos continuam sendo usados para buscar parceiros. Estou falando de um contexto em que os aplicativos ganham protagonismo, ou seja, um cenário em que a disseminação dos celulares inteligentes afetou a esfera dos desejos.

Cada vez mais os sujeitos passam a usar as mídias digitais para buscar informação, se entreter e se comunicar, fato que modela as nossas relações sociais. Segundo os dados divulgados em 2012 pela International Data Corporation<sup>63</sup> (IDC), uma empresa de consultoria especializada no mercado de tecnologia e telecomunicações, em 2010 foram vendidos 4,8 milhões de aparelhos smartphones e, no ano seguinte, as vendas aumentaram 85%. De acordo com a mesma fonte, em 2014 foram vendidos 54,5 milhões de smartphones, o que representa 77,5% das vendas de todos os celulares no Brasil. Em 2015, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)<sup>64</sup>, o número de pessoas que acessa a internet por meio de smartphones superou a quantidade de usuários que a utiliza por meio de computadores fixos.

Conforme a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação<sup>65</sup>, durante o mês de setembro de 2013 a fevereiro de 2014, somente 43% dos domicílios tiveram acesso à internet e somente 31% das pessoas usaram a

---

<sup>63</sup> Disponível em: < <http://www.idcbrasil.com.br/releases/>>. Acesso em 30 abr. 2018.

<sup>64</sup> Disponível em: < <http://www.cetic.br/microdados/>>. Acesso em 30 abr. 2018.

<sup>65</sup> Disponível em: < <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf/view>>. Acesso em 30 abr. 2018.

internet no telefone celular nos últimos três meses, quando foi realizada a pesquisa. Já os dados divulgados em 2015 pela Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) atualizam esses números: 46% das pessoas tiveram acesso à internet no Brasil em 2014 e, em 2015, a porcentagem aumentou para 48%. Aqueles que utilizaram estiveram conectados 4h59min por dia nos dias de semana e 4h24min no final de semana. Entre aqueles que se conectaram à rede interligada de computadores em 2014, 84% utilizaram mais os computadores fixos e 48% usaram mais tablets ou smartphones. Passado apenas um ano, o uso dos computadores fixos como a forma mais utilizada diminuiu para 71% e o acesso mais frequente se deu por meio dos smartphones e tablets, que aumentou para 73%.

As redes sociais mais utilizadas, segundo a pesquisa – que estabeleceu opções predeterminadas para a escolhas – foram o Facebook (83%), o WhatsApp (58%), o Youtube (17%), o Instagram (12%), entre outros. Ainda de acordo com o relatório da PBM,

no Brasil, as características sociodemográficas da população têm um grande impacto no uso da internet, principalmente se comparada aos outros meios de comunicação. Renda e escolaridade criam um hiato digital entre quem é um cidadão conectado e quem não é. Já os elementos geracionais ou etários mostram que os jovens são usuários mais intensos das novas mídias. (BRASIL, 2015, p. 49).

Entre as macrorregiões do Brasil, o Centro-Oeste e o Sudeste apresentam um dos melhores índices de acesso à internet. Na primeira macrorregião destaca-se o Distrito Federal e, na segunda, o estado de São Paulo – contexto no qual o meu objeto de pesquisa está inserido. Em 2015, em São Paulo, segundo a PBM, 55% das pessoas se conectaram à internet todas as semanas, o que representa 7% a mais que a média nacional, ficando conectados 5h25min por dia nos dias de semana e 4h41min nos finais de semana. Como já constatado pelo relatório da PBM, as características sociodemográficas da população têm um grande impacto no uso da internet. Conforme os dados do IBGE de 2012, a cidade de São Carlos era uma das cidades de médio porte mais ricas do interior, apresentando o PIB de 5,77 bilhões por ano.

Dados mais recentes, divulgadas em fevereiro de 2018 pelo IBGE<sup>66</sup>, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), revelam que, em 2016, 64,7% dos brasileiros com mais de 10 anos de idade tiveram acesso à internet nos últimos 90 dias que antecederam a coleta de dados, sendo que, na região Sudeste, esse número é maior: 72,3%.

---

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens.html>>. Acesso em 30 abr. 2018.

O principal meio para se conectar foi via celular. 94,6% e 94,2% das pessoas que acessaram a internet o fizeram para trocar mensagens de texto, voz e imagens por aplicativos e não por e-mail. Cerca de três quartos da população brasileira tem celular e 78,9% utilizavam-no para acessar a internet. Um dos motivos que se destacam sobre não ter celular, indicado por 25,9% das pessoas, é o preço do equipamento. Das 63,4 milhões de pessoas que não tinham acesso à internet, 37,8% não sabiam usar, 37,6% alegaram falta de interesse e 14,3% não acessaram a internet por considerar o preço do serviço caro.

Fazendo um balanço geral dos dados, é notório que pessoas de 18 a 24 anos de idade foram os que mais utilizaram a internet, ultrapassando 85%. Deve-se mencionar também que, quanto maior a escolaridade e a renda, maior foi o acesso. A pesquisa também revelou a tendência de desuso do telefone fixo: apenas 33,6% das residências o tinham.

Quando conheci Gabriel, ele tinha um celular inteligente – smartphone –, mas, para ele, o aparelho era tão ruim que não conseguia nem sequer abrir os aplicativos direito, e pagar pelo serviço oferecido pela operadora para acessar a internet estava fora de cogitação por ser caro. É compreensível, portanto, que ele tenha usado os recursos para as buscas de parceiros por meio do seu computador, utilizando bate-papos, onde o encontrei. As trocas de mensagens por meio do aplicativo WhatsApp aconteciam somente quando ele estava em sua residência com acesso à internet e geralmente o acessava por meio do computador ao invés de seu celular inteligente, pois este “travava” muito.

Ele teve possibilidade de comprar um aparelho novo em 2016, quando passou a trabalhar de madrugada em uma empresa prestadora de serviços. Porém, antes disso, as suas buscas por parceiros aconteciam usando os bate-papos ou o Badoo em seu computador.

O Badoo foi criado em 2006 para comercialmente proporcionar um meio para interação ou para conhecer novas pessoas; contudo, voltou-se para o mercado de buscas amorosas, para a busca de parceiros, no fim dessa década. Nele, a maioria dos usuários busca pessoas do sexo oposto. Ao tabular os dados no mês de maio de 2015, constatei que 7,47% dos usuários buscam se encontrar/relacionar com pessoas do mesmo sexo. Embora esse número pareça baixo, este representava 398 pessoas. Em comparação a outros aplicativos, o Badoo apresentava um número de perfil até mesmo superior.

Os bate-papos, assim como o Badoo, seguindo a tendência de que as pessoas passariam a usar mais telefones celulares inteligentes ao invés de computadores, criaram aplicativos para que pudessem ser acessados por meio das duas maneiras. O inverso aconteceu com o aplicativo Hornet, que ampliou seus serviços para que os sujeitos pudessem acessá-lo por meio dos computadores. Os três aplicativos – Hornet, Scruff e Grindr – começaram a ganhar

popularidade no começo da década de 2010. Aliada à tecnologia dos celulares inteligentes, o uso da geolocalização passou a ser uma das peças fundamentais para as buscas.

Os três aplicativos a que me referi são de busca de parceiros e voltados exclusivamente para o segmento homossexual. O acesso passou a ser feito por meio de pequenas telas dos telefones inteligentes, criando uma grande exposição, pois, diferentemente de uma televisão que não cabe no bolso, é possível sempre estar com os telefones inteligentes em mãos. Esse argumento vai ao encontro da afirmação de Miskolci (2017), de que quanto menor a tela, maior a exposição. As relações interpessoais sempre foram moldadas pelas mídias, seja por meio de televisão ou do cinema, mas, ao passo que o uso individualizado se torna possível a partir dos celulares inteligentes, que convergem várias mídias em uma só, possibilitou-se a frequência da conexão, aumentando a exposição a elas.

Uma tecnologia nunca é neutra. Ela é gerada para criar ou atender algumas demandas, e o Badoo não é uma exceção. Criado e difundido inicialmente como plataforma a ser acessada por meio de computadores fixos, ela conquistou os sujeitos que tinham computadores com acesso à internet. Só posteriormente, quando ofereceu os seus serviços de busca de parceiros como aplicativo para smartphones, a plataforma conquistou outra fatia dos usuários que tinham mais condições de obter o aparelho. Como já mostrei quantitativamente, houve uma expansão do uso dos smartphones no Brasil; porém, essa tecnologia tinha um preço elevado. Era possível adquirir por um preço acessível, mas isso não significava que os aparelhos funcionavam tendo a qualidade mínima para operar os aplicativos.

O uso do Badoo e de bate-papos no Brasil começou por meio dos computadores fixos, ao passo que o do Grindr e Scruff se deu mais recentemente por meio de smartphones, o que revela que os sujeitos começaram a usar essas tecnologias de modo diferente. Quem tinha mais condições financeiras pôde usar os aplicativos, enquanto quem não tinha continuou nas plataformas, sendo elas, nesse sentido, parcialmente segmentadas.

No entanto, devemos sempre ter em mente que o uso dessas mídias por pessoas que buscam se relacionar homoeroticamente se deu inicialmente por causa dos constrangimentos morais e coletivos. São, portanto, usados como uma “válvula” de escape por aqueles que querem se relacionar com pessoas do mesmo sexo em segredo.

Evidenciei anteriormente que Gabriel considera o Badoo impuro, ao passo que no Hornet e no Scruff, “a vivência do romance é maior”, em suas palavras. Se levarmos ao pé da letra, concluiríamos que, no Badoo, os sujeitos querem apenas encontros sexuais, e nos outros aplicativos eles querem namorar. Essa possibilidade existe, se considerarmos que universitários se fazem expressivamente presentes nos aplicativos, conforme constatei em minha análise

qualitativa dos perfis. Como era inviável perguntar para cada um a profissão, observei, usando a minha própria experiência, quem foi universitário durante dez anos para identificá-los, incluindo, principalmente, a distância, pois os aplicativos permitem ver a quantos metros os sujeitos estão de mim.

Moro entre duas grandes universidades públicas, onde reside a maioria dos estudantes, que se fazem presente de modo expressivo nos aplicativos, estando eles a pouca distância de mim, na medida que perfis que estão a mais de 1,5 km são mais escassos. Proporcionalmente, se levarmos em consideração que residentes fixos de São Carlos são a maioria, a quantidade de sujeitos com perfil de estudantes universitários se destaca por somar cerca da metade dos perfis dos aplicativos.

Se comparado com os residentes são-carlenses fixos, os estudantes têm mais condições de usar as mídias digitais, em especial os telefones inteligentes, e exercer a liberdade de vivenciar as homossexualidades<sup>67</sup> e até mesmo relacionamentos amorosos. Conseqüentemente, os estudantes universitários se fazem mais presentes nos aplicativos e causam em Gabriel a sensação de que são mais afeitos ao romance. Do outro lado, seguindo esse raciocínio, plataformas e aplicativos como Badoo e os bate-papos teriam passado a ser utilizados historicamente por homens, muitos deles residentes fixos são-carlenses, que buscam negociar encontros no sigilo, sem vocabulários para vivenciar um romance. Isso apenas faz sentido se pensarmos que houve uma segmentação que alocou sujeitos com mais condições diretamente nos aplicativos de busca de parceiros, ao passo que os que eram menos favorecidos economicamente e restritos pela normatividade heterossexual acessaram em segredo as plataformas como Badoo e Bate-Papo usando computador.

---

<sup>67</sup> É necessário pontuar que a maioria dos estudantes universitários tem condições financeiras favorecidas. Na tentativa de reparação histórica da desigualdade de acesso nos concorridos cursos oferecidos, a Universidade de São Paulo, por exemplo, destinou pela primeira vez, em 2018, do total de 11.147, 1.322 vagas para pessoas oriundas de escolas públicas e para Pretos, Pardos e Indígenas. Além disso, fazer um curso universitário exige acesso às mídias digitais, nem que seja para fazer trabalhos acadêmicos. Sendo a esmagadora maioria forasteiros, os estudantes experienciam a vida acadêmica, os encontros sexuais e até mesmo relacionamentos fora do alcance do controle familiar. As mídias digitais lhes oferecem referências e condições de liberdade a eles. As informações sobre vagas para pessoas oriundas de escolas públicas e para Pretos, Pardos e Indígenas estão disponíveis em: <[http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=28256&Itemid=154](http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=28256&Itemid=154)>. Acesso em 30 abr. 2018.

### 8.3 – As consequências das desigualdades

Para Gabriel, o Badoo é onde as pessoas “são bem feinhas” e “ninguém quer saber de beleza. É só para sexo fácil, então lá é tipo o nível final de desespero”. Para ele, o Badoo é o bate-papo em forma de aplicativo. Já nos aplicativos Hornet e Scruff, segundo o entrevistado, as pessoas têm interesse pessoal, havendo a possibilidade de falar com estrangeiros, conhecer culturas novas, conversar sobre assuntos gerais e fazer amizades de verdade, sendo, portanto, mais civilizado. Esses aplicativos não seriam, nesse sentido, um meio para pessoas de “cabeça fraca”, pois é o espaço onde há conteúdo. Gabriel reconhece também que tem mais universitários e graduados. Em suas palavras:

Na verdade não tem como dizer porque eles são feios. Coincidência dos feios irem ao Badoo. Eles são feios porque nasceram assim. Acho assim. Ah, sou feio, não consigo ninguém em lugar nenhum, vou no Badoo porque lá tem gente feia. Aí entra no fator “pobre” que não posso citar porque seria preconceituoso da minha parte. Ah, tu já ouviu falar na expressão “bixa pão com ovo”? Lá tem muito disso. Caras casados e bixas pão com ovo.

Para Gabriel, homens bonitos não ficariam com homens casados, sendo assim, os feios que usam o Badoo se relacionam entre si. As “bixas pão com ovo”, as quais ele se refere, é uma expressão usada para caracterizar sujeitos que se vestem mal, são vulgares, extravagantes e de baixo poder aquisitivo. Estes e os casados seriam, segundo ele me contou, sujeitos preteridos.

Historicamente, é compreensível que o Badoo seja utilizado por homens casados e “bixas pão com ovo”, pois eles foram levados a usá-lo para negociar encontros de modo sigiloso e segmentados pelo modo como as mídias digitais foram disseminadas. No entanto, esta é uma concepção de Gabriel que deve ser problematizada.

Não é coincidência que pessoas feias tenham nascido assim e passaram a usar a plataforma. A beleza é uma construção e, dessa maneira, varia em cada contexto. Para Gabriel, a associação de pessoas de baixa renda à impossibilidade de estas criarem relacionamentos de modo mais livre não os torna desejáveis. O que ele quer são sujeitos localmente vistos como bem-sucedidos, com corporalidade construída a partir de referências que possam identificá-los como “civilizados”. Pelas descrições que ele faz, é nítido que ele quer parceiros com escolaridade elevada, com poder aquisitivo e modelos outros, como mobilidade e branquitude, que o aproximem da suposta civilidade. Os corpos também importam: algumas vezes ele me enviou os títulos das pornografias a que assistia, por meio das quais constatei a ausência da negritude e a presença de corpos magros e um pouco musculosos, sem pelos.

Gabriel é uma pessoa totalmente oposta do perfil descrito como desejável. Considera-se negro, nunca tinha saído do estado de São Paulo até 2018 e tampouco teve condições de acessar o ensino superior. Ele é de classe média baixa, tem depressão, sustenta a sua família com o que ganha e vive sob constante vigilância familiar, o que torna difíceis as vivências das homossexualidades.

Para ele, envolver-se sexualmente/amorosamente com pessoas socialmente desejáveis seria o modo pelo qual ele acessaria a tão inalcançável esfera social de reconhecimento. Não estou dizendo que os sujeitos não podem estar sozinhos, mas estou descrevendo o desejo de Gabriel, que queria muito ter alguém para se relacionar. A sua queixa sobre a solidão era frequente e, socialmente aprisionado, apareceu em nosso último encontro, em outubro de 2017, com uma cicatriz enorme que atravessava todo o seu antebraço. Tentou suicídio, segundo ele, para saber se ainda estava vivo.

David L. Eng e Shinhee Han (2000) abordam em seu artigo sobre a melancolia racial interessantes reflexões. Inspirados em Freud, eles afirmam que a melancolia é um luto não resolvido, mas não pode ser pensado em termos de perda individual. No luto, o sujeito se conforma com a perda e passa a investir em outros objetos, ao passo que, na melancolia, essa não-perda impede a superação.

O importante da reflexão de Eng e Han é sobre como a assimilação da cultura *mainstream* significa a adoção de um conjunto de normas dominantes e ideais de branquidão, heterossexualidade, em que a perda dessas normas e a retirada dos ideais estabelecem quadros melancólicos. Expondo o contexto norte-americano, os autores afirmam que a incapacidade de se ajustar aos ideais fazem os sujeitos permanecerem a uma distância intangível e, ao mesmo tempo, mantêm uma fantasia atraente e um ideal perdido.

Essa incapacidade de ajuste é, em grande parte, social. Em contextos em que existe a racialização – embora os autores não utilizem esse termo –, as restrições ou interdições sociais são cotidianas. Pela melancolia, o sujeito preserva o objeto perdido, incorporando ao ego e estabelecendo uma ambivalente identificação. Os sujeitos se esforçam para reter o objeto perdido, mantendo-o vivo dentro da psique, apesar dos custos de manutenção serem enormes, sendo até mesmo prejudiciais. Nas identificações com o objeto perdido,

o melancólico é capaz de preservar, mas apenas como um tipo de mal-assombrada identificação fantasmagórica. Isto é, o melancólico assume o vazio do objeto perdido ou ideais, identifica com esse vazio, e, portanto, participa de sua própria difamação e destruição da auto-estima. (Ibid., 2000, p. 6).

Não se pode ver claramente o que é perdido e, nessa nebulosa busca de algo que não se sabe direito o que é, a depressão pode acompanhar a melancolia e levar ao suicídio. Ressaltam, no entanto, os autores que o suicídio não pode ser apenas físico; “ele também pode ser um apagamento psíquico da própria identidade racial, sexual ou de gênero” (Ibid., p. 6)

A presença negativa ou a ausência de modelos e as generalizações estereotipadas são características ligadas à criação de um ideal que impossibilita a resolução da melancolia. Apesar de o mimetismo – aqui o autor utiliza o conceito de mimetismo de Bhabha – ser um meio para que os sujeitos se aproximem com os objetos perdidos, ele são falhos, pois nunca poderão ser o todo, uma vez marcados racialmente pelo poder colonial.

Gabriel não pode ser visto como vítima, uma vez que é mais produtivo, como sugerem Eng e Han, (2000, p. 27), pensar a melancolia como conflito e não como um dano, podendo, assim, ajudar a pensar como as identidades são construídas. As buscas pelos objetos perdidos, as tentativas de se posicionar como universitário – algo que ficou ambivalente ao não conseguir sustentar –, negando o pertencimento a uma esfera social que ele faz parte, criaram desconfortos que tornaram a tentativa de suicídio uma forma de tentar resolver os conflitos.

Ao conversar com Gabriel, ele me contou que estava “mudado” e que as coisas que ele tinha falado para mim até alguns meses antes do nosso último encontro seriam besteiras, pois não pensava mais desse modo. Com entusiasmo, ele me contou que tinha comprado uma passagem para viajar em suas férias para um lugar fora do estado e que, já que não conseguia ninguém para se relacionar, baixou os critérios, tendo conseguido, embora ainda não fosse o que ele queria, sair com alguns homens casados e homens negros como ele.

#### 8.4 – “Menino bode” ou idealizações

No momento em que estava entrevistando Gilberto, uma parente próxima dele apareceu e interrompeu a nossa conversa várias vezes para mostrar o ponto de vista dela. Vejamos:

**Entrevistada:** Hoje eu acho que é mais. As pessoas têm mais possibilidade. Primeiro, se resumia num cyber; hoje qualquer um tem celular e baixa arquivo e... Hoje eu acho mais perigoso do que antigamente. Porque, hoje você monta no seu celular no seu Facebook; em qualquer tipo de coisa que você faça uso de rede social, você monta e coloca o que quer! E vai, e lê e crê quem quer; e hoje também eu tô falando como tendo ele na família e tem conhecido todo o pessoal de antigamente e de tar acompanho a safra nova, vamos dizer assim, né? Hoje você se não sendo exato, mais... popularmente falando... Então, hoje eu vejo esses meninos novos, na faixa etária dos seus 15, 16 anos, que estão se descobrindo e se descobrindo assim. Uns, as famílias apoiam e direcionam; outros a maioria não. Então, hoje eu acho muito tudo; em todos os sentidos

muito mais perigoso e hoje eles estão muito mais expostos do que antigamente; antigamente tinha; sempre teve; sempre existiu. Mas, não era....

**Entrevistador:** Tipo, escolher bem agora?

**Entrevistada:** É, porque até pelo fato do mundo ser virtual, ahh.. De novo, você quer, então a pessoa cria na cabeça uma fantasia de uma coisa e... mergulha naquilo, se perde naquilo, porque, a partir do momento que você dá o primeiro passo e desce o primeiro degrau; muitos não sobem. É onde envolve droga; porque são muito novos; que acham que ser gay; ser travesti; ser transformista eu não vou falar palavrão, porque, né? Ser o que for eles olham só o lado glamuroso da coisa... que é ter.. Eu to falando isso, porque a gente vivenciou uma situação; tinha um menino que... e ele vinha aqui...

Ao tentar contrastar as diferenças geracionais, o que me chamou atenção foi o fato de que, em sua percepção, a “safra nova” passou a criar fantasias na cabeça na tentativa de se identificar com modelos já prontos, seja de “gays”, travestis, etc. Embora não tenha desenvolvido mais, uma vez que, naquele momento, eu estava preocupado em fazê-la parar de falar para continuar fazendo perguntas ao Gilberto, ela traz importantes pistas para compreendermos como as mídias digitais oferecem modelos deslocados da realidades sociais onde vivem os sujeitos.

Como vimos nos primeiros capítulos, a construção de si feita por Gilberto aconteceu de modo lento, ao compasso das transformações sociais da época. Já a geração que “nasceu” com as mídias digitais, a despeito das próprias condições, parece, muitas vezes, se apropriar de modelos estabelecidos, já prontos, o que transforma essas identificações em formas de idealizações. Ao complementar a fala de sua parente, exposta acima, Gilberto nomeou pessoas que idealizam muito como “menino bode” por não entender que as vivências cotidianas são distintas das fantasias.

Para Miskolci (2017, p. 271),

as imagens mainstream de homossexuais – tanto as modelares quanto as negativas – foram disseminadas pelas mídias de massa e atualmente moldam o uso das digitais. As tecnologias digitais foram predominantemente criadas na região de São Francisco, mas marcada pela história da contracultura, mas o conteúdo que circulou em rede pelas mídias ainda é predominantemente criado ou influenciado pelo centro produtor de conteúdos de Los Angeles, historicamente o epicentro do mainstream cultural. As imagens, sobretudo o regime de representação sobre as homossexualidades, circularam globalmente e, a despeito das relativas significações locais, moldaram também as formas como a visibilidade homossexual se deram em grandes centros de outras partes do mundo.

Há desejos específicos criados localmente, como a referência aos universitários, que expressam modos de viver cobiçados, mas estes, por sua vez, seguem os modelos midiáticos. Apesar de cada vez mais os sujeitos produzirem conteúdos como vídeos pornográficos caseiros,

é inevitável considerar que modelos criados em centros irradiadores afetam direta ou indiretamente as aspirações locais, assim como as conquistas políticas reivindicadas por grupos organizados – como a legalização da união estável entre pessoas do mesmo sexo em 2011 no Brasil – criam possibilidades de vivências juridicamente asseguradas para criar modos de vida alternativos.

Articula-se ao desejo local a idealização de querer ser alguém como as referências apresentadas nas mídias, em especial nas digitais. O desejo, relacionado às mídias, é o contexto que diz cada vez mais a respeito das dinâmicas são-carlenses.

Vejamos mais um exemplo: Milton, a quem entrevistei duas vezes – a primeira usando a ferramenta de mensagens instantâneas Skype e a segunda pessoalmente. O conheci em 2015, quando ele tinha 19 anos, pelo aplicativo Tinder que, apesar de não tê-lo mencionado até o momento, é voltado para a busca de parceiros heterossexuais ou homossexuais. De modo similar ao Gabriel, ele considera que, no Tinder, há mais pessoas bonitas do que no Badoo.

Ele usava os bate-papos aos 16 anos de idade e passou a usar o Badoo com 18. Sendo plataformas que heterossexuais também usam, ele sentia segurança para utilizá-lo sem ser identificado como homossexual. Rapidamente, no entanto, abandonou o Badoo para usar o Tinder – que também era utilizado pelo público em geral – assim que comprou um celular inteligente. Ao perguntar para Milton se ele usaria outros meios para buscar parceiros, ele respondeu que não faz parte das possibilidades em razão do risco que correria de ser descoberto, caso seja visto em aplicativos voltados exclusivamente ao segmento homossexual.

Milton tentou ingressar em um curso na UFSCar de baixa concorrência, mas não conseguiu e passou a trabalhar em uma indústria durante o turno da tarde e da noite quando o conheci. Atualmente, sente-se satisfeito em trabalhar durante o dia em uma outra empresa. Considera-se branco, com um peso um pouco acima da média e tem olhos azuis.

Ele nunca criou encontros que não fossem mediados pelas mídias digitais. Diferentemente dos sujeitos de pesquisa mais velhos, que consideram as plataformas e os aplicativos como tudo igual – e um deles confunde até mesmo os nomes, dizendo que Youtube ou Uber são aplicativos de busca de parceiros –, Milton, que passou a usar uma em seguida da outra, considera o Badoo e os bate-papos como ancestrais e que todos passaram a usar o Tinder, a despeito do que ele mesmo faz, pois revelou em outros trechos da entrevista que ainda usa o Badoo.

O Badoo é a plataforma/aplicativo que ele não quer ser identificado como usuário. Segundo ele, é usado por pessoas vazias, carentes, psicopatas que querem só sexo e ignorantes, que moram na cidade, sendo, por isso, a classe “C” dos aplicativos. “Lá”, segundo ele, as pessoas

escrevem errado, são da periferia, revelando que só conseguiu fazer apenas uma amizade, com um sujeito que é “super inteligente, fala quatro idiomas. Acho que foi uma agulha no palheiro”. No geral, as pessoas que usam o Badoo tem “fotos com baixa qualidade. Que nem você pode ver, fotos com smartphone mais caro não tem a mesma resolução de câmera que no... é diferente. É claro ver isso, não precisa ser um expert. Dá pra ver gente”.

Aqui fica mais nítido que houve, sem dúvidas, uma segmentação do uso de meios para as buscas de parceiros. A sensação que ele tem é que quem usa o Badoo não são pessoas atraentes, tanto é que enumerou os aspectos negativos para ele e que buscando evitar. Milton foi, aliás, o sujeito de pesquisa que mais foi enfático em suas afirmações sobre o que era desejável ou indesejável a ele.

Para compreender tal radicalidade, é interessante fazer algumas ponderações sobre o seu local de fala. Afeito ao uso das mídias digitais para criar encontros, ele é objetivo e usa as referências existentes para classificar a realidade social, dando inteligibilidade para as suas ações. Tudo que ele diz não gostar faz parte do seu cotidiano e é possível perceber a pretensa vontade de se distinguir.

Para Milton, há bastante pessoas feias no Badoo e, sendo elas esperançosas, buscam parceiros no Tinder, onde as negociações tem um “padrão elevado”. Em suas palavras: “pessoa feia é esperançosa. Isso não pode negar, ela tá ali na esperança. Mas sempre tem outro feio que vai curtir a foto dela, aí os dois feios fica feio e cabô”.

Para ele, o “o bom senso mata a esperança”, mas

muitas pessoas que andam com meião na canela não vão ter o bom senso, porque para usar meia na canela ela não tem o bom senso. Ele entra lá na esperança porque vai ter uma lá que vai anda cá, sabe com os shorts enfiado no útero, que vai dar “sim” para ele”. Porque se a pessoa tiver o mínimo de bom senso, ela não vai ver o Brad Pitt lá e vai dar sim, porque ele não vai retribuir o sim para ela. Eu pelo menos quando usava o aplicativo eu tinha bom senso, e falava, essa pessoa nunca vai me dar sim e já dava não para evitar constrangimento, porque gente, eu tenho espelho na minha casa.

Ele idealiza conhecer homens como aquele que fala quatro idiomas e que sejam brancos, com barba, inteligente, bom papo. Tendo queda por universitários, Milton considera que o seu tipo de homem está no Tinder. Aqui constatamos mais uma vez a idealização de um sujeito que, com exceção à sua cor da pele branca, não tem nenhuma dessas características que ele busca no outro. O que estou afirmando não é que ele não possa buscar pessoas com atributos valorizados socialmente; pelo contrário, estou dizendo que o que ele faz é fruto da idealização, ou seja, ele busca o que é reconhecido socialmente como desejável.

## CAPÍTULO 9 – A articulação do contexto local com as mídias

### 9.1- Sujeitos que dão medo

Hoje eu trabalho [em uma indústria]. Economicamente tou fodido [risos], ferrado igual todo mundo. Não tenho dinheiro para nada [...]. Então, o meu bairro é periférico. Não costumo ter lazer no meu bairro. Então eu fico mais em casa do que saio para outro lugar. [...] Para ir para o trabalho tem o ônibus da empresa que deixa a gente aqui na esquina de casa. Eu chego [em casa] por volta das 2 horas da manhã. Eu não tenho vida social. Do tipo, “ah Alberto, você tem uma vida social fora do seu trabalho para sair com seus amigos”. Eu não tenho. Os únicos momentos que tenho de vida social é quando estou aqui em cima [bairro universitário] com meus amigos ,que é os únicos momentos que tenho. Para você ter ideia eu nem fico com a minha família. Fico mais com meus amigos do que com a minha família quando tou de folga.

[...]

O cara que tenha pau enorme, o cara que tenha dinheiro na conta, e o cara que não more na área periférica. Então assim, muitos que estão nos aplicativos procuram apenas isso. Ai você começa a conversar, e abre um leque de opções para você né. Aí vem falando de onde é, o que faz da vida, onde estuda, se estuda ou não, e aí quando você vai falando e quando você chega naquela hora que fala da onde você é e abre as fotos privadas acabou o assunto. Morre o assunto. Ainda assim eu mando mensagem “tá aí?” esquece, bloqueia. Então assim quando as pessoas vem perguntar de onde você é e eu falo [bairro distante<sup>68</sup>] dizem “ah tá, legal, cara, valeu”.

Para se relacionar com outros homens, Alberto, 28 anos, faz uso das mídias digitais. Especificamente, ele acessa os aplicativos Hornet e Badoo por meio de seu smartphone. Contudo, nem sempre tem êxito em suas buscas e atribui o insucesso, principalmente, ao seu local de moradia, que considera ser uma área periférica da cidade. A sua fala evidencia alguns pontos que considero importante para compreendermos o seu contexto social – o que nos obriga a pensarmos na configuração socioeconômica da cidade – e o sentido que ele atribui ao uso das mídias digitais.

Falar da configuração socioeconômica da cidade e do seu dinamismo nos impulsiona a pensar nas desigualdades sociais imbricadas nela e, nesse sentido, nos leva a considerar a formação social do contexto do qual estamos falando.

Quando o Alberto se mudou de São Paulo para São Carlos, em 2013, ele foi morar em uma edícula da casa de seu irmão, em um bairro loteado no sudoeste da cidade. É um bairro distante da área verticalizada da cidade, assim como do centro comercial, e de difícil acesso por causa da distância – 7 a 9 km do centro –, com poucas vias de acesso. Somente quando está no bairro próximo às universidades públicas, na casa de seus amigos, ele desfruta de alguns

---

<sup>68</sup> Suprimi dados em colchetes para não possibilitar a identificação do interlocutor.

momentos de lazer. O bairro em questão é residencial, mas é atravessado verticalmente por uma rua de fácil acesso, com alguns estabelecimentos comerciais, entre eles conveniências que vendem bebidas alcoólicas, algo que Alberto e seus amigos valorizam bastante para o divertimento.

A São Carlos urbana não foi sempre assim. A urbanização é um processo em andamento. Renata Priore Lima (2008), em seu livro, *Limites da legislação e o (des)controle da expansão urbana – São Carlos (1857-1977)*, traça um histórico da urbanização na cidade.

A autora evidencia que a conjuntura econômica nacional entre os anos de 1960 e 1977 se caracterizou por um momento de desenvolvimento autoritário, responsável pelo grande processo de industrialização e urbanização, acompanhado do aprofundamento das desigualdades sociais. Nesse período, a economia de São Carlos ampliou o seu parque industrial de forma moderada. Já no setor educacional, a implantação da Universidade Federal de São Carlos no final dos anos 1960 contribuiu para a consagração da cidade no âmbito universitário das pesquisas nas áreas tecnológicas e nos estudos sociais. Apesar disso, o processo de expansão urbana no município foi desequilibrado, “evidenciando as disputas sociais características do período” (LIMA, 2008, p. 217).

Nesse contexto, muitos urbanistas atuaram em prol do desenvolvimento urbano planejado e inúmeras instituições públicas de planejamento foram criadas nas esferas municipal, estadual e federal, entre elas o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, no âmbito federal; o Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal, no âmbito estadual; e o Escritório Técnico do Plano Diretor de São Carlos, no âmbito municipal

Entre os anos de 1960 e 1972 dois planos urbanísticos foram elaborados para o município:

O 1º, elaborado entre 1960 e 1962, teve como principal produto a aprovação da 1ª lei de loteamento em 1962, que definiu novos parâmetros para os arruamentos e loteamentos e novas exigências para a aprovação desses empreendimentos. Em termos do desenho da estrutura viária, esses parâmetros eram flexíveis, o que acabou incentivando arruamentos diferentes em cada loteamento, muitas vezes desconectados entre si. Por outro lado, tornaram-se severas as exigências de infra-estrutura urbana aos loteadores, e, como resultado, a lei acabou não sendo cumprida nesse aspecto. Em 1971, foi aprovado o segundo plano urbanístico para São Carlos, o PDDI, que foi responsável pela elaboração das leis urbanísticas vigentes no município até hoje. As principais leis derivadas desse plano foram: a lei de perímetro e zoneamento, a lei de edificações, a lei de loteamentos e a lei de reforma administrativa elaborada pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM). Ressalta-se que o município de São Carlos não deixou de ter uma estruturação do setor de planejamento urbano, assim como inúmeras cidades

do Estado de São Paulo, onde se destacou a atuação do CPEU, dirigido pelo urbanista Anhaia Mello. (Ibid., p. 217)

A autora afirma que, embora a legislação urbanística fosse rígida, a ação dos loteadores se ampliava de forma cada vez mais especulativa, valendo-se das brechas da legislação, da insuficiência de fiscalização e das relações clientelistas características da cultura política do governo local.

A legislação, antes rígida, foi sendo modificada, atendendo cada vez mais aos interesses dos especuladores. O confronto entre a permissividade e o controle se evidenciou na lei de zoneamento de 1971 e da ampliação do perímetro urbano em 1977. Com isso,

grande parte dos objetivos das equipes dos planos, dos anos 1960 e início dos 1970, em garantir o desenvolvimento urbano equilibrado praticamente se perdeu. Os planos urbanísticos de São Carlos foram sendo esquecidos, como produto e como processo, mas isso não significa que não tenham tido impactos evidentes no processo de expansão urbana de São Carlos [...]. Desse confronto entre planejadores e loteadores formou-se na cidade um padrão de ocupação – onde o centro é vertical e concentrado, e a periferia, extensa e rarefeita – que se tornou ainda mais evidente nos posteriores a 1977. (Ibid., p. 218).

A autora aponta que a cidade descontínua e segregada atualmente não é por acaso, pois ela é resultado de uma série de ações legitimadas pelo Estado e aceitas pela sociedade. O bairro onde mora Alberto é produto da segregação social gerada historicamente. O que conhecemos como um bairro hoje em dia foi fruto de um loteamento feito no contexto da expansão urbana (des)controlada. Segregada da cidade e loteada com baixo custo, o bairro sofre com falta de infraestrutura. Concomitantemente à urbanização dessa área, muitas empresas – especialmente as industriais – se instalaram, exploraram e exploram massivamente os sujeitos que residem ao seu redor.

Esse fato também não é algo novo. Vejamos por meio de uma crônica a pista de que foi algo feito, em geral, por iniciativas privadas tendo como pano de fundo a busca por uma melhor forma para a exploração do trabalho:

Becos

(*A Tribuna*, 17 de agosto de 2002)

Uma curiosidade que sempre tive, entre tantas outras, é saber como e por que foram criados por antigas empresas, como a Fábrica de Tecidos Madalena, por exemplo, que deu nome a um deles, na Rua Santa Cruz. Como este, outros foram construídos tanto por empresas como por pessoas físicas, como são classificados os indivíduos.

Essas habitações do começo do século passado (e tão próximo) foram ocupadas pelos operários, que pagavam um aluguel compatível com seus salários, e lá permaneceram durante anos e anos.

Foram, em escala menor, uma espécie de vila operária, dessas que proliferavam (ainda proliferam?) nas grandes cidades. Mas quais as razões que levavam os antigos industriais a erguerem esse tipo de construção?

Um amigo arquiteto responde:

- Era um modo de manter os operários perto da indústria e, também, um modo de os controlar. Problema grave de comportamento significava demissão sumária, sem nenhum direito.

Eu tinha uma vaga idéia sobre esse aspecto, mas a curiosidade maior era saber por que tiravam uma fatia de uma quadra como se fosse um bolo, e não faziam as casas de frente para a rua? Era porque as casas construídas com “testada” para a rua ficavam mais caras. E os impostos também.

São casas pequenas, quase sempre iguais. Algumas têm varanda e um pequeno quintal. A maioria de seus antigos habitantes não existe mais. E cada casa tem a sua história e a sua cor. Como as bandeirinhas do toscano Alfredo Volpi.

(KEBBE, 2007, p. 94-95)

Existem exceções, mas é difícil encontrar hoje em dia indústrias instaladas no centro da cidade ou próximas a ela. A empresa que Alberto trabalha é afastada do núcleo urbano, mas perto de onde mora por falta de opção, ou seja, para economizar tempo e custo para se sustentar e se deslocar até o seu local de trabalho.

Como já argumentado, a cidade nem sempre foi assim. O que os sujeitos fazem no cotidiano, a estrutura urbana, assim como a características sociodemográficas, têm história. A relação entre espaço urbano, mudanças econômicas, políticas e midiático-tecnológicas envolve pensar a partir dos acontecimentos do passado as transformações sociais ocorridas que influenciaram o contexto social em que meus sujeitos de pesquisa experienciam o seu cotidiano. Alberto mora em um bairro considerado periférico e sente que é preterido por causa disso, enquanto outros sujeitos de pesquisa afirmam sentir medo de se relacionar com pessoas que moram em áreas consideradas perigosas.

## **9.2 – A liberdade de algemas**

Sálvio tem 24 anos, estatura baixa, é descendente de asiáticos, mora em um bairro considerado universitário e faz pós-graduação. O conheci por indicação de um amigo meu, também pós-graduando, e passei a conversar com Sálvio por meio do WhatsApp. Tendo sido uma indicação, ele foi solícito em trocar informações em consideração ao nosso amigo em comum. Além disso, eu já tinha visto Sálvio em outras ocasiões festivas e nos aplicativos de busca de parceiros; no entanto, nunca tinha interagido com ele.

Ele é um sujeito que começou a se relacionar com outros do mesmo sexo por meio das mídias digitais. Como a sua família não sabe dos seus desejos homossexuais, o máximo que ele podia fazer era acessar pornografia gay. Somente quando foi para um país europeu, por

indicação de seu colega, Sálvio soube que existia aplicativos e encontrou um rapaz que gostava de asiáticos para encontro sexual. Em sua concepção, os homens que ali negociavam os desejos eram bonitos, um perfil totalmente diferente do Brasil. Vejamos:

Na Europa, incrivelmente, as pessoas todas são bonitas, a maioria delas são bonitas, tem o corpo maravilhoso, então quando você sai um pouco desse padrão você é renegado. Tanto que eu olhava no aplicativo muita gente bonita, muita gente com corpão mesmo... ou que era magro, mas tinha características legais. Então, sei lá, olhando tudo isso, por que que você vai ficar com um asiático aqui? Muitas vezes não gostavam muito mesmo. Tanto que o alemão que eu fiquei foi, assim, uma raridade que gostava de asiático. Acho que dá pra contar nos dedos quantos eu falei que tinham a possibilidade de rolar alguma coisa.

Inicialmente afetado pela pornografia e depois pelos modelos de negociação fora do Brasil, Sálvio voltou para São Carlos mandando um “foda-se” e continuou buscando parceiros usando o Hornet e não mais o Romeo, que utilizava no estrangeiro. Para ele, em São Carlos, estaria totalmente livre para fazer o que quiser, uma vez longe do controle familiar.

Sálvio expressa não gostar de negros – pois pensa neles apenas como corpos biológicos –, gordinhos e pessoas com cara de velho, sentindo-se mais atraído por “loirinhos” e “asiáticos” – por terem cara de mais novos – com corpos muscularmente torneados. Com base na entrevista, penso que Sálvio voltou ao Brasil com modelos europeus de corpo e, somando a isso, ele tem sua preferência por asiáticos, pois teriam afinidades de experiências, sejam culturais ou raciais.

Ele criou encontros e namorou apenas universitários, mas quase nenhum deles têm as características que ele deseja. Segundo Sálvio, ao ter bom senso, ele não tem coragem de abordar as pessoas bonitas e, portanto, fica esperando que venham falar com ele. No entanto, ele expressa a sua queixa de que só pessoas “zoadas” vêm falar com ele, como velhos e pessoas que estão a mais de 200 km de distância. Ele sente que mais recebe mensagens do que envia, pois quando o faz, ninguém responde.

O que o coloca em uma situação desvantajosa nas negociações, ou a exclusão dele até mesmo antes de começar a interação, não é apenas o fato de ele ser considerado asiático, embora, como evidenciei na minha pesquisa de mestrado<sup>69</sup> sobre a negociação da raça em relacionamentos homoeróticos criados por meio do uso dos bate-papos em São Carlos, os asiáticos são, muitas vezes, considerados dessexualizados e exotizado e, por isso, são preteridos, a não ser quando essa diferença seja o motivo de atração. Mais que isso, o que põe Sálvio em desvantagem são seus atributos corporais em articulação com a racialidade,

---

<sup>69</sup> Ver Kurashige (2014).

tornando-o indesejável. A sua altura e o peso, articulados com o imaginário racializado, não são capazes de atrair parceiros por não se ajustarem aos modelos vigentes, que exigem o perfil de pessoas que ele mesmo quer.

Tendo as mídias como referência, ele tem consciência de seu corpo, fazendo-o perceber os limites. Quando ele diz que não enviaria mensagens para um homem bonito, ele sabe que ele próprio não tem características que o tornem atraente. No entanto, a sua idealização é fortemente marcada pela mídia. Ele se identifica com um participante da competição culinária *Masterchef* – produzida desde 2014 pela rede de televisão aberta comercial brasileira Band - que é asiático como ele, tem mais idade e peso, mas, a despeito disso, é casado com um “boy lindo”.

Sálvio teve um namoro de dois meses rompido, pois, segundo ele, deu amor demais, sufocando o parceiro, mas isso não o deixou desesperançoso. Ele continua buscando outros homens, seja para sexo ou seja para namoro, mas nunca encontra ninguém. Os seus critérios são tão rígidos, idealizando encontrar pessoas com atributos valorizados, que o colocam em uma situação de escassez.

Illouz (2011), ao observar o contexto norte-americano, afirma que as buscas amorosas mediadas pela internet são marcadas por uma característica de competição mercadológica, criando a sensação de abundância de parceiros e levando o sujeito a escolher entre eles sempre uma pessoa melhor. No entanto, se pensarmos o contexto interiorano brasileiro, vemos que o que existe é a escassez qualitativa de parceiros, fazendo os sujeitos terem dificuldade de encontrar pessoas com as características idealizadas.

Sálvio afirma não ligar para a distância da moradia do parceiro; porém, quando olha o bairro onde a pessoa mora, fica desconfiado e até mais atento ao ver como o outro escreve, constatando, nesse sentido, mais erros gramaticais do que o comum e, por isso, não sente confiança, tendo até mesmo medo. Ao pensar sobre o perfil de pessoas que já se relacionou, ele concluiu que “nenhum deles era classe baixa e tudo mais... Não que eu soubesse. Não que eu olhasse nele e reparasse nisso. Mas, assim, eu não sei se aparecesse a oportunidade se eu ia me relacionar ou ficaria com medo”.

Isso não é uma visão individual de Sálvio. Outros sujeitos de pesquisa, como Márcio, também tem receio de se envolver com pessoas que moram em bairros considerados perigosos. Vejamos:

Tem uns carinha que já me chamou, mas eu nunca peguei. Eu fiquei assim com um pouco de receio. Não sei se é por causa do próprio lugar que fala né,

tem muito carinha que fuma droga, essas coisa né? Tenho até medo de me envolver assim.

Se antes não estavam claros, os critérios de seleção de parceiros levando em consideração o local de moradia se tornaram mais nítidos por causa do recurso de geolocalização dos aplicativos de busca. Não é que a desigualdade foi criada por meio dos geolocalizadores, uma vez que as desigualdades sempre existiram, e que, ao contrário do que se esperava, haveria o borramento total das fronteiras – algo que não aconteceu. Apesar de as desigualdades diminuïrem em relação ao passado, os critérios idealizados aumentaram, consequência também da expansão de horizontes, que fez as pessoas que moram longe não serem atraentes.

A distância socioeconômica nesse caso é maior do que a territorial e gera violência, no sentido de que a hierarquização das pessoa em função da renda cria até mesmo antagonismos e violências por causa das fraturas de renda, em que os sujeitos estão distantes em razão das diferenças constituïdas historicamente. Como vimos, bairros loteados no contexto de (des)controle criam fortes desigualdades sociais e precariedades no acesso à lazer, segurança, educação e infraestrutura básicas.

Sálvio diz ter medo de se relacionar com pessoas que vivem em locais como esses, ou melhor, que vivem em situação de precariedade. Há também medo de se envolver com alguém que possa roubá-lo, expô-lo a alguma insegurança. O Brasil é violento e São Carlos não é exceção. A violência rege até o uso das mídias, uma vez que as pessoas temem mais conhecer pessoas que moram longe, em bairros periféricos ou com fama de perigosos. Não há aqui o reconhecimento do outro como um potencial sujeito para se relacionar amorosamente nem sequer há muito do que podemos considerar como reconhecimento do outro em sua humanidade.

É possível também fazer uma reflexão política sobre o reconhecimento do outro, que pode ajudar a compreender a esfera da desigualdade. Apesar de a minha discussão ser sobre o reconhecimento na esfera das buscas amorosas, podemos, embora desloquemos um pouco a discussão, pensarmos um pouco com a filósofa Judith Butler em seu artigo “Vida precária”, no qual faz uma reflexão produtiva acerca da questão do reconhecimento da precariedade do outro. A partir da sua leitura do filósofo Emmanuel Levinas, Butler afirma que o rosto do outro nos impõe uma questão ética, ou seja, o reconhecimento da precariedade do outro é o reconhecimento de nossa própria fragilidade como ser humano. O rosto não é o rosto humano, mas antes uma vocalização do sofrimento e da precariedade. O rosto nos impõe um decreto ético, já que não podemos sobreviver sozinhos – uma questão ontológica –: “não matarás”.

Responder ao rosto, “entender seu significado quer dizer acordar para aquilo que é precário em outra vida, ou, antes, àquilo que é precário à vida em si mesma” (BUTLER, 2011, p. 19).

A partir dessas reflexões de Butler, podemos problematizar a questão da construção da humanização ou da desumanização por meio da representação do outro. Os rostos que representam os sujeitos que moram em situação de precariedade nos lançam uma demanda ética? Em certa medida, algumas pessoas podem reconhecer o outro a partir de estereótipos correntes, mas isso não demanda o reconhecimento ético. Não é possível

nas condições contemporâneas de representação, escutar o clamor agonizante ou ser compelido ou chamado à responsabilidade pelo rosto. Fomos deslocados do rosto, algumas vezes através da própria imagem do rosto, este que é feito para expressar o inumano, o que já está morto, aquele que não é precariedade e, portanto, não pode ser morto. (BUTLER, 2011, p. 32)

Para a autora, é preciso uma outra linguagem para entender a precariedade da vida que está em jogo. Diante dessa reflexão, é possível pensar a diferença como envolta pelo poder que atribui qualitativamente as distinções sociais sobre os corpos, alocando os desejos em hierarquias, em que alguns importam mais do que os outros, ou seja, Alberto não é uma pessoa que importaria tanto para o Sálvio. O ponto que quero mostrar aqui não é a de que eles são pessoas em situações em que as suas vidas sejam precárias assim como de prisioneiros de guerra, que estão presas e que podem morrer. Estou falando sobre pessoas que querem ter um parceiro amoroso ou namorado, mas não conseguem, pois são impedidos de se relacionarem por questões de ordem socioeconômica. Não estou dizendo que um deve salvar a vida do outro, preocupado com os Direitos Humanos, reconhecendo a precariedade no outro e assim devendo se relacionar, pois afinal, não há problema em estar solteiro. Quero mostrar que existe uma falta de reconhecimento mínimo do outro – que tem agência – como um potencial parceiro e que há também um perverso processo de desumanização pautado nas diferenças sociais ordenadas hierarquicamente. O outro, nesse sentido, nem sequer despertaria uma demanda ética, já que sequer é visto como desejável.

O desejo não é algo que se forja exclusivamente por meio da racionalidade. Não são atitudes deliberadas que fazem um sujeito passar a desejar o outro. Os sujeitos são feitos socialmente, mas os valores são subjetivados inconscientemente. Alberto está na área cinzenta, onde é classificado por meio de suas diferenças sociais e, nesse caso, existe uma distância socioeconômica entre ele e os sujeitos mais bem alocados na hierarquia social em conflito, submersos em relações de poder.

### 9.3 – E mais idealizações

Apesar de Alberto não ser reconhecido como desejável, ele continua sendo efeito de uma lógica de busca idealizada. Ele próprio busca homens que pareçam o Tiago Lacerda. Ao pedir para ele me mostrar homens bonitos, abri o meu aplicativo Hornet para ele apontar qual perfil o atraía. Ele apontou um homem que o atraiu e, a meu ver, realmente parecia com o Tiago Lacerda. No entanto, ao deslizar os perfis para encontrar mais exemplos, Alberto disse: “Assim, gosto não se discute! Peraí. Já estamos em Araraquara já”.

O irônico é que, entre todos os perfis de São Carlos, ele encontrou apenas um sujeito que achou bonito. Com tantos critérios, como ter barba, ser branco, etc., dificulta-se a busca para encontrar parceiros. Apesar de ele usar o aplicativo no bairro universitário, na casa de seus amigos que não são universitários para se tornar atraente, desvinculando-se do seu local de moradia verdadeiro, a sua cor e o modo como se veste não deixam de ser captados nas fotos, tornando-o preterido por acabar sendo racializado como negro e associado à pobreza.

Para explorar um pouco mais sobre as idealizações, apresento mais um interlocutor. Conheci Walter por meio do bate-papo. Ele tinha 23 anos e era pós-graduando em 2016, quando o entrevistei. Vindo da zona rural de uma cidade de 10 mil habitantes em um estado vizinho a São Paulo, ele cresceu exercendo atividades manuais, assim como a sua família. Ele cursou o colegial em uma cidade de 60 mil habitantes e morou com seus irmãos, que buscavam igualmente estudar para ingressar na universidade.

Os encontros sexuais com outros homens eram realizados de modo escondido na roça antes de ir para a cidade, quando teve que se mostrar heterossexual para cumprir as expectativas familiares. Por morar com seus irmãos, Walter não conseguia fazer encontros escondidos e, por isso, passou a visibilizar as “namoradas”. Sabia que existia o Bate-Papo da UOL, mas por ser uma cidade muito pequena, envolvia riscos.

Walter conseguiu ingressar na UFSCar e orgulha-se por ter feito isso sem o uso de cotas. Ele se considera negro/marrom/pardo e entende que a sua conquista se deu pelo mérito. Com apoio da universidade, ele conseguiu terminar a graduação com subsídios de moradia e alimentação e, no momento da entrevista, estava preocupado por não ter conseguido bolsa ao ingressar na pós-graduação.

Até quase o fim da sua graduação não tinha um computador, fazendo uso de computadores disponibilizados pela universidade. Ele comprou um celular ao mesmo tempo que adquiriu um notebook, sendo esses eletrônicos marcos representativos em sua vida amorosa. Ele, que tentava namorar meninas, afirma que definitivamente tirou isso da cabeça

quando descobriu que na universidade havia outras pessoas como ele, igualmente homossexuais.

Quando ocorriam festas universitárias voltadas para o público alternativo, ele via no evento criado no Facebook, uma rede social, para ver as pessoas que confirmavam presença, identificando-os como homossexuais. Como o bate-papo não tinha perfis – para que ele pudesse identificar os usuários – e ele não tinha condições de usar os aplicativos por não ter celular inteligente, usava o Facebook nos computadores da universidade para ver e se identificar igualmente como homossexual. Além disso, a visibilidade tornou possível uma mudança significativa em sua vida, deixando até mesmo de se envolver com meninas:

Todo mundo aqui em São Carlos ninguém sabia, como ninguém sabia da minha sexualidade lá fora, onde estudei na minha primeira cidade. E aqui em São Carlos do mesmo jeito, só que aqui a liberdade, porque eu morava dentro da universidade, então a liberdade que a universidade me colocava, além de ser uma cidade mais desenvolvida, as pessoas pensarem diferente, a universidade foi uma experiência, foi não, é uma experiência muito aberta, muito livre. Então, eu ficando com ela, gostava muito dela e tudo mais e ao mesmo tempo que ficando com ela eu fui construindo algo de desejo pelo feminino, não pelo feminino, mas por ela. Eu sentia atração, ficava excitado com ela. Acho que na época não ficaria com outra menina, passava uma menina na rua eu não ficaria excitado, não ficaria desejando o corpo de uma menina, mas se fosse um menino eu ficava, porque o desejo por um menino já estava na minha cabeça, e menina não. Mas aí então, eu ficava vendo a liberdade dos outros e o corpo estava preso, sabe? Tipo, eu ficando com ela estava muito feliz, tudo mais, mas via um casal de caras se beijando no palquinho e eu ficava olhando eles ficando na frente de todo mundo e se beijando, homem não se beija, primeiro não deve trocar afeto, primeiro dois caras se beijando? Era uma revolução ali ver as pessoas fazendo aquilo. E aí aquele momento foi tipo, “Pera”, dentro da minha cabeça: “Posso, se eles tão fazendo, será que eu posso?”, sabe?

Walter aprendeu aos poucos a usar os aplicativos de busca de parceiros. Inicialmente, com medo de ser localizado por causa do recurso de geolocalização, ele não colocava fotos com medo de algum parente usar o recurso a partir de sua cidade natal para encontrá-lo. No entanto, esse receio foi sendo deixado de lado na medida em que ganhava novos vocabulários.

Assim como via no Facebook e na faculdade, Walter passou a querer até mesmo namorar e a ver com maus olhos as pessoas que não colocavam fotos nos perfis dos aplicativos de busca. Para ele, estes não serviam para relacionamento, pois não desejaria criar algo duradouro com alguém que se esconde. Em sua concepção, os universitários se expõem mais, uma vez que “eles começam a se desprender mais desses padrões que geralmente as pessoas que tem menos estudos têm, porque eu era assim. Quando eu estava com um nível de escolaridade mais baixa eu tinha um preconceito maior”.

É nítido que, ao passo que ele fala sobre os outros, está falando também de si mesmo, que ganhou vocabulários para experienciar a sua homossexualidade, aprendendo também a desejar nesse contexto. Walter afirma que prefere encontros com pessoas como ele, com o mesmo nível de escolaridade, chegando a bloquear nos aplicativos e até mesmo a brigar com pessoas que falaram mal do governo petista ou declararam não gostar de afeminados. O vocabulário que o sujeito de pesquisa tem é, nesse sentido, produto de múltiplos discursos que circulam no ambiente acadêmico e que afetam a esfera dos desejos.

Contraditoriamente, ele geralmente se descrevia como mineiro para ser associado a alguém quieto e discreto, atraindo, desse modo, sujeitos que rejeitavam afeminados – com quem, como vimos, ele chegava a brigar. Ao mesmo tempo que rejeita sujeitos que dizem “rebaixei as rodas, botei um caixa de som alto torando na rua” – o que evidencia a recusa a partir de características estereotipadas de pessoas de baixa renda –, Walter acha que pessoas que têm escolaridade ou renda muito elevada seriam demais para a sua cabeça, por não saber comer em uma mesa cheia de talheres ou escolher roupas boas.

A contradição é evidente também quando ele relata que, por ter vindo do contexto rural, passou a ver os corpos negros torneados pelos trabalhos manuais como objeto de desejo, mas não vê a mínima possibilidade de namorá-los. Assim acontece também com sujeitos que ele identifica como negros em São Carlos:

Eu não tenho escolha pela cor. A cor, principalmente, acho que a cor negra pelo menos comigo me dá muito tesão. Já fiquei com um cara negro e foi muito bom, gostei muito assim porque o negro está muito associado, não sei se foi o negro que eu peguei, mas estava muito com um corpo mais firme, um corpo mais sarado, sei lá me deu tesão também. E as pessoas eram de papo e tudo mais. Mas o fácil do rosto não me agradou tanto. Mas aí é um padrão que eu coloco que é um padrão que a gente vê na televisão, que a gente vê em todos os lugares, entendeu? O rosto das pessoas negras não me atraem muito, mas a cor de pele... Por exemplo, adoro ter contrastes, adoro estar na cama com um cara, gosto de ter um contraste bem firme. Por exemplo, eu sou um pouco mestiço assim, um pouco das duas coisas, estou mais para lado negro, mas não tanto. Eu já fiquei com um cara que era mó branquinho e do lado dele eu estava mó negro. Isso me deixava com muito tesão.

Robert Young (2005), ao fazer uma análise sobre o desejo colonial, apresenta alguns elementos para compreendermos tais contradições. Para ele, “o sujeito colonial é construído através de formas culturais e políticas impostas, que são internalizadas como uma condição da realidade psíquica, e então reproduzidas como a base para a experiência social normativa” (Ibid., p. 210). Isso diz respeito também aos sujeitos do Ocidente, pois o colonialismo global se torna a estrutura histórica do capitalismo, seja em casa ou no estrangeiro. Pensar desse modo

permite pensar também na geopolítica repressiva instaurada e nas constantes ressignificações do contexto social que partem do desejo colonial.

Para o autor, o legado repressivo da máquina desejante da história colonial ficou marcado nas consequências das categorias raciais de hoje que falam de povos híbridos, vivendo juntos: “britânicos negros, asiáticos britânicos, asiáticos quenianos [...]. Os nomes desses duplos em diáspora testemunham uma desaprovação de qualquer cruzamento entre branco e negro” (Ibid., p. 213). Young afirma que, em termos políticos hoje, o produto entre a união do branco com negro é sempre classificado como negro. Nas categorias raciais do passado essa mesma regra era posta em prática de forma semelhante: “os traços de miscigenação eram seguidos por interesse e uma tenção furtivos, mas obsessivos e marcados com um fervor taxonômico” (Ibid., p. 213).

Sendo assim, o protagonismo racializador, mesmo quando articulado às outras diferenças, fazem sujeitos como Walter tentarem driblar as marcas negativas, mesmo quando têm desejos voltados aos sujeitos que carregam essas marcas. É o prazer/poder em jogo: “O incontrolável gasto de uma “economia espermática” foi o trabalho real da disseminação colonial.” (Ibid., p. 220). Young declara que, paradoxalmente, o próprio desejo do branco pelo não-branco e os produtos prolíferos de suas uniões “apagaram fronteiras” (Ibid., p. 220) e desfizeram a exigência das diferenças raciais, enquanto, ao mesmo tempo, levaram esse território-limite da fronteira racial a ser policiado ainda mais possessivamente. Isso explica de alguma forma por que o racismo permanece tão ligado à sexualidade e ao desejo.

Não se trata apenas da questão racial, mas também de outras diferenças que estão articuladas, criando modos de agir. As “contradições” de Walter não são contradições se consideramos que ele está em um terreno arenoso de ambivalência, que faz muitos atributos do outro tornarem-se (in)desejáveis. No entanto, ele tenta se posicionar como quem está em privilégio de negociar e escolher parceiros com quem partilha similaridade social. Vejamos:

Mas uma coisa que coloquei uma vez que eu era de esquerda, acho que eu estava muito assim de posicionamento. Aí se eu colocar que eu sou de esquerda já deu uma diminuída, né. Ah, de esquerda, é afeminado, levanta bandeira, é aqueles político. Aí um caso, eu coloco minha profissão, aí eu coloco universitário, pós-graduando, sabe, as pessoas ficam, começam a... Porque tem aquela questão, ou você tem um corpo bonito, e as pessoas também vão pelo dinheiro, das fotos onde você está, se você está nos bailes tops, se você está numa foto internacional na torre de Paris, nas pirâmides da China, beleza. Se você não tem tudo isso, você tem o nome também, empresário, dono de loja, enfim... Universitário, embora você não tenha nada, mas é uma perspectiva, a pessoa é estudante e um dia ela vai ter um emprego, estabilidade, ela vai ter, pelo menos ela tem nível cultural, enfim... Aquilo também faz com que as pessoas procurem, as pessoas são muito interesseiras.

Quando eu vou procurar alguém eu procuro uma pessoa... eu já fiquei com pessoas que não eram universitárias, mas assim, fiquei um tempo, duas vezes, depois tentei não ficar mais, não assim no automático, não vou ficar mais com pessoas que não são universitárias, mas pelo fato de que a conversa, as coisas não fluir, entendeu?

Pelo que me contou, ele se sente “pisado” por não conseguir parceiros para um romance. Walter é mais um exemplo de sujeito que tem tantas idealizações e expectativas que cria critérios que tornam até mesmo torturante usar as mídias digitais. Ele quer encontrar alguém logo para desinstalar os aplicativos e deixar de participar dessa lógica de desencontros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a vivência de sujeitos que buscavam se relacionar com outros do mesmo sexo e a articulação com as mídias, procurei, por meio de suas memórias e diversas outras fontes, como registros de jornais, fotografias e outros dados, elementos para reconstituir a construção da homossexualidade em São Carlos.

Vimos que os vocabulários usados para encontros eram a partir de referências de modelos heterossexuais vigentes na época. Por isso, explorei como se deu a articulação da heterossexualidade com as mídias, que construíram modelos a partir dos quais os sujeitos habitaram as suas vidas, se submetendo a elas ou criando encontros sexuais.

A AIDS, no período posterior, trouxe tanto a morte de muitos sujeitos quanto elementos de identificação. É certo que se destilou aos sujeitos discursos negativos e patologizantes por meio das mídias, mas, ao mesmo tempo, criou representações e modos de identificações, já que se passou a se falar mais sobre as homossexualidades tanto de modo positivo quanto de modo negativo. Esse foi o momento do “nascimento” da homossexualidade em São Carlos.

Como efeito, sujeitos passaram a criar mecanismos de segurança para não serem contaminados pelo vírus tampouco pela sua carga moral. Assim, eles passaram a criar, de modo mais nômade, dinâmicas de encontros rápidos de forma mais escondida, afinal, ser identificado como um homossexual era sinônimo de estar infectado e de ser julgado moralmente.

Após esse íterim, houve a disseminação dos computadores e da internet, assim como a expansão das *lan houses*. Isso possibilitou aos sujeitos a criação de encontros que driblavam de modo mais eficiente as restrições sociais. Embora os encontros na marginalidade não tenham deixados de existir, as interações mediadas pela internet passaram a ser cada vez mais parte da realidade social.

As dinâmicas mudaram e se tornaram mais individualizadas e objetivas. As negociações foram possíveis nesse contexto, não porque não existissem antes, mas porque a própria lógica de uso das mídias digitais leva os sujeitos a selecionar parceiros de modo cada vez mais criterioso.

A coroação da transformação ocorreu por meio da disseminação do uso dos telefones inteligentes, que colocou o corpo em evidência. Mais conectados, os sujeitos passaram a estar em constante contato com imagens midiáticas e, ao articulá-las com as dinâmicas locais, passaram a recriar um regime erótico.

Nesse contexto, vive o Paulo, que deixei para ser apresentado por último. Ele tem 52 anos e é funcionário de uma indústria. Nascido em outro estado e criado no contexto da zona

rural, mudou-se para São Carlos aos 31 anos de idade. É solteiro e desde a sua adolescência se encontra com outros homens.

Ele queria ser “normal”, casar e ter filhos, assim como a sua família esperava. No entanto, mudou-se para São Carlos por não conseguir corresponder as expectativas familiares, que demandavam a heterossexualidade. Paulo trabalha na mesma empresa há duas décadas e evitou ao máximo encontrar com outros homens com medo de não perder seu emprego. Apesar de ter se mudado para conquistar a liberdade, ele continuou “preso” diante da criação de novas amarras sociais, tendo que manter uma imagem heterossexual.

Encontrei Paulo no Hornet e passamos a conversar por meio desse aplicativo, pois, para ele, seria arriscado me passar o número do seu WhatsApp. Desconfiado, ele aceitou dar uma entrevista contanto que fosse na casa dele.

A sua residência fica em um bairro de condições precárias de saneamento e segurança e fica ao fundo de um quintal cheio de mato, tendo uma cozinha, um banheiro e um quarto. Insistentemente, ele queria dar entrevista mostrando a variedade de canais que ele tinha acesso por meio de antenas que captam sinal gratuitamente, afirmando que era possível até mesmo ver filmes em inglês. Como ele não tinha permitido fazer registro de áudio, o convenci a conversar na cozinha, mas ele deixou a televisão com o volume ensurdecador.

Ele me contou que desde criança tinha acesso à televisão e se lembra que, nos programas de comédia ou de auditório, homossexuais eram representados de modo invertido, ou seja, se vestiam de mulher. Ele passou a ver de modo negativo esses sujeitos e se recorda que, em 1981, criou encontros sexuais com seu primo, mas este “não sabia guardar segredo nem de boca fechada”, pois era afeminado. Por esse mesmo motivo, quando em 1993 transou com outro homem, viu a impossibilidade de encontrá-lo novamente pelo mesmo motivo. Além disso, ele tinha visto que Cazuzza tinha AIDS e, por ter transado sem camisinha nesse referido caso, por causa da vergonha de comprar uma, não conseguiu dormir por muitos dias. Paulo conheceu pessoas que morreram e até mesmo foi falando os nomes das pessoas com HIV em São Carlos. Com medo, ele não criou nenhum outro encontro até a década de 2000.

Ele acredita que o preconceito sobre as homossexualidades era maior, mas se sentia mais seguro, pois se relacionava com conhecidos e amigos de amigos. Hoje em dia, ele sente que muita gente mata nos encontros marcados pela internet e vê com especial perigo quem mora em bairros periféricos. Ao comparar com a sua cidade natal, vê São Carlos como mais liberal por estar longe da família.

Em 2011, Paulo comprou seu primeiro notebook e, em 2015, um celular inteligente com o qual, a partir do auxílio de um amigo seu, criou um perfil e se orgulha de ter pessoas de outras

idades e até mesmo de outros países que vêm falar com ele. Contraditoriamente, ele afirma que a maioria não o responde e que ele gostaria de encontrar alguém que more perto. Paulo tem seus caprichos: ao estar escutando um jogo de futebol pela televisão – que ele tinha deixado ligado com o volume ensurdecador –, disse que tem preferências por homens másculos e corpo igual jogador de futebol. Para ele, buscar outros homens usando aplicativos é fantástico, pois não tinha, segundo ele, essas oportunidades antes.

Paulo afirma ter sido católico, testemunha de Jeová, adventista do sétimo dia e, por fim, acredita que a religião espírita kardecista é verdadeira, pois faz mais sentido, já que ele teria sido uma pessoa muito preconceituosa ou uma mulher na vida passada.

Com fortes cólicas, eu queria ir embora, mas ele insistentemente pedia para eu ficar. Declarou que não tinha suco para oferecer, mas eu podia ver a televisão dele. Embora no primeiro momento eu tenha até mesmo pensado que aquilo seria uma prerrogativa para que eu fosse ao seu quarto, entendi que aquilo era o seu bem mais precioso na casa. Antes de sair, ele quis me mostrar os seus braços finos, mas que ele estava torneando na academia e também o óleo de coco que estava tomando para ficar saudável. Ao sair pela porta, ele disse uma frase que ficou difícil esquecer: “tenho que ficar apresentável para o Hornet. Quando quiser assistir televisão pode vir, tá?”.

Deixei a entrevista do Paulo por último, uma vez que ele traz alguns elementos explorados na tese. Afetado por modelos heterossexuais e negativos da homossexualidade e vivenciado o pânico da AIDS, ele escolheu a dedo parceiros que lhe garantissem segurança. O bem mais precioso da casa dele é a televisão, e a sua insistência para que eu assistisse foi para mostrar que ele tem acesso às informações. Para ele, estar a par de novelas e filmes é imprescindível para ter vocabulários midiáticos. É a partir das informações transitadas pelas mídias que ele criou desejos por homens com características de jogador de futebol, por exemplo. Já com as mídias digitais que ele passou a usar, viu expandir as possibilidades de criar encontros em segredo, antes feitos driblando cuidadosamente as restrições imputadas pelo contexto normativo heterossexual que o cercava.

Sem saber, ele responde ao contexto social, ajustando a sua própria corporalidade ao que está sendo valorizado, em um contexto, como vimos, em que a AIDS demandou a criação de corpos musculosos. Para se tornar apresentável para o público do Hornet, ele frequenta a academia, toma óleo de coco e, ao aprender a inserir as fotos no aplicativo, colocou várias. Embora inicialmente não tenha percebido que era preterido por causa de sua idade e a localização da sua moradia, Paulo parece estar aprendendo isso por meio do uso das mídias digitais para as buscas. Quando o conheci, a única foto dele mostrava seu rosto cheio de rugas,

mas, ao rever o seu perfil enquanto escrevo essas considerações finais, as fotos o mostram em parques, shoppings, sempre com sorriso e emanando jovialidade.

Paulo é efeito, e não um ponto de chegada de tudo o que foi produzido historicamente a partir da articulação dos desejos homoeróticos com as mídias. O poder é positivo e conduz a ação compulsória que cria materialidades, corpos e dinâmicas. Isso fabrica práticas e tem efeitos reais no modo como os sujeitos experienciam a vida. Embora o exemplo de Paulo traga alguns elementos para compreendermos como o contexto social criado historicamente se materializa em práticas, não resume o argumento da tese - que analisou a articulação entre o contexto local, as mídias e as homossexualidades ao longo do tempo e buscou compreender como o modo de expressar desejos se transformaram até a atualidade.

Reconstituí fragmentos do passado a partir da memória dos sujeitos e contei uma história dos desejos à margem, daqueles que foram silenciados e continuam tendo desejos proscritos. Isso não quer dizer que os sujeitos estiveram/estão enclausurados ao ponto de imobilidade total. Embora muitos deles sejam pobres, desprestigiados e preteridos socialmente, encontraram modos de negociar as diferenças e as desigualdades – que chegam a ser violentas.

Mostrei os sujeitos que não são escolhidos e tem até medo de escolher. A eles, os encontros estão sendo impedidos de acontecer, não por meros caprichos aleatórios e individuais, mas por questões estruturais que são macrossociais e geram exclusões. Isso revela que o íntimo e o desejo é claramente político, talhado socialmente. Isso cria subjetividades envergonhadas e até mesmo melancólicas.

Os sujeitos estão tentando negociar essas exclusões com as quais têm uma relação de quase “inevitabilidade”, o que lhes causa sensação de que nada podem fazer a respeito a não ser negociar os desejos encontrando brechas possíveis para habitar a vida da melhor maneira possível.

Em tese, as mídias digitais tenderiam a alargar os horizontes ao fluxo dos desejos antes até mesmo aprisionado ao segredo – como mostrei a partir dos meus interlocutores com mais idade -, possibilitando interações mais “horizontais”, proporcionando deslocamentos simbólicos e intensificando os gozos. No entanto, a imobilidade material - de cunho estrutural, consequente da desigualdade de renda - e a imobilidade simbólica - consequente dos preconceitos e discriminações - restringe o campo dos desejos.

Como vimos, São Carlos é uma cidade rica que fervilha jovialidade e conhecimento a partir das grandes universidades. É onde os sujeitos encontram condições de precariedade material menores se comparado com outras cidades brasileiras interioranas de médio porte. É também um local conectado ao global por meio das mídias e fluxo de pessoas. No entanto, ao

mesmo tempo em que as desigualdades sociais diminuíram ao longo do tempo, as idealizações aumentaram – principalmente por meio do uso das mídias -, não propiciando condições para o borramento de fronteiras simbólicas entre os sujeitos desejantes.

Historicamente, os sujeitos foram impulsionados a fazer uso das mídias. Constrangidos nas condições concretas de criar ou manter uma relação, os interlocutores de pesquisa – afeitos ao uso das mídias - buscam uma solução tecnológica imperfeita em que acabam mais dependentes de idealizações. Eles sonham, idealizam e entram no negócio comercial dos aplicativos e aprendem a se performatizar para o mercado sexual e dos afetos online. No entanto, na tentativa de se relacionar com homens mais centrais, geográfica e socialmente, os sujeitos que vivem em situação de constrangimento social não têm condições materiais e simbólicas para vivenciarem plenamente seus desejos amorosos. Ao invés de baixar critérios, as mídias parecem elevá-los ao nível do inalcançável, já que a inserção social do usuário já determina de antemão qual o espectro de parceiros ele pode efetivamente almejar, tornando os desejos frustrados.

Os fragmentos colhidos a partir da memória dos sujeitos revelam a multifacetada dinâmica dos desejos homossexuais em São Carlos, tanto as amarras sociais que impediram o florescimento pleno dos desejos quanto as condições que permitiram modos de agir e resistir encontrando suas formas possíveis, mesmo que parciais e imperfeitas.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1955.
- BALIERO, Fernando de Figueredo; MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, n.12, jan-abr, 2018, pp. 132-156.
- BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan-abr, 2017, pp. 337-346.
- BERQUÓ, Elza. Demografia da Desigualdade - algumas considerações sobre os negros no brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 2, n. 21, 1988, pp. 74-84.
- BESSA, Karla Adriana Martins. “Como cheguei a ser o que sou”? Uma estética da torção em filmes das décadas de 60 e 70. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan-abr, 2017, pp. 291-315.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v.1, n. 1, 2011, pp. 13-33.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Alternativas de políticas públicas para a banda larga / relator: Paulo Henrique Lustosa; José de Souza Paz Filho (coord.)*. Brasília: Edições Câmara, 2009. Série Cadernos de Altos Estudos, n. 6.
- CARNEIRO, Ana Maria; DWYER, Tom. A pesquisa da sociabilidade online: três gerações de estudos. *Revista USP*, São Paulo, n. 92, 2012, p. 100-113.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008* [coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa; tradução Karen Brito]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009.
- CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, pp. 241-281.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. *Por uma sociologia da memória: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs*. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set.1992/, ago1993, pp. 97-103.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo – Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

ENG, David L.; HAN, Shinhee. A dialogue on racial melancholia. *Psychoanalytic Dialogues*, v. 10, n. 4, 2000, pp. 667-700.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Suzana Cristina de Souza. *Cinema carioca nos anos 30 e 40: os filmes nas telas da cidade*. São Paulo: Annablume, 2003.

FIORUCCI, Rodolfo. História Oral, Memória, História. *Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 4, n. 8, jul/dez 2010, pp. 1-17.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1999.

FREITAS, Marcel de Almeida. Entre estereótipos, transgressões e lugares comuns: notas sobre a pornochanchada no cinema brasileiro. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1, n. 10, jan./jun, 2004, pp. 1-26.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GILROY, Paul. *Entre campos – Nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

GONZAGA, Flaviana Rangel Pesset. *IRC e ICQ: Uma análise sócio-comunicativa das plataformas de comunicação on-line*. Niterói, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 2000.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997, pp. 15-46.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; VICINO, Mariangela de Lello. *Movimento estudantil: história e memória do Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira (CAASO)*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

HITLIN, Steven. Os contornos e o entorno da nova sociologia da moral. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, mai/ago, 2015, pp. 26-58.

ILLOUZ, Eva. *Consuming the romantic utopia: Love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley: University of California Press, 1997.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. *Por que duele el amor – Uma explicación sociológica*. Buenos Aires: Katz Editores, 2013.

JOUTARD, Phillippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, Tania Maria Fernandes; ALBERTI, Verena (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KEBBE, Eduardo. *Postais do tempo*. São Paulo: EdUFSCar, 2007.

KURASHIGE, Keith Diego. *Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos*. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

LIMA, Renata Priore. *Limites da legislação e o (des)controle da expansão urbana: São Carlos (1857-1977)*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2008.

LOURO, Guacira. Teoria *queer* — uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, pp. 541-553.

MALUSÁ, Vivian. A exibição cinematográfica em São Carlos. Mnemocine, s/l, s/d, 2005. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histocinema/103-a-exibicao-cinematografica-em-sao-carlos>>. Acesso em 30 abr. 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, Vozes, 2015.

MATOS, Maria Izilda S. de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus*, Revista de História, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, 2011, pp. 125-143.

MAZUTTI, Silvia Maria. *Italianos em formação. (São Carlos, 1882-1914)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

MISKOLCI, Richard. Comentário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jan./jun., 2007, pp. 55-63.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, 2009, pp. 171-190.

MISKOLCI, Richard. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, A. F. S., SABATINE, T. T., MAGALHÃES, B. R. (orgs). *Michel Foucault, sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária, 2011, pp. 47-68.

MISKOLCI, Richard. Frankenstein e o espectro do desejo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, 2011, pp. 299-322.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Anablume, 2012.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas - Estudos gays, gêneros e sexualidades*, Natal, v. 8, n. 11, 2014, pp. 51-78.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais – Uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MIRANDA, Pedro; KUME, Honorio; PIANI, Guida. *Liberalização do comércio de serviços: o caso do setor de telecomunicações no Brasil*. Brasília: IPEA, 2011.

MOCELIN, Daniel Gustavo. Tecnologia, competitividade e regulação: a estruturação do mercado das telecomunicações no Brasil. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA "MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E DESAFIOS SOCIOLÓGICOS, promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia, 26-29 julho UFPR, 2011, Curitiba. Anais da SBS. Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

MONSMA, Karl. Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no Oeste Paulista. *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, 2010, pp. 509-543.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NAZÁRIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. *Homoerotismo no Brasil Contemporâneo: Representações, ambiguidades e paradoxos*. Uberlândia, 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia.

NÓBREGA, Ricardo, DAFLON, Verônica Toste. Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de Trabalho no Brasil. *Latin American Studies Association*, 2009. Disponível no seguinte link: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congresspapers/lasa2009/files/NobregaRicardo.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, 1993, pp. 7-28.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das Ciências Sociais brasileiras - um diálogo com o tema. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 34, 2006, pp. 153-188.

PAIANO, José Roberto Andrade. *Matizes de uma luta: capítulos tenebrosos da história sindical, empresarial e política de São Carlos. A tirania e a crueldade da ditadura e a volta à democracia, depois de muito sofrimento*. São Carlos: Suprema, 2002.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador - Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PERLONGHER, Néstor. *O que é Aids*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, Néstor. Territórios Marginais. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs). *Homossexualismo em São Paulo – e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, local, v. 11, n. 2, jul./dez., 2008, pp. 263-274.

POLLAK, Michel. *Os homossexuais e a AIDS*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1998, pp. 3-15.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa; VALLE SILVA, Nelson do. Cor, educação e casamento – tendências da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados*, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, 2009. pp. 7 -51.

RIOS, FÁBIO. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. *Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2013, pp. 1-22.

ROSSI, Renan. *A formação de padres na diocese de São Carlos*. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. Mimeo [s.d.].

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, David Esmael. *Da festa à chacina: formas de gestão da violência e do crime em São Carlos/SP*. São Carlos, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. “Corrige os costumes rindo”: humor, riso e vergonha na cidade de Fortaleza (1850-1900). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

SILVA, Nelson do Valle. Distância social e casamento interracial no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 14, 1987, pp. 54-84.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: BONELLI, Maria da Glória; LANDA, Martha Diaz Villegas de (Org.). *Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina*. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo – e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SOARES, Anderson da Silva. *Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar no Brasil (1968-1979)*. Natal, 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo: Enigma, 2012.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v. 16, fev. 1998, pp. 297-325.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: História oral: desafios para o século XXI. FERREIRA, Marieta de Moraes, Tania Maria Fernandes; ALBERTI, Verena (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TREVISAN, João Silvério. *Pai, Pai*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

TRUZZI, Oswaldo. *Café e Indústria: São Carlos, 1850-1950*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

TRUZZI, Oswaldo; BASSANEZI, Maria Silvia. População, grupos étnico-raciais e economia cafeeira: São Carlos, 1907. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, jul-dez, 2009, pp. 197-218.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. Dados, *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, 2012, pp. 517-553.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930). *R. bras. Est. Pop*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan./jun., 2012, pp. 169-189.

VAN DIJCK, José. *La cultura de la conectividad: una história crítica de las redes sociales*. Buenos Aires: Siglo Vinteuno, 2016.

VINHOTI, Danilo Sergio. *A infecção pelo HIV em São Carlos: Um estudo do banco de dados do Programa Municipal de DST/AIDS de 1987 a 2010*. São Carlos, 2012. Dissertação (Mestrado em Fisioterapia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

YOUNG, Robert. O colonialismo e a máquina desejante In: YOUNG, Robert. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.